UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ANA CAROLINA MACHADO DE SOUZA

A ESCRITA DA HISTÓRIA E OS *ANALES DEL MUSEO NACIONAL DE MÉXICO*: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO (1877-1909)

CAMPINAS

2021

ANA CAROLINA MACHADO DE SOUZA

A ESCRITA DA HISTÓRIA E OS *ANALES DEL MUSEO NACIONAL DE MÉXICO*: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO (1877-1909)

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em História na área de História Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Karnal

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA ANA CAROLINA MACHADO DE SOUZA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. LEANDRO KARNAL.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

So89e

Souza, Ana Carolina Machado de, 1988-
A escrita da História e os Anales del Museo Nacional de México : história e memória em construção (1877-1909) / Ana Carolina Machado de Souza. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Leandro Karnal.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Museo Nacional de México. 2. Identidade. 3. Memória. 4. México - Historiografia, 1877-1909. 5. México - História. I. Karnal, Leandro, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The writing of History and the Anales del Museo Nacional de México : history and memory under construction (1877-1909)
Palavras-chave em inglês:
Identity
Memory
Mexico - Historiography, 1877-1909
Mexico - History
Área de concentração: História Cultural
Titulação: Doutora em História
Banca examinadora:
Leandro Karnal [Orientador]
Luiz Estevam de Oliveira Fernandes
José Alves de Freitas Neto
Gabriela Pellegrino Soares
Janice Theodoro da Silva
Data de defesa: 21-06-2021
Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-8400-4943
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/3464932342249401

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 21 de junho de 2021, considerou a candidata Ana Carolina Machado de Souza aprovada.

Prof. Dr. Leandro Karnal
Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes
Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto
Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares
Profa. Dra. Janice Theodoro da Silva

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Ao Vô Bira.

AGRADECIMENTOS

Uma das melhores sensações que usufruímos na vida é a de agradecer. Quando tinha 15 anos, decidi que seria Doutora em História. Ninguém da minha família teve a oportunidade de estudar em uma das melhores Universidades do país, então, quando me vi na Unicamp, fiz o possível para aproveitar tudo o que pudesse. Porém, nada disso teria acontecido se não fosse a grande quantidade de pessoas que me apoiaram para que meu sonho adolescente se tornasse uma carreira. É por causa delas que consigo o fôlego, a força e a inspiração para me manter no caminho que escolhi. Por isso, agradeço:

Aos meus Professores do Ensino Médio, em especial à Mariana Duccini e ao Haroldo Hirata, que, ao ouvirem uma menina contar os "seus planos" para o futuro, não acharam um absurdo. Se hoje sou professora, a culpa é de vocês e, se defendo o doutorado, é por querer ser tão boa quanto vocês. Mariana, inclusive, hoje é docente no Instituto de Artes da Unicamp. Eu estava em boas mãos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos meus professores formadores durante o doutoramento. Tive a honra de aprender com o Prof. Edgar De Decca, com a Prof. Silvana Rubino, com o Prof. Rui Luis Rodrigues, com o Prof. Paulo César Garcez Marins, com a Prof. Cristiane Pereira Dias e com a Prof. Néri de Barros Almeida.

Aos funcionários da Biblioteca Octávio Ianni (IFCH-UNICAMP), da Biblioteca Antônio Candido (IEL-UNICAMP), da Biblioteca Florestan Fernandes (FFLCH-USP), da Biblioteca Rafael García Granados (*Instituto de Investigaciones Históricas* – UNAM), da Biblioteca Isidro Fabela (*Facultad de Ciencias Políticas y Sociales* – UNAM), da Biblioteca Nacional de Antropologia e História (Museu Nacional de Antropologia – México), do *Archivo General de la Nación* e do *Archivo del Museo Nacional de Antropología*. Sem eles não haveria pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do IFCH, em especial ao Daniel Hatamoto. Obrigada por ser tão prestativo e paciente ao me auxiliar esse tempo todo.

Ao Prof. José Alves de Freitas Neto, meu primeiro coordenador na graduação, quem me recebeu na Unicamp em 2007 e uma figura constante durante a minha formação. Muito

obrigada pelos apontamentos nas qualificações, banca de mestrado e pelas conversas ao longo desses anos todos.

Ao Prof. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, pelas leituras atentas e pelos incentivos. Sem o seu apoio nenhum dos Congressos de América Colonial teriam saído do papel. As dicas dadas na qualificação mudaram a tese, acredito que para melhor. Muito obrigada.

Às Professoras Gabriela Pellegrino Soares e Janice Theodoro da Silva por aceitaram fazer parte da banca.

Aos meus amigos do Laboratório de Estudos Americanos, Maria Emília Granduque José, Gabriela Morais, Ricardo Amarante Turatti e Eduardo Ruz. A presença de vocês, desde 2012, fez a minha vida mais fácil, divertida e iluminada. Realizar os I e II Congressos de América Colonial foi um sonho só possível devido a vocês. Espero que tenhamos auxiliado outros pesquisadores a buscarem a nossa querida área de pesquisa.

À Maíra Costa, Lais Pimentel, Thaís Finck, Marina Ferreira, Márcio Vinícius Silva, Beatriz Villas Boas, Naiara Santana Matioli, Antonio Matioli Junior, Rafael Augusto dos Santos, Aline Matioli, Ivan Vanzella, Bruno Kanno, Érica Herédia, Vanessa Andreazza. Tive a felicidade de fazer novos amigos, desses que a gente leva para a vida inteira. No meio de risos e desconcertos, nos amparamos e não imagino (nem quero) como eu estaria hoje sem vocês. Por isso, muito obrigada por me aceitarem.

À Gianne Pereira, melhor corretora e professora de português que já vi. Quero ser como você.

À Mariana Galhardo, Paula Franco e Giovanna Castro, mulheres fortes e inspiradoras. Ao João Paulo Berto, amigo querido e um dos melhores profissionais que já vi. Quero ser metade a historiadora que você é, e vê-lo crescer é uma alegria. À Ana Cláudia Cermaria, um exemplo de pessoa doce e focada, enérgica e excelente. À Lígia Fornazieri, amiga estimada, sonhadora e realizadora, que eu admiro tanto e que me influencia a seguir e enfrentar meus medos. O mundo é seu e estarei sempre aqui. Que multipliquemos as décadas!

Ao Tiago Pires, amigo que transcendeu as salas de aula e hoje é parte fundamental da minha vida. Ter você presente nesses últimos oito anos foi de uma alegria imensa. Que as risadas e conversas continuem, seja em qualquer lugar.

À minha família, em especial às tias Vanuza e Vanesca, ao Rogério, à Lays, à Julia, ao Vinicius e ao meu irmão Felipe. Obrigada por estarem sempre presentes e por entenderem as ausências. Infelizmente, meu vô Bira não está aqui para me pedir para estudar menos, mas me acompanhou em todos esses anos. Que saudades.

Aos meu orientador, Prof. Leandro Karnal. Eu tinha 19 anos quando comecei a pesquisar a América. Sob sua supervisão, analisei crônicas, jornais, revistas. Saí do século XVI e XVIII para me aventurar no XIX durante o Doutorado sempre com o seu incentivo. Li e aprendi muito por exemplo, da forma como deve ser. Hoje, com 31 anos, finalizo minha jornada na Unicamp, assim como ele. A Universidade perde um profissional ímpar, mas eu posso regozijar de ter estudado sob sua batuta. Muito obrigada por ter me feito uma docente, pesquisadora e por ter me apresentado uma carreira.

Aos meus pais, Reginaldo e Vanilza. Eles tiveram a sensibilidade de entender que eu gostava de artes, livros e línguas, e me apoiaram desde sempre. Foram aulas de idiomas, de pintura, de desenho. Idas ao cinema, à livraria, incentivo para minhas viagens e para que eu fosse independente. Os dois viveram situações as quais não consigo nem imaginar, mas me deram tudo. É para eles que eu ligo quando tenho uma notícia boa ou ruim e é por eles que eu sigo em frente.

Omni fine initium novum

RESUMO

Essa pesquisa visa analisar como os *Anales del Museo Nacional de México* (de 1877 a 1909) se relacionaram com o projeto político governamental de construção da História e da memória nacional mexicana. Os *Anales* comportam estudos históricos, antropológicos, arqueológicos, botânicos e zoológicos de objetos pertencentes às sociedades pré-hispânicas. Da mesma forma, neles também estão contidos tratados, ensaios e escritos realizados no período colonial. A publicação corresponde a um esforço da diretoria do *Museo Nacional de México* em tornar público esse material. Sustentamos a hipótese de que houve uma estreita relação entre a ideologia nacional proposta pelo governo de Porfírio Díaz e a intelectualidade mexicana que organizou a revista do museu, que seria um promulgador desses ideais, do resgate do passado e de sua ressignificação no presente. Para tanto, partiremos da abordagem histórico-cultural para a análise da construção identitária mexicana, compreendendo as conjunturas políticas do período e os conteúdos de dez volumes documentais, que correspondem à primeira publicação, de 1877, até a de 1909.

Palavras-chave: Museo Nacional de México; Identidade; Memória; México-Historiografia, 1877-1909; México-História.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the *Anales del Museo Nacional de México* (1877-1909) were related to the government's political project to build a memory and Mexican national identity. The *Anales* contain historical, anthropological, archaeological, botanical and zoological studies about objects belonging to the pre-Hispanic societies. Likewise are included treaties, essays and writings made in the colonial period. The publication represents an effort by the board of the Museo Nacional de México in making public this material. The hypothesis we support is that there was a close relationship between the national ideology proposed by the government of Porfirio Díaz and the Mexican intellectuality who organized the museum's magazine. The museum would be a promulgator of these ideals, of the recovery of the past and its redefinition in the present. Therefore, we will use the historical-cultural approach to the analysis of Mexican identity construction, understanding the political circumstances of the period and the contents of the thirteen documental volumes, which correspond to the first publication in 1877, until 1909.

Keywords: Museo Nacional de México; Identity; Memory; Mexico-historiography, 1877-1909; Mexico-History.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: **Anales del Museo Nacional de México - 1ª Época - 1877-1903 -** Ano da publicação e temas correspondentes.....87

Tabela 2: **Anales del Museo Nacional de México - 2ª Época - 1903-1908** - Ano da publicação e temas correspondentes.....91

Tabela 3: **Anales del Museo Nacional de Arqueologia, Historia y Etnologia - 3ª Época - 1909-1913 -** Ano da publicação e temas correspondentes.....93

LISTA DE ABREVIAÇÕES

AGN – *Archivo General de la Nación*

AMNA – *Archivo del Museo Nacional de Antropología*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15
I. A História, a Memória e a Identidade 17
II. O Porfiriato e o contexto de formação dos *Anales del Museo Nacional de* México 26
III. O *Museo Nacional de México*, os *Anales del Museo Nacional de México* e a construção da tese 31

Capítulo 1: O *Museo Nacional de México* e a História 37
1.1 Colecionismo e Museu – uma ideia geral 37
1.2 O México e o início do seu *Museo Nacional* 47
1.3 *O Museo Nacional* após a década de 1850 54
1.4 O desenvolvimento do *Museo* no governo de Porfirio Díaz 61

Capítulo 2: Os *Anales del Museo Nacional de México:* a revista e sua construção como voz oficial do governo 76
2.1 A criação dos *Anales del Museo Nacional de México*: um lugar para a História Oficial 76
2.2 A estrutura das 1ª, 2ª e 3ª épocas dos *Anales* 85
2.3 O contexto *porfirista* e a História: o reflexo nos *Anales* 96

Capítulo 3: A 1ª época dos *Anales del Museo Nacional de México*: uma ode ao passado remoto 105
3.1 1877: o início 105
3.2 O tomo II da 1ª época: o espaço, o tempo e a narrativa nacional em construção 119
3.3 A terceira edição dos *Anales* e a importância das traduções 136
3.4 Os novos Informes e a "chegada" de Francisco del Paso y Troncoso 142

Capítulo 4: As 2ª (1903-1908) e 3ª épocas (1909-1913) dos *Anales*: o resgate do passado recente 152
4.1 A 2ª Época e as mudanças paulatinas 152
4.2 1905 e 1906 168
4.3 1907 e 1908 179
4.4 A 3ª Época dos novos *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología* 182

CONSIDERAÇÕES FINAIS 188

REFERÊNCIAS 193

ANEXO I - 1ª ÉPOCA 216

ANEXO II - 2ª ÉPOCA 223

ANEXO III - 3ª ÉPOCA 228

INTRODUÇÃO

A origem do México é um debate constante nos Oitocentos. Como qualquer origem, pressupõe muitos questionamentos sobre a cronologia, que não é dada, mas criada; acarretando, consequentemente, dúvidas também sobre o seu "criador", na medida em que o passado ganha lógica e coerência a partir dos princípios que este escolhe seguir. Toda cronologia é, portanto, resultado de escolhas e decisões.

No contexto mexicano, as civilizações viventes no território pré-Europa são reconhecidas, assim como a estrutura social, política e econômica estabelecida na colônia. Porém, e a nação? Quando começa? Essa é uma das perguntas centrais desta tese, que se propõe a discutir a origem da nação mexicana do século XIX, conectando-se com questionamentos feitos pelos habitantes do período.

O século XIX foi um período emblemático para a construção do México contemporâneo, uma vez que nele ocorreu a instauração definitiva e legítima da Cidade do México como capital e centro político. Ele também englobou o conflito interminável entre os poderes federal e local, que ia da legitimação e importância políticas até entraves econômicos. Desde a independência até a Constituição de 1857, e após a época constitucional e a crise institucional e social que se instalou no país, perguntas sobre a origem são constantes e se relacionam diretamente com o presente. Inclusive, pode-se realizar uma digressão no tempo e observar desigualdades instauradas desde a colônia, amarras que não se quebram rapidamente. É de conhecimento geral que, após 1857, um "fio condutor" institucional foi criado, nem que fosse para ser rompido. Não se via mais uma nação sem rumo. Poderia estar "errada", poderia mudar, mas tinha um direcionamento.

Para a pergunta ontológica "O que é o México?", a História oferece respostas políticas e culturais visando uma ordenação. O país precisava assumir seu *status* soberano e começar a existir para si e para o mundo. A História, portanto, municia os homens para ordenar o presente. É analisando seu passado, a partir de seus referenciais políticos, intelectuais e civis, que contribuíram e absorveram o próprio país, que esse processo se dá. O passado era lapidado para que o novo ganhasse legitimidade não só interna como externa. Ambas se desenvolviam através de uma ideia de um México único e civilizado, o que o colocaria em outro patamar, ao lado das nações europeias e dos Estado Unidos.

Neste contexto, o presente trabalho se propõe a discutir a formação do *Museo Nacional de México* e sua relação com a construção da identidade da nação mexicana.

Considerando sua publicação principal como fonte de disseminação da produção intelectual acerca do passado, nosso objetivo consiste em analisar uma das respostas para as perguntas do momento. Os *Anales del Museo Nacional de México,* patrocinados pelo governo, outorgados pelo próprio Porfirio Díaz, promulgavam os ideais estabelecidos pelo governo, que eram construídos desde a vitória liberal, e a disseminação positivista iniciada na década de 1850. A necessidade de pacificação interna por meio da educação foi uma das principais medidas do governo *porfirista,* e os *Anales* e sua instituição-mãe eram parte do programa de instrução pública. O museu em si, sua coleção, o porquê de ter sido formado como foi, nos mostram os caminhos traçados pelos mexicanos responsáveis pela criação do que significava *ser* naquele momento: ser um mexicano.

A pesquisa teve início com os questionamentos sobre a identidade nacional mexicana e se desenvolveu para a análise e construção da ideia de História no México *porfirista* a partir do uso dos *Anales*[1], dos anos 1877 até 1909. Essa documentação consiste em uma compilação de crônicas do período colonial[2], análises antropológicas, históricas, paleontológicas e sociológicas de artefatos pertencentes às sociedades pré-colombianas, assim como as suas catalogações. Em alguns volumes, encontramos um prefácio e uma introdução acerca dos estudos realizados para cada publicação, que demonstram as opiniões dos intelectuais envolvidos no processo de resgate da memória colonial para a formação de uma identidade nacional. As publicações estão ligadas diretamente à diretoria do antigo *Museo Nacional de México,* que intencionou compartilhar esses estudos sobre a Mesoamérica pré-hispânica e o período colonial, principalmente em relação ao contato entre europeus e indígenas. A hipótese que sustentamos é que houve uma estreita relação entre o projeto governamental sobre uma História Nacional e o *Museo,* auxiliando, assim, na construção de uma unidade nacional em um México recém-independente. Ou seja, acreditamos na responsabilidade deliberada dos *Anales* no alicerce de uma identidade nacional que partiu da

[1]Os *Anales* foram publicados até 1977, porém, o nosso recorte cronológico reporta somente os volumes até 1909, com ressalvas. Nesse ano, foi publicado o primeiro tomo dos *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología* porque o *Museo Nacional de México* foi desmembrado em duas novas instituições, àquela que deu nome à nova revista e ao *Museo Nacional de História Natural.* Como nossa intenção foi trabalhar a publicação do *Museo Nacional,* o foco residiu nesse específico momento da história mexicana, se concentrando no fim do período oitocentista e no governo Porfirio Díaz. Contudo, como é demonstrado no texto, as mudanças na construção histórica e historiográfica são sutis e se beneficiam da comparação. Portanto, abordaremos os tomos até 1913, pois algumas ideias nacionais surgidas no século XIX foram mantidas mesmo com a Revolução. Vale ressaltar que não faremos um balanço bibliográfico entre *Porfiriato* e Revolução Mexicana, pois essa não é nossa intenção.

[2]A dissertação de mestrado **A ascensão da Idolatria e a decadência da Evangelização no século XVII: uma análise de crônicas da Nova Espanha**, defendida em dezembro de 2014, correspondeu à análise das crônicas encontras no volume VI dos *Anales*, a partir da ideia da dialética da decadência no pensamento ocidental e das idolatrias na América. A discussão sobre o nascimento da publicação em contexto de construção de uma unidade nacional foi feita, em um menor esforço, no primeiro capítulo.

elite intelectual do país, iniciada nos governos republicanos, mas que ganhou destaque no *porfiriato.*

No contexto oitocentista mexicano, os *Anales* foram criados como uma maneira de se expandir os conhecimentos da história pré-colonial, aquela dos grandes impérios indígenas. Essa parte da memória vivida foi deliberadamente escolhida para representar a identidade comum do *mexicano,* outro conceito que passa a ser cunhado nesse período de independência.

Ordenar o tempo é controlar a si. Ora, se o homem é produto do tempo, como não o controlar a seu favor? O progresso científico cria, na manipulação do futuro, a rota para a evolução. Se durante a conquista e a colonização houve a tentativa de se reestruturar todo um território imprimindo estilos políticos, culturais e sociais externos, no século XIX independente, a razão era buscar nos lugares de memória anteriores à Hernán Cortés, àqueles *genuinamente* mexicanos, as referências para a construção da nação. Assim, o olhar editorial da revista foi se modificando ao longo das décadas e cada vez mais o foco se direcionou à análise das documentações publicadas, em uma espécie de revisionismo histórico dos seus primeiros artigos, discutindo, portanto, a própria ideia de História.

I. A História, a Memória e a Identidade

A História, como ciência, é criada na necessidade de categorizar tipos relacionados ao espaço e ao tempo. O espaço é conectado à Geografia, que é absorvida pela História, já que o tempo é o senhor de todos. Neste, com as diversas definições, a vemos sendo construída na inevitabilidade de domá-lo e compreendê-lo. A dificuldade de se entender a História para além da cronologia é criar uma ponte com a sua relevância atual e futura. A moralidade social definiu por muito tempo o passado como dotado de ensinamentos para o agora, porém, entende-se essas lições, cada vez mais, como produtos do presente, onde reside a moral. O uso do passado é domado no presente, que não só controla o tempo como o gera, o categoriza, o classifica e o modela. Cada tipo de História (religiosa, social, cultural, econômica) é o uso de uma cronosofia diferente para encontrar a resposta ao enigma.

A História é a esfinge e o labirinto, e o historiador se vê, gradativamente, mais fascinado com os problemas que lhe são apontados e com o caminho que há por vir. O labirinto é feito de murta, moldado de acordo com a sua vontade e necessidade, guardado pelos questionamentos. A murta cresce e é podada por aquele que aprende com cada planta, raiz, semente. Do labirinto de murta, podemos mudar para o da mente, quando o historiador se torna o verdadeiro viajante no tempo, transitando nele. Ver o passado para entender o presente não é

uma jornada simples, pois a categorização do tempo abre vários acessos de análise. O espaço se torna relativo, referência, necessário ou plano de fundo, enquanto a memória ilumina as palavras daqueles que fizeram as leis, as crônicas, as obras de arte, as cartas, que são absorvidas pelo historiador. Portanto, observa-se múltiplas categorias temporais: o passado, o passado pelo olhar do presente, o presente em busca do futuro que, por sua vez, é pensado a partir do passado.[3]

O século XIX é conhecido pelos historiadores contemporâneos como o período em que a tensão entre a História e a Filosofia da História alcançou novos patamares. O resultado foi o desenvolvimento de uma metodologia científica para a História que se baseava em dois pilares: o empirismo e o positivismo. O primeiro se relacionava à busca pelas fontes, uma nova forma de enxergá-las como parte fundamental do fazer histórico que se desviava das narrativas generalizantes. Já o segundo embasava as interpretações a partir da dedução ou indução, além de inserir conceitos-chave para o momento, como a evolução e o determinismo.[4]

Um traço importante da tradição positivista que se reflete no fazer ciência do México oitocentista é a questão da unidade metodológica. Desaconselhava-se a distinção entre tipos de disciplinas, todas deveriam ser desenvolvidas a partir de um método, o que, para a História, segundo Álvaro Matute Aguirre, significou o surgimento de explicações causais, deterministas e mecanicistas.[5] No México, o positivismo dividiu sua atenção com outras correntes, como a erudição liberal ou o catolicismo, mas se tornou a principal forma de se fazer ciência com a sua física social. Na documentação que analisaremos neste trabalho, que consiste, em sua maioria, nos *Anales del Museo Nacional de México* dos anos de 1877 e 1908, e os tomos de 1909 a 1913 dos *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología*, observamos como há uma mescla de tradições, criando um saber mexicano na construção da História do seu país.

Paul Ricoeur, ao desenvolver a epistemologia do conhecimento histórico, procura analisar o que ele chama de "traços trans-históricos" da memória, isto é, algo que vai além dos limites históricos e suas expressões variadas ao longo do tempo. Trabalha, portanto, com institucionalização da História como ciência e sua hermenêutica, pois precisa daquela para chegar nesta. A reflexão sobre o projeto filosófico traz não apenas uma autonomia ao estudo

---

[3] A metáfora da murta aqui utilizada não corresponde ao mesmo sentido da que se tornou célebre com Eduardo Viveiros de Castro (publicada em **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**) ao retomar o "Sermão do Espírito Santo", do Padre Antônio Vieira. Nós discutimos, brevemente, a História e o historiador.

[4] MATUTE AGUIRRE, Álvaro. **Pensamiento Historiográfico Mexicano del siglo XX – La desintegración del positivismo (1911-1935).** México: FCE, 1999, p. 15.

[5] *Idem*, p. 17.

crítico da História, mas também uma autossuficiência do saber de si. É a partir da ideia de uma filosofia crítica da História que se pode levantar a discussão entre o objetivo da verdade histórica e o da veracidade: "(...) a autonomia do conhecimento histórico com relação ao fenômeno mnemônico continua sendo o principal pressuposto de uma epistemologia coerente da história enquanto disciplina científica e literária".[6] Trata-se da operação histórica ou historiográfica e, influenciado por Michel de Certeau, depois do lançamento da *A Escrita da História*, Ricoeur adota a estrutura tripartite na elaboração da sua metodologia.[7]

A historiografia é herdeira da memória artificial, e ao fazer uma escrita das impressões de fora, e não de si, pratica-se a rememoração, o "remédio" para o esquecimento. A narrativa histórica pode sofrer do problema geral que os documentos escritos têm, da procura de um interlocutor, já que é uma peça sem direção definida, além de possuir uma autonomia semântica e exigir um trabalho de contextualização constante ao leitor. Se existe a memória artificial, seu oposto é a verdadeira, que se defende por ser o discurso da memória feliz, passível de compartilhamento. Ricoeur pondera que é uma visão platônica da reminiscência, de um rastro psíquico, é a memória como reencontro.[8] O discurso se desenvolve como "imagem" do que está na memória viva e as palavras atuam como sementes para a verdadeira memória e não pinturas ou representações imagéticas. Ao mesmo tempo em que a escrita suscita a lembrança, ela também é a ação que leva ao esquecimento, porque o que não foi redigido não será recordado. Baseando-se nas fases da operação historiográfica, o autor aborda o desligamento da história em relação à memória no espaço e no tempo, a começar pelo momento em que a memória se exterioriza no testemunho.[9]

A sedução da memória não está apenas nos museus. Os discursos nacionalistas são formas de rememoração por meio de práticas retrocessivas que não acalmam, nem tranquilizam de fato. A revolução tecnológica continua e transforma profundamente a sociedade, que "presentifica" o passado vislumbrando o futuro. Essas retomadas do passado são emergências da memória, que não são neutras. Tanto a política quanto a cultura se aproximam nessa angústia: qual o futuro pretendido pelas instituições científicas mexicanas? No caso da História, era a criação de uma nostalgia que corroboraria o presente? O museu tem seu papel modificado

---

[6] RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, pp. 145-146.

[7] A primeira é a fase documental, na qual a fonte, nas suas mais variadas formas, é analisada para a escolha metodológica e crítica. A segunda é a fase explicativa ou compreensiva, quando se desenvolvem as questões e as hipóteses que serão respondidas no trabalho. A terceira e a última é a fase representativa, momento da representação do discurso que será levado ao conhecimento dos leitores. É aqui que o historiador demonstra sua intenção de representar o passado. *Idem*, p. 146.

[8] *Ibidem*, p. 153.

[9] *Ibidem*, pp. 154-155.

constantemente nessa luta e aflição e está no fogo cruzado dessa inquietação por ser um local de centralidade simbólica[10].

O espaço e o tempo mudam de signo quando se passa da memória à historiografia, sendo que no primeiro ocorre o deslocamento dos protagonistas de uma narração; enquanto no segundo a mudança acontece quando esses acontecimentos narrados se desenrolam. Ou seja, esse movimento é fundamental para a construção da escrita histórica de base científica e não mais apegada à memória. O protagonismo da História se dá com a sua emancipação das amarras da memória, pois esta se torna adjacente, apesar de se manter importante. Dessa forma, a relação entre História e memória se torna simbiótica, guiada pela primeira.[11]

Ricoeur desvenda o fazer histórico questionando: o que faz com que esses textos sejam produções historiográficas além da cronologia? Nesse contexto, tanto ele quanto outros definem o fazer ciência histórica como algo deslocado da cronologia natural do ser humano, regulando o passado a partir do presente e tendo o futuro em vista. No século XIX, era comum textos feitos com a tentativa de estabilizar o presente, mas que criavam abertura para o porvir, sobre o futuro do que será entendido como México, como nacional, como identidade.

Partindo do debate proposto por Kathryn Woodward, a representação é um sistema simbólico que define a identidade cultural[12], porém, para quem estava disponível o passado mexicano oficializado como origem da sociedade do século XIX? Se analisarmos minuciosamente a propagação científica, um dos vieses do nosso trabalho, concluímos que não houve uma quebra explícita entre classes. O esforço para se fazer ciência no México, seja após a Independência, seja no *Porfiriato,* era individual e elitista. Aqueles que não nasceram em situação de privilégio, e mesmo assim ajudaram a construir o discurso oficial, eram poucos e suas biografias demonstram a excepcionalidade do fato. Porém, a escolha deliberada de se exaltar o passado indígena como glorioso, os feitos dos *nahuas*, a organização civil, política e social dos astecas, a grandiosidade urbana e as edificações do Vale do México e de Yucatán serviu para justificar a diferença vinda de uma sociedade estruturalmente desigual.

O próprio movimento revolucionário, surgido nas margens da capital, que centralizou os principais esforços e as políticas de desenvolvimento científico e cultural foi uma reação da transformação apática que atingiu a sociedade mexicana após 1821. Além disso, o governo de Díaz contribuiu para que um lado da História enxergasse as mudanças desse período

---

[10] HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.** RJ: Acroplano, 2000, pp.16-20.
[11] *Idem*, p. 155.
[12] WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2000, p.8.

como superficiais na ótica da população que sofrera com as dificuldades econômicas. Contudo, devemos ponderar a importância do incentivo à ciência e ao desenvolvimento do fazer histórico dado pelo governo a partir de 1867 e com maior ênfase após 1877. Os *Anales del Museo Nacional de México* fizeram parte dessa tradição de composição cultural e percebemos mudanças na estrutura da própria revista, apesar de a temática ter se mantido. A exaltação ao passado mesoamericano continuou. A importância dos trabalhos realizados pelo *Museo Nacional* e pelas sociedades científicas foi mantida mesmo que não fosse reconhecida.

Como diz François Hartog, "Colocando a memória à frente, com que articulação do passado, do presente e do futuro eles jogam?"[13]. O tempo é determinado pela construção cultural de cada época desde premissas e especificidades, o que cria uma forma de ver a realidade a partir do que já é conhecido – o passado – e o que virá – o futuro. Se pensarmos na análise feita por Annick Lempériére[14] sobre as comemorações de 1910 e 1921, podemos entender que tipo de visão de História foi criada entre os séculos XIX e XX, e como lidavam com o tempo. Nos Oitocentos, com o progresso como guia, vê-se a exigência de um "novo plano" em relação ao tempo, não mais o natural, mas o do aperfeiçoamento. Porém, essa nova medição utilizada para compreender o mundo contemporâneo e o antigo trouxe mudanças. Esse regime moderno de historicidade, segundo Hartog, começou em 1789 e teve fim em 1989. A Revolução Francesa foi um marco de ruptura e mudanças plurais para a História, sobretudo a intelectual, pela qual foi definida como um conflito entre dois regimes de historicidade: o passado e o presente. História se torna um coletivo singular que desde aquele momento passou a ser compreendida como um processo, isto é, os acontecimentos não se produzem mais no tempo, mas através dele.[15]

Na nova modernidade, temos a História como a ciência do passado, na qual o futuro a explica e lhe dá significado. Junto do cientificismo, há a criação das características distintivas de Nação, Povo, República, Sociedade, entre outros.[16] A leitura proposta de uma teoria da história entre 1789 e 1989 tem como objetivo conceber uma reflexão sobre o presente. O próprio Hartog relativiza, contudo, a fixidez desse recorte cronológico, pois outras análises foram feitas antes da data final. Os historiadores sempre lidaram com o papel da memória na construção do

[13] HARTOG, *op. cit.*, 2014, p.136.
[14] Referimo-nos, aqui, ao artigo "Los dos centenarios de la independencia mexicana (1910-1921): de la Historia patria a la Antropología cultural". **Historia Mexicana**. XLV: 2, 1995.
[15] HARTOG, *op. cit.*, 2014, pp. 136-137.
[16] *Idem*, p. 138.

tempo, mas com desconfiança, como se o fato fosse alterado em prol de uma narrativa. "O olho, a evidência da autópsia, deve prevalecer sobre o ouvido."[17]

No século XIX, portanto, era o papel da História ir além do que a memória poderia alcançar, e a evidência escrita era fundamental. Para Reinhart Koselleck, o peso histórico é adquirido por meio da medição, porém, a interpretação dessas circunstâncias vai além das demarcações físicas. Deve-se destacar que as decisões tomadas nas datas, sejam políticas, econômicas ou sociais, são produto de uma determinação temporal que tem seu ponto de vista histórico, além do natural.[18] É a *doutrina das épocas,* os modos de pensar e agir de cada período, que podem ser diferentes ou justapostos, pois:

> Todos os testemunhos atestam a maneira como a experiência do passado foi elaborada em uma situação concreta, assim como a maneira pela qual expectativas, esperanças e prognósticos foram trazidos à superfície da linguagem. De maneira geral, pretendeu-se investigar a forma pela qual, em um determinado tempo presente, a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro.[19]

Retomando Woodward, a identidade é relacional, depende muito dos outros, do que está de fora, para ser balizada, ou seja, "A identidade é, assim, marcada pela diferença."[20] Porém, assumi-la não significa esquecer da existência de fatores em comum. A identidade é essa criatura diáfana, complexa, que transita entre o querer ser, o que é, o que não é, o que somos e temos, o que não somos e não temos. O equilíbrio entre essas ideias faz com que conceituá-la seja difícil e volátil, para diversas épocas e momentos. Os estudos identitários circunscrevem situações específicas na História, muitas vezes relacionadas à ruptura. A formação dos Estados Nacionais, a queda do Absolutismo, as Independências das colônias na América e, posteriormente, na África e na Ásia, o fim da URSS. Discutimos identidade nesses momentos de incerteza, quando mais precisamos definir o que somos. É nessas horas que observamos as fragilidades dos sistemas políticos e das estruturas existentes.

Para François-Xavier Guerra, tanto a identidade política quanto a cultural precisam uma da outra para funcionarem apropriadamente, já que a identidade coletiva "(…) es una construcción cultural, entendida ésta de una manera amplia, sin limitar lo cultural a (…) los mitos históricos, las particularidades étnicas – reales o supuestas."[21] O autor discute como a cultura e a política da Modernidade são transformadas a partir do choque entre a antiga forma

---

[17] HARTOG, *op. cit.*, 2014, p. 158.
[18] KOSELLECK, *op. cit.*, 2006, p. 15.
[19] *Idem.*
[20] WOODWARD, *op. cit.*, p.9.
[21] GUERRA, François-Xavier. Las mutaciones de la identidad en la América hispánica. In: ANNINO, Antonio, GUERRA, François-Xavier (org.). **Inventando la nación: Iberoamérica siglo XIX.** México: FCE, 2003, p. 186.

de se pensar a nação e aquela nascida no início do século XIX com os movimentos de independência. O domínio secular metropolitano não transformou a sociedade colonial em um uníssono[22], mas havia um imaginário comum estabelecido, sobretudo, pelas elites. A diferença da nação tradicional para a moderna, surgida com o fim do Antigo Regime, está no modo como elas se relacionam com o tempo, pois enquanto a primeira se direciona ao passado, a outra é criada a partir de um projeto, mirando, assim, o futuro. O problema da América hispânica, contudo, está em "(...) cómo construir, partiendo de una misma 'nacionalidad', primero, Estados diferentes y luego, un Estado-nación."[23]

A fragilidade da monarquia espanhola na época de Carlos IV (1748-1819), principalmente com os acontecimentos ligados à França, expôs a articulação de uma elite descontente com os rumos políticos da colônia. Mais do que isso, mostrou a força dos valores elaborados ao longo de séculos e da legitimação do discurso de soberania local. A população, independentemente da classe, passou a lutar pelos *seus* costumes, tradições, religiões. O fim do pacto colonial, para Guerra, significou o início da construção de uma nação moderna, mas o processo não foi simples.[24] Com a independência, os mexicanos buscaram os mesmos instrumentos conceituais dos europeus para se entenderem como "país". Isto, o sentimento de pertencimento, deveria ser balizado de alguma maneira, contudo, a origem do Estado-nação legítimo residia na singularidade.[25]

Dessa forma,

> Este imaginario de la 'americanidad', (…) buscaba sus elementos constitutivos en múltiples campos: en la geografia – la distancia entre los dos hemisferios –, en la Naturaleza – animada o inanimada –, en los mitos – el del Nuevo Mundo considerado como un mundo nuevo –, en la religión (…). Sin embargo, más aún que estos elementos, que pertenecen a la cultura de las elites, era importante el sentimiento vívido y vital del lugar del nacimiento (…). [26]

As identidades nacionais, portanto, eram imprescindíveis para que a nação fosse abraçada por toda a população. Apesar de ser um conceito formulado pela elite e pelo governo

---

[22] É importante destacar a heterogeneidade do Estado espanhol, composto por diferentes reinos. Para um melhor entendimento do impacto das características da política metropolitana na América, confira: CHIARAMONTE, José Carlos. Modificaciones del pacto imperial. In: Annino, A; Guerra, F-Xavier (Orgs.). **Inventando la nación. Iberoamérica. Siglo XIX**. México DF: FCE, 2003, p. 85-113; ELLIOTT, John. **Imperios del Mundo Atlántico. España y Gran Bretaña en América, 1492-1830**. Madrid: Taurus, 2006; PAGDEN, Anthony. Conquista ou colonização: a linguagem da história e a linguagem do direito na dissolução do império espanhol na América. In: Furtado, Júnia (org.). **Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica. Europa, Américas e África**. São Paulo: Annablume, 2008, p. 57-74.

[23] GUERRA, François-Xavier. **Modernidad e independencias: sobre las revoluciones hispánicas.** México: FCE, MAPFRE, 2010, p. 319.

[24] *Idem*, p. 321.

[25] *Ibidem*, p. 347.

[26] *Ibidem*, p. 348.

a partir de elementos culturais e políticos comuns ao país, se todos, ou a maioria, não se entendessem como parte da nação, ela não se sustentaria.[27]

Benedict Anderson, por sua vez, define que a nação é uma comunidade política imaginada, "(...) pois qualquer uma é sempre imaginada e não se legitima pela oposição falsidade/autenticidade. Na verdade, o que as distingue é o 'estilo' como são imaginadas e os recursos de que lançam mão."[28] A nação moderna é entendida a partir do regime de temporalidade, ou seja, deve ser analisada na sua historicidade. É necessário compreender a origem histórica e o significado da formação tanto da nacionalidade quanto do nacionalismo, segundo o autor. Se pensarmos no caso mexicano, apesar da Revolução, e da historiografia exaltar períodos específicos da História, observamos a manutenção de uma ideia de nação que se estabelece com a origem. Os *Anales*, por exemplo, mostram que até a sua terceira época, que foi finalizada em 1913, boa parte dos artigos se dedicaram à temática pré-colombiana. Mudanças ocorreram ao longo do tempo, mas trabalhos sobre o período independentista só conseguiram espaço na revista após a consolidação do passado pré-colonial.

Anderson diz: "Admite-se normalmente que os estados nacionais são 'novos' e 'históricos', ao passo que as nações a que eles dão expressão política sempre assomam de um passado imemorial, e ainda mais importante, seguem rumo a um futuro ilimitado".[29] Esse passado imemorial se relaciona com as fronteiras feitas nos países modernos ou contemporâneos, como, a Indonésia que só se tornou Indonésia no século XX, mas que usa o passado distante como legitimador da sua situação política.[30] Ele propõe a compreensão do nacionalismo a partir dos sistemas culturais e não apenas as ideologias políticas. São referências incontestes que se tornaram base da construção da ideia de nação.

Mauricio Tenorio-Trillo interpreta que os "saberes de memória", aquilo que carregamos conosco, também são responsáveis por criar comunidades intelectuais que se entendem sem ter a necessidade de se explanar todos os detalhes, como um *Zeitgeist.* Para os historiadores, sobretudo, "Es demarcar de adentro para afuera la frontera del olvido. Porque el olvido es el mecanismo que utilizamos para formar y reproducir nuestros saberes de memoria."[31] Assim, se precisamos da memória para fazer História, significa que ela sai do controle do historiador e também fica à mercê do historicismo porque muda ao longo do tempo.

---

[27] GUERRA, *op. cit.,* 2003, p. 186.
[28] ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.12.
[29] *Idem.,* pp. 38-39.
[30] *Idem*, p. 39.
[31] TENORIO-TRILLO, Mauricio. **Historia y Celebración. México y sus Centenarios.** México: Tusquets Editores, 2009, p. 38.

Quando pensamos no caso mexicano, existe um leque de pensadores que moldam nossa forma de compreender o passado devido aos seus olhares acerca do período em que viviam e até do passado que estudavam.

É dessa forma que Tenorio-Trillo enxerga a questão da leitura feita sobre o *Porfiriato*, pois une os grandes períodos e temas da História do México em um metafórico fio condutor no qual estão dispostos soquetes com diferentes lâmpadas. Eles correspondem à Independência, à República Restaurada, ao Porfiriato, à Revolução, à Pós-Revolução com o domínio do PRI[32], ao presente. Sua teoria se desenvolve a partir do conceito de atrofia luminosa, ou seja, uma "lâmpada" passa a brilhar mais que a outra dependendo de quem faz a leitura da História. Por exemplo, a Independência absorveria muita corrente do que seria esse primeiro século da existência da nação.[33] Assim, pode-se entender que ela se tornou um consenso, ninguém a contesta como um momento fundamental para o país e os próprios personagens se tornaram célebres, como veremos, inclusive, nos *Anales*.

Segundo Enrique Krauze,

> (...) en términos mitológicos y por motivos de legitimación, el nuevo Estado liberal y republicano presentó su triunfo sobre los conservadores y sus aliados, los invasores franceses, como una reversión justicierade la historia. Mientras Benito Juárez y Porfírio Díaz levantaron estatuas a Cuauhtémoc, creció el encono hacia Cortés.[34]

Desde a década de 1850, ocorria de forma sistemática o processo de construção de uma narrativa de conexão do passado com o presente. Durante o *Porfiriato*, a ressignificação ficou por conta da exaltação dos indígenas em detrimento dos grandes personagens, como o próprio Cortés e outros conquistadores. O monumento a Cuauhtémoc, por exemplo, inaugurado em 1887, foi uma forma de selar a "(...) incorporación ideológica del pasado indígena, en particular del mexica, al Estado nacional."[35]

Retornando à atrofia luminosa de Tenorio-Trillo, as divisões políticas e as tragédias nacionais da primeira metade do século XIX destacaram ainda mais o processo de Independência. A República Restaurada, por exemplo, resplandeceu um pouco mais com os liberais do *Porfiriato* e ganhou força ao longo do tempo. Já o regime de Díaz, exaltado pela consolidação das ciências e do desenvolvimento econômico, perdeu forças com a chegada da Revolução Mexicana, o que se manteve por boa parte do século XX.[36] Finalmente,

---

[32] Partido Revolucionário Institucional, que surgiu em 1929 como Partido Nacional Revolucionário, e foi hegemônico na política mexicana até o início do século XXI.
[33] *Idem*, pp. 58-60.
[34] KRAUZE, Enrique. **De heróes y mitos.** México: Tusquets Editores, 2010, p. 58.
[35] KRAUZE, Enrique. **La presencia del pasado.** México: Tusquets Editorial, 2005, p. 20.
[36] TENORIO-TRILLO, *op. cit.*, 2009, p. 61.

> (...) que si bien la Independencia brilla ya con luz historiográfica propia – es difícil que algún nuevo presente disminuya significativamente su luminosidad –, los watts de la República Restaurada aún dependen mucho de otros focos; esto es, la luminosidad historiográfica que nos llega es todavía la que dieron los liberales porfirianos, claro está que a través de la apropiación posrevolucionaria del pasado liberal. Y segundo: que el Porfiriato hasta 1910 fue uma electricidad potente no porque haya contado con una extensa autohistoriografia, sino porque era asumido como un presente realmente inédito (...).[37]

II. O Porfiriato e o contexto de formação dos *Anales del Museo Nacional de México*

Em 1821, Agustín de Itúrbide (1783-1824) assumiu o controle dos que seriam os Estados Unidos Mexicanos, finalizando um conflito que durou 11 anos. Até 1876, quando Porfirio Díaz se tornou presidente, o país teve 31 governantes diferentes, sendo que o sistema político não foi uniforme, e vários deles voltaram ao cargo em algum momento. Nesse ínterim, o país foi uma Monarquia, um Triunvirato, uma República e um Império. Com Díaz, principalmente após 1884, quando retornou ao poder, o México viveu um regime autoritário que só acabou com o movimento revolucionário que provocou o seu exílio na França. A instabilidade política, agravada por conflitos internos e externos, se tornou uma explicação tanto da incapacidade para atingir prosperidade econômica quanto para a criação de uma ideia nacional. Ao mesmo tempo, isso não pode ser uma justificativa, uma consequência ou até muleta para todos os problemas ocorridos no século XIX. É uma parte fundamental e estruturante da História local, mas enfatizar a crise retira a agência das pessoas. Nosso foco, portanto, é o processo de construção de uma revista científica que se tornou uma das principais divulgadoras da ciência histórica feita no país e que foi criada no início do *Porfiriato*.

Em 1877, os periódicos da época refletiam como o sentimento do país se inclinava à candidatura do General. Sua trajetória política remonta a décadas antes, desde o momento em que sai de Oaxaca para enfrentar o governo de Santa Anna, o que se provou um fracasso. Ao assumir a prefeitura de Ixtlán, começou a organizar a Guarda Nacional do distrito, se militarizando. Em 1856, Juárez, então governador do estado, nomeou Díaz como capitão da infantaria da Guarda, obrigando-o a renunciar a qualquer cargo civil. Valadés afirma que um político civil dificilmente renunciaria ao cargo, porém, como militar, o *oaxaqueño* sabia que precisava ganhar capital política em seu meio. O partido militar no México sempre possuiu membros ambiciosos, muito por conta das condições do país, já que o Exército era uma das poucas instituições estáveis reconhecida pela população.[38] Aliado dos liberais, galgou poder

[37] TENORIO-TRILLO, *op. cit.*, 2009, p. 61.
[38] VALADÉS, José C. **El Porfirismo: Historia de um régimen.** México: FCE, 2015, pp. 34-35 [edição eletrônica].

paulatinamente, mesmo sofrendo algumas derrotas no caminho. Sua participação na invasão da Cidade do México no ataque a Maximiliano I, em 13 de abril de 1867, foi fundamental para o fim do domínio francês dois meses depois.

Porfirio Díaz, herói das campanhas de resistência contra os franceses, se tornou presidente após um levante militar contra Sebastián Lerdo de Tejada. O seu retiro em *La Noria* foi um momento importante para angariar aliados políticos e para demonstrar seu ponto de vista. Assim, fez com que a política de alianças fosse mantida e essa investida veio por meio das armas. Depois do *Plan de La Noria*, tudo parecia mais aquietado, mas a impopularidade crescente de Lerdo de Tejada perante as classes mais altas, seu principal apoio, fez com que a possibilidade de se ter Díaz como líder se tornasse viável novamente.

Em 1876, foi iniciado outro levante militar, o *Plan de Tuxtepec*, direcionado a Lerdo, no qual reivindicava sua própria eleição, a não reeleição do presidente e a democracia municipal, atingindo, assim, a classe média. A política local era enraizada e passava por dificuldades. Qualquer tipo de sinalização da centralização do poder federal trazia incômodo aos políticos regionais, que eram a instituição mais estável perante o caos político vivido pelo país até então. Devido aos problemas internos, imaginava-se que a investida não sobreviveria à defesa central e logo de início suas tropas foram derrotadas. Enquanto isso, nas salas de reuniões os acordos eram tramados.

O presidente do Supremo Tribunal Federal, José María Iglesias, não reconhecia a vitória de Lerdo de Tejada nas urnas e quis assumir o posto que acreditava lhe ser de direito. O apoio de poderes locais deu forças a Díaz, que derrotou o exército federal em Tecoac, forçando a renúncia e a fuga do presidente eleito. Agora, o problema seria Iglesias, que não aceitou a proposta do general de se tornar chefe do exército e demandou a convocação de novas eleições. Com seu prestígio popular e político em alta, o general marchou contra Iglesias, que não conseguiu contê-lo. As eleições foram convocadas e Díaz foi eleito, dando início ao primeiro de muitos mandatos.

Porfirio Díaz buscou alianças com a classe média e a elite seguindo os passos de Benito Juárez, porém, com maior controle ao seu lado. Mudou nominalmente alguns políticos, favorecendo aliados ao instituir novos governos que partilhavam dos seus mesmos ideais, e leais a ele; os destituídos foram recompensados economicamente, sobretudo com facilitações para angariarem as terras públicas leiloadas. A classe média se sentia mais integrada com as pequenas reformas políticas, pois viam uma oportunidade de alcançarem algum poder

justamente com a autonomia municipal, perdendo o medo dos governadores, que não foram reeleitos. [39]

O governo, mesmo quando possuía maioria no congresso, não deixou de ter oposição. Contudo, o autoritarismo de Díaz contribuiu para a perseguição daqueles contrários ao seu regime, até que a oposição desapareceu a partir de 1888, momento em que a maior força política e econômica estava com o poder executivo. Dessa forma, palavras mais severas contra o governo se tornavam mais raras, ainda que se mantivessem na surdina. Díaz deu um tom pessoal ao seu mandato, chamado de *reinado* por Cosío Villegas, não gostava de "escândalos", ou seja, qualquer um que tivesse uma posição política contrária à situação.[40] Foi assim que, desde o início do governo, criou-se a narrativa imagética do herói político que conseguiu estabilizar o país. No âmbito cultural, investiu na construção de museus, monumentos e realização de concursos que ampliassem o alcance da ideia de uma nação coesa.

Em 10 de dezembro de 1908, o presidente deu uma rara entrevista ao escritor canadense-americano James Creelman[41] (1859-1915). Tendo os Estados Unidos saído de uma dominação secular europeia, além de ter lutado contra Espanha nas guerras de independência, a forma como Díaz é descrito demonstra o fascínio perante uma figura que quer ser vista como bastião da liberdade. Os 27 anos de governo foram necessários, no seu ponto de vista, para a imposição da paz política para, finalmente, evoluírem, e esse é o principal tópico abordado e sublinhado pelo mexicano em toda a entrevista. Com 77 anos e muitas quebras constitucionais nas costas, o presidente enfrentava uma oposição que se fortalecia e o confrontava em diversas frentes.[42]

As reeleições constantes trouxeram problemas políticos profundos, assim como o crescimento desenfreado ocorrido nos anos anteriores, que deixou ainda mais proeminente a desigualdade social. Paul Garner relata que, conforme as crises cresciam, as repressões do governo ficavam mais violentas. Assim, Díaz foi perdendo o controle que desenvolvera com os

---

[39] KATZ, Friedrich. O México: a República Restaurada e o Porfiriato, 1867-1910. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina – De 1870 a 1930**. Vol. 8. São Paulo: Edusp, 2013, pp. 40-42.

[40] "Prefirió siempre, aun sin otro procedimiento le hubiera dado mayores o más rápidos beneficios, la negociación directa, calada, con los actores de cualquier drama político." COSÍO VILLEGAS, Daniel. **El sistema político mexicano – las posibilidades de cambio**. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1973, p. 16.

[41] A entrevista de Creelman foi um tópico explorado por Paul Garner em seu livro **Porfírio Díaz: Del Héroe al dictador, una biografía política.** Com a recessão econômica acontecendo, as relações entre Estados Unidos e México ficaram abaladas. Para Díaz, o mais vantajoso seria manter a aliança. A entrevista foi feita nesse contexto, para demonstrar a pacificação interna do país, ocorrida em seu mandato, e assegurar o controle político da situação, que não seria dominada por cédulas revolucionárias que já apareciam no México. GARNER, P. **Porfírio Díaz: Del Héroe al dictador, una biografía política.** México: Planeta, 2003, pp. 232-233.

[42] CREELMAN, James. **Entrevista Díaz – Creelman**. Traducción de Mario Julio del Campo. 2ª ed. México: Unam, Instituto de Investigaciones Históricas, 2008, p. VI.

líderes políticos regionais e, consequentemente, tendo sua força centralizadora diminuída[43]. Vale destacar que o país não recebeu investimentos de forma homogênea. Enquanto lugares como Oaxaca beneficiaram-se de intervenções financeiras e injeções de créditos de outros países, locais ao Norte, sobretudo na fronteira com os Estados Unidos, não tiveram uma política econômica sólida, muito por causa da fluidez da fronteira. A organização política, econômica e social do país estava, portanto, insustentável, situação que se solidificou ao longo do tempo.[44]

Porfirio Díaz, contudo, na conversa com Creelman, anuncia sua saída da política e que auxiliará o sucessor na transição ao cargo. Dessa maneira, a República mexicana entraria na fase final do longo caminho que teve início em 1877 com uma escolha que era óbvia, pois somente sua força e retidão conduziam o país à paz. Sua crítica ao movimento revolucionário, que ganhava força naquele momento, faz eco a essa ideia defendida por seus pares da importância da *pax porfiriana*[45]. Para o presidente,

> It is a mistake to suppose that the future of democracy in Mexico has been endangered by the long continuance in office o fone President. [...] I can say sincerely that office has not corrupted my political ideals and that I believe democracy to be the one true, just principle of government, although in practice it is possible only to highly developed peoples. [46]

Quando Creelman comenta que os Estados Unidos estão vivendo um dilema sobre a possível eleição de um presidente pela terceira vez, a resposta é categórica: "'Yes, yes, I know', he replied. 'It is a natural sentiment of democratic peoples that their officials should be often changed. I agree with that sentiment'"[47]. Observa-se um discurso que legitima a quebra constitucional e democrática. Dessa forma, disserta que a democracia possui as teorias abstratas e as práticas, que se chocam com a necessidade do momento, ou seja, são eticamente modificáveis se preciso.[48]

---

[43] GARNER, *op. cit.*, 2003, pp. 213-216.
[44] *Idem*, pp. 213-230.
[45] O assunto é abordado por Creelman em um momento em que os Estados Unidos viviam uma crise política sucessória, pois se discutia a possibilidade de Theodor Roosevelt concorrer a um terceiro mandato, causando um sério conflito político no país, que usava a Constituição como principal fio conector da nação. Vale lembrar que tinham acabado de passar por uma Guerra Civil e pela aprovação da 13ª emenda e das leis Jim Crow, portanto, uma modificação desse nível na legislação federal significaria uma violação da sua própria origem. Pode-se interpretar a ida de Creelman ao México para entrevistar um presidente com inúmeros mandatos sucessivos como a procura de respostas para as dúvidas levantadas no seu país, assim como Tocqueville (1805-1859), que viajou para a América para compreender mais sobre o processo revolucionário na sua pátria a partir da democracia daqui.
[46] CREELMAN, *op. cit.*, p. VIII.
[47] *Idem*, p. IX.
[48] Na questão americana, Díaz não vê nada de errado em Roosevelt ser eleito novamente se essa for a vontade do povo: "I believe that he [Theodor Roosevelt] has thought more of this country than of himself" (CREELMAN, 2008: IX). O ato de se doar ao cargo demonstraria as boas intenções do candidato, assim como é evidência da importância da permanência no poder. O posto não o transformou, era um servo do país e ao país, que necessitava dessa abnegação e liderança e não o contrário. A demanda da sua presença diz mais respeito ao próprio Díaz do que ao presidente americano.

A soberania popular, ou a vontade do povo de que ele permanecesse no poder, era o ponto nevrálgico da sua argumentação. Ao discorrer sobre a democracia como um conceito maleável, Díaz não admite que a obstrução da lei comece com a intenção de se manter no poder.[49] O político, como representante do povo e das leis, deveria honrá-los, e, de acordo com seu ponto de vista, o caso mexicano tinha uma especificidade:

> Here in Mexico we have had different conditions. I received this Government from the hands of a victorius army at a time when the people were divided and imprepared for the exercise of the extreme principles of democratic government. To have thrown upon the masses the whole responsibility of government at once would have produced conditions that might have discredited the cause of free government. [50]

Ele destaca que entrou no governo por meio de uma vitória armada, não por um golpe, e que era o povo, despreparado para a democracia, quem reiterava sua posição. Seu papel na própria narrativa é o do personagem que carrega o fardo pelo despreparo da população, o que deslegitimava as formas de governo exercidas até então, pois ninguém sabia, de fato, o que queria. Assim, ele vai construindo sua posição de autoridade, daquele que carrega a verdade absoluta, o conhecimento total e único. A falta de entendimento e de liderança em um país devastado por conflitos internos e externos, que obliteraram mais da metade do território, criando um México à sombra territorial do que foi a Nova Espanha, era a principal justificativa para sua tomada de poder e sua manutenção.[51]

Em 1906, a imagem de Díaz perante líderes regionais já havia mudado. Foi criado o Partido Liberal Mexicano[52] pelos irmãos Cipriano Ricardo Flores Magón (1874-1922), Enrique Flores Magón (1877-1954) e Jesús Flores Magón (1871-1930), provenientes de Oaxaca, base política do presidente. Isso demonstrava a falta de consenso e de coesão dentro das classes média e média alta, que passou a se organizar. Os irmãos Magón eram críticos do

---

[49] Pensando, novamente, no caso dos vizinhos, o apreço americano pela regra teria surgido da divisão encontrada no próprio país desde sua origem. Criar uma constituição federal em que abarcasse as determinações sulistas e nortistas se mostrou a única forma de se manterem unidos, ou seja, o pacto de união que o documento representa.
[50] CREELMAN, *op. cit.*, p. X.
[51] A concentração de poder na mão de poucos o aproximaria ainda mais da figura do "pai da nação", de dominação masculina para que a paz fosse forçada ao país. Díaz conta ter esperado, pacientemente, o dia em que o povo americano estaria preparado para escolher e mudar de governante sem o perigo de revoluções armadas que prejudicassem a coesão interna. "I believe that day has come", ele disse. O presidente, que normalmente era reservado em relação à imprensa, esclareceu suas ideias acerca da convicção democrática e do seu papel de mentor para uma nação, que havia sofrido enormemente, se tornar democrática. Benítez enfatiza, contudo, que "(...) mentía, como había mentido los últimos 30 años y era muy viejo para prescindir de su hábito más arraigado." BENÍTEZ, Fernando. **Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana**. - V. 1- El Porfirismo. México: FCE, 1977.
[52] No mesmo ano em que foi fundado, o PLM lançou o seu programa, no qual publicou os elementos que o define. Baseado nos valores democráticos, declaravam ilegais todas as modificações feitas pela ditadura porfirista na Constituição de 1857, sobretudo a questão do tempo de mandato. Retiravam a obrigatoriedade do serviço militar, garantiriam a liberdade de expressão e de imprensa. O foco residia no trabalhador, na regulamentação do trabalho, a criação da sua própria justiça. Cf. RAMÍREZ PARRAGUIRRE, Carlos (ed.) **El Programa del Partido Liberal Mexicano y su significación histórica.** México: s/e, 1949.

governo há décadas, inclusive se mobilizaram na criação de veículos de imprensa que se opusessem aos oficiais.[53] Garner destaca que o efeito no México da entrevista de Creelman foi devastador. As contradições e o tom do presidente repercutiram mal entre a população no geral, o que foi explorado profundamente pela imprensa. O movimento *Antirreeleccionista*, "(...) lanzó su manifesto en junio de 1909. Su eslogan 'Sufragio efectivo y no reelección' se convertiría en el más importante de la Revolución".[54] A mobilização da classe média aumentou, pedindo, sobretudo, o fim da reeleição.

Nesse contexto, de agitação política e social, as celebrações da Independência começaram e os *Anales* mantiveram sua produção. Retomar o passado é uma maneira de se controlar a memória escolhida para ser a "nacional" e, assim, afirmar o poder presente. Como diz Lempérière:

> En la medida en que la historia se convierte en aspecto esencial de la política, la memoria misma se convierte en objeto de una política, ya que el dominio del futuro pasa por el del pasado. El pretérito es, en efecto, reserva potencial de figuras ejemplares y de prefiguraciones gloriosas, aunque también es, según dicha sensibilidad histórica, 'reacción, retraso, supervivencia': un obstáculo en la acción. Es, por lo tanto, importante utilizarlo selectivamente.[55]

A memória, portanto, é um objeto manipulável, fundamental para a constituição de um argumento e podemos entender as rupturas desse período a partir da própria revista, com as diferenças editoriais encontradas entre os primeiros volumes do século XIX e os da primeira década do século XX.

III. O *Museo Nacional de México,* os *Anales del Museo Nacional de México* e a construção da tese

A partir do século XVIII, o olhar acerca dos documentos mudou profundamente, devido, sobretudo, ao referencial científico que se desenvolvia no momento. Jorge Cañizares-Esguerra discute que os "viajantes filosóficos" possuíam o olhar treinado e reinterpretavam a História do Novo Mundo utilizando mais do que relatos de colonos ou espanhóis. Os indígenas passaram a ter voz e suas manifestações escritas e materiais se tornaram parte fundamental da criação da narrativa histórica. Ampliou-se o conhecimento sobre a América, inclusive dentre os próprios americanos, que buscavam alternativas aos europeus. A "epistemologia patriótica",

[53] BARBOSA, Fernanda Bastos. **O valor da paz: política e dissenso durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911).** Tese. Ouro Preto: UFOP, 2018, pp. 184-185.
[54] GARNER, *op, cit.,* 2003, p. 237.
[55] LEMPÉRIÈRE, *op. cit.*, 1995, p. 318.

como define o autor, tem como função estabelecer os limites culturais e de cognição do próprio país.[56]

As Repúblicas que surgiram com o fim do Estado Absolutista, sejam na Europa ou na América, procuraram compartilhar valores considerados próprios e, com esse teor educativo, criou-se escolas e museus para difundir o conceito de "nacional". Segundo Camilo de Mello Vasconcellos, a noção de patrimônio, que vem do latim *pater familias*, se desenvolveu imbricada ao processo de consolidação dos Estados Nacionais e serve de justificativa ideológica para a construção das identidades. Os museus são criados, entre outras formas, a partir da reunião de objetos que representam uma nação ao mesmo tempo em que lhe homogeneiza.[57] Foi um projeto de identidade nacional em que a união era feita por elementos externos à figura institucional no poder.

A edificação do *Museo Nacional de México* ocorreu no momento de solidificação cultural da sua Independência. Nesse ato estava implícito que as instituições se tornariam espaços que receberiam bens "nacionais" e desenvolveriam uma narrativa ao redor desses objetos que dariam sentido e peso simbólico à nação, além de ensinarem a população e transformá-la em cidadãos.[58] Apesar da importância da sua fundação, veremos que o museu ficou negligenciado por décadas, inclusive sem ter um edifício próprio, já que ocupou primeiramente a *Real Universidad* e, posteriormente, algumas salas na *calle de Moneda*. Nenhum dos locais recebeu uma forma estrutural ou teve algum anexo projetado para se alocar adequadamente as peças. Não havia espaço suficiente para elas, mas, mesmo assim, coletaram-nas por todo o país, investindo em viagens exploratórias.

Segundo Dominique Poulot, ao analisar o contexto francês, que tanto influenciou o mexicano, a nacionalização da arte após a Revolução Francesa trouxe uma mudança profunda na mentalidade acerca dos bens culturais, pois saíram do campo privado para adentrarem no público. Transpondo essa ideia para o México, após a quebra do pacto colonial, um museu nacional significava arrebanhar conhecimento sobre si e para si, pois disseminá-lo era tão importante quanto angariá-lo. Por isso a conservação se tornou tão visada, porque agora tinha

[56] CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo: Histórias, Epistemologias e Identidades no Mundo Atlântico do século XVIII.** São Paulo: EDUSP, 2011, p. 254.
[57] VASCONCELLOS, Camillo de Mello. Patrimonio, memoria y educación: una visión museológica. **Memoria y Sociedad.** Vol. 17, n. 35, 2013, pp. 95-96.
[58] ACHIM, Miruna. The National Museum of Mexico: 1825-1867. **Museum History Journal**. Vol. 9, n.1, 2016, p.13.

a função de proteger o passado, a verdade e a própria origem.[59] Era a lógica do saber ordenado, com a tentativa de se organizar as coleções através de um novo filtro, o nacional.

A projeção de um ponto de vista através de objetos, isto é, o uso de peças para ilustrar algo não foi uma prerrogativa do *Porfiriato*, haja vista que o *Museo Nacional* teve sua fundação em 1825. Porém, foi o final do século XIX que consolidou seu papel como instituição científica basilar no processo de construção do nacional. E esta ocorria não só para o público interno quanto para o externo, pois a mensagem enviada por meio dessas atitudes era muito importante para o país ser considerado tão de vanguarda e moderno quanto os europeus, por exemplo.[60]

O projeto dos *Anales* foi desenvolvido por uma intelectualidade que visava moldar a nação por meio da cultura e da ciência. Assim, trabalhamos com o ponto de vista institucional acerca da formação da História mexicana, o que não significa que foi um processo estéril. Governo e população andam juntos quando discutimos a identidade nacional, pois o primeiro pode até indicar o caminho, mas o segundo deve aderir, e isso só ocorre quando há identificação. O mexicano de Chiapas tem referências culturais diferentes das de Jalisco que, por sua vez, se distancia das de Sonora, e todos se tornaram parte do projeto de homogeneização da cultura mexicana. Ao longo da tese serão exemplificados casos de embates entre os poderes federal e locais acerca da propriedade de peças colecionáveis. Isso significa que houve resistência em diversas regiões ao discurso nacional e/ou às práticas coercitivas exercidas pelo Distrito Federal, que queria concentrar todos os exemplos da História do país em um espaço. Yucatán, por exemplo, lutou contra a transferência do *chac mool* para a capital, e justificativas históricas e antropológicas foram criadas para provarem a importância de se reunir todo o acervo em um lugar. O México é um país vasto geograficamente e diverso em várias áreas, contudo, a grandiosidade do indígena antigo, de antes da colonização, das civilizações fundacionais, não foi imposta repentinamente e era aceita pelas díspares culturas. Observamos, assim, um processo amorfo de construção de identidade nacional, sem a definição clara do início e do fim das arestas que o compõe, pois a institucionalização da narrativa histórica não significa sua adesão na memória popular.

Em 28 de setembro de 1821, com a *Acta de Independencia del Imperio Mexicano*, surgiu a necessidade de delimitação territorial, da adoção de um sistema político e do

---

[59] POULOT, Dominique. O modelo republicano de museu e sua tradição. In. BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovações, coleções, museus.** BH: Editora Autêntica, 2011, p. 14.
[60] GARRIGAN, Shelley E. **Collecting Mexico – museums, monuments, and the creation of National Identity.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012, p. 39. [edição eletrônica – Kindle].

entendimento de si como uma nação soberana. Tanto no âmbito cultural quanto político, uma das práticas adotadas foi a valorização do próprio passado, algo que já ocorria desde o século XVIII, e que foi consolidado no XIX. Erika Paní diz que de 1810 a 1910 foram publicadas 400 crônicas e descrições sobre o México através de viagens patrocinados por governos estrangeiros, pelo próprio e por particulares.[61] Além de trabalhos inéditos, diversos documentos foram recuperados em arquivos privados e estatizados, outros foram comprados de colecionadores estrangeiros e repatriados. Cronistas coloniais como Sahagún, Durán, Mendieta, Motolonía, entre outros, foram lidos sistematicamente nesse período, sendo muitos deles estiveram inacessíveis até então. O que ocorreu foi a construção de um sistema de compreensão de si, no qual a referência primeira era o próprio "mundo antigo".[62]

Entre 1869 e 1879, proliferaram-se as revistas literárias e as sociedades científicas. Desde 1877, os *Anales* foram o veículo para divulgação de proeminentes pesquisas da época e, ao fazerem isso, demonstravam o que entendiam como História. A nossa intenção foi, portanto, investigar como os *Anales del Museo Nacional de México* fez parte do processo de realização da ideia de nação mexicana. Para isso, dividimos a tese em quatro capítulos.

O primeiro capítulo trata do surgimento do *Museo Nacional de México* e como a sua contribuição para o desenvolvimento científico do país refletiu na "chancela" de nação que o país adquiriu ao longo do tempo. Assim, discutimos como os museus nacionais europeus influenciaram o mexicano, como formou sua coleção, de onde vieram as primeiras peças e o crescimento da instituição a partir da década de 1850. Em um determinado momento, ele é finalizado para que aparecessem o *Museo Nacional de Arqueología, História y Etnología* e o *Museo Nacional de História Natural*, o que modificou sensivelmente a própria revista. O encerramento do antigo museu também é abordado por ser um processo simbólico dentro do contexto em que ocorreu.

O segundo capítulo discute o nascimento dos *Anales del Museo Nacional de México*, o porquê do seu aparecimento. Aqui, decidimos analisar a estrutura dos tomos que vão de 1877 a 1913, que correspondem às três primeiras épocas da revista finalizada em 1977. Apontamos as diferenças entre eles no que se refere ao formato, à edição, às publicações, às impressões e, sobretudo, ao conteúdo. Procuramos padrões, ou a falta deles, para tentar entender o que os intelectuais que estiveram tão presentes nesse processo compreendiam por História e

[61] PANÍ, Erika. Los viajeros decimonónicos y la definición de lo nuestro. **La idea de nuestro patrimonio histórico y cultural**. Tomo II. México: CONACULTA, 2011, p. 28.
[62] As conotações de "Antiguidade" ou "Ancestralidade" eram caras aos historiadores da época, pois era uma forma de equiparar a própria História com a europeia, que tinha Grécia e Roma como exemplos primeiros do que seria o clássico. Esses pontos serão debatidos ao longo da tese.

ciência. Várias outras disciplinas estavam presentes na revista, mas algumas tinham mais espaço que outras. Esses detalhes fazem parte do nosso processo de análise, partindo da premissa de que os *Anales* refletem a forma como os *cientificos* desenvolviam suas pesquisas.

Encerradas as apresentações, tanto do *Museo* quanto da sua publicação principal, o terceiro e o quarto capítulos foram dedicados à análise dos artigos publicados nas 1ª, 2ª e 3ª épocas dos *Anales*. Aprofundamo-nos tanto no conteúdo quanto nas escolhas feitas pelas diferentes direções acerca das temáticas. Que tipo de História eles decidiram contar? Essa foi a pergunta que nos norteou. As palavras utilizadas, o estilo narrativo, as referências e o tipo de retórica são instrumentos de análise importantes para desvelarmos uma parcela da intencionalidade daqueles autores.[63]

Para finalizar essa introdução, vale ressaltar um aspecto importante acerca do peso do passado na legitimação do Estado mexicano. Em 2011, foi publicada uma série de livros dedicada ao patrimônio histórico mexicano e, em um dos volumes, Pablo Escalante Gonzalbo reflete sobre até que ponto a intervenção na administração de instituições que trabalham diretamente com o patrimônio nacional gera benefícios políticos. Para o autor, eles ainda não possuem a dimensão desse processo, mas o importante é a manutenção de uma visão mítica de que "as pirâmides", que significam o passado em si, alimentam a legitimidade do Estado mexicano, por isso que ainda fazem parte do discurso e políticas públicas do país.[64] Ele completa:

> Hace unos meses, en Brasil, discutía sobre eso con historiadores de aquel país. Les decía yo, con admiración, que a los brasileños no les pesa el pasado y son capaces de mirar hacia adelante; me respondían que eso se debía a que ellos no tenían un pasado tan espectacular como nosotros, que no tenían tanto de qué enorgullecerse. Yo creo que debería de existir un camino intermedio, en el cual el pasado y sus vestigios recibieran nuestra atención y cuidado, pero sin que lo dejáramos crecer hasta que llegara a agobiarnos; sin que fuéramos cargándolo con nosotros. Ése es uno de los principales problemas nacionales: cargamos con el pasado y no podemos verlo con serenidad, ni con libertad crítica ni con actitudes laicas. El pasado es, como las cabezas olmecas, una piedra pesada.[65]

O que o autor destaca é que, de todos os passados mexicanos, o pré-hispânico se tornou o principal, *el pasado de todos*. Se essa afirmação sobre a origem é considerada óbvia nos dias de hoje, é porque foi elaborada e consolidada em algum momento. A exaltação asteca implica que outros povos assumiram o papel de coadjuvantes na narrativa. No século XX, os esforços para compreenderem outras civilizações não diminuiu o papel desses astecas que

---

[63] Vale destacar que esse tipo de análise é inédito. Não existe um trabalho que utilize os *Anales del Museo Nacional de México* como fonte de estudo sobre a identidade nacional mexicana, ou a construção da História, por exemplo.
[64] ESCALANTE GONZALBO, Pablo. "Introducción". In: **La idea de nuestro patrimonio histórico y cultural**. Tomo II. México: CONACULTA, 2011, p. 18.
[65] *Idem*, p. 19.

"surgiram" no período anterior. Escalante Gonzalbo inaugura o seu tomo trazendo as implicações de políticas públicas ostensivas para a preservação do patrimônio, atitude essa que muitas vezes não é refletida mais, já que se tornou parte do imaginário comum. Nessa comparação com o Brasil, o autor destaca um momento peculiar:

> Decía Lula, hace un par de años, que los mexicanos mirábanos a Pemex como a una diosa. Y tenía razón: miramos a Pemex como una diosa, y a nuestra madre como a una diosa, y a las pirámides y a muchas otras cosas. Como si nos sintiéramos más seguros habitando a un mundo mítico que justificara nuestra existencia y nuestra historia.[66]

A narrativa histórica construída no século XIX, sobretudo na metade final, estabeleceu seu alicerce na exaltação ao passado mexicano, lançando luz a costumes, a práticas, a ideias, a gestos e a objetos que pertenceram às civilizações mesoamericanas. Criou-se uma tradição, inclusive metodológica, que foi mantida após a Revolução de 1910 e que se vê até hoje sendo discutida. Criou-se uma certeza dentro de tantas inseguranças vividas pelos mexicanos. E qual o papel dos *Anales* nesse processo? Eis a nossa hipótese: a revista fez parte do sistema que consolidou a identidade, a História e a memória do México em um sentido de nação.

[66] ESCALANTE GONZALBO, *op. cit.*, p. 22.

Capítulo 1: O *Museo Nacional de México* e a História

The museum effect (...) is a way of seeing.
Svetlana Alpers

Esse capítulo visa discutir o surgimento do *Museo Nacional de México* como instituição contribuidora para a construção da História e da memória mexicana. Museus, em geral, são instrumentos indispensáveis para os estudos históricos, pois os objetos têm uma capacidade formativa mais complexa e agregadora do que o texto, que possui outro tipo de recepção e linguagem. [67] Com o *Museo*, uma nova maneira de se estruturar a produção científica no país foi estabelecida, pois sua criação fez parte de um plano sistemático, e vitorioso, de se tentar encontrar uma gramática típica do cientificismo do século XIX para um México em busca da consolidação do seu Estado Nacional. Antes de focar nos estudos produzidos pela instituição, é preciso discutir a ideia de museu de modo geral, assunto do primeiro tópico deste capítulo.

1.1 Colecionismo e Museu – uma ideia geral

A necessidade de colecionar não era uma prerrogativa dos séculos XVIII e XIX. Desde o início da sociabilização do ser humano, objetos adquirem importância individual ou coletiva por possuírem funções específicas, como mágico-religiosa, mística e ritualística. De modo geral, são representações do passado e sua posse é uma forma de se diferenciar do outro, já que surgem, junto deles, símbolos tanto de poder quanto de prestígio. Na Antiguidade greco-romana, por exemplo, o *museion* englobava santuários e escolas filosóficas; mas, essa ideia de museu se modificou ao longo do tempo e o termo ressurgiu com outro significado na Modernidade. Neste período, com os descobrimentos, choques culturais, desenvolvimento científico, histórico e estético, o culto ao objeto, que havia cessado desde a Idade Média, retornou.[68] O final do século XVIII e o XIX trouxeram consigo a consolidação do colecionismo, que passou do nível pessoal ao público, se tornando prática do Estado. As coleções privadas e os gabinetes faziam parte do deleite aristocrático há séculos, mas a formação de um museu não só unifica narrativas como nos aponta como, e o que, olhar.

As revoluções e as mudanças políticas, como os direitos dos cidadãos e o conceito de patrimônio nacional, promoveram transformações profundas nos museus. As coleções particulares passaram a ter concorrência, pois os Estados começaram a se organizar para que

[67] MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.2., 1994., p.39.
[68] RICO MANSARD, Luisa Fernanda. **Exhibir para educar: Objetos, colecciones y museos de la Ciudad de México (1790-1910)**. Barcelona/ México: Ediciones Pomares/Conaculta, INAH, 2004, p.35.

pudessem expor e pesquisar aquelas peças. Boa parte desse tipo de acervo surgiu a partir da reapropriação dos tesouros das cortes, das famílias reais destituídas de poder e da Igreja. As expedições ao Oriente Médio e à Ásia também foram fontes de relíquias sequestradas pelos europeus. Assim, formadas as coleções nacionais, os museus ganharam mais espaço e importância perante a sociedade[69]. Com os Estados Nacionais foi desenvolvido um valor político para acervos e museus, que adquiriram, também, *status* legitimador tanto dos novos sistemas políticos quanto das mudanças culturais. Aqueles necessitavam criar raízes, que cresciam com a mistura da História, ciências, simbolismo, costumes, mitos[70]. Portanto, segundo Cícero Almeida,

> A institucionalização definitiva do museu se verifica nessa atmosfera de grande investimento na 'invenção' de um passado nacional, sendo o próprio museu um espaço privilegiado para o abrigo dos fragmentos que materializavam a herança coletiva da nação.[71]

Construir uma coleção surge de um desejo específico, que modifica significados e significantes. A partir do momento em que se coleta um objeto, ele é desligado da sua função e se torna posse de alguém ou de uma instituição. É nesse momento que adquire um novo significado, que pode ser amalgamado à sua origem ou não. Por exemplo, um objeto religioso antes utilizado em um ritual, ao se tornar acervo de um museu e ser exposto nesse contexto, ganha uma função estética, recebendo o valor de "passado", de evidência de antiguidade.[72] Mesmo que um determinado grupo possa ainda considerá-lo sagrado em suas crenças e prestar alguma reverência, a função original foi lavada da peça.

James Clifford define o colecionismo como uma prática cultural baseada na acumulação de objetos ordenada. Existe uma linha tênue entre o fetichismo do consumo e a arte da coleção, sendo esta uma atividade permeada pela racionalidade e pela sua ressignificação. É a relação entre a posse e a experiência que domina a estrutura colecionista ocidental desde o século XVI. Uma peça é transformada em expressão cultural de uma determinada civilização ao ser deslocada até um museu que a classifica, a rotula e a expõe dentro dessa narrativa artificial. Ainda que o seu contexto de produção e uso seja explicitado pela museografia, esse processo desumaniza o trabalho por trás do objeto. As relações sociais são silenciadas através da transformação das manifestações culturais em "representações" de uma ideia. O autor

---

[69] RICO MANSARD, *op. cit.*, p.35.
[70] *Idem*, p. 37.
[71] ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. O "colecionismo ilustrado" na gênese dos museus contemporâneos. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Vol. 33, 2001, p. 125.
[72] *Idem*, p. 123.

defende que essa ação colecionista é crucial para se compreender a formação da identidade ocidental, ou seja:

> Some sort of "gathering" around the self and the group – the assemblage of a material "world", the making-off a subjective domain that is not "other" – is probably universal. All such collections embody hierarchies of value, exclusions, rule-governed territories of the self. But the notion that this gathering involves the accumulation of possessions, the idea that identity is a kind of wealth (of objects, knowledge, memories, experience), is surely not universal. (…) In the West, however, collecting has long been a strategy for deployment of a possessive self, culture, and authenticity.[73]

É por meio do colecionismo que instituições públicas e privadas se apropriam de objetos, fatos, símbolos, atribuindo-lhes sentido desconectado do original. O discurso oficial fica, dessa maneira, atrelado à visão do explorador ou da instituição que abriga os objetos dos proprietários particulares, alienando a sociedade à qual aquela peça pertence. É importante destacar que a circulação de artefatos era comum na modernidade, assim como as mudanças de significados, o que também ocorria no contexto colonial. O que diferencia, portanto, a acumulação do colecionismo é que neste está intrínseco o desenvolvimento do conhecimento científico e a apropriação de poder através da posse.[74]

Krzysztof Pomian reitera ser a organização e o ordenamento que diferenciava um simples objeto de uma peça de coleção. Nesta, o colecionador segue um método que varia de acordo com o significado e sentido embutidos naqueles objetos, que perdem as suas funções de origem para serem transportados a um novo propósito. Por exemplo, artefatos de uso cotidiano que, normalmente, se deterioram ou são descartados ao longo do tempo, são guardados, preservados e restaurados sempre que necessário.[75] Isso exige um investimento considerável, e se tornam "tesouros", com valor atribuído ao seu sentido simbólico e não à sua primeira utilidade. As coleções são, dessa forma, parte do visível e do invisível, da materialidade e do que é falado sobre elas, ou mesmo vivido, ou seja, estão na zona cinzenta entre a percepção visual e o discurso.[76]

Museus públicos e de caráter nacional ficaram comuns nas sociedades que procuravam o sentido de nação. Muitos foram definidos como *Cabinet de Curiosité*, pois não

---

[73] CLIFFORD, James. **The Predicament of Culture: Tweentieth-Century Ethnography, Literature and Art.** Cambridge: Harvard University Press, 1988, p. 218.
[74] *Idem*, pp. 220-221
[75] POMIAN, Krzysztof. **Collectors and curiosities: Paris and Venice 1500-1800**. Cambridge/Oxford: Polity Press, 1990, p. 8.
[76] *Idem*, p. 26. Sobre colecionismo, conferir: THOMAS, Nicholas. **Entangled objects. Exchange, Material Culture and Colonialism in the Pacific**. Cambridge: Harvard University Press, 1991; APPADURAI, Arjun. (org.) **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Eduff, 2008; ASSMAN, Aleida. **Espaços de recordação. Formas e transformações da memória cultural**. Campinas, EDUNICAMP, 2011.

tinham uma museologia científica no sentido do rigor metodológico e os objetos eram parte da curiosidade. A França, por exemplo, viu nascer diversas instituições como *Versailles*, o Museu de *Cluny*, o Museu de *Saint-Germain*, entre outros. Na Espanha, por sua vez, surgiu o Museu do Prado; em Florença, foi fundado o Museu Nacional de *Bargello*; já na Alemanha foi inaugurado o Museu de Antiguidades Nacionais de Berlim. Era a memória das nações que estava representada e disposta nesses locais, fundamentais para a criação e legitimação da identidade nacional.[77]

Donald Preziosi afirma que foi lugar comum na história da museologia entender a prática museal e colecionista dos séculos XVI e XVII como desordenada e instável, pautada em esforços individuais. Em contraposição a esse cenário estava o contexto revolucionário e iluminista dos Setecentos, entendido como uma "evolução" dos gabinetes de curiosidades. A partir desse momento, a visão sobre a acumulação de objetos ganhara novos contornos e, no século XIX, a arte passou a ser apreciada por cada vez mais pessoas, não só pelos investigadores.[78] Segundo o autor:

> The museum is one of the most brilliant and powerful genres of modern fiction, sharing with other forms of ideological practice – religion, science, entertainment, the academic disciplines – a variety of methods for the production and factualization of knowledge and its sociopolitical consequences. Since its invention in late eighteenth-century Europe as one of the premier epistemological technologies of the Enlightenment, the museum has been central to the social, ethical, and political formation of the citizenry of modernizing nation-states. At the same time, museological practices have played a fundamental sole in fabricating, maintaining, and disseminating many of the essentialist and historicist fiction which make up the social realities of the modern world.[79]

As peças são dispostas nos museus como simulacros de uma realidade pertencente ao coletivo ou ao individual. Assim, adquirem nova função, a de representação da unidade entre sujeito e produto. É uma realidade virtual que disciplina a população através da visão teleológica da narrativa construída pela instituição para ser exposta. O museu foi uma instituição-chave no contexto do desenvolvimento do estado-nação, sobretudo pela sua capacidade de fabricar narrativas históricas que adequam assuntos que vão além dele próprio.

Dominique Poulot defende que havia um objetivo institucional de ensino com base na Ilustração, sendo que o próprio nome – *museu* – significaria um saber universal e enciclopédico, reunidos em um só local. Outro ponto é o atestado de veracidade do conhecimento, mostrado a todos a partir do momento em que se torna propriedade pública.

---

[77] SCHWARCZ, Lilia K. M. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In. MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. 1. SP: Ed. Sumaré, 2001, pp.31-32.
[78] PREZIOSI, Donald. Collecting/Museums. In: SHIFF, Richard & NELSON, Robert S. (orgs.). **Critical Terms for Art History**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1996, p. 281.
[79] *Idem*, p. 281.

Christina Bueno, contudo, destaca que a maior mudança ocorre a partir do surgimento do Estado-nação: "Museums are often thought to hold the cultural goods that belong to the citizens of a nation. They are 'palaces of the people', testaments to the democratization of culture that accompanied the emergence of the nation-state"[80]. O desenvolvimento educacional, o crescimento urbano, a revolução dos meios de comunicação e de transporte permitidas pela industrialização pavimentaram o caminho das ciências históricas apoiadas pelo Estado.

Museus têm um papel claro nas funções pedagógicas e afirmativas e estão atrelados à concepção de uma história nacional, além de criar comunidades imaginárias e lugares de memória. A partir do século XIX[81], a História sofreu um processo de aceleração que produziu uma nova dimensão temporal, com transformações que logo tornaram o passado obsoleto, quase ininteligível. Essa situação atingiu também a relação identitária com o passado, pois este teria se tornado "terra estrangeira". Entender a nação que surge como um abrangente conceito exige outro tipo de olhar, com tratamento mais sistemático e hierárquico, por, como diz Pierre Nora, ser um desafio de análise. Ao estudar o caso francês a partir da ideia dos lugares de memória[82], o autor aponta que o recorte cronológico de dez séculos corresponde a uma ideia de nação que se desenvolve desde o governo de Hugo Capeto (941-996)[83]. Isso se dá porque ela é uma representação em si. Não é um regime, nem uma política ou doutrina, e, além disso, não se

[80] BUENO, *op. cit.,* p. 22.

[81] O século XIX é chamado do "século da História" pela sua evidência absoluta acima das outras ciências humanas. Por exemplo, figuras notórias da época, políticos, cientistas, juristas eram historiadores e buscavam na História aprofundamento epistemológico. Nomes como François Guizot (1787-1874), Camillo Paolo Filippo Giulio Benso, Conde de Cavour (1810-1861), Alexis de Tocqueville (1805-1859), Benedetto Croce (1866-1952), Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894), Georg Gottfried Gervinus (1805-1871), fizeram parte dessa tradição. Foi a época do predomínio era da crônica dos acontecimentos e o real estava intimamente ligado ao discurso do historiador, remetido como imparcial, pois tudo o que este produzia era tomado como verdade, com a supressão de qualquer relativismo sobre o tempo, o espaço e o próprio historiador. O seu papel era o da organização e curadoria da disciplina, já que o passado sofreu um ultimato dirigido pelo futuro.

[82] O conceito de memória coletiva desenvolvido por Maurice Halbwachs nas décadas de 1920 e 1930 é retomado e reinterpretado por Pierre Nora quando publica sua célebre obra *Les lieux de mémoire*. A memória da população (coletiva) seria definida e enfatizada por locais materiais ou imateriais, chamados "lugares da memória", que seriam a união de monumentos, aparatos arquitetônicos, a própria bandeira etc., como a "memória oficial", adicionada das tradições orais, pensamentos, lembranças familiares. A partir do sentido de lugares simbólicos da nação francesa, ele discorreu sobre a recuperação de conteúdos do passado como instrumentos catalisadores da memória coletiva. *Les Lieux de mémoire*, sua obra célebre, foi publicada em três tomos: 1. *La République*, com um volume, de 1984; 2. *La Nation*, com três volumes, em 1987; e 3. *Les France*, também com três volumes, em 1992. O título deixa claro o papel do lugar da memória na construção da história, mas, sobretudo, o sentido de lugar na temporalidade. Além disso, essa obra trouxe outro debate: o regime de historicidade, o nosso papel, como historiadores, na construção historiográfica. Portanto, mantendo a analogia com o título, François Hartog diz: "*Les lieux de mémoire* pretendem-se uma história do presente, no presente, integrando o fato de que o presente 'tornou-se a categoria de nossa compreensão sobre nós mesmos. (...) Resulta disso que o historiador não pode mais ser o responsável pela passagem entre o passado e o futuro, pontífice à moda de Monod ou profeta à Michelet, que no passado, lia o futuro já ocorrido ou a ocorrer e o proclamava. Pode, menos ainda, permanecer, à Fustel, no 'esquecimento' do presente ou, particularmente, na sua contestação". HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, pp. 185-186.

[83] Primeiro rei da Dinastia Capeto, no século X, que sucedeu a Dinastia Carolíngia.

restringe à cultura. É o quadro de todas essas expressões, forma imutável e mutante da comunidade social, e não para de evoluir ao longo do tempo, passível de todas as encarnações imagináveis. É fluida nos limites da sua soberania, diversa de acordo com os governos que a assume, assim como nas leis e costumes, nas legitimidades reivindicadas e nos sentimentos inspirados. Ou seja, a nação também obedece à historicidade e ao contexto.[84] Estudá-la, portanto, é equipar o historiador da sua memória, na história da sua representação, feita a partir de todas as características que formam aquele espaço[85]. O museu é, por natureza, um construtor de lugares de memória que endossam o discurso identitário, sendo lido, sobretudo, como um espaço de confirmação da ideia do nacional.

Um dos principais museus enciclopédicos da Europa, o *Louvre* foi criado em 1793 sob ordem monárquica, sendo que o edifício começou ser feito no século XII com a ordem do rei Felipe II (1165-1223).[86] Com o tempo, a coroa adquiriu e foi presenteada com obras de arte de vários períodos, sobretudo da Renascença, iniciando o seu catálogo com peças de Leonardo da Vinci e Rafael, por exemplo. Os pedidos para exposições do acervo eram frequentes, mas o *Louvre* só se tornou o museu que conhecemos após a Revolução de 1789, como parte de um dos projetos políticos dos revolucionários. A amostra dos tesouros da monarquia os deixou mais acessíveis aos cidadãos, em uma das formas de modernização estatal impostas pelos revolucionários[87]. No século XIX, contudo, ganhou contornos de "armazém do imperialismo", com o armazenamento dos espólios coloniais das campanhas francesas, ao lado de outros exemplos europeus. Nos Estados Unidos, por sua vez, os primeiros acervos se relacionavam com a história da colonização, criando, com os pertences dos nativo-americanos, uma narrativa de vitória e derrota que destacava posições de poder. Portanto, como aponta Bueno, os países ocidentais "(...) used the artifacts to fashion their national and imperial identities, and grasp, their 'power to possess and dispossess'"[88].

Outro exemplo importante desse tipo de instituição é o *British Museum*, considerado o primeiro museu nacional europeu, inaugurado em 1753, mas que só conquistou a grandiosidade em tamanho e importância após 1875. A urgência por organizações do tipo na Inglaterra está intimamente ligada ao período vitoriano e à obsessão da família real, sobretudo

---

[84] NORA, Pierre. **Les Lieux de memoire**. v. 02 "La nation". Paris: Gallimard, 1997, pp. 570-572
[85] *Idem*, p.572.
[86] A intenção era transformá-lo em uma fortaleza para proteger a cidade de Paris que estava em constante ameaça por parte dos ingleses. O rei partiria para a Terra Santa em uma Cruzada e decidiu guardar melhor a capital. Apesar disso, o edifício não se tornou palácio real até o século XVI. Após a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), François I (1494-1547) resolveu se estabelecer definitivamente em Paris.
[87] BUENO, *op. cit.*, p. 22.
[88] *Idem*.

do Príncipe Albert, pela coleta de objetos e pelas pesquisas tecnológicas.[89] No século XVIII, foi fundado a partir de uma ordem parlamentar e tinha finalidade notadamente pública, ainda que os principais usuários fossem estudiosos e artistas que tinham mais acesso a esse tipo de entretenimento. Formado com a ajuda de comerciantes e sequestradores de relíquias que tiveram apoio do Império, "A fundação dos museus nacionais (...) converte, em seguida, o direito de entrar no museu em um direito do cidadão e, ao mesmo tempo, em uma necessidade para a identidade e para a reprodução da nova comunidade imaginária."[90]

O *Louvre*, no entanto, é emblemático para a disseminação da cultura pré-colombiana pela Europa, já que acumulou uma vasta coleção de objetos sobre os mesoamericanos a partir de 1850, expostas no pavilhão que recebeu o nome de *Musée Mexicain* e que cresceu com a dominação de Maximiliano I. As escavações dos que ficaram conhecidos como sítios arqueológicos se conectavam ao contexto de comércio internacional de objetos que ocorria, em várias gradações, desde o início do período colonial. O desenvolvimento de uma tradição arqueológica mexicana significava que deveriam reivindicar a própria forma de se fazer ciência como propriedade intelectual e apresentá-la ao mercado internacional como produto do seu esforço e *expertise*. Só assim o país conseguiria o respeito necessário para participar da comunidade científica internacional, isto é, ocidental, como um igual.[91]

Vale ressaltar que a presença francesa, e de outros países, na captura de peças mesoamericanas nessa época foi um projeto patrocinado pelo Estado mexicano. Protegidos pelo Exército, a *Comisión Cientifica*, que atuou entre 1864-1867, e exploradores particulares procuravam antiguidades por todo o país e passaram a documentar a topografia e a geografia, a mapear os locais visitados e a classificar as ruínas[92]. Estas, segundo Andreas Huyssen, possuem diversos sentidos ao longo do tempo e passaram a ocupar um espaço cada vez maior no imaginário ocidental. Nostalgia[93] e melancolia se tornaram próximas na modernidade devido à irreversibilidade do tempo com a reinterpretação do passado[94]. Para o autor,

---

[89] Sobre a formação e desenvolvimento do British Museum: WILSON, David McKenzie. **The British Museum: purpose and politics**. Londres: British Museum Publications, 1989; MOSER, Stephanie. **Wondrous Curiosities: Ancient Egypt at the British Museum**. Chicago: Chicago University Press, 2006; DELBOURGO, James. **Collecting the World: Hans Sloane and the Origins of the British Museum**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2017; YASAITIS, Kelly Elizabeth. Collecting culture and the British Museum. **Curator: The Museum Journal**, v. 49, n. 4, 2006, p. 449-462.
[90] POULOT, Dominique. **Museu e Museologia.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. [Kindle]. pp. 819-822.
[91] GARRIGAN, *op. cit.*, p.712.
[92] BUENO, *op. cit.*, pp.24-25.
[93] *Nostos* – casa, *algos* – dor, a nostalgia é definida no dicionário como "saudade de casa" ou "sentir falta de algo do passado". HUYSSEN, Andreas. "Nostalgia for Ruins". **Grey Room,** n. 23, 2006., p. 7.
[94] *Idem*.

> (...) the imaginary of ruins that developed in the eighteenth century's *querelle des anciens et des modernes* and was carried forth in romanticism and privileged in the nineteenth-century search for national origins only to end up in the ruin tourism of the present.[95]

Desde o século XVII, na Europa, com o surgimento de um novo senso de temporalidade caracterizado pelas assimetrias entre passado, presente e futuro, a nostalgia tomou corpo com o seu sentido de saudade de um passado longínquo, tornando-se uma doença moderna[96]. Os museus estão no fogo cruzado dessa inquietação da memória, pois são lugares que ganham centralidades simbólicas, além de abrigarem a emergência da História.[97]. Foi no século XIX que essas instituições de História ganharam notoriedade, como os salões de Napoleão, ocupados por objetos das culturas egípcia e do norte da África, ou o museu de *Versailles*, representando a Revolução. Esses exemplos estão dentre os dedicados aos anais franceses e aos "grandes homens" do seu tempo, seja no presente ou no passado. Além disso, eram laboratórios de ciências – Arqueologia, História, Paleografia, Etnografia – representando um ser coletivo e uma identidade mantida através dos tempos[98].

Entre 1774 e 1775, o país europeu iniciou uma nova política, visando a posteridade: uma série com intenção patriótica, com pinturas e estátuas representando as facetas e os feitos dos principais personagens da história francesa. Essa medida obedecia à retórica do "momento significativo": cada obra de arte ilustrava uma atitude moral e historicamente relevante do personagem. Essa política do imaginário nacional se insere em um debate sobre o reconhecimento de determinados valores e sobre o encontro de eventuais modelos patrióticos.[99] O México se tornou, para a França, um projeto colonial civilizatório, procurando ordenar e reconstruir o seu passado, o que refletiria, de certo modo, no presente: "The result was an archaeological conquest: the antiquities that were shipped back to the Louvre delighted observers, drawing crowds so large they supposedly 'fought to get in'"[100]. No final do século XIX, as antiguidades mesoamericanas despertavam mais interesse do que as orientais, que haviam perdido o brilho devido à assimilação cultural europeia. Adicione a isso o desenvolvimento de uma classificação da arte africana ou oceânica como selvagem, o que contribuía para um novo olhar direcionado à América, que sofria seu segundo descobrimento. O avanço que possuíam as sociedades pré-hispânicas em seus tempos, tanto nos aspectos

---

[95] HUYSSEN, *op. cit.,* 2006, pp. 8-9. Grifo do texto.
[96] *Ibidem*. p. 7.
[97] MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico". **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.2., 1994., p.39.
[98] POULOT, *op. cit.,* 2007, pp. 296-297.
[99] *Idem*, p. 297.
[100] BUENO, *op. cit.,* pp.24-25.

materiais quanto sociais e políticos, embasbacava os europeus desde a conquista, e ganharam força narrativa neste momento.[101]

Para a intelectualidade mexicana, mesmo após a intervenção de Maximiliano I, a França ainda era o exemplo cultural a ser seguido em várias vias. A evolução da cidade de Paris, em termos estruturais e estéticos contribuiu para o seu *status* internacionalmente. As construções e as reformas urbanas, as Exposições Universais, a moda, a fotografia, a literatura foram fontes da imitação da ideia de progresso. O país e a sua capital eram sinônimos de modernidade na ciência e nos costumes, desde o final do século XVIII, quando inspiravam, também, transformações políticas. O próprio conceito de América Latina foi criado e difundido por intelectuais latino-americanos exilados e se baseava na ideia de latinidade que havia sido iluminada pelos franceses. Contudo, uma das prerrogativas imbuídas era a necessidade de reconhecimento, por parte dos outros países, da cultura mexicana.[102]

As mudanças associadas ao colonialismo se tornaram um problema. As novas formas de cultura observadas através dos objetos, monumentos e edifícios antigos trouxeram outro tipo de compreensão do mundo, ou seja, o ato de coletar era uma maneira de exercer poder. O controle era praticado na museologia com a exposição dos objetos, que reforçavam ideais imperialistas, como a hierarquia social apoiada no Darwinismo social. A coleta de artefatos ajudou a desenvolver a ideia de civilização primitiva e selvagem em contraposição aos evoluídos do presente, que ainda assim não eram todos. Uma coleção formada por particulares ou pelos museus visava produzir uma representação coerente do universo, um mundo definido em si, organizado a partir do ponto de vista do colonizador. Segundo Bueno, a questão do acúmulo era fundamental, pois consolidava a sensação de dominação em relação ao outro, já que se referia às leis da propriedade[103].

A cultura mesoamericana, heterogênea em seu cerne, ganhou a missão de ser aglutinadora nacional, um processo que possui rimas na História, como a construção da de Roma como representante da Antiguidade. A ideia de nação como base conceitual dará sentido à emergência dos museus públicos do século XIX, período em que a concepção romântica olhava ao passado para que o homem encontrasse a sua identificação. Portanto, de acordo com Dominique Poulot, ao discutirmos os museus nacionais, estamos falando de nós mesmos, de

---

[101] BUENO, *op. cit*, p.25.
[102] AILLÓN SORIA, Esther. "La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto *L'Amérique Latine*, 1860-1930". GRANADOS GARCÍA, Aimer; MARICHAL, Carlos (org.). **Construcción de las identidades latinoamericanas. Ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX.** México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2004, pp.71-72.
[103] *Idem*, p. 519.

como a nação sobrevive ao longo do tempo e, dessa forma, como essas instituições se modificam[104]. Para Bueno, por sua vez, os museus eram vistos como indicadores do progresso nacional, já que eram centros de produção de ciência, ou seja, mediam o nível civilizatório da população. Eram o espelho da nação refletindo o quanto esta era cientificamente desenvolvida, além de aumentarem o capital cultural do país, "mostrando" à população a narrativa da sua própria origem[105].

O pensamento científico, como visto, também cresceu nas colônias e isso se refletiu na quantidade de colecionadores e coleções que surgiram entre os séculos XVIII e XIX. Elas eram a base do conhecimento e do reconhecimento da Terra e sobre a própria Terra. No caso mexicano, porém, se levarmos em consideração que o discurso histórico era representado pelos exemplares arqueológicos, e que, até 1827, estes deveriam ser enviados para a Europa, onde recebiam o "rótulo" de valiosos ou não, chegamos à conclusão da falta de autonomia. Assim, o que deveria ser exposto, o que era entendido como parte do passado colonial era definido pelos próprios colonizadores. Essa relação mudou com a independência e a necessidade urgente de se criar uma voz própria, como explica Rico Mansard:

> La necesidad del nuevo Estado de afianzarse como nación independiente, en un sentido histórico, político, económico y social, lo llevó a conservar algunas instituciones establecidas durante el régimen colonial, pero también a crear otras. (...) para los objetos relacionados con la historia de México, especialmente los prehispánicos, creó un espacio especial, un museo con carácter '*nacional*', en el que los visitantes podían encontrar elementos de identidad cultural comunes a todos los mexicanos, así como apreciar la grandeza de las culturas anteriores a la llegada dos españoles.[106]

A consciência histórica surgida com a Ilustração e consolidada no século XIX desvelaram a História, que passou a ter o poder em si. Ela se torna moralizante e poderosa politicamente, sendo uma grande aliada dos projetos nacionais. Tratava-se de uma História asséptica, que era entendida como imune aos arranhões do presente, com a maiúscula que indicava a sua grandeza perante o homem, mas atribuída por ele. A construção da nação, no âmbito institucional, ocorre por diversas vias e surge para mediar uma questão difícil: a heterogeneidade cultural existente dentro da nova fronteira geográfica. Fronteira essa que, no México, foi modificada sensivelmente até a década de 1850. Construir o que significava ser o cidadão inserido naquela jurisdição federal era, de alguma maneira, ordenar um país instável em diversos níveis. Estabelecia, portanto, uma identidade cognoscível para todos, alinhando o que era visto como fora do eixo e a História, e sua imparcialidade, conduziriam esse processo.

---

[104] POULOT, *op. cit.,* (2007), p. 299.
[105] BUENO, *op. cit.,* p. 26.
[106] RICO MANSARD, *op. cit.,* p.68. Grifo nosso.

Durante esse período relação entre passado e presente se tornava cada vez mais complexa, devido à própria heterogeneidade cultural e identitária existente no país. As diferentes memórias, "Como eran afirmaciones de identidad de grupos contradictorios y desiguales, lo más probable es que fueran memorias urgidas por reivindicar orígenes y valores propios, contrapuestos a los que enarbolaban otros grupos."[107]. Contudo, é preciso apontar que a tentativa de homogeneização não era exclusividade do século XIX. No período pré-hispânico, por exemplo, havia presença de memórias locais e étnicas que resistiram ao domínio de grupos indígenas, como o na época clássica dos impérios e isso é visível nos códices que exaltavam a linhagem familiar e competiam com outras para impor seus próprios relatos de identidades. Os mexicas, quando chegaram ao vale do México, descobriram que a memória tolteca prevalecia, oriunda de anos de dominação e exaltação da cultura de Teotihuacán. Portanto, aqueles minaram os testemunhos que exaltavam o passado tolteca e começaram a criar um digno da nação, embate esse que se manteve contínuo mesmo com a conquista e a colonização europeias.[108]

As disputas identitárias nunca morrem, pois os grupos que nascem, hegemônicos ou não, se esforçam para fazerem valer suas ideias e valores, e reivindicam partes do passado de seus descendentes ao mesmo tempo em que rechaçam porções consideráveis desse legado.[109] As relações distintas com o passado significaram interpretações específicas de si, criando diferentes imagens próprias em comparação com as formadas por outros setores sociais[110]. Portanto, são as questões direcionadas a ele que fundarão uma nova tradição e trazê-lo à tona significaria aflorar no presente a escolha que auxilia na projeção futura.

1.2 O México e o início do seu *Museo Nacional*

Museo, no dicionário de língua castelhana, em 1822, era definido como:

> *s.m*. Edificio ó lugar destinado para el estudio de las ciencias, letras humanas y artes liberales (...). Lugar en que se guardan varias curiosidades pertenecientes á las

[107] FLORESCANO, E. **Memoria Mexicana: ensayos sobre la reconstrucción del pasado**. México: FCE, 2002, p.531.
[108] *Idem,* pp.531-532.
[109] FLORESCANO, *op. cit.,* 2002, pp. 532-533.
[110] Ao abordar a memória mexicana, Florescano destaca que mesmo no século XX, a historiografia mexicana estaria centrada em narrar os feitos dos vencedores das lutas políticas dos séculos XIX e do próprio. Seria o silenciamento e diminuição da memória de grupos abrangentes em seus períodos, como os negros no século XVII, que, no México, eram a segunda maior população, perdendo apenas para os indígenas. Outro exemplo é a relação pioneira da Nova Espanha e as Filipinas a partir do século XVII, sendo a primeira a realizar tal feito. Esse tipo de informação é pouco trabalhada na escrita da história mexicana, pois a maioria dos temas circunscreviam o comércio e influências artísticas que eram absorvidas na colônia, majoritariamente de base europeia. *Idem*, pp. 533-534.

> ciencias, como algunos artificios matemáticos, pinturas extraordinarias, medallas antiguas &c.[111]

Ciência e curiosidade parecem ser diametralmente opostas. Se uma é baseada em método e hipótese, a outra é vista como um desejo, direcionado ou não ao conhecimento. Como aponta Morales Moreno, o museu é uma referência tanto na representação – a *épica* histórica – quanto como fonte de informação do cenário científico. O museu constrói um espaço narrado no campo da visualidade, o distinguindo no processo da escrita da História, isto é, a operação historiográfica do museu institucionaliza o discurso histórico e dá nova vida ao que aconteceu. O autor continua: "A diferencia de la historiografía, el museo histórico se convierte en discurso *dispuesto/cosa expuesta.*"[112]Cria-se a sensação de vivência histórica, por experienciarem uma reprodução feita em espaço controlado, ao mesmo tempo em que esse exposição se torna evidência empírica do passado. No *Museo Nacional de México,* foram apresentadas peças das civilizações mesoamericanas como parte da objetividade científica que respondia os questionamentos ontológicos sobre a origem comum do povo mexicano.

O *Museo Nacional de México* foi criado a partir de um decreto emitido em 18 de março de 1825, expedido pelo presidente Guadalupe Victoria[113] (1786-1843). Coordenado por Lucas Alamán (1792-1853)[114], então Ministro das Relações Exteriores, a intenção era aglutinar as antiguidades mexicanas em um local, para que fossem estudadas e se tornassem públicas. Todo o acervo governamental deveria ser destinado à *Real y Pontificia Universidad de México* e Alamán definiu com o reitor as salas que seriam ocupadas e como remanejariam as peças que já estavam ali.

Apesar dos esforços e regulamentações, o museu só ganhou importância, de fato, após o decreto de 21 de novembro de 1831, assinado por Anastacio Bustamante[115] (1780-1853), quando os bens encontrados ou comprados foram, automaticamente, considerados patrimônio

---

[111] **Diccionario de la lengua castellana por la Academia Española.** 6ª edição. Madri: Imprenta Nacional, 1822, p. 554.

[112] MORALES MORENO, Luis Gerardo. Límites narrativos de los museos de historia. **Alteridades**, v. 19, n. 37, 2009, p.44.

[113] José Miguel Ramón Adaucto Fernández y Félix foi presidente da República Federal Mexicana de 1824-1829. Guadalupe Victoria foi uma homenagem à Nossa Senhora de Guadalupe e a vitória dos movimentos de independência.

[114] Lucas Ignacio José Joaquin Pedro de Alcántara Juan Bautista Francisco de Paula Alamán y Escalada foi um político e historiador mexicano que ocupou diversos cargos em governos da Primeira República. Na outorga do decreto era ministro das *Relaciones Interiores y Exteriores.* Cargo que teve um papel fundamental nas negociações para a repatriação de peças pré-colombianas que estavam no exterior. Alamán acreditava que o país ganharia raízes a partir do processo de instrução pública, tema abordado por ele em todas as oportunidades possíveis, sobretudo nas reuniões no Congresso e em suas obras.

[115] Trinidad Anastacio de Sales Ruiz Bustamante y Oseguera governou o país em três oportunidades: de 1830-1832 como parte de uma Junta Provisória; em 1837-1839 e em 1839-1841.

cultural do Estado[116]. Mesmo assim, não recebeu uma sede própria, sinal tanto das dificuldades políticas da época quanto da falta de organização. A simbologia que nascia com ele, porém, foi fundamental para o estabelecimento de uma narrativa mexicana nacional constitucionalizada.[117] O surgimento da instituição se confunde com o processo de solidificação da lógica independentista por meio do nacionalismo cultural.[118]

A origem do *Museo* é costumeiramente relacionada às expedições científicas que aconteciam no país desde a de 1779, como o *Real Seminario de Minería,* passando pela de 1787, com o *Real Jardín Botánico*, até a de 1790 com o *Gabinete de Historia Natural de la Ciudad de México*, além da *Real y Pontificia Universidad de México*. Além disso, o rei Carlos IV (1748-1819) autorizou a criação do *Museo de Historia Natural* na Cidade do México em 25 de agosto de 1790, localizado na *calle Plateros*. A instituição não se diferenciava de outras do tipo, cujo destaque era para Botânica, Química, Física, Anatomia, Mineralogia e Matemática; além de adquirirem equipamentos para análises das peças e para experimentos científicos. Na parte museológica, as sinalizações eram genéricas, indicando algumas informações pertinentes acerca do objeto exposto[119]. Com a deterioração do museu, as coleções, que eram pequenas, foram transferidas para o Colégio de *San Idelfonso*, onde ficavam à mostra no horário comercial. Esse acervo, logo depois, foi levado para a Universidade; no entanto, as viagens não cessaram. Em 1822, chegou no *Conservatorio de Antigüedades* do Gabinete de História Natural, onde ficou até a formação do *Museo Nacional* três anos depois. Ou seja, houve um longo esforço para a manutenção das peças para que não se deteriorassem, o que demonstra o interesse nas mesmas.[120]

Em 1790, também surgiu a *Junta de Antiguedades Mexicanas*[121], viagens exploratórias patrocinadas com o objetivo de coletar vários objetos, que eram enviados para a capital. Aprovada pelo Ministério das Relações Exteriores, ficou à cargo de Ignacio Cubas transformar em museu o acervo que era composto pelas antiguidades e pela coleção de Lorenzo

---

[116] Vale destacar que a abertura de museus nacionais ocorreu em vários países da América Latina, como o Brasil em 1818, o Chile em 1822, a Argentina e Colômbia em 1823, a Bolívia em 1838.

[117] "In this sense, a museum is a constitutional institution: if the paper constitution bears the burden of defining a nation's legal framework, the objects of a national museum bear the burden of constituting a nation's cultural framework." ACHIM, Miruna. "The National Museum of Mexico: 1825-1867". **Museum History Journal**. Vol. 9, n.1, 2016, p.13.

[118] MORALES MORENO, Luis Gerardo. **Orígenes de la museología mexicana: Fuentes para el estudio histórico del Museo Nacional, 1780-1940**. México: Universidad Iberoamericana, 1994, p.24.

[119] RICO MANSARD, *op. cit.,* p.90.

[120] *Idem,* p. 91.

[121] Uma comissão criada para a busca de relíquias do passado mexicano que faziam parte de expedições exploratórias sobre a natureza dos locais, como *Real Expedición Botánica a la Nueva España* e a *Real Expedición Anticuaria a la Nueva España.*

Boturini (1698-1755). As pesquisas científicas sobre peças do tipo começaram a ter mais importância a partir da intervenção de Lucas Alamán, que reivindicava um local mais apropriado para a exposição e conservação das relíquias mexicanas. Desde 1827[122], uma série de decretos foram expedidos proibindo a saída desses objetos do país, sendo essa a primeira tentativa de proteger o passado da coleta predadora promovida pelos estrangeiros, muitos sob proteção do Estado.[123]

Em 24 de novembro de 1833, foi publicado o primeiro *Reglamento del Museo Nacional*, que especificava as suas funções e os objetos a serem exibidos. A instituição comportaria monumentos e antiguidades mexicanas e de outros povos. Exporia medalhas, documentos, peças relacionadas às memórias de notáveis, obras de arte, invenções e coleções de História Natural, seguindo a tendência ditada pelos museus europeus[124]. Os intelectuais tinham importante papel nesse processo ao estudarem as vanguardas artísticas e científicas ocidentais, ao mesmo tempo em que procuraram determinar mitos, símbolos e conceitos no próprio país. As relíquias mexicanas, por exemplo, até a regulamentação jurídica aprovada pelo governo, tinham o destino definido pelos exploradores que as encontravam. A Europa e os Estados Unidos, sobretudo a primeira, já tinham estabelecido a tradição de coletar artefatos ao longo do globo por diversos motivos, seja o consumo, a curiosidade, ou mesmo a vontade de expor fragmentos e provas daquela narrativa histórica vigente no momento, que era a da universalidade. A criação de um elo entre as sociedades, com a hierarquização imposta pelo progresso, alimentava esse mercado de relíquias capturadas em diversas partes da América, África e Ásia. Dessa forma, segundo Bueno, "Collecting not only intensified, but also changed in significant ways. What had once been a practice dominated by private exhibits – rooms full of rocks and paintings – gave way to the modern, public museum."[125] Demonstra-se, assim, o caráter cosmopolita dos museus oitocentistas, que reuniam peças coletadas pelo Atlântico, Mediterrâneo e Pacífico.

---

[122] Apesar da proteção legal aos bens materiais, o patrimônio natural não adquirira o mesmo direito, ocasionando debates similares sobre o tema. Em 1868, por exemplo, foi criada a Sociedade Mexicana de História Natural, mudando o panorama sobre os estudos naturais no México, culminando, no final do século XIX e início do XX, com o fim do Museu Nacional.

[123] MORALES MORENO, *op. cit.*, (1994), pp. 36-37.

[124] VEGA y ORTEGA, Rodrigo. **La naturaliza mexicana en el Museo Nacional, 1825-1852.** México: Historiadores de las Ciencias y las Humanidades, A. C., 2014. p. 21.

[125] BUENO, Christina. **The Pursuit of Ruins: archaeology, history and the making of Modern Mexico**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016 [edição eletrônica – Kindle], p. 21.

De 1825 em diante, o *Museo Nacional* se tornou o local de referência para os estudos sobre o passado, mas não possuía um planejamento museológico sólido[126] desde a sua origem e sofreu com problemas orçamentários, conflitos políticos, desinteresse do público e pouca prioridade da administração. Um punhado de objetos não faz um museu, e, mesmo no século XIX, quando o acúmulo era sinônimo de grandeza, deveria existir um sentido na coleção. E neste caso, não havia um projeto de Estado bem estabelecido sobre como as peças seriam adquiridas, onde seriam expostas, como deveriam conservá-las e, principalmente, o que deveria ser coletado. Garrigan demonstram que as coleções mexicanas apresentavam um significado social, já que muitos objetos incorporaram um senso de herança. Isto é,

> While failing to coincide with the disparate origins of its individual objects, the collection resurrects the series of beginnings that it has missed ans strategically reframes them into a shared point of view that asks to be regarded as objective and historical rather than subjective and aesthetic.[127]

Boa parte das peças do museu provinha de expedições e viagens de exploração apoiadas pelo governo, de requisições diplomáticas na tentativa de repatriar as peças que estavam no exterior e, majoritariamente, de doações feitas por particulares[128]. A coleção tinha a projeção da perspectiva futura, por meio da reformulação do passado, transformando a narrativa da história do México e não houve uma ruptura clara na sua metodologia após a independência. Os primeiros colecionadores que trabalharam com a instituição, e os que foram contratados posteriormente, vinham da tradição colonial de base europeia. Por exemplo, a narrativa histórica que deveria ser contada através da exposição permanente ditou as escolhas das peças. Outro ponto é o processo de triagem e curadoria, que atribuía o valor à peça, mesmo que já tivesse uma memória atrelada. Como um ídolo que no passado possuía significado

---

[126] Existe um debate recente acerca do papel do Museu Nacional como instituição científica nas suas primeiras décadas de funcionamento. O lado mais abundante da historiografia, encabeçado por Sonia Lombardo Ruiz, Luis Gerardo Morales Moreno, Ignacio Bernal e Luisa Fernanda Rico aponta que foi a partir de 1867 que se consolidou como centro de pesquisa e de ensino, apesar de serem prerrogativas estabelecidas desde o *Reglamento*. O período entre 1825 e 1867 seria marcado pelo colecionismo desordenado, pela falta de planejamento e de uma curadoria bem definida, o que refletia no pequeno número de peças que possuía e nas baixas visitações. Rodrigo Vega y Ortega, por sua vez, encabeça uma nova vertente que pretende exaltar o início da instituição. Defende que as atividades museísticas não dependiam apenas do Estado e dos intelectuais, pois a criação de um acervo também pressupõe a valorização do objeto, que não é definida apenas por parâmetros acadêmicos. Assim, ignoravam a própria formação de um acervo (coletar, catalogar e ordenar o objeto) como parte da investigação científica. Além disso, uma instituição de pesquisa pode ser resultado de uma coletividade de profissionais que surgem ao longo do seu processo de formação, como ocorreu com o Museu Nacional, que já seria científico desde 1825, haja vista a importância da coleção, que começara com a *Pedra do Sol, o Coatlicue, o Tizoc*. VEGA y ORTEGA, Rodrigo. ***op. cit.*** pp. 27-28.

[127] GARRIGAN, *op. cit.*, p.139.

[128] RICO MANSARD, *op. cit.*, pp.68-69.

religioso, mas que ganhara outro sentido ao ser recolhido e exposto em uma vitrine: torna-se monumento e/ou evidência, sendo glorioso ou não, fetichizado ou não.

Em 1826, o Ministro das Relações Exteriores, Sebastián Camacho (1791-1847), procurou os governadores e os líderes políticos provinciais pedindo informações sobre objetos que fossem de interesse do museu, ou seja, que pudessem integrar a narrativa de uma cultura unificada, porém, muitos não responderam. Uma exceção foi a Califórnia, que enviou algumas "curiosidades" sobre a região da costa mais ao norte do Pacífico. O silêncio aponta tanto aos problemas entre federalistas e centralistas quanto a dificuldade de se recuperar das guerras de independência. Além disso, os monumentos ganhavam cada vez mais valor de mercado, principalmente entre compradores internacionais. O museu não havia sido definido como um "Museu de História", o que significa que o espectro era amplo, assim como os questionamentos sobre ele. Observa-se, portanto, pouco direcionamento institucional para aquele primeiro olhar que guiaria o visitante, pois mesmo a existência de uma pequena curadoria não alterava o fato de que a entidade se tornara um gabinete de curiosidades.[129].

O crescimento do sentimento nacional, seja na Europa como na América, auxiliou no desenvolvimento dos museus de História. A memória possui um caráter fluido e mutável, em estado permanente de estruturação, feita no presente e essas instituições ajudam a sedimentar ideias sobre a própria identidade. Para Meneses,

> (...) a memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a ideia de construção no passado, seja a de uma função de almoxarifado desse passado. A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.[130]

Somente a História e a consciência histórica podem introduzir a necessária descontinuidade entre passado e presente: História, com efeito, é a ciência da diferença. Não basta calibrar a oposição de um "agora" contra um "antigamente"; é preciso identificar a substância passada do passado (aquilo que em inglês se diz "*pastness*"), sem prejuízo dos interesses e direitos do presente[131]. Em relação aos museus, o maior problema reside no papel do historiador em realizar o "(...) trabalho prévio de codificação desse simulacro de presente

[129] ACHIM, *op. cit.*, 2016, pp. 15-17.
[130] MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "A História, cativa da memória? – Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais". **Revista Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 34, 1992. pp. 10-11. Meneses, ao refletir acerca de uma memória devedora do presente, categoriza a diferença entre objeto antigo e objeto histórico. O objeto antigo, criado no passado, passa a ser significado e utilizado no agora, tornando-se um "objeto portador de sentido". É a sua transformação em objeto histórico ambígua por ter sua origem no tempo anterior e por ser reciclado no presente, que pode acentuar ou silenciar valores. E é a partir daí que discorre sobre a memória não conseguir contabilizar as variadas dimensões do passado.
[131] MENESES, *op. cit.*,1992, pp.11-12.

petrificado em memória – sem dúvida precioso, ao menos para o estudo do imaginário e das mentalidades"[132]. Portanto, sua função é analisar a narrativa desse presente apresentado no museu e, no nosso caso, como as publicações oriundas da instituição, baseadas profundamente na coleção de sua posse, colaboravam para a ideia de identidade nacional.

As primeiras décadas do museu, até o fim do Império, refletem o processo de escolha de qual caminho seguir em relação ao próprio passado. No período de Maximiliano, por exemplo, a atenção dada às coleções naturais e históricas aumentou após uma década de ostracismo. O francês reforçou o interesse na investigação científica e criou, em seis de julho de 1866, o *Museo Público de Historia Natural, Arqueología e Historia*, um estabelecimento análogo ao Museu Nacional, que o substituiu em importância e foco governamental, introduzindo uma nova forma de organização. Dentre as coleções, a de História Natural era a mais completa, sobretudo por ser uma das mais antigas[133]. Com a queda do regime, os documentos e coleções particulares foram transferidos da residência do imperador para outro local onde seriam analisados e estudados. A instituição criada em seu mandato foi encerrada e voltou o *Museo Nacional de México*, que se movimentou em relação ao acervo, buscando novas peças e, sobretudo, uma direção mais engajada, dedicada ao seu desenvolvimento.

Francisco del Paso y Troncoso (1842-1916),[134] por exemplo, diretor a partir de 1889, foi enviado à Europa em 1892 para resgatar e transcrever documentos expropriados, como o Códice Florentino. Estratégias específicas foram postas em prática com a equipe de instrução pública, na tentativa de nacionalizar a arqueologia mexicana e seu patrimônio.[135] Da ascensão liberal ao poder às celebrações do centenário da independência em 1910, a instituição foi constantemente um dos principais exemplos da autonomia política que o país mostrava nas exposições nacionais e universais[136].

---

[132] MENESES, *op. cit.*,1992, p.13.
[133] RICO MANSARD, *op. cit.*, p.96.
[134] Francisco del Paso y Troncoso foi um erudito mexicano, médico de profissão, que exerceu diversos papeis ao longo da carreira, como o de arqueólogo e historiador. Notório conhecedor da língua *nahuatl*, ministrou classes na *Escuela Preparatoria*, além de ter criado, em 1890, a *Comisión Científica de Cempoala* quando foi diretor do *Museo Nacional.* Publicou diversas obras como autor e editor, tanto pelos *Anales* quanto por via independente, documentos como as crônicas de Bernardo de Lizana (1892); Bernardino de Sahagún (1906-1907); o *Codice Mendocino* (1925); e comentários no *Codice Borbónico* (1905).
[135] GARRIGAN, *op. cit*, p.692.
[136] *Idem*, p. 828.

1.3 *O Museo Nacional* após a década de 1850

A estabilização política pós-1867 auxiliou na consolidação do patrimônio nacional, mas outros fatores entraram na equação. A partir de 1852, o *Museo* começou sua caminhada em direção à autonomia em relação a outras organizações que o englobavam, como o *Colegio de Minería* e o Jardim Botânico. Ocorreu, nessa época, uma maior atividade por parte da administração, que passou a discutir com seriedade a mudança de sede para um local mais apropriado e o investimento em novos exemplares de peças para a exposição e de livros para a Biblioteca. Essas transformações também refletem a narrativa histórica que defendiam naquela época. No caso mexicano, foi criada uma imagem de integração, de um país apoiado no passado antigo e glorioso, que justificava o presente próspero e a projeção de um futuro grandioso. O centro dessa convicção era o Estado-nação e tinha como base o patriotismo, a defesa da integridade nacional, o culto aos princípios da República e aos heróis fundadores. É a nova forma de se fazer História, cívica e laica, sempre buscando o fortalecimento da unidade, o que significa segregar uma considerável parcela da sociedade. Nem todos eram abraçados por essa ideia, sobretudo os povos indígenas, considerados um dos principais fardos que atrasava a evolução mexicana. Liberais, conservadores e moderados tinham o mesmo ponto de vista nesse caso, o que motivava o nascimento de uma consciência social diferente.[137]

Um expoente desse momento de mudança foi José Fernando Ramírez (1804-1871)[138], que assumiu a diretoria do museu em 1852. Em suas cartas trocadas com o embaixador mexicano na França, Franciso Serapio Mora (1801-1880), discutiam novas propostas e projetos a serem realizados que tinham uma escala muito maior se comparados com o que foi feito até ali. Em 26 de agosto de 1852, Mora, entre outros assuntos, retornou um pedido feito pelo diretor:

> (...) escribí á respeto à las múmias egipcías, habiendo regresado á París el Conde Nieuwerkerke, Director de los museos, le hablé de ese asunto (...) aceptando mi proposición de cambiar algunas de las múmias que existen en este museo por antigüedades mexicanas.[139]

---

[137] FLORESCANO, E. **Memória Mexicana: ensayos sobre la reconstrucción del pasado**. México: FCE, 2002., pp. 544-546.

[138] Nasceu em Parral, Chihuahua e faleceu em Bonn, na Alemanha. Foi um conhecido jurista, historiador, deputado, senador, periodista e entusiasta pela história mexicana. Ocupou o cargo de Ministro de Relações Exteriores entre 1851-1852 e 1865, durante o Império, o que lhe rendeu certo ostracismo nos anos seguintes, e foi diretor do Museu Nacional em duas oportunidades, 1852-1854 e 1857-1864. Construiu uma biblioteca notável que auxiliou no desenvolvimento dos estudos históricos e arqueológicos. Publicou inúmeras obras e compilações documentais. Foi pioneiro nos estudos científicos sobre os objetos pré-colombianos encontrados tanto no museu quanto nas escavações que ocorriam pelo país.

[139] AMNA, Volume 1, 1852, f. 49.

Vemos, aqui, a tentativa de se criar uma parceria entre instituições para elaborarem exposições nos dois países com objetos que os interessavam, mas de formas diferentes. Para o México, o objetivo era colocar a instituição em um novo patamar de interesse público e provar sua capacidade de elaborar toda a estrutura física e burocrática necessárias para o translado de peças e sua segurança. Mora, na mesma carta, discute a dificuldade de encontrar os livros encomendados pelo *Museo*, que entregara uma lista e especificara o orçamento. Percebemos, então, que mesmo antes de 1867 o museu já trabalhava para se desenvolver, mesmo que com recursos limitados. Ainda durante o Império de Maximiliano, por exemplo, foi definida a mudança para a antiga *Casa de Moneda*, saindo da Universidade e ganhando mais espaço para estabelecer uma nova museografia. A mudança foi concretizada no governo Juárez, que aprovou algumas decisões importantes.

Desde o período de Ramírez na direção, que durou dois mandatos, finalizado em 1864, as discussões sobre o acervo do museu se tornaram frequentes entre os seus membros. Um deles era Andrés Oseguera, que escreveu, em 1852, uma breve análise documental designada a ele por Mora, que não pôde assumir a responsabilidade no momento. Seu trabalho foi examinar o primeiro volume da obra de Lord Kingsborough, chamado na carta de *códex mexicano*, alojado na Câmara dos Deputados, e conferir a importância da Biblioteca adquiri-lo ou não. As figuras, os hieróglifos, o sistema do calendário religioso foram as temáticas que mais se destacaram para o autor, que exaltou a documentação por três páginas.[140] O investimento na herança pré-colombiana tinha um apelo externo tão forte quanto interno, por sedimentar a importância do passado mexicano no contexto mundial. Dessa forma, esses intelectuais acreditavam pavimentar o terreno da modernização, partilhavam do mesmo presente que a Europa e, segundo as narrativas históricas, do mesmo grandioso passado. Os monumentos públicos que proliferaram nos países latino-americanos nesse período tinham a intenção de projetar os heróis que representassem a história nacional de uma forma que pudesse ser apreendida interna e externamente.

O museu se responsabilizava pela conservação e exposição do acervo, mas também era um centro de pesquisa e de ensino em várias áreas. Em História, a temática da pátria e da sociedade homogeneizada foram alicerces para a corroboração de um tipo de concepção de identidade nacional. Os intelectuais buscavam um fio condutor discursivo, e a revista, os museus, os monumentos auxiliaram nesse propósito, de unificar os passados distintos e afirmar uma coesão. Assim, a instituição foi parte fundamental de um programa educativo que deveria

[140] AMNA, Volume 1, 1852, f.57-58.

transmitir a ideia de nação "(...) definida por épocas históricas que se sucedían de modo evolutivo, y cohesionado por propósitos políticos comunes."[141]. São alguns elementos que caracterizam esse processo: a calendário cívico e os monumentos públicos; a celebração de datas fundadoras da República, da defesa do território nacional e dos que morreram pela pátria; as pinturas, as litografias, as gravuras, os mapas e as fotografias, pois se conectavam com os meios de comunicação da época e reproduziam as paisagens e rostos do país chamados de *mexicanos*[142].

O indígena, porém, não fazia parte dessa reestruturação nacional artística, com exceção daqueles que viveram no passado, os pré-colombianos. Luis Guilherme Kalil discute a origem do que significava ser indígena no México e percebe que a relação entre as comemorações e a História remetem a isso. Períodos de celebração são conhecidos pelo surgimento de revisionismos, novos olhares acerca do passado, com a descoberta ou não de documentos, mas com o presente influenciando na escrita historiográfica. Por muito tempo, o México era visto com a mesma grandeza das civilizações orientais, como Egito, China, Mesopotâmia, pois "(...) há a identificação de uma 'civilização original' que teria se desenvolvido na região, cujas características seriam determinantes não apenas para a história destas terras, mas também para a identidade nacional mexicana."[143]

A partir do governo Juárez, a instrução pública ganhou novos contornos, o que influenciou na reorganização das coleções. No dia 2 de dezembro de 1867, foi publicada no Diário Oficial a *Ley Orgánica de la Instrucción Pública en el Distrito Federal*. Era estabelecida, assim, a jurisprudência das diretrizes relacionadas à educação e à instrução no geral, inclusive no que correspondia à produção científica. Logo o Capítulo II, intitulado *De la instruccion secundaria*, afirma:

> 6. Para la instruccion secundaria se establecen en el Distrito federal las siguientes escuelas:
> De instruccion secundaria de personas del sexo feminino; De estudios preparatórios; De jurisprudência; De medicina, cirujía y farmácia; De agricultura y veterinária; De ingenieros; De naturalistas.; De bellas artes.; De música y declamacion.; De comercio.; Normal.; De artes y oficios.; Para la enseñanza de sordo-mudos.; Un observatorio astronómico.; *Una academia nacional de ciencias y literatura.*; Jardin botánico. [grifo nosso]

[141] FLORESCANO, *op. cit.*, 2002, p. 544.
[142] *Idem*
[143] KALIL, Luis Guilherme Assis. **Filhos de Adão: as teorias sobre a origem dos indígenas (séculos XVI e XIX).** Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p.14.

É destacada, desde o início, a importância do desenvolvimento da ciência nacional e, para isso, seria necessária a criação, com aporte governamental, de uma academia específica para essas atividades. No capítulo IV vemos a definição da tal instituição de pesquisa:

> 42. La academia nacional de ciencias y literatura, tiene por objeto:
> I. I. I. Fomentar el cultivo y adelantamiento de estos ramos.
> II. II. II. Servir de cuerpo facultativo de consulta para el gobierno.
> III. III. III. Reunir objetos científicos y literarios, principalmente los del país, para formar colecciones nacionales.
> IV. IV. IV. Establecer concursos y adjudicar los premios correspondientes.
> V. V. V. Establecer publicaciones periódicas, útiles á las ciencias, artes y literatura, y hacer publicaciones, aunque no sean periódicas, de obras interesantes, principalmente de las nacionales.

Não houve uma definição do que seria a ciência nacional e como seria praticada no país, até porque a função da lei era regulamentar o sistema educacional e a instrução pública. Contudo, percebemos que o pensamento científico deveria ser ensinado e exposto, logo, para a sociedade. Em 19 de agosto de 1867, Ramón Isaac Alcaraz (1823-1886)[144] foi nomeado diretor do *Museo Nacional*, cargo que ocupou até 1876. Uma das suas primeiras ações foi convocar todos os funcionários para realizar um inventário geral, entender a folha de gastos para, então, contratar mais profissionais especializados em diferentes áreas. Estes foram, principalmente, professores, ajudantes e preparadores de aulas e desenvolviam as pesquisas científicas. Em 1868, chegaram Antonio del Castillo (1820-1895), para as disciplinas de Mineralogia e Geologia; Gumesindo Mendoza (1829-1886), para as cátedras de Zoologia e Botânica; e Antonio Peñafiel y Barranco (1839-1922), que trabalhava diretamente com Mendoza[145]. Em 1864, foi a vez de Jesús Sánchez (1842-1911) ser convidado, ocupando o papel de ajudante do preparador de aula e do acervo, tornando-se professor de Zoologia apenas em 1879.

A influência estrangeira era visível na reapropriação das tradições europeias de formulação e disposição de museus e obras de arte, ao mesmo tempo em que encorajavam uma criação voltada ao público, para que este aprendesse com o que lhe era apresentado. Garrigan argumenta que a:

> History has confirmed the liberal point of view, as genre painters such as who produced Works for private art patrons that were not then considered to be part of the high canon, have now been retroactively deemed to embody as specifically Mexican nineteenth-century aesthetic.[146]

---

[144] Um dos fundadores do *El Monitor Republicano*, trabalhou com Benito Juárez no Ministério da Justiça e Instrução Pública. Foi nomeado diretor do *Museo Nacional*, mas também ocupou o mesmo cargo na *Escuela Nacional de Sordomudos* e na *Academia de San Carlos.*

[145] SALDAÑA; CUEVAS. "La invención en México de la investigación científica profesional: el Museo Nacional (1868-1908)". **Quipu**, 12(3), 1999, pp. 191-192.

[146] GARRIGAN, *op. cit.*, pp. 347-354.

Todo processo de reorganização política não existe, no sentido social, sem validação. Para os países recém-independentes, a arte e a identidade cultural eram elementos fundamentais para pontuarem suas particularidades, ao mesmo tempo em que buscavam pertencer a um mesmo grupo. No *porfiriato,* a arte que se desenvolvia desde as mudanças ocorridas na *Academia de San Carlos* era usada para promover e negociar *status* entre as nações economicamente hegemônicas nos eventos internacionais, como nas Feiras Universais, que o país passou a frequentar regularmente desde a Filadélfia em 1876. Desde o século XVIII, época das enciclopédias, foi estabelecido que haveria um saber universal e uma forma de expô-lo, seja por palavras seja por materialidade. Era a tentativa de criar uma imagem universal, de ordenar o caos, "Therefore, the idea of modern became an unobtainable and supreme metaphor, one which nonetheless was included in each thing was thought to be modern"[147]. As Feiras Universais miram a representação de uma ideia que poderia ser tanto de inovação industrial quanto do poder simbólico, pois elas eram feitas para demonstrar poder.

Na Exposição de 1889, ocorrida em Paris, o pavilhão do México[148], dominado pelo edifício *neo-asteca*, mostrava a opulência das civilizações pré-colombianas. A imprensa na Cidade do México promoveu a participação pública, sobretudo ao transcrever as opiniões estrangeiras acerca da imagem do país que chegava até eles, que era a de um país rico em recursos naturais e fundado por civilizações grandiosas, simbolizado pelo edifício pré-hispânico.[149] Se o ato de habitar se estabelece pelo de construir, o papel da arquitetura, da

[147] TENORIO-TRILLO, Mauricio. **Mexico at the World's Fair**: crafting a modern nation. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 3.

[148] Em 1880, escavações do arqueólogo francês Désiré Charnay feitas para coletar peças e transportá-las ao seu país, foram contestadas pela Câmara dos Deputados, o que mostra uma preocupação do governo na manutenção de evidências históricas nos territórios de origem, uma consciência não praticada tão ativamente pelo Estado, até então. Díaz y de Ovando afirma que esse episódio foi fundamental para a criação do pavilhão mexicano e no tema proposto, já que as inspirações vieram de trabalhos e pesquisas dedicadas ao período anterior à colonização, feitas por nomes como Lorde Kingsborough, Alfredo Chavero, Guillermo Dupaix e Charnay. Essa temática não foi revitalizada para a Exposição. Desde 1881, por exemplo, concursos bienais de pintura aceitavam obras que focavam na reprodução/construção da imagética pré-colombiana.
A comparação com outras culturas era uma forma de se afirmar não só aos olhos estrangeiros, mas para si. O testemunho de Cahun sobre o Pavilhão Mexicano é um exemplo: "(...) Sea como fuere, lo que más llama la atención en la Exposición de México, es su autonomia. De todas las naciones del Nuevo Mundo es la más americana, la de más color local. Esto proviene probablemente de que México es el Pueblo americano que posee más antiguas tradiciones, y si la antigüedad y las tradiciones son títulos de nobleza, México representa la aristocracia de América. De todos sus vecinos grandes y pequenos, sólo México presenta pruebas artísticas, literarias e históricas que cuentan cuatro siglos de existencia; junto a los Estados Unidos, junto a los oscuros hispano-indígenas del Sur, es como un abuelo rodeado de Teocallis, de sus templos, de sus papyros cubiertos de jeroglíficos que ya descifra los de su alfarería antigua, de sus telas tejidas a mano: es uma nación vieja en esa región de naciones jóvenes que ha cruzado el acero com enemigos terribles, que tiene una historia militar que empieza en la Noche Triste y termina en Querétaro y a la cual nosotros los franceses que la conocimos en México, debemos tenderle la mano amistosamente." DÍAZ Y DE OVANDO, Clementina. "México en la Exposición Universal de 1889". **Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas**. [S. I.], 1990, p. 128.

[149] *Idem*, pp. 109-110.

formulação do espaço, é o de trazer à luz a composição entre o lugar geométrico e o da condição corpórea.[150] O ato de construir, por sua vez, entra no mesmo caso que caracteriza a configuração do tempo a partir da narrativa[151]. O tempo narrado e o criado não são novidades, sendo este um sistema de locais para as interações mais importantes da vida, já que "Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade"[152] A cidade lida com variados contextos particulares no mesmo local, onde observa-se o estreitamento do tempo narrado e o ambiente habitado. A dualidade entre natureza e arquitetura faz a cidade o que é, sendo que aquela não se deixa marginalizar. A História, ao romper com o positivismo, passa a valorizar outras noções, como meio, modos de vida, cotidiano, "(...) o discurso do espaço traçou ele também um percurso ao sabor do qual o espaço vivido é alternadamente abolido pelo espaço geométrico e reconstruído no nível hipergeométrico da *oikoumene"*.[153] O lado geográfico é visto na cartografia, a história se responsabiliza pela reflexão dos conceitos acerca do espaço, que é ressignificado pelo homem. A História reside aí.

A partir de 1888, o *Diario Oficial do Supremo Governo de los Estados Unidos Mexicanos* passou a divulgar as comissões, nomeações, regras e concursos para a elaboração do pavilhão mexicano. As informações chegavam ao México por meio de telegramas enviados de Paris aos ministros de Fomento e Relações Exteriores, tanto pelo Comissário Geral da Exposição, Manuel Díaz Mimiaga (1848-?), quanto pelo ministro de plenos poderes que estava na França, Ramón Fernández. Enquanto a exposição estava aberta, entre 05 de maio e 31 de outubro de 1889, ganhava cada vez mais elogios; o país, sobretudo o Congresso, regozijava-se com o sucesso[154].

A decisão sobre o que seria apresentado na Exposição partiu do governo. Antonio Peñafiel, chefe da Comissão criada para elaborar o projeto do edifício, seguia instruções dadas pelo ministro. O México se apresentava perante o mundo civilizado a partir do orgulho da própria história e da arte pré-hispânica, ou seja, mostrava a todos uma tradição que a Europa negou por muito tempo e que se torna a vereda do país independente, isto é,

> (...) 'representar el tipo característico de algún o de algunos de los monumentos antiguos del país y a cuyo tipo se desea dar un carácter nacional en el extranjero', se amoldaba a esas indicaciones y 'representaba una construcción de carácter

[150] RICOEUR, *op. cit.,* p. 158.
[151] Ricoeur, em *Tempo e Narrativa* (1983), elucida as três categorias da mimésis que também se desenvolvem para a narrativa: Prefiguração (ato de habitar); Configuração (ato de construir) e Refiguração (ato de habitar após construir).
[152] RICOEUR, *op. cit.,* p. 159.
[153] *Idem,* p. 162.
[154] DÍAZ Y DE OVANDO, *op. cit.*, pp. 110-111.

> exclusivamente mexicano.'(...) El gobierno de Porfirio Díaz puso énfasis en que México tenía que estar representado dignamente en la Exposición Universal para mostrar ante el mundo entero su adelanto material y cultural, otorgar de esta manera una auténtica y veraz imagen y disipar así, de una vez y para siempre, la malhadada neblina de desprestigio y calumnias que nos envolvía.[155]

Vale destacar que a revalorização da história antiga do México começa antes da República Restaurada, mas adquiriu peso e importância institucional a partir do segundo mandato de Benito Juárez (1806-1872) e no governo Porfirio Díaz (1830-1915). As Exposições Universais visavam exibir os trabalhos artísticos desenvolvidos no país, fossem industriais ou artísticos, além de proporcionar acordos comerciais ao demonstrar o estágio de progresso e de civilização. O México apresentou ao mundo uma nação civilizada, com ancestralidade, culturalmente imponente e intelectualmente evoluída. Desconstruiu os erros históricos cometidos contra a sua imagem e era a honra desse passado que distinguia os mexicanos dos outros latino-americanos. Com o Pavilhão, virou seu olhar ao passado, com orgulho, e manifestou perante o mundo que enriquecia sua consciência histórica, fortalecia seu ponto de vista sobre si se tornando o que deveria ter sido desde sempre, ou seja, "En esta ocasión México tuvo la oportunidade de decirle a voces a Europa que, como ella, tenía tanto ser histórico".[156]

O exposto nas Feiras foi um exercício interno de crença da própria grandiosidade, o que demonstra que a arte como política de Estado tem seu lugar estabelecido muito antes dos murais da Revolução.[157] Mesmo com os esforços em criar um repertório especificamente mexicano, a *Academia* permaneceu conservadora em sua administração, pedagogia e produção[158]. A *Academia de San Carlos,*[159]por exemplo, foi direcionada à elaboração de uma identidade pictórica mexicana a partir de concursos, exposições regulares e convites enviados a vários artistas e aprendizes. Entre 1843-1867, a direção ficou por conta dos catalães Pelegrín Clavé[160] (1811-1880) e Manuel Vilar[161] (1812-1860), que enfatizavam os temas bíblicos e clássicos nas obras. Foi a partir do governo de Maximiliano I que a gestão artística começou a mudar e a temática focou na representação dos heróis nacionais, desde os pré-coloniais até os da independência, como Miguel Hidalgo, José María Morelos e Agustín Itúrbide. Em 1869, foi realizada a 14ª Exposição da Escola Nacional de Belas Artes do México, antiga *Academia de*

---

[155] DÍAZ Y DE OVANDO, *op. cit.*, pp. 113-114.
[156] *Idem.*, pp. 146-147.
[157] *Ibidem.* Pp. 32-33.
[158] GARRIGAN, *op. cit.*, p. 381.
[159] Criada como *Real Academia de San Carlos,* em 1783, sob aprovação do rei Carlos III era uma instituição de ensino das Belas Artes.
[160] Pintor catalão que se tornou diretor da *Academia* em 1846, onde permaneceu até 1880.
[161] Artista catalão que compartilhou a direção com Clavé e faleceu na Cidade do México em 1860.

San Carlos, com um amplo concurso que tinha como temática a iconografia patriótica, como enfatiza Garrigan.[162]

1.4 O desenvolvimento do *Museo* no governo de Porfirio Díaz

Desde o início da sua busca pela presidência, Porfirio Díaz prometeu ao povo que formaria a nação. Era o anúncio de uma autoridade ao Estado e à sociedade, indicando que ele assumia controle desde aquele momento. Nos 55 anos de independência, o país ainda não tinha visto a concepção de uma nacionalidade, apenas uma violência endêmica, que não terminou no *Porfiriato*, "La autoridad se había manifestado por el uso exclusivo de la violencia, y no por el de la mecânica"[163]. Esse poder de ordenar é visto na própria figura do presidente e em suas escolhas de vida, como o militarismo, a disciplina, a ordem, a hierarquia e a obediência. Ele acreditava que era o que faltava ao país, por isso suas constantes tentativas eleitorais desde 1867.

Foi no período do *porfiriato* que houve uma maior urgência para a retenção dos objetos mesoamericanos para uso de forma estratégica. O interesse geral em antiguidades fez com que políticos e cientistas passassem a reavaliar o *status* e as práticas de conservação do patrimônio mexicano. O processo de nacionalização cultural se refletiu nas relações com instituições de outros países. Se até 1821 o México viveu sob domínio espanhol e entre 1863 e 1867 a França se estabeleceu como governo por meio de Maximiliano I, após a vitória liberal, o movimento mudou. Entre 1884 e 1900, o país cresceu consideravelmente, não só em investimentos estrangeiros, como em números absolutos. A população passou de 10 milhões para 15 milhões, concentrando-se mais nas cidades capitais e na fronteira com os Estados Unidos. As mudanças na infraestrutura, como a construção das ferrovias, facilitaram o transporte não só de pessoas, como de produtos, ajudando a levar desenvolvimento para várias regiões. Apesar de todos esses índices, as desigualdades permaneceram ou até aumentaram, já que os grandes produtores foram beneficiados com equipamentos e créditos, mas o restante da população pouco usufruiu desses proventos.[164]

Morales Moreno afirma que o "liberalismo triunfante" que permeou a política mexicana a partir de 1867, silenciou a diversidade étnica do presente e do próprio passado

---

[162] "This public invitation set the course for a series of annual and biannual contests for drawing ad painterly composition, events by means of which 'the patriotic iconography called for by the critics was consolidated' between 1867 and 1900." GARRIGAN, *op. cit.*, p. 375.
[163] VALADÉS, José C. **El Porfirismo: Historia de un régimen**. México: FCE, 2015. [edição eletrônica], p. 33.
[164] KATZ, Friedrich. O México: a República Restaurada e o Porfiriato, 1867-1910. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina – De 1870 a 1930**. Vol. 8. São Paulo: Edusp, 2013, pp.48-50.

mesoamericano. A instituição é, nesse momento, subordinada à instrução pública e responsável por propagandear o "espírito nacional". O *Anales,* por sua vez, insere o museu no cenário da erudição, da construção da palavra-escrita, o legitimando como local de produção de conhecimento além da apresentação material. O trabalho científico e objetivo embasa aquilo que a museografia expressa através da exposição enciclopédica. Além disso, a concepção do espaço museal contribui para a construção historiográfica no âmbito visual, que abarca os lugares de memória. Segundo o autor:

> La historia habita en prácticas, recuerdos, rituales y tradiciones, aunque el museo moderno la constriñó básicamente a los objetos, a las cosas-artefacto, de manera semejante a lo que hizo el discurso histórico con la escritura (y la disolución de la oralidad). Forman caminos diferentes en la hechura de la memoria archivada y el lenguaje simbólico. Los museos yuxtaponen, entremezclan y combinan ambas formas de la comunicación. En suma, (…) el museo histórico constituye una forma narrativa diferente de la escriturística, lo que ahonda la discusión sobre la exclusividad de la escritura en el discurso historiográfico.[165]

No final do século XIX, o museu já havia se tornado uma instituição de referência científica, e divulgadora dos símbolos nacional e cultural. Em um ofício enviado ao Diretor do Museu Nacional, Gumesindo Mendoza,[166] o Ministério da *Instrucción Pública* exigia um relatório no prazo de oito dias especificando o estado em que se encontrava o estabelecimento, as reformas que haviam sido feitas e as que deveriam ocorrer para que "(...) él preste al público mayor provecho y utilidad."[167] Com a prioridade dada pelo governo para a administração do museu, outorgando a contratação de equipes especializadas em diferentes campos, a elaboração de guias e inventários[168] se tornou necessária para entenderem o acervo que tinham em mãos.

Em 30 de novembro de 1877, Mendoza respondeu o pedido com um informe no qual detalhou as ações do museu para o momento e para o futuro. Naquele ano, ampliaram a Biblioteca com a disposição de exemplares de História Natural, Arqueologia, História, além de inserirem iluminação a gás para viabilizar as pesquisas à noite. Destinaram uma sala para a criação de um pequeno laboratório de análise de plantas, minerais, entre outros exemplares que fossem de interesse científico. Adotaram classificações mais específicas, como as seções de Mineralogia, Paleontologia, Zoologia e Botânica, que ganharam peso na administração de

---

[165] MORALES MORENO, 2009, p.45.

[166] Mendoza era um notável farmacêutico contratado pelo museu para cuidar das coleções de Zoologia e Botânica, e seu contemporâneo, Jesús Sánchez, era um biólogo e naturalista também encarregado pela seção de História Natural. Assumiram a direção do estabelecimento de 1876 até 1889, época em que os estudos naturais ocupavam um espaço considerável nas preocupações do museu e nas páginas da revista.

[167] AMNA, Vol. 2, Sección 31, 1877, f.218.

[168] Em relação aos inventários, há uma vasta documentação tanto no *Archivo Nacional de la Nación* quanto no arquivo do Museu Nacional de Antropologia sobre planilhas com relações dos bens da instituição desde a década de 1830 quando começou a funcionar. A partir de 1867, o processo se tornou mais recorrente, demonstrando uma maior organização do acervo geral.

Mendoza em várias frentes, tanto nos *Anales* quanto na rotina do museu. Outra ação foi a compra de mais peças para o acervo, como um vaso de obsidiana e um ídolo asteca de osso e "En todas estas secciones los profesores se han ocupado de preferencia en la clasificacion cientifica de los ejemplares para formar el Catálogo Geral, obra laboriosisima pero indispensable en esta clase de Establecimientos."[169]

Apesar dessas mudanças significativas, a mais importante, ao seu ver, foi a desocupação de salas no prédio destinado ao museu. Dessa forma, conseguiram instalar a seção de Antiguidades Mexicanas que era aberta ao público. A intenção era atrair mais visitantes e estabelecer o projeto educativo que mencionam, inclusive, no primeiro tomo dos *Anales*. Como dito anteriormente, não havia ambiente adequado para exporem e conservarem o acervo, e a estadia na Universidade afetava o funcionamento do museu, assim como a falta de verbas bem definidas, que impedia qualquer tipo de reforma ou reconfiguração espacial mais ambiciosa. Mesmo assim, coletaram um material muito diverso: antiguidades pré-colombianas, documentos coloniais, pinturas, conchas, insetos, fósseis, minérios, armaduras, animais empalhados. Os objetos que eram expostos estavam ordenados cronologicamente, mas sem uma narrativa museológica coerente. Foi somente a partir de 1867 que a instituição se desenvolveu de fato, sobretudo na década de 1870.

Em 1884, foi enviado ao governo mais um informe acerca das atividades do museu correspondentes ao ano anterior. Novas reformas estruturais foram feitas para alocarem melhor o acervo, como a construção de uma galeria[170] no térreo, que abrigou os monumentos que estavam no pátio por não caberem nas salas comuns. Os *Anales*, por sua vez, foram exaltados como uma das portas para aumentar as relações com o mundo científico nacional e estrangeiro, o que gerava interesse nas coleções.[171] As peças das seções de Mineralogia, Zoologia, Botânica e Paleontologia, por exemplo, aumentaram, sobretudo a última, com a chegada de fósseis por meio de doação desde Guanajuato. O documento também apontava que a seção Histórica não poderia ser negligenciada. Dessa forma, ganhou força no museu com a formação de uma coleção de retratos e bustos dos principais heróis da independência, além de algumas armaduras, mas prometiam expandir e completar com novas peças. Junto a ela, surgiu o departamento de Heráldica, ou seja, o objetivo de expandir os estudos científicos seguia a todo vapor.[172].

---

[169] AMNA, Vol. 3, Sección 9, f.74.
[170] "Esta galería por su magnitud e importancia será la más notable con que cuenta el Museo." AMNA, Volume 7, Sección 2, 1884, f.7.
[171] *Idem.*
[172] *Ibidem*, f.8.

No mesmo informe se discutia a conformidade entre os fundos disponibilizados pela Tesouraria e as obras realizadas que aconteciam. A seção de Arqueologia, por sua vez, se beneficiou de grandes doações feitas por homens da ciência, como Vicente Riva Palacio (1832-1896), mas, principalmente, pelo Ministério de Fomento, que enviou diversos exemplares, inclusive partes da Cruz de Palenque.[173] Aumentar o acervo significava evoluir o departamento de conservação, pois o museu deveria manter e salvaguardar aquele objeto que se tornou patrimônio nacional. O documento enfatizava que

> Los trabajos de preparacion y conservacion de las coleciones no han sido desatendidos a ellos se deberá la conservacion en buen estado de todos los ejemplares que las forman e ha atendido así mismo á la conservación del edificio habiendose asseado y pintado toda la parte de tal que corresponde á este Museo realizado ademas notables mejoras.[174]

Para finalizar, o progresso observado no museu era evidenciado pelo público que o visitava constantemente, testemunhas dessa "verdade" estabelecida pelo informe. Jesús Sánchez corrobora o documento ao relatar os objetos que ingressaram, no ano de 1883, nas seções de História e Arqueologia, dentre eles, moedas de peso mexicano junto de um papel moeda japonês equivalente a dez centavos; três pequenos ídolos de Yucatán, outros três de Oaxaca e um estandarte de armas espanholas que acreditavam pertencer ao exército e havia sido conservado em um convento em Querétaro. Vasos em argila e 56 utensílios domésticos variados; objetos de osso e 100 exemplares de adornos e amuletos. Um espelho de obsidiana e um anel de ouro. Um crânio asteca deformado e um ídolo grande de Coatlinchan,[175] entre tantos outros que foram alocados para cada departamento de acordo com critérios internos.

Foi apenas em 16 de setembro de 1887 que a Galeria de Monolitos, baseada no térreo do edifício, foi criada, sendo a primeira galeria arqueológica do país. O catálogo de mais

---

[173] A descoberta da Cruz de Palenque foi um evento importante para o patrimônio mexicano, atraindo diversos pesquisadores e exploradores para o sul do país. Antonio de Solís chegou à cidade de Santo Domingo de Palenque em 1764. Iniciou uma investigação própria sobre as ruinas, que foi continuada pelo padre Ramón Ordóñez y Aguiar (c.1730-1825), que atuava na região. Grande entusiasta da cidade antiga, escreveu a *Historia de la creación del Cielo y de la Tierra*, que só foi publicada por Nicolás León em 1907, na qual defendia a conexão direta da sociedade maia que viveu em Palenque com os personagens do Velho Testamento. Sua visão era considerada muito conjectural para a época, mas seu trabalho chamou a atenção da *Real Audiencia da Guatemala.* O presidente Joseph Estachería apoiou uma expedição para o local, o que resultou em descrições e registros imagéticos das ruínas, lidos pelo historiador espanhol Juan Bautista Muñoz. A Coroa espanhola, que passava pelas transformações das reformas bourbônicas e da Ilustração, patrocinou expedições para Chiapas, com o intuito de mapear a Nova Espanha. Em 1784, o historiador Jose Antonio Calderón foi comissionado para a criação de um dossiê sobre a cidade de Palenque, primeira missão científica legalizada. Além disso, os trabalhos produzidos a partir disso despertaram o interesse de europeus e estadounidenses, que viajaram com frequência para a região. Um exemplo foi o "*Tablero del Palenque en el Museo Nacional de los Estados Unidos*", escrito por Charles Rau e que será abordado no capítulo 3. Cf. ESPONDA JIMENO, Víctor Manuel. El primer informe oficial de los monumentos de la ciudad arruinada de Palenque presentado por Joseph Antonio Calderón en 1784. **LiminaR**, San Cristóbal de las Casas, v. 9, n. 1, 2011, p. 175-187.

[174] AMNA, Volume 7, Sección 2, 1884, f.8-9.

[175] *Idem*, p.14.

de 400 peças era organizado em divisões como: Astronomia e Cronologia, Mitologia, Objetos destinados ao culto, Urnas, *Juegos de pelotas*, Monumentos comemorativos, Epigrafia indígena, Arquitetura e Escultura e Peças diversas.[176] A galeria tornou-se o carro-chefe da propaganda *porfirista* em relação ao progresso científico. Entre 1888 e 1909, o museu enfatizou os estudos históricos e arqueológicos, principalmente com a direção de Francisco del Paso y Troncoso e os trabalhos desenvolvidos por Alfredo Chavero (1841-1906)[177] e Genaro García (1867-1920)[178]. Essa diferença é sentida na revista, com a entrada da segunda época, alinhando as diretrizes do museu e dos *Anales*, até porque ambos eram coordenados pelas mesmas pessoas. Essas mudanças serão percebidas no início do século XX com a separação entre a História Natural e os outros departamentos.

Em comparação, em 1877, existiam três departamentos: História Natural, Arqueologia e História, e Biblioteca. A coleção de História ficava no segundo piso do museu e tinha poucos objetos de diversas épocas, desde a conquista até a independência, assim como alguns retratos dos Vice-Reis e uma vasilha de Maximiliano. Jesús Galindo y Villa (1867-1937)[179] afirma que a mudança ocorreu com a chegada de Del Paso y Troncoso, que investiu no desenvolvimento da História e da Arqueologia. Além disso, presidiu comitivas científicas, representou o país internacionalmente e procurou reformar o departamento, o que não foi concluído em seu período administrativo. Sua ida à Europa, em 1893, no intuito de coletar exemplares de documentos e objetos pré-colombianos e coloniais para melhorar o acervo do museu deixou um vácuo na liderança da instituição. Segundo Galindo y Villa,

> Como los salones de Historia, especialmente, no habían vuelto a abrirse al público lo menos en tres años, traté luego de darles una organización conveniente, y de exhibír

[176] **Breve Guía Descriptiva del Museo Nacional de México**, formada por los profesores del establecimiento. México: Imprenta Nacional, 1906, p. 2.
[177] Foi membro do Partido Liberal, participou das eleições para o Congresso da Uniao e foi eleito deputado pelo Estado de Guerrero aos 20 anos. Escrevia incessantemente sobre o país, sua geografia, e, principalmente, Arqueologia. Fez parte da redação do periódico *El Siglo XIX*, também assumiu funções nos *Anales del Museo Nacional de México* além de ser diretor do Museu Nacional entre 2 de dezembro de 1902 e 18 de março de 1903.
[178] Nasceu em Fresnillo Zacatecas, mas foi criado na cidade de San Luis de Potosí, de família de classe média alta que trabalhava no ramo da mineração. Se tornou advogado na Cidade do México e logo começou a participar de pesquisas sobre a cultura mexicana. Foi diretor do *Museo Nacional* no período de transição para sua separação entre *Museo Nacional de Historia Natural* e *Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología.* Também assumiu o desafio de dirigir a *Escuela Nacional Preparatoria.* Ajudou, sob a tutela do museu nacional, a organizar as festas de centenário da independência em 1910. Entre 1905 e 1911, editou a *Colección de Documentos inéditos o muy raros para la Historia de México.*
[179] Historiador e engenheiro que assumiu postos diversos em sociedades científicas do país como a *Sociedad de Geografía y Estadística*, em 1891, a *Sociedad Astronómica de México*, em 1903, além da *Academia Mexicana de Historia.* Publicou diversas obras e constribuiu por muitos anos nos *Anales del Museo Nacional de México*.

> los muchos objetos con que han ido enriqueciéndose, ya por compras, ya por donaciones de particulares.[180]

Manuel Urbina (1843-1906),[181] que assumiu o cargo interinamente, aprovou o projeto outorgado pelo diretor ausente, da impressão de um *guia* para o visitante entender a exposição no local. Esse tipo de publicação, assim como os catálogos, mostram o destaque dado à história daquelas peças e da instituição, ainda que outras temáticas também fossem contempladas. Inclusive, um dos planos para completar a coleção de heróis da independência nacional foi encomendado a José Salomé Pina (1830-1909), diretor da Academia de Belas Artes, um retrato de Morelos, enquanto outros personagens foram designados a vários artistas. No mesmo espectro, escultores formaram uma coleção de bustos em gesso "*de nuestros historiadores notables*", que se juntaram às já existentes de Manuel Orozco y Berra (1816-1881)[182] e José Fernando Ramírez. Segundo Luis Gerardo Morales Moreno, a memória cultural de um povo é conservada por um acervo e o museu designa valores a esses objetos, que refletem o ideal do presente. A representação cultural partindo da instituição é um dado artificial baseado em vários aspectos, contudo, para ser aceito socialmente, deve se relacionar com a população.[183]

O discurso nacional se tornou mais veemente nesse período. Um exemplo foi o que ocorreu com a descoberta do *Chac Mool* em Chitchen Itzá pelo francês Augusto Le Plongeon (1826-1908)[184], que brigou para que a peça fosse sua, pois ele a descobrira. Porém, em 1875, ela passou a fazer parte do acervo do museu Yucateco e, dois anos depois, foi deslocada para o Museu Nacional. Le Plongeon acionou a Justiça, buscando apoio por meio do embaixador americano no México, John W. Foster, mas não obteve sucesso.[185] A disputa, inclusive, ocorreu

---

[180] GALINDO Y VILLA, Jesús. **Guía para visitar los salones de Historia de México del Museo Nacional**. México: Imprenta del Museo Nacional, 1896, p. IV. A edição de 1896 foi favorecida pela correção e adição de elementos faltantes na primeira, que foi publicada em 1895. O autor destaca a participação dos leitores nessa correção, pois realizavam críticas que são importantes para a evolução do estabelecimento. Assumem, assim, uma posição humilde perante o público, no intuito de se desculpar pela exposição ainda amadora da sessão de História Nacional.

[181] Botânico mexicano que assumiu a direção do Museu Nacional interinamente em 1855 e, depois, entre 1890 e 1891. Também participou de outros órgãos científicos como a *Escuela Nacional de Medicina*, a *Escuela Nacional Preparatoria* e o *Instituto Medico Nacional*.

[182] Manuel Orozco y Berra nasceu em uma família de classe média baixa, filho de Juan N. Orozco, capitão das tropas de Mariano Matamoros (1770-1814) durante a Guerra de Independência. Concluiu seus estudos na Cidade do México, para onde se mudaram quando ainda era criança. Demonstrou interesse pela área literária desde novo, chegando a publicar algumas poesias em 1844. Se tornou advogado e, após passagens conturbadas por cargos públicos, começou a se dedicas aos estudos de estatística, demografia, literatura e História. Em 1852, se tornou mesmo do *Registro do Archivo General de la Nación* e, posteriormente, foi nomeado diretor.

[183] MORALES MORENO, *op. cit.*, pp.23-24.

[184] Explorador francês que viajou pela América, sobretudo a região de Yucatán, para investigar a relação entre a cultura maia e egípcia. Publicou diversos trabalhos, dentre eles: *Archaeological Comunication em Yucatán* (1878); *Ensayo sobre la antigüedad de la lengua maya* (1880); *Vestiges of the Mayas* (1881); *Mayapan and mayan inscriptions* (1881).

[185] RICO MANSARD, *op. cit.*, p. 124.

entre as instituições dentro do território mexicano. O museu em Yucatán não queria enviar o *Chac Mool* para a capital, mas o governo federal decidiu concentrar o saber nacional no centro do país, em uma tentativa de homogeneizar a História mexicana.[186]

Como o caso de *Le Plongeon*, as escavações feitas por Désiré Charnay (1828-1915)[187] passaram pelo crivo do Ministério de Justiça e da Instrução Pública. O explorador pediu autorização, ele mesmo financiaria tudo e o governo exigiu que uma comitiva o acompanhasse, pois, as peças que eventualmente fossem encontradas deveriam ser encaminhadas para o Museu Nacional, e não havia discussão em relação a essa ordem. Se ele quisesse exportar, o trâmite deveria passar pelo Congresso. Charnay tentou, pelas vias legais, tomar posse dos monumentos, mas os políticos proibiram após serem informados por Gumesindo Mendoza que o francês não cumprira todos os requisitos impostos e que não havia duplicatas das peças.[188]

Apesar do financiamento e interesse internacional serem valorizados, para a construção da identidade era fundamental mostrar a independência cultural. Os exploradores estrangeiros agiam de forma agressiva na missão de capturar os monumentos e os objetos mesoamericanos. Mesmo com a legislação proibindo a exportação de bens, na prática, a ação ainda permanecia. Contudo, a experiência e o zelo mexicanos em relação aos próprios acervos e à ciência ficaram mais claros ao longo do tempo e isso se manifestou nas relações com os países vizinhos. Em 1902, Volney W. Foster (1848-1904), delegado americano no Segundo Congresso Pan-Americano, ocorrido no ano anterior, escreveu a Manuel de Azpíroz (1836-1905), embaixador, sobre o projeto discutido no tal evento da possível formação de uma comissão arqueológica. Ele dizia, "Sé que cooperarán con mucho gusto las sociedades é individuos que ya han trabajado en ese sentido, y que esa institucción que se hayan establecido entre las Repúblicas."[189] A comissão teria a função de auxiliar aqueles que não tinham desenvolvido essa ciência até aquele momento, e a conversa não permaneceu apenas no plano teórico.

---

[186] Vale ressaltar que, durante o século XIX, houve diversos conflitos entre a Península de Yucatán e o domínio centralizador representado pela Cidade do México. No âmbito cultural, existem diversos documentos que relatam a busca pela "repatriação" dos objetos pertencentes à cultura maia, por exemplo.

[187] Claude-Joseph Désiré Charnay foi um arqueólogo e explorador francês que ficou conhecido pelas expedições e estudos sobre o período pré-colombiano. Somente no México ele passou cerca de quatro anos viajando para coletar objetos e gravar imagens sobre o país, sob comissão dos governos da França e Estados Unidos. Posteriormente, chegou à Ásia e à Oceania. Seu trabalho na América foi influenciado pelas obras de John Lloyd Stephens sobre a região de Chiapas, Yucatán e a América Central. A circulação de conhecimento era constante, inclusive Charles Rau, um dos autores traduzido e publicado pelos *Anales*, que estudou as ruínas de Palenque.

[188] RICO MANSARD, *op. cit.*, pp. 125-126.

[189] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f.2.

Na Segunda Conferência Internacional Americana, ocorrida também em 1901, na Cidade do México, foi redigido um documento recomendando a criação da *Comissão Arqueológica Internacional*, que contava com a assinatura dos representantes presentes na reunião. No evento, decidiram alguns detalhes: os presidentes de cada país nomeariam um ou mais membros que seriam bancados pelos próprios governos, não haveria um fundo universal de crédito para as missões; os nomeados assumiriam o cargo por cinco anos, podendo renová-lo por mais cinco; a primeira reunião seria organizada em Washington, com a intenção de delinear as regras e os objetivos da comissão; haveria reuniões pelo menos uma vez por ano; a comissão poderia estabelecer subcomissões encarregadas apenas das explorações, enquanto outras cuidariam da limpeza e da conservação de ruínas e monumentos; poderiam criar um museu em cada um dos sítios arqueológicos para melhorarem não só a conservação dos objetos de interesse, como expô-los para a população, exercendo a função de instrução pública; e, para finalizar:

> (...) que la Comisión procure la formación de un 'Museo Internacional Americano' que será centro de todas las labores de investigación y de interpretación, y se establecerá en la ciudad que designe la mayoría de las Repúblicas que acepten esta recomendación.[190]

O governo mexicano escolheu Alfredo Chavero como representante dos e sua influência nesse campo pesou a seu favor. Nessa ocasião em específico, já tinha sido informado sobre as conversas realizadas em Washington por meio de W. J. McGee (1853-1912),[191] diretor do Smithsonian, que lhe enviara o comunicado sobre as intenções do governo americano. Chavero afirmou para a Secretaria de Instrução Pública que a ideia era possível, interessante e deveria ser discutida o mais rapidamente possível. Em 1903, Nicolas León (1859-1929)[192] e Luis González Obregón (1865-1938)[193] foram nomeados para formar um grupo que o assistisse,

---

[190] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f.3. Os países que participaram das reuniões foram: Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Chile, República Dominicana, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru e Uruguai.

[191] William John McGee foi um homem de ciências, conhecido pela amplitude teórica que seguia, por ser desde um inventor no ramo da agricultura quanto etnólogo, antropólogo e geólogo, o que não era incomum naquela época. Presidiu grandes órgãos americanos, como a *American Association for the Advencement of Science*, *American Anthropological Association* e a *National Geographic Society.*

[192] Nicolás León Calderón foi um *cientifico* mexicano que, dentre tantas habilidades, se tornou etnólogo do *Museo Michoacano*, onde logo foi chamado para dirigir, em 1886. Em 1900, foi incorporado ao corpo docente e de pesquisa do Museu Nacional. Dentre suas obras mais importantes, destacam-se a *Bibliografía Botánica Mexicana*, de 1895 e o *Compendio de Historia General de México, desde los tempos pre-históricos hasta 1900*, publicado em 1901.

[193] Foi um historiador mexicano que teve como mentor Ignacio Manuel Altamirano e logo demonstrou um grande interesse na pesquisa sobre o passado mexicano, sobretudo períodos colonial e independentista. Fundou, em 1885, o *Liceo Cientifico y Literario* com outros contemporâneos, como Ángel de Campo (1868-1908), Ezequiel Chávez (1868-1946), Francisco A. de Icaza (1863-1925). Compôs o quadro docente e colaborativo do Museu Nacional, além de ter publicado diversas por si mesmo, como *El Capitán Bernal Díaz del Castillo*, em 1894, *México Viejo*

para debater os detalhes da empreitada e como ela deveria beneficiar o país. Todos eram membros do Museu Nacional e podemos observar como a instituição cresceu em importância, pois o governo deixou nas mãos desses homens a decisão de apoiar ou não a, agora nomeada, Comissão Internacional de Arqueologia e Etnologia. O Estado mexicano era representado nesses eventos por aqueles que faziam o museu ser o que ele era, um exemplo de progresso. Dessa forma, "The museum went from being a cabinet of curiosities to a full-fledged scientific institution dedicated to research, teaching, collecting, and the spread of knowledge."[194]

De início, a comissão foi uma boa ideia para unificar as Américas, mas preservando as particularidades locais. Cada país teria seu próprio direcionamento, que seria discutido entre os pares, e estabeleceram uma cota anual para manter as reuniões. Essas eram as sugestões de Chavero para a viabilidade de tal órgão, no qual o México deveria assumir parte do protagonismo considerando sua experiência e, sobretudo, importância no assunto. Essa intenção foi debatida durante meses internamente, quando também acordaram as regras para que a Comissão e a legislação mexicana se alinhassem em relação ao direito de propriedade sobre o bem. A exceção se daria por meio de uma votação entre os membros da Comissão, que poderia aprovar, apenas por unanimidade, o translado da peça para outro país ou países, "(...) quedando á salvo el derecho del Poder Legislativo de México para aprobar ó no el voto referido en el caso de que á la Republica Mexicana se refiriera."[195] Ademais, poderia estabelecer uma ou mais oficinas para o estudo de objetos específicos, que deveriam ser conservados nos lugares determinados pela Comissão, "(...) pero para exportarlos del país de su procedencia será indispensable llenar los requisitos que en ese país establezcan las leyes."[196] Finalmente, o regulamento poderia ser modificado em qualquer sessão da Comissão se contasse com a maioria dos votos, "(...) y que dichos câmbios no sean contrarios á las leyes vigentes en cualquiera de los paises donde vayan á hacerse efectivos."[197]

A Secretaria de Relações Exteriores também redigiu mudanças específicas para o aceite da Comissão por parte do governo. A principal se relacionava ao patrimônio e às ações propostas sobre ele:

> La custodia de las coleciones y de la propiedad de algún museo adquirida por la comisión, puede ser encargada á empleados públicos de cualquier gobierno partícipe:

(1521-1821), uma compilação de artigos, de 1895, *Los precursores de la Independencia mexicana en el siglo XVI*, de 1906, entre outros.

[194] BUENO, *op. cit.*, pp. 62-63.

[195] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f.37.

[196] *Idem.*

[197] *Ibidem.*

> pero preferiendo siempre que sea posible para el desempeño de tales encargos á los nacionales del país de que se trate.[198]

Com as regras definidas, Chavero e o Manuel de Azpíroz tinham a missão de apresentá-las para os outros países. Em Washington, os mexicanos perceberam que a diretoria do Smithsonian queria comandar a Comissão à revelia da autonomia dos participantes, como menciona Chavero:

> (...) el Señor Foster, y me explico más las internciones del Instituto Smithsoniano, las cuales en realidad eran substituir en los trabajos de exploración á la Comisión de Arqueología, hacer los gastos, y que los museos de las Repúblicas Americanas quedaran incorporados á dicho Instituto. Como esto era inaceptable en mi concepto, me reduje á contestarle que no tenía instrucciones de mi Gobierno sobre ese punto.[199]

A sua indignação foi confidenciada aos outros representantes e todos concluíram que o plano dos americanos não deveria ser votado. Dias depois, se encontraram para votar as regras e minutas da Comissão, quando Chavero pôde contestar abertamente a decisão de McGee de centralizar as ações do órgão no Smithsonian. O que foi acertado na primeira reunião não foi levado em consideração e, segundo o mexicano, as propostas apresentadas pelos diretores do instituto americano não abarcavam nenhuma das ideias discutidas anteriormente sobre a colaboração mútua. Para o restante dos países, o interesse residia na troca de conhecimentos para que as ciências humanas, sobretudo a Arqueologia, fossem desenvolvidas em todo o continente, o que não ocorria até então. Dessa forma, Chavero argumentava que "Ninguna República puede convenir en que sus Museos queden incorporados á dicho Instituto, porque ningún cuerpo oficial debe depender de otro extranjero."[200]

O México, segundo o representante, possuía muito mais tradição do que os Estados Unidos nessa área, por terem historiadores e cronistas desde o período da conquista, que tiveram contato direto com os índios que originaram a nação. Apesar dos trabalhos estrangeiros sobre a cultura e a sociedade mexicana, os estudos internos eram mais certeiros em relação ao contexto, cronologia e intenção. Os benefícios de se produzir uma história nacional afetavam os mexicanos, não os outros. Fora isso, as críticas residiam mais nos métodos do próprio Smithsonian, que erravam constantemente dados importantes sobre os vizinhos ao sul.[201] Do

---

[198] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f. 38.
[199] *Idem*, f.57.
[200] *Ibidem*, f. 59.
[201] *Ibidem*. Vale lembrar que durante o século XIX o Smithsonian ou promoveu ou se beneficiou de ações assertivas no sequestro de monumentos mexicanos. Em 1879, Charles Rau publicou a monografia *Tablero del Palenque en el Museo Nacional de los Estados Unidos*, que foi traduzida e publicada nos *Anales* em 1882. O artigo será analisado no Capítulo 3, mas aqui nos interessa como exemplo da atividade do museu em arrebanhar peças estrangeiras. Tal situação era comum na Europa, que criou seus acervos com objetos tomados de outros países. A postura do México, contudo, atrapalhou os planos dos americanos.

ponto de vista burocrático, apenas quatro das Repúblicas participantes votaram à favor das mudanças no regulamento, o que o inviabilizava, já que haviam acordado a necessidade de unanimidade.

Em 15 de abril de 1903, ocorreu uma reunião entre os representantes diplomáticos da Argentina, Brasil – que entraram no projeto posteriormente – Bolívia, Chile, Costa Rica (que também representou Honduras), Cuba, México, Peru, Uruguai e Estados Unidos. Estes enviaram três comissionados oficiais – McGee, Foster e o professor de Arqueologia Francis Willey Kelsey (1858-1927) – e dois nomes do Smithsonian, William H. Holmes (1846-1933)[202] e Cyrus Adler (1863-1940).[203] O presidente do conselho, Alvey A. Adee (1842-1924),[204] que era o segundo assistente do Secretário de Estado, deixou claro desde o início que o encontro foi convocado para que o Smithsonian fosse ouvido e respondesse os questionamentos gerais.[205] Adler e Holmes foram destacados para defenderem os interesses nacionais:

> (...) the Smithsonian Institution itself has been engaged in a number of international enterprises. It has, as probably most of you know, for nearly fifty years of the exchange of publications between scientific men and governments and has conducted this considerable international enterprises, and in the last five years has represented the United States in the International Catalogue of scientific literature. So it know the benefits of international cooperation for scientific advantage (...). Wherever any country has an Institution that already exists that could form a cooperating unit, it would seen better than to create a new one. [206]

No trecho, vemos a defesa da importância da atuação do Smithsonian em mais de 50 anos de atividade científica e de cooperação internacional. Essa experiência não deveria ser deixada de lado e sim incorporada na Comissão, o que ele alega ser mais simples do que criar um protocolo, por exemplo. Porém, essa prerrogativa poderia ser reivindicada por qualquer país que tivesse um centro de pesquisa e achasse do seu direito liderar o órgão cooperativo. Para Adler a proposta representa a boa vontade dos Estados Unidos em fazer real uma ideia discutida anos antes e que ainda não tomara corpo. Uma das principais preocupações era o orçamento, que poderia ser dificultado se mais de uma agência coordenasse a Comissão. A preocupação da

---

[202] William Henry Holmes foi um dos arqueólogos do Instituto Smithsonian e estudou, principalmente, os nativos americanos do Meio Oeste e Sul dos Estados Unidos. Galgou títulos durante a sua carreira, que também foi ampla como a dos seus contemporâneos, se tornando o chefe do departamento de Antropologia no Museu Nacional Americano, além de ser nomeado diretor da antiga *National Gallery of Art.*

[203] Cyrus Adler foi um linguista especializado na docência e pesquisa de línguas semíticas, cargos que ocupou no Smithsonian, além de trabalhar como arqueólogo.

[204] Alvey Augustus Adee foi um diplomata americano, ocupou o cargo de segundo assistente do Secretário de Estado no mandato de oito presidentes.

[205] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f. 71-73. Todo o imbróglio com o Smithsonian chamou a atenção do governo americano que, até então, não havia nomeado representantes especificamente do Instituto para participar das reuniões. Como comandava os estudos arqueológicos e etnológicos do país, deveriam estar presentes nas discussões. O México, ao eleger Chavero, tomou a mesma decisão, pois o Museu Nacional era o centro de pesquisa do país e tornou o seu diretor o representante principal.

[206] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f. 74-75.

interferência americana, contudo, não era apenas do México. O Peru, por exemplo, expressou o receio de que o instituto centralizasse os estudos e, sobretudo, a posse dos objetos. Foster ressalvou que o projeto deles era um plano de ação prático e McGee, por sua vez, reforçou as intenções de se eleger um corpo científico que compusesse o interesse de todos os participantes.[207]

O embaixador mexicano, Manuel Azpiróz, defendia uma reunião geral para definir as diretrizes do órgão, desde suas regras até o seu escopo e alcance, com a votação sobre o grau de interferência do Instituto. Para isso, todos os detalhes deveriam ser discutidos por cada país, já que a proposta era tão ambígua, mas esse movimento atrasaria ainda mais a comissão. O debate continuou, o resultado foi negativo aos americanos e a favor da marcação de uma nova data para se reencontrarem. As conversas se mantiveram por meses, com trocas de correspondências e minutas entre as embaixadas.[208] Em dezembro de 1903, os Estados Unidos encomendaram uma "opinião formal" por parte do Smithsonian em relação à viabilidade da comissão. Queriam saber em que aspecto ela auxiliaria as suas ciências. S. P. Langley (1834-1906) chegou à conclusão, ao analisar todas as atas feitas até então, que um órgão que reunisse todos os países, americanos ou de outros continentes, não estaria de acordo com o plano de funcionamento do Museu Nacional e da Oficina de Etnologia. O resultado não seria satisfatório se levassem em consideração todo o trabalho que a execução demandaria, porque os Estados Unidos, na verdade, perderiam a hegemonia de decisão sobre o plano arqueológico e sobre a posse dos objetos, o calcanhar de Aquiles da Comissão. Além disso, eles seriam minoria na votação, pois poderiam ser facilmente ofuscados por alianças feitas à sua revelia. O custo de todo o projeto seria alto, haja vista que acrescentaram novos campos de estudo, como a Etnologia. Outro ponto é que queriam manter suas práticas colecionistas e exploratórias, e colocavam o próprio território em risco já que não possuíam leis de proteção sobre os seus sítios arqueológicos.[209]Essas ideias deveriam ser apresentadas na reunião de 21 de dezembro de 1903, o que não ocorreu. Em 1904, Foster faleceu, deixando ainda mais incerto todo o processo.

Apesar do discurso universalizante que instituições como o *Museo Nacional* possuíam, o objetivo era se inserir no cenário internacional de pesquisa e desenvolvimento científico com a sua própria voz. Chavero discute isso ao longo das reuniões, sugerindo que o México não se submeteria a qualquer tipo de ação agressiva de vizinhos porque o país possuía

[207] AGN, IPBA, cx. 149, exp.54, f. 76-79.
[208] *Idem,* pp. 81-85.
[209] *Ibidem*, f. 121, pp. 9-10.

sua própria forma de enxergar a prática histórica e arqueológica. Advogar pelo protagonismo só foi possível a partir do momento em que a instituição se tornou centro de referência.

Em 1906, o *Museo Nacional* possuía cinco departamentos distintos: Arqueologia, História Natural, Antropologia, Etnografia e História do México. O primeiro ocupava o térreo por abrigar as maiores peças da coleção principalmente pela dificuldade de expô-las nos outros andares. Galindo y Villa descreve os problemas que enfrentaram quando criou o seu *Guía* pela falta de ordem cronológica na disposição das peças nos salões de História.[210] Na primeira das cinco salas se estabeleceu a memória dos franciscanos que vieram à América no início da colonização. A segunda sala possui peças da exploração feita em Cempoala,[211] liderada por Franscisco del Paso y Troncoso, o que se mostrava na época uma quebra da narrativa cronológica. Nas paredes, por sua vez, havia retratos dos Vice-reis, enquanto a terceira sala era dedicada a Hernán Cortés e algumas peças sobre a colonização. O período pós-conquista continuava representado na quarta sala, com uma coleção de mapas, códices, retratos. Havia poucos exemplares de numismática e heráldica, que posteriormente ganharam uma sala própria. Já a última locação expunha a época da independência e do que Galindo y Villa chama de "histórias moderna e contemporânea do México." [212]

O destaque dado à História em detrimento de outras áreas do conhecimento é percebido na forma como passaram a utilizar os acervos disponíveis em prol da instrução pública. Apesar dos investimentos, ainda precisavam melhorar a estrutura para que as práticas museológicas fossem desenvolvidas:

> No pocos objetos de los que se encuentran en todas estas salas se exponen por primera vez; y muchos se exhiben ahora de un modo conveniente. Debe ante todo tenerse presente que las instalaciones son provisionales, en fuerza de los escasos elementos con que cuenta nuestro Museo, y de la falta de amplitud de los salones, que como al principio se dijo, impide seguir un orden rigurosamente histórico.[213]

Isso significa que a premissa do museu, que era a instrução pública, deveria ser o foco não só da administração como do governo, pois a instituição deveria ser maior do que um "Gabinete de Curiosidades". Os guias e catálogos não eram inventários ou obras substanciais

---

[210] "Sin embargo, se ha hecho todo lo posible para evitar anacronismos; explicándose de esta suerte el por qué después de la galería virreinal, se colocan objetos anteriores á la llegada de D. Antonio de Mendoza á la Capital de la entonces Nueva España." GALINDO Y VILLA, *op. cit.,* pp. IV-V.

[211] Em agosto de 1890, Porfirio Díaz ordenou o início da expedição para o sul do país, local que despertava muito interesse nacional e estrangeiro. Francisco del Paso y Troncoso, então diretor do museu, participou da comitiva que contava com engenheiros, desenhistas, arqueólogos. A viagem durou mais de oito meses e abrangeu desde o Estado de Veracruz, em Papantla, até Cotaxtla. Além de explorarem a região de Cempoala, descobriram outros lugares que foram tocados pelos conquistadores. Porém, os bens encontrados foram levados para o Museu Nacional junto de estudos topográficos, sobre a vegetação e a fauna, que foram realizados na viagem. Aumentavam, dessa forma, o leque de conhecimento por parte do governo federal. GALINDO Y VILLA, *op. cit.,* pp.45-46.

[212] *Idem,* p. V.

[213] *Ibidem.,* pp. V-VI.

sobre o acervo, elas seriam como manuais para elucidar uma museologia confusa e pouco didática.

Em 1907, foi publicado o *Reglamento del Museo Nacional*, formulado pela diretoria e aprovado pela Secretaria de Instrução Pública e Belas Artes, no qual se desenhava a separação entre a História e a História Natural. O primeiro artigo já dizia que o museu tinha por finalidade a "(...) recolección, conservación y exhibición de los objetos relativos á la Historia, Arqueología, Etnología y Arte Industrial Restrospectivo de México, y el estúdio y la enseñanza de estas materias."[214] Não mencionava a coleção natural que vinha sendo construída desde o século XVIII. A partir desse momento, o museu também se tornara profissionalizante, ensinando História e Arqueologia, das quais pretendia extrair ainda mais conhecimento para a própria instituição, haja vista o perfil de aluno que procuravam: geógrafos ou quem havia cursado História Pátria pelo catálogo da Escola Nacional Preparatória ou das Escolas Normais de Professores, e proficiência em desenho.[215]

O Museu, dessa forma, se desenvolveu como instituição e como centro de pesquisa e referência da cultura nacional oficial. Em 1892, com as comemorações do IV Centenário do Descobrimento da América em Madri, o México realizou grandes exposições utilizando o acervo do museu, como as peças encontradas na exploração de Cempoala.[216] O objetivo era difundir a cultura pré-colonial para além das publicações escritas. Enquanto os *Anales* e as outras obras editadas ali ganhavam mais leitores especializados, as demonstrações públicas sobre o passado mexicano alimentavam os símbolos nacionais criados ao longo desse tempo. As nações já estabelecidas, os Impérios, como Inglaterra e França, expunham o seu poder econômico e cultural, o desenvolvimento tecnológico, a *modernidade*, enquanto os "novos" países, como México e Brasil, utilizavam essa oportunidade para se mostrarem pertencentes à nova época. Além disso, faziam vistas para trocas comerciais, sobretudo ao provarem o seu cosmopolitismo.[217]

Em 1909, a *Secretaria de Instrucción Secundaria, Preparatoria y Profesional* informava que, finalmente, com a intenção de ampliar o escopo do museu e "ampliar o

[214] AMNA, Vol. 11, Sección 19, 1907, p. 193.
[215] *Idem,* p. 195.
[216] GALINDO Y VILLA, *op. cit.,* p. 46.
[217] TENORIO-TRILLO, *op. cit.* 1996, pp.8-9. Para o autor, "(...) cultural, economic, and political nationalism was at odds with both cultural and political cosmopolitism. Cosmopolitism was a model of modernity tha simultaneously required the homogenization of all human characteristics and desires and recognized and appreciated the exotic and bizarre. That was na insurmountable existential irony (...) the very national need to be cosmopolitan seemed to be in conflict with the requirement of being culturally and racially unique and, presumably superior."

progresso", o Departamento de História Natural se tornava independente e surgiu o *Museo Nacional de Historia Natural*. O Museu Nacional acabou, dando início à gestão do *Museo Nacional de Arqueología, Historia é Etnología*,[218] o que representa o fim de uma época, tanto do museu quanto politicamente. O século XX começou com uma nova forma de se trabalhar as coleções, como aponta Ortega y Veja:

> El franco apoyo que el Estado dio a las secciones de Historia y Arqueología, y el ocaso de la SMHN [*Sociedad Mexicana de Historia Natural*] dentro del Museo tuvieron como consecuencia que en 1909 se escindiera la vertiente naturalista de la histórico-arqueológica al decretarse la fundación del Museo Nacional de Historia Natural. Lo anterior trajo consigo el fin del 'museo decimonónico, tal y como estaba sucediendo en instituciones humanas de Europa y América.[219]

Não havia mais espaço para ambos os acervos e essa mudança foi refletida profundamente nos *Anales*, como veremos nos próximos capítulos.

[218] AMNA, Volume 14, Sessión 6, 1909, f.171-173.
[219] ORTEGA Y VEGA, *op. cit.*, p.31.

Capítulo 2: Os *Anales del Museo Nacional de México:* a revista e sua construção como voz oficial do governo

O *Museo Nacional de México*, como discutimos no primeiro capítulo, não foi apenas responsável pela conservação e disposição de um acervo repleto de vestígios do passado. Ali foram desenvolvidos estudos e aulas técnicas de variadas áreas, resultando no maior centro de pesquisas histórica, antropológica e arqueológica do país. Entre 1867 e 1887, o *Museo* passou a adotar uma concepção educativa positivista e é nesse período que:

> se hace la primera organización general de las coleciones [...] e se publica en 1877 [...] la primera revista de divulgación histórico-arqueológica titulada *Anales del Museo Nacional de México* y, en 1882, sale a la luz el primer catálogo científico de las colecciones.[220]

Os *Anales del Museo Nacional de México* são importantes para o estudo da construção da identidade nacional como projeto político devido a dois pontos principais: primeiro, por terem reunido muitos intelectuais que buscavam interpretar as suas origens; segundo, por estarem atrelados a uma instituição que obtinha auxílio do governo federal e era parte da estruturação programada por ele. A revista buscou no passado a legitimação do presente e a criação do *nacional*, e no contexto oitocentista mexicano, foi criada como uma maneira de expandir os conhecimentos acerca da história pré-colonial, aquela dos grandes impérios indígenas. Essa parte da memória foi deliberadamente escolhida para representar a identidade comum do *mexicano*. Portanto, o trabalho dos intelectuais, editores e colaboradores dos *Anales* foi o da *operação historiográfica,* ao enfatizarem alguns aspectos do seu passado e silenciarem outros. Porém, essa construção se dá a partir de um local e, nesse caso, é o da memória (oral ou mesmo material) mantida pela tradição de uma população majoritariamente indígena.

Considerando, assim, a relevância da revista na consolidação de uma cultura propriamente mexicana, este capítulo tem por objetivo abordar o surgimento dos *Anales del Museo Nacional de México*, seu início, a receptividade, os detalhes das épocas e sua relação com a formação da História Oficial do país.

2.1 A criação dos *Anales del Museo Nacional de México*: um lugar para a História Oficial

Os *Anales del Museo Nacional de México* contribuíram por 100 anos para a produção científica mexicana, esforço possível devido à mobilização de nomes como Francisco

[220] MORALES MORENO, *op. cit.* 1994, p.39.

del Paso y Troncoso, Jesús Sánchez, Gumesindo Mendoza, Alfredo Chavero, Manuel Orozco y Berra, Luiz González Obregón, Jesús Galindo y Villa e Elías Amador (1848-1917),[221] entre outros.

Sob a alcunha de *Anales del Museo Nacional de México*, a publicação se estendeu até 1908, período durante o qual foi dividida em 1ª época (1877-1903) e 2ª época (1903-1908). Entre 1909 e 1913 surgiu a 3ª época e a revista foi reintitulada *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia* e, após a criação do *Museo Nacional de Historia Natural* em 1909, deixaram de publicar estudos relacionados à temática naturalista e se concentraram na História, na Etnografia e na Arqueologia. Devido às turbulências políticas do país, a 4ª época começou apenas em 1922 e terminou em 1933. Durante as 5ª, 6ª e 7ª épocas, de 1934 a 1976, novamente o nome da publicação foi modificado, desta vez, para *Anales del Instituto Nacional de Antropología e História*, ou seja, mesmo período da fundação do instituto homônimo – em 1934. Com o surgimento dos *Museo Nacional de Antropología* e *Museo Nacional de História*, o nome da revista foi atrelado ao *Instituto Nacional de Antropología y História* (INAH), pois o departamento de estudos arqueológicos, a direção de monumentos pré-hispânicos e coloniais e a Escola Nacional de Antropologia passaram a atuar sob sua jurisdição. O último volume foi publicado em 1977, como *Anales de Arqueología e História*.

Em janeiro de 1877, a relação entre os editores dos *Anales*, a diretoria do *Museo Nacional do México* e o governo ficou mais estreita, quando o próprio Porfírio Díaz autorizou o financiamento da impressão, caracterizando-a como gastos para instrução pública.[222] Temas relacionados à História, Arqueologia, tradução e interpretação de códices, tratados de idolatrias, filologia, paleontologia, antropologia e estudos artísticos e estéticos das peças do museu foram abordados já no início da 1ª época da publicação.[223] A 2ª época também enfatizou essas temáticas, o que reflete o interesse intelectual do período em desvendar o passado pré-hispânico. No início do primeiro tomo há um artigo chamado "*Cuestión Histórica*", escrito por Jesús Sánchez, no qual aborda a polêmica sobre a destruição de templos indígenas durante o período colonial. Já no início, o autor explicita:

---

[221] Foi um historiador da região de Zacatecas que ocupou cargos públicos, dirigiu periódicos e fez parte do departamento de História do Museu Nacional. Publicou com frequência nos *Anales*, contribuindo com análises profundamente diferentes das realizadas nas épocas anteriores. Suas principais obras foram: *Bosquejo Histórico de Zacatecas*, de 1892; *Los caudillos de la Independencia ante el patíbulo*, de 1911; *Noticias biográficas de insurgentes apodados*, de 1910.

[222] AMNA, Vol. 2, Sessión 31, 1877, f. 217.

[223] "3º Estableciose la publicacion de los 'Anales del Museo' mejora de gran importancia, puesto que con ello se dá a conocer no solo los objetos de Historia Natural y de Arqueología que posee el Establecimiento; Sin que inaugura (...) el importante estudio de la Arqueología Mexicana, del que se puede decir que yaciendo en la oscuridad solo á nas cuantas les era dado conocer." AMNA, Vol. 3, Sección 9, f.74.

> Debo, pues, presentar los datos que tuve presentes para hacer esta inculpacion; pero ántes advertiré, que no me mueve á esto um espíritu contencioso de controversia, sino el deseo franco y verdadeiro de colocarme frente à la verdade, separándome del camio el error.[224]

A qual erro ele estaria se referindo? Ao dele próprio, por disseminar alguma informação mal pesquisada ou ao da História, ao promulgar fato – ou personagem – errôneo? Sánchez cria duas hipóteses para explicar seu argumento. A primeira seria que os missionários que chegaram à América no início da colonização destruíram, com poucas exceções, tudo o que se relacionava com idolatria, cultos indígenas, história e antiguidades sobre aquela terra. A segunda hipótese era uma derivação da primeira, já que responsabiliza Zumárraga[225], autoridade no período, pelos atos destrutivos. E qual a motivação? "(...) el celo indiscreto de los misioneros destruyó los monumentos de la antigüedad indiana.".[226]

Os *celos* vêm de uma relação com a obra *Historia natural y moral de las Indias*[227] do padre jesuíta espanhol José de Acosta (1540-1600), que discorre sobre os *celosos y necios* indígenas. Os europeus não conheciam e nem queriam conhecer os nativos, então, agiram na destruição dos códices e documentos, já que não acreditavam, tampouco se importavam, com a falta que fariam. Além disso, a nova institucionalização do território americano não aprovava a manutenção de tanto passado. Sánchez continua:

> Por desgracia los misioneros confundieron con los objetos del culto idolátrico todos los geroglífos cronológicos e históricos, y en una misma hoguera se consumia el ídolo ante quien se habian presentado en sacrificio los corazones humeantes de los hombres, y el manuscrito precioso que contenia los anales de la nación desde su imigración del Norte del Asia. Así fueron entregados á las llamas los archivos de Tezcuco. [228]

O autor estuda o desaparecimento da origem. Os *Anales de la nación*, que viraram cinza nos arquivos de Tezcoco, apresentariam os caminhos percorridos pelos seus ancestrais desde o povoamento da América até o momento da colonização. A posição do autor é claramente científica, de apurador e detetive, ao querer desvendar os porquês da destruição de patrimônio "nacional". A ciência aparece nas suas conjecturas, na descrição argumentativa ao apresentar seus andaimes metodológicos e nas conclusões que encontramos ao longo dos artigos, que, de várias formas, corroboram a ideia do silenciamento do passado. Ao longo do texto de 13 páginas, ele faz referências aos estudos de Lucas Alamán para ratificar suas hipóteses sobre a destruição de ídolos. Na escrita percebemos o quanto as terminologias

---

[224] SÁNCHEZ, Jesús. Cuestión Histórica. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I, 1877, p.47.
[225] Aqui ele se refere a Juan de Zumárraga (1468-1548), franciscano que chegou ao México, quando se tornou o primeiro Arcebispo por indicação de Carlos V.
[226] SÁNCHEZ, *op. cit*, 1877, p.47.
[227] Obra do jesuíta José de Acosta publicada em 1589.
[228] SÁNCHEZ, *op. cit*, 1877, p.49.

"manuscritos", "arquivo" e "*anales*" compõem o aparato teórico e funcionam como alicerce de sua concepção. Não foram destruídos apenas a materialidade, mas também a História.

Em seu artigo somos expostos a uma Europa preocupada com artefatos arqueológicos, saqueando o Oriente próximo, buscando, desde antes do século XVIII, conhecer detalhes sobre os impérios e, agora, no século XIX, reconhecer a importância do medievo, com as reconstruções de cidades em ruínas. Por isso afirma:

> Es un deber de justicia reconocer que si los misioneros destruyeron los documentos primitivos de la historia mexicana, lo hicieron por ignorancia, confundiendo lo que podia ser contrario á sus miras con lo realmente útil; (...) Por otra parte, si hicieron un mal que no fué á sabiendas, procuraron repararlo hasta donde les fué posible: además de doctrinar á los indios, los instruyeron en todas las artes y oficios de su tempo, distinguiéndose especialmente Sahagún, Torquemada, Motolinía, Mendieta, Gante, Las Casas y otros mil, bien conocidos por sus obras.[229]

Se os colonizadores eram ignorantes o suficiente para não valorizarem o passado, *nós* evoluímos, temos a História ao nosso lado e a necessidade de poupar, guardar e salvar o que produzimos. Adjetivar o missionário de forma pejorativa imputava características modernas às atitudes de um homem do século XVI. Conseguimos entender, ao mesmo tempo, a posição em que Sánchez se colocava, sapiente em relação ao que fazer com o passado e juiz do outro, ao dizer que o desconhecimento prejudicou o presente.

Outra característica do excerto é a quantidade de referências a religiosos que retrataram a América a partir do seu olhar e experiência. Essa documentação passa a ser tão importante para o estudo da História quanto os códices pré-colombianos e as peças colecionadas e dispostas no museu. O que veremos ao longo dos próximos capítulos, contudo, é que os *cientificos* consultavam o material produzido pelos conquistadores e colonizadores, mas sempre conferiam a informação, comparando-a com a análise documental, a "verdadeira" fonte de dados. A mudança de perspectiva acerca do passado mexicano foi vivida junto da transformação da História como disciplina e como *magistra vitae*.[230]

---

[229] SÁNCHEZ, *op. cit*, 1877, p. 50.

[230] KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 42. A história *magistra*, cunhada por Cícero no contexto da oratória e outras metáforas, teve sua influência diminuída no período medieval por causa cristandade e a sua forma de enxergar o tempo. As profecias apocalípticas, contudo, desvaneceram com o fim do medievo, dando espaço para a retomada da história mestra da vida. Assim como Maquiavel exortava que os antigos deveriam ser imitados, os mexicanos do século XIX buscavam na imitação a descoberta do seu eu. Maquiavel recoloca a história como exemplo e experiência, utilizando-a como lei que faz com que o homem enxergue seu futuro por meio do presente. A velha história – *Historie* – foi tirada do pedestal não só pelos iluministas, mas também pelo movimento que reorganizou a relação entre passado e futuro. A entrada, do que o autor chama, da história em si – *Geschichte* – como uma nova forma de se entender a temporalidade, traz mudanças no *topos*. Mesmo que *Historie* e *Geschichte* se complementassem, a última se fortaleceu no seu sentido de acontecimento e representação e trouxe novas qualidades de experiência a partir do aprendido com a tradição. A história se tornou o conhecimento em si, adquiriu outra dimensão que escapava à narratividade dos relatos, se tornou impossível compreendê-la ou observá-la nas

É interessante perceber como o artigo de Sánchez é composto majoritariamente por citações, provavelmente utilizadas para legitimar as suas palavras. A escrita da História nesse período se relacionava intimamente com o ideal de imparcialidade e fidelidade à realidade. O papel do historiador hoje é observar que essa "curadoria" de citações nos permite identificar certo grau de subjetividade da obra, quebrando o discurso da neutralidade. Além das citações, existem os destaques dados a elas, que corroboram o ponto do autor, que, ao colocar citações longas, hipoteticamente permite que os fatos e a verdade falem por si.

Obras acadêmicas são também permeadas por trechos de documentos, aspas e mais aspas, porém, o que particulariza estes textos, ou o fazer historiográfico do século XIX, é a intencionalidade. Um exemplo dado por Reinhart Koselleck foi Leopold von Ranke (1795-1886) que escreveu a *História dos povos românicos e germânicos*, em 1824, composta por histórias e não história, mas, em ambas, o ineditismo é destacado. O embate dessas forças singulares e únicas faz com que a aplicabilidade de modelos históricos no presente seja uma tarefa dificultosa. As liberdades viram *Liberdade;* progressos é *Progresso;* revolução se torna *Revolução.*[231] Todos os aspectos da historiografia envolvem consciência sobre o passado, mas a operação intelectual que necessitam não se limita à resolução de problemas antigos. O historiador e as funções sociais e emocionais carregadas em suas análises transformam a história e a historiografia em processos complexos.[232] A consciência dos eventos do passado faz parte da vida no presente e se conecta diretamente à preservação e à constância das sociedades. Esse passado é plural e corpo social possui diferentes relações com ele. Ou seja, o que é escolhido para ser entendido como continuidade ou lembrança é o que deve ser analisado.[233]

---

afirmações feitas sobre a mesma. Ou seja, a história que se expressa por si mesma, pois não é possível entendê-la, de fato, além disso.
O termo *Geschichte*, contudo, sofreu modificações. Até a primeira metade do século XVIII, o uso comum era de *die Geschichte*, com significado plural, pois a História estava ligada a uma diversidade de histórias particulares tradicionais, ou seja, uma alusão a um número correspondente de exemplos individuais. Após a Revolução Francesa, a história se torna ela própria um sujeito, com atributos designados a ela, e ao longo do tempo a forma plural se condensou no coletivo singular. A História passou a ter uma exigência de realidade muito forte. Se antes o papel era se destacar da moral, agora era se diferenciar da ficção. Um exemplo foi o uso de subtítulos como "história verdadeira" em contos, romances, para dar a legitimidade do real para o que foi escrito. KOSELLECK, *op. cit.*, 2006, pp. 47-51.

[231] KOSELLECK, op. cit., 2006, p. 52.

[232] POCOCK, J. G. A. "The Origins of Study of the Past: a comparative approach". **Comparative Studies in Society and History**. Vol 4, n.2, 1962, p. 209.

[233] "It will not be premature at this stage to define historiography as a complex series of relationships between members of a Society in the present and the traditional and documentary evidences of its pasts, and to assert that these relationships cannot be confined to those which exist with it 'histories' in the limited sense of its inherited narratives of events in its past." *Idem*, pp. 213-214.

Retomando a "*Cuestión Historica*", Sánchez se expressa sobre os casos de destruição ao usar conceitos caros, na sua época, para narrar a motivação dos índios do século XVI em relação à preservação do patrimônio cultural:

> Y como los indios rehacian sus manuscritos ó los escondian para conservar la historia de su nacion, se valian los misioneros de niños cristianos, á quienes investian de su errado celo, para que los robasen á sus padres, y de aqui vino la muerte de los siete niños tlaxcaltecas reputados mártires. Así causó este Obispo á la nación y á la republica literaria una perdida tan irreparable como inmensa.[234]

O autor lamenta a perda do passado real. Não ter toda a documentação, memorabilia e fatos sobre a origem era um problema para o século XIX, quando o México construía seu espaço e imagem tanto interna quanto externamente. As comparações entre a sua história e as europeias serão frequentes e parte fundamental do fazer História para aqueles intelectuais. Em determinado momento do texto, por exemplo, Sánchez contrapõe a obra do padre Juan de Torquemada com a de Tito Lívio, enfatizando a fala do padre, que, para o autor, teria mais credibilidade do que Zumárraga. Ademais, é nessa parte do artigo que ele explica o uso das crônicas para comprovar as evidências levantadas nos seus estudos:

> Llegado al país hácia mediados del siglo XVI, pudo recoger de la generacion conquistadora la narracion de los acontecimientos; como hombre honrado, su carácter jura por él, segun el dicho de Labruyère, y si á esto añadimos que escribió su historia *por órden* expresa del superior y con especial recomendación de averiguar los hechos de los misioneros no encontraremos objecion posible que hacerle. Su "Monarquia Indiana" tiene defectos em cronología; pero no sabemos que se le haya hecho el cargo de adulterar los hechos de la Conquista: tal vez la misma órden que recibió para decir verdad, explique por qué la dice tan lisa y llanamente aún tratándose de los arzobispos Zumárraga y García de Santa María, de quienes no hablan otros religiosos, al tratar de la destruccion de los monumentos indios.[235]

Ressalta-se o modo como a crônica é absorvida e o lugar de fala do cronista, além da crítica e da justificativa do seu uso para embasar um ponto de vista. Estabelece-se, no trecho, um paralelo entre a posição de Torquemada como autor e a sua opinião sobre a história da conquista, além da sua legitimidade política e testemunhal pela sua vivência no período. A recomendação de se falar a verdade não é valorizada apenas no século XIX, mas se torna fundamental quando a História é ciência. Portanto, é a vista e a verdade de Sánchez, além da de Torquemada, que cria essa relação entre documentação e verdade absoluta.[236]

Em 1879, foi enviado um informe para a Secretaria de Instrução Pública sobre as melhorias realizadas no museu, que aumentara seu acervo, mas ainda não podia abrigá-lo

---

[234] SÁNCHEZ, *op. cit*, 1877, p. 52.
[235] *Idem*, p. 53. Grifo do texto.
[236] Como veremos ao longo do texto, o índio sempre foi voz passiva dentro de diferentes cenários, seja nas crônicas coloniais, no processo de catequização, ou na exaltação do imaginário antigo enquanto o índio do presente é anulado.

apropriadamente. A seção de Arqueologia, por exemplo, ocupava, de forma provisória, três salas pequenas, o que inviabilizava a exposição correta das peças. Já o Departamento de História[237] foi dividido em três seções:

1. Invasão europeia e anos anteriores: formada por objetos pertencentes aos astecas e a outros povos indígenas, como armas, instrumentos musicais, utensílios domésticos com diversas funções, adornos, amuletos, pinturas, ídolos, entre outros.[238]

2. Dominação espanhola: abarcava especificamente o período colonial e era composta por retratos dos governantes mexicanos desde Hernán Cortés, além de armas tanto dos conquistadores quanto dos conquistados.

3. Época da independência em diante: foco nos "heróis da pátria" e nos Presidentes da República que o país tivera até então.

Os *Anales* seguiam o mesmo direcionamento do museu e se tornaram a sua carta de apresentação ao destinar suas páginas para análises das peças pertencentes à instituição. Porém, apesar da variada gama temática dentro do próprio Departamento de História, nos primeiros anos, o passado pré-colombiano obteve maior destaque. Percebe-se, nos escritos, a influência positivista oitocentista na busca de documentos inéditos que ditariam os fatos da história mexicana, teoria essa que também influenciou muitos políticos no México, se tornando um dos seus principais polos fora da França.[239] Os positivistas mexicanos[240] acreditavam na existência de uma verdade absoluta, válida para todos os homens, encabeçando a chamada "Marcha positivista", a rota para o progresso. Neste contexto de desenvolvimento intelectual, político e cultural do país, Leopoldo Zea[241] disserta sobre as ideias serem circunstanciais e não abstratas,

---

[237] "Le siguen con empeño la colectacion de todo aquello que ha interes por la Historia y Arqueología de México y pronto será posible disponer para el acceso público esta parte interesante del Museo y entonces se publicará un catálogo pormenorizado para que sirva para ilustrar al público sobre una materia tan digna de llamar la atencion como lo es la historia del país." AMNA, Vol. 4, Sección 10, 1879, f.169-170.

[238] AMNA, Vol. 4, Sección 10, 1879, f.168-169.

[239] Vale lembrar que o positivismo foi uma teoria surgida na França e criada por Auguste Comte, adotada pelos intelectuais mexicanos por encontrarem ali um sentido e uma metodologia que se encaixava nas suas formas de pensar ciência. A similaridade de interesses e de origem foi um dos pontos convergentes. Comte era um expoente da sociedade burguesa que se desenvolvera no século XIX, ele simboliza o poder dessa classe emergente e que se torna relevante ao poder político. O que se conecta com os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, conceitos que também auxiliaram a burguesia a se desenvolver intelectualmente, oriundos de palavras de ordem de uma filosofia revolucionária. Contudo, no agora do século XIX, essa classe nascente procurava uma filosofia antirrevolucionária, ordenada, mas sem ser autoritária como o Antigo Regime.

[240] O positivismo no México embasou uma geração focada na ciência e metodologia, em que as relações entre filosofia e história entram em conflito, pois é um conjunto de ideias que, como tudo na filosofia, pretende ter um valor universal. Dessa forma, deve-se abstrai-lo de toda a sua concepção material, espacial e temporal, no que reside o conflito com a História. Assim, o positivismo mexicano seria análogo ao francês, inglês, alemão e assim por diante. Cf. ZEA, Leopoldo. **El Positivismo en México: Nacimiento, Apogeo y Decadencia**. México: FCE, 1968, p. 17.

[241] Para Elias Palti, a escrita da história latino-americana é um ato político e a história das ideias se instituiu como uma disciplina acadêmica nas mãos de Leopoldo Zea ao pensar o contexto de formação da marginalização cultural

pois compreender o sentido da filosofia é essencial para entender sua relação histórica e, assim, mapear a importância do positivismo no México.[242]

O momento foi de mobilização dos intelectuais, no geral, para construção e consolidação de uma forma de pensamento e de organização social. A cultura, nesse caso, assumia a posição de legitimadora do poder e controladora da sociedade e, para isso, a busca pela unidade era fundamental, mesmo que não abarcasse ou pertencesse a todos. Os pensadores mexicanos do século XIX, mergulhados nessa tradição, deixaram diversos tipos de rastros: sobre o passado que lhes era tema, o mundo pré-colombiano, por exemplo, com as documentações publicadas, os resgates das crônicas, os objetos encontrados nas escavações; sobre o ponto de vista em relação ao passado, com a edição e curadoria de documentos, peças, objetos que dizem respeito a esse olhar e agenda dos intelectuais; e a História que fizeram escrevendo sobre o passado, como o analisavam e o enxergavam, o que era origem, as adjetivações, entre outros detalhes.[243]

A criação da revista ocorreu a partir de um projeto de desenvolvimento científico proposto pela administração *juarista*, por meio do qual as atividades acadêmicas se fortaleceriam, levando consigo a conservação e a análise das peças do museu. As coleções, para serem interpretadas, dependem de conceitos e metodologias suscetíveis às mudanças temporais. Os *Anales* ocupavam o espaço da promoção das análises científicas do passado e, em cada época, observamos as alterações sobre o entendimento dele.[244] No século XIX, a mudança de foco em relação ao passado foi frenética. De início, no período da Independência até a Reforma, a ideia de dominação secular espanhola era pouco debatida. O país estava dividido e havia os que queriam edificar a nova nação sob as raízes indígenas e os que queriam criá-la sob o legado

---

da América Latina. Ao discutir a teoria positivista no México, o autor observa o ideal universalizante dos intelectuais ao mesmo tempo em que analisa que isso não existiu de fato, que a historicidade mexicana levava a outras consequências. Na particularidade que se observa os "desvios" de sentido produzidos pelos diferentes contextos. Apesar dos intelectuais oitocentistas acreditarem praticar a doutrina como na França, Zea defende que não, que é impossível a aplicação direta de uma metodologia de um local para outro. Mesmo sendo visto como percussor, Palti defende que Zea não se encaixava totalmente na visão revisionista promulgada pela história das ideias. Além disso, discorre que os historiadores das ideias concluíram que a busca pela regionalidade era resultado de um esforço teórico para se entender a nação. Para corroborar sua tese, Palti traz à discussão autores clássicos que contribuíram profundamente para a historiografia mexicana. Charles A. Hale, por exemplo, iniciou uma maneira de se escrever história sem a subjetividade de um local, já que não partilhava das raízes mexicanas e poderia ter uma visão mais distanciada. Hale aborda minuciosamente a temática dos liberais e conservadores. A visão maniqueísta de Zea não era mais suficiente para compreender a organização política do século XIX, sendo que entre ambos os grupos haveria mais similaridades do que diferenças. Cf. PALTI, Elias J**. El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2007, pp. 25-28.

[242] *Idem,* p. 20.

[243] TENORIO-TRILLO, Mauricio. **Historia y Celebración. México y sus Centenarios.** México: Tusquets Editores, 2009, p. 40.

[244] RICO MANSARD, *op. cit.,* pp. 96-97.

hispânico. Os liberais assumiram a visão negativa do Vice-Reinado, período de submissão colonial, origem dos latifúndios e base da tradição conservadora. Segundo Florescano, essa abordagem é problemática pois silenciava partes importantes do passado colonial, isto é,

> Es decir, la memoria histórica mexicana no ha podido aceptar aún los tres siglos que forjaron una nueva nación y, en consecuencia, no hemos podido elaborar una historia objetiva de la conquista ni menos relatar compensivamente cómo nació una nueva sociedade fundada em herencias culturales divergentes de la propia tradición ancestral.[245]

Além disso, não se tratava apenas da negação da colônia, mas também do indígena do presente. Esta ação começou logo após a conquista do México e continuou pelos três séculos de domínio colonial. No XIX, o silenciamento dos povos indígenas foi exercido por todos os grupos sociais e partidos políticos. A condenação, a negação e o esquecimento do passado mostram que a reconstrução da memória mexicana está ligada ao conflito e à parcialidade. A concepção indígena de história, cosmológica, foi podada desde o início da colonização. No lugar, foi imposto o projeto cristão, caracterizado pela linearidade cronológica e pela ideia de passado, presente e futuro. Apropriação e reinterpretação ocorrem com o tempo e, no século XVII, esse projeto foi incorporado pelos indígenas à sua forma cíclica de organização temporal.

A história antiga mexicana era ainda a dos astecas, com o passado comparável aos clássicos, Grécia e Roma: "(...) no era un pasado gótico o medival, todavía presente en muchas instituciones y prácticas modernas, con princípios y elementos sociales merecedores de emulación o resurrección."[246] A relação entre os índios do presente e os do passado vinha desde as separações culturais existentes no período da colônia, com espanhóis e espanhóis americanos se diferenciando diametralmente dos que eram considerados locais. As rivalidades desenroladas a partir da desigualdade social eram um problema estrutural da sociedade mexicana, o que não se alterou com as mudanças liberais pós-1867, nem com o governo de Porfirio Díaz. Constantes confrontos eram vistos em várias partes do país, uma nação em formação com tensões sociais e culturais profundas, o que explica o desejo do governo em estabelecer elementos unificadores que trouxessem pelo menos a sensação de harmonia. [247]

Com a República, apresentou-se um sujeito novo na construção da narrativa histórica, na ideia de unificação da nação como um todo. O Estado passou a ser considerado como uma entidade territorial integrada política e socialmente, com origem, desenvolvimento no tempo e futuros comuns. Modifica-se, novamente, a ideia de passado e sua relação com o presente. A nação seria uma criação voluntária e artificial a partir de elementos reais, e que se

---

[245] FLORESCANO, *op. cit.*, 2002, pp. 534-535.
[246] BRADING, David. **Los Orígenes del nacionalismo mexicano**. México: Era, 1985, p.127.
[247] *Idem,* pp. 128-129.

inspirava na história como fonte de experiências, mas não dependente destas. As ideias sobre a formação da nação eram contraditórias entre os diferentes grupos que a pensavam, como mestiços, índios, *criollos,* etc. Para Florescano, havia pelo menos dois princípios que se opunham: a nação composta por costumes e tradições coletivas promovidas pelo desenvolvimento histórico, ou seja "(...) era 'el producto de una larga historia, a lo largo de la cual se han forjado sus valores, sus leyes, sus costumbres, es decir, su identidad'. Esta nación antigua era también una nación católica"[248]. E a nação moderna idealizada a partir da ascensão liberal, que se gabava de ser livre e igualitária.

A História era o ponto nevrálgico para as diferenças identitárias que dificultavam a formação de uma simbologia nacional ou da união artificial dentro de um mesmo território, ainda que partissem de premissas similares. Os obstáculos são enfrentados com maior altivez ao se buscar no passado elementos comuns que possam reunir interesses e culturas díspares. Porém, na procura, pode-se encontrar o inesperado, que auxilia tanto a mudar uma ideia quanto a construir outra, não necessariamente afetando a anterior. É com o passado que se reafirma o novo, inclusive sendo essa novidade a posição do sujeito que, no século XIX, questiona sua própria origem e a reivindica. Os autores que indagam a configuração do México e o alçam à grandiosidade devido às populações indígenas não nos afirmam o que eram os *mexicas* e sim estabelecem o seu ideal no presente. Como diz Woodward: "Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de *construção da identidade* que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, a contestação e uma possível crise".[249]

2.2 A estrutura das 1ª, 2ª e 3ª épocas dos *Anales*

Com a retomada do museu em 1871, a instituição iniciou uma nova estruturação. Havia o incentivo para a História Natural, com exposições de conchas, aves empalhadas, insetos, entre outros animais que compunham a fauna mexicana. Contudo, os estudos sobre o passado, o que incluía religião, cultura, costumes, sociedade, se tornaram o carro-chefe dos *Anales del Museo Nacional de México*, publicado pela primeira vez em 1877.

---

[248] FLORESCANO, *op. cit.,* 2002, pp. 539-542.

[249] WOODWARD, *op. cit.,* p. 12. Grifo do texto. Para contextualizar melhor seu argumento, a autora afirma que no alicerce das discussões sobre a identidade existe uma tensão entre: as perspectivas essencialistas, que eram parte da fundação dessa ideia, como, por exemplo, as características diversas que eram partilhadas pelos mexicanos e que se mantém no tempo; e as perspectivas não essencialistas, que foca nas diferenças e características existentes tanto nos mexicanos quanto em outros povos. Se entende que não é primazia de uma identidade em relação a outra, pois não existe uma "verdadeira", apesar dessa verdade ser reivindicada por séculos. A identidade é relacional, estabelecida pelas marcações simbólicas e, também, vinculadas às condições materiais e sociais que distinguem a população.

Desde o início, a revista se tornou a principal divulgação da ciência produzida não só pela instituição, mas no país.[250] Os primeiros tomos circunscreveram a temática pré-colombiana por meio da análise da materialidade existente no museu. Assim como os museus públicos nacionais se tornaram comuns no século XIX, os periódicos científicos eram símbolos do desenvolvimento do país, o que não era prerrogativa do México. Lilia Schwarcz afirma, por exemplo, que os *Archivos do Museu Nacional* brasileiro, revista lançada em 1876, pretendeu destacar o papel da instituição na comunidade científica internacional. Enquanto no Brasil o andamento tanto da instituição quanto da revista ocorreu na segunda metade do século em questão, o México demonstrava interesse na área desde 1822 com a criação de Gabinetes e Comitês.[251]

[250] RICO MANSARD, *op. cit.,* 2004, p. 116.
[251] SCHWARCZ, *op. cit.*, 2001, p. 41.

Tabela 1: *Anales del Museo Nacional de México* - 1ª Época - 1877-1903 - Ano da publicação e temas correspondentes

Ano	**1877**	**1882**	**1886**	**1887**	**1899**	**1900**	**1903**
Arqueologia e História	15	9	18	6	2	6	9
Paleontologia	2						3
Mineralogia	1						
Zoologia	2		1	5			
Antropologia		1		1			1
Filologia	1						
Geologia		1					
Botânica				1			4
Linguística			3	3			7
Biografia e Bibliografia			3	3			1
Total	21	11	25	19	2	6	25
Direção	Gumesindo Mendoza	Gumesindo Mendoza	Jesús Sánchez	Jesús Sánchez	Francisco del Paso y Troncoso	Francisco del Paso y Troncoso	Alfredo Chavero

A Tabela 1[252] mostra que a 1ª época não seguiu um padrão específico nas publicações. Observamos isso a partir dos textos escolhidos para comporem os tomos e dos vestígios deixados pelos índices [253]. Em 1877, além dos artigos acima, foram publicados um prólogo e um informe feitos pelo diretor e uma resenha história de Jesús Sánchez sobre o próprio museu. Esses textos especiais, cujas funções eram apresentar os trabalhos feitos pela instituição no campo material, no crescimento dos acervos e nas melhorias internas, também não eram padronizados e nem estavam em todos os números. O próximo que teve um informe e uma publicação específica sobre o museu foi o tomo IV, dez anos depois do inaugural. Não havia seções fixas, cada número possuía um tipo de edição, mas uma disciplina era constante, a História, que, compartilhando a seção com a Arqueologia, abrangia a maior porcentagem de artigos, menos em dois números. Em 1877, compunha 71,4%; em 1882, tinha 81,8%; em 1886, foi 72%; e, tanto em 1899 quanto em 1900, 100% dos artigos eram de História ou Arqueologia. Em 1887, com 31,5%, divide o protagonismo com a seção de Zoologia, que contou com cinco textos em um total de 26,3%. Em 1903, por sua vez, a parte de Arqueologia e História contou com 36%, enquanto a seção de Linguística teve 28%.

Ainda na 1ª época, nomes como Manuel Orozco y Berra e José Fernando Ramírez se destacaram por apresentarem trabalhos com vasta pesquisa documental e bibliográfica sobre os períodos pré-hispânico e colonial. Eram pesquisadores sólidos e conhecidos pela Academia mexicana, o que legitimava o papel da revista, como evidencia o trecho abaixo:

> Es el momento en que se consolida la autonomía del pasado cientifico de las posturas dogmáticas religiosas; se plante ala necesidad de desarrollar técnicas de análises cada vez más sofisticadas, es el período en que los estudiosos toman conciencia de que es necesario educar los ojos para aprender a observar, y también señalan que es el momento de construir un vocabulario preciso y propio para poder conocer el México antiguo. [254]

Com a periodização trimestral, entre 1877 e 1879 o primeiro tomo foi levado à público, após ser dividido em sete partes. Até 1887, a revista foi impressa por duas *imprentas* diferentes, a de Carlos Ramiro e a de Ignacio Escalante, que publicou os tomos II e III, por exemplo. Foi apenas nessa data que o museu adquiriu a própria prensa, facilitando não só a produção dos *Anales* como de outras obras.

Havia uma irregularidade nas entregas dos tomos. O quarto, por exemplo, foi impresso ao longo de 1887 e 1897. Em 1903, dois tomos foram publicados: o sétimo, que foi o

---

[252] Fonte: *Anales de Museo Nacional de México*, 1ª época, tomo I – VII.
[253] Vide Anexo I.
[254] BRAMBILA PAZ, Rosa; GORTARI, Rebeca de. "Los Anales del Museo Nacional de México". In: RUTSCH, Mechthild; WACHER, Mette Marie (coord.). **Alarifes, amanuenses y evangelistas. Tradiciones, personajes, comunidades y narrativas de la ciencia en México.** México: INAH/ Universidad Iberoamericana, 2004, p. 243.

último da 1ª época da revista, e o primeiro da 2ª época. A partir deste, o formato foi modificado para que os fascículos ficassem menores, mais fáceis de ler e se tornaram bimestrais. Havia a possibilidade de subscrição para receberem os tomos em casa, além da venda no museu. Tal opção fidelizava os leitores e tranquilizava a instituição, garantindo um número aproximado de encadernações para publicar. Porém, a separação em diferentes fascículos contribuiu para uma maior confusão nas entregas, pois acabavam desordenadas.

O destaque dado aos estudos históricos e antropológicos era um direcionamento estabelecido pelo museu desde a fundação dos *Anales*, haja vista que os primeiros diretores que cuidaram da edição da revista eram naturalistas. Gumesindo Mendoza[255] e Jesús Sánchez[256], juntamente com Antonio Peñafiel (1830-1922)[257] e Manuel Urbina, eram membros da *Sociedad Mexicana de História Natural* e faziam parte do corpo docente do museu:

> Editaron textos novohispanos y consideraron los Anales del Museo Nacional, revista trimestral a difundir y divulgar las ciencias cultivadas en dicha institución, que viajó a Europa y Estados Unidos y gracias a su intercambio, el museo recibió interesantes obras científicas del extranjero.[258]

Assim, uma imagem de integração foi se consolidando: a de um país apoiado no passado antigo glorioso, que justificava o presente próspero e uma boa projeção para o futuro. O centro dessa nova noção era o Estado-nação, que tinha como base o patriotismo, a defesa da integridade nacional e o culto aos princípios da República e aos heróis fundadores. É a nova forma de se fazer História, cívica e laica, sempre buscando o fortalecimento da unidade. Porém, alguns não se sentiam confortáveis e não concordavam com essa construção do nacional, sobretudo os povos indígenas, considerados um dos principais fardos para a evolução mexicana.

---

[255] Nascido na região de Querétaro, não teve origem abastada como a maioria dos ilustrados mexicanos. Filho de um peão de fazendo, cresceu observando a natureza à sua volta, e transformou esse comportamento em carreira. Ganhou o título de farmacêutico pela Escola Nacional de Medicina, ao mesmo tempo em que era poliglota, historiador e arqueólogo. Aprendeu latim na infância com o auxílio de um cura. Ensinou Zoologia, Botânica, Farmácia e Química. Na mesma época em que virou membro da *Sociedad Mexicana de Historia Natural* assumiu a docência também no Museu Nacional, que chefiou de 1876 e 1883.

[256] Nascido na Cidade do México, se formou em Medicina e iniciou sua carreira nos estudos sobre a História Natural e a História do México Antigo. Foi contratado para compor o corpo docente do Museu Nacional em 1879, assumindo a cátedra de Zoologia, que dividia com Antonio Peñafiel y Barranco e Gumesindo Mendoza. Pela instituição assistiu a Exposição Universal de Nova Orleans, em 1885 e conduziu o translado da Pedra do Sol para a Galeria dos Monolitos, inaugurada em 1885. Além disso, trabalhou para a consolidação do Museu Nacional de História Natural.

[257] Foi um médico e historiador nascido em *Atotonilco, el Grande*, no Estado de Hidalgo. Como seus contemporâneo, também exerceu a função de professor e político, quando ensinou no Hospital Militar San Lucas e deputado federal pelo seu estado, entre 1873 e 1875. Foi um dos fundadores da *Sociedad Mexicana de Historia Natural* e integrou o corpo docente do Museu Nacional em 1868

[258] GUEVARA FEFER, Rafael. "La danza de las disciplinas. El Museo Nacional a través de los trabajos y los días de Gumesindo Mendoza" In: RUTSCH, Mechthild; WACHER, Mette Marie (coord.). **Alarifes, amanuenses y evangelistas. Tradiciones, personajes, comunidades y narrativas de la ciencia en México.** México: INAH/ Universidad Iberoamericana, 2004, p. 243

Liberais, conservadores e moderados tinham o mesmo ponto de vista em relação a essa população, o que motivava o nascimento de uma consciência social diferente.

Em relação a essa 1ª época da revista, a falta de um sistema coordenado de distribuição, que muitas vezes ficava à mercê da memória da diretoria e dos funcionários da instituição, deixava o processo quase amador.[259] Claramente, todo o esforço de produção e divulgação científica se mostrava novo e, portanto, baseado em tentativas, com risco tanto de acertos como de erros. Os partícipes dessa missão aprendiam com o tempo as suas funções, o que deveria ser feito. Além disso, os primeiros tomos não foram pensados para que houvesse um diálogo entre os artigos, uma clara dificuldade editorial que poderia ser de cunho prático ou até ideológico. Contudo, analisando o índice e o conteúdo dos textos, podemos afirmar que a produção dos volumes foi um desafio, sendo que a novidade da tarefa não pode ser deixada de lado. Na 2ª época, contudo, a situação se modificou sensivelmente.

[259] BRAMBILA PAZ; GORTARI, 2004, p.147.

Tabela 2: Anales del Museo Nacional de México - 2ª Época - 1903-1908 - Ano da publicação e temas correspondentes

Ano	**1903**	**1905**	**1906**	**1907**	**1908**
Arqueologia	2	8	2	1	1
História	3	8	1	4	
Geologia	1	1	2		
Zoologia	1				
Antropologia	3*				
Etnologia	3*	1	1		
Botânica	3	1	2	2	
Linguística				2	
Biografia e Bibliografia	8	3	4	2	
Total	21	22	16	11	1
Direção	Alfredo Chavero	Francisco M. Rodriguez	Francisco M. Rodriguez	Francisco M. Rodriguez	Genaro Garcia

A 2ª época, de 1903[260] a 1908, foi mais bem estruturada na sua constituição em comparação à anterior, porém, não havia uma fórmula constante e que destituísse a publicação do olhar dos profissionais envolvidos. A Tabela 2[261] mostra que houve uma predominância das humanidades. Se somarmos as seções de Arqueologia, História, Antropologia, Etnologia, Linguística e Biografia e Bibliografia teremos um total de 54 artigos, ou seja, 76% de todos os tomos descritos acima. Pode-se afirmar que, paulatinamente, os textos sobre História Natural foram sendo deixados de lado, apesar de nunca terem sido o carro-chefe da publicação. Boa parte dessa modificação se deve à ascensão de Francisco del Paso y Troncoso como chefe do *Museo Nacional*, que passou a coordenar as edições dando destaque aos estudos históricos e antropológicos. A maioria dos trabalhos ainda era sobre a origem pré-colombiana do México,[262] exposta na instituição ou resguardada nos arquivos dela, "(...) y sólo en algunas ocasiones hicieron trabajo de campo como son las reseñas de recorridos geológicos o la recolección de material botánico y zoológico."[263]

Em 1907, a direção foi assumida por Genaro García e sua intenção era alavancar a revista com artigos que cobrissem os vazios temáticos vistos até então. A partir desse momento, foram inseridos ainda mais trabalhos que analisassem o passado recente do país, sobretudo o período independentista. Em relação à 3ª época, a mudança foi ainda mais profunda. De 1877 a 1909, quando houve a separação do museu e a publicação se tornou *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología*, encontramos a fundação do pensamento moderno mexicano direcionado à construção da própria história e, também, da identidade nacional. Para isso, o caminho escolhido foi a valorização da ciência.

[260] Único tomo dessa época que teve um informe.
[261] Fonte: *Anales de Museo Nacional de México*, 2ª época, tomo I – IV. Em 1903, as sessões de Antropologia e Etnologia foram publicadas juntas, mas são apenas três artigos.
[262] Conferir Anexo II.
[263] BRAMBILA PAZ; GORTARI, 2004, p. 250.

Tabela 3: Anales del Museo Nacional de Arqueologia, Historia y Etnologia - 3ª Época - 1909-1913 - Ano da publicação e temas correspondentes

Ano	**1909**	**1910**	**1911**	**1912**	**1913**
Arqueologia	4	2	2	4	4
História	3	2	3	2	8
Epigrafia	1				
Cromologia	2		1		
Antropologia					
Etnologia	1	2	1	3	
Genealogia	2				
Química		1			
Pré-História		1			
Biografia	1	3	3	3	
Bibliografia	1		1	1	4
Poesia		1			
Cosmogonia				1	
Linguística		1		1	
Geologia				1	
Total	15	13	11	16	16
Direção	Genaro Garcia	Genaro Garcia	Cecilio A. Robelo	Cecilio A. Robelo	Jesús Galindo y Villa

Houve uma diminuição no número de artigos, que também estavam mais bem distribuídos entre as temáticas. Novas seções foram incluídas em cada tomo, como se fosse um pequeno dossiê específico para aquele volume. Os estudos históricos e arqueológicos ainda dominavam, mas a temporalidade abordada nos textos ao longo dos tomos mudou em relação às primeiras épocas. Em 1909, como podemos ver na Tabela 3[264], a História ocupou 23% do total, enquanto a Arqueologia tinha 30,7%. A única seção que se aproximava das ciências naturais, a Química, teve apenas um artigo publicado em 1910, tomo em que a Biografia dominou com 23% dos textos cada uma. Outro detalhe foi uma certa padronização no número total de artigos, variando menos do que nas épocas anteriores. Em 1911, por sua vez, junto com a História, tinha 27,2% dos artigos.

Vale destacar que a parte de Biografias, que nas primeiras épocas era em conjunto com Bibliografia, se tornou um local específico para a publicação de análise de personalidades importantes para a história mexicana. Genaro García (1867-1920)[265], por exemplo, em 1909, escreveu um longo trabalho sobre a vida de Leona Vicario (1789-1842), figura relevante para o movimento insurgente. Cada vez mais o passado recente se tornava o eixo principal da revista, pois estudos sobre a Guerra de Independência e seus personagens invadiram, também, as seções de História e Bibliografia.[266] Como indica Fernandes: "(...) a cristalização de uma memória oficial da *Patria Mestiza* não se deu de forma constante e uniforme. Ora se exaltava o passado indígena; ora se o negava."[267] Em 1912, a Arqueologia tinha 25% de espaço no tomo e a História, 12,5%. Uma novidade na revista deste ano foi a parte de Etnologia, em que dois dos três artigos analisavam os índios do presente. Ainda não era um trabalho sociológico sobre as condições de vida da população marginalizada, mas a diferença em relação às épocas anteriores é notável. Por fim, no último tomo, de 1913, exatamente 50% dos artigos publicados eram sobre História e 25% sobre Arqueologia.

Jesús Galindo y Villa relatou que desde 1913 não havia sido editado outro número dos *Anales,* nem impresso os volumes correspondentes ao tomo V. A justificativa residia nas constantes mudanças governamentais constantes desde a queda de Díaz com o estabelecimento

[264] Fonte: *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología*, 3ª época, tomo I – V.
[265] Foi um advogado de Zacatecas que dedicou sua carreira aos estudos históricos e literários. Auxiliou na elaboração do novo regulamento do Museu, em 1907, que estava em transição para se desmembrar em Museu Nacional de História Natural e Museu Nacional de Arqueologia, Historia e Etnografia. Assumiu a direção deste desde seu início e foi um dos nomes importantes para a reformulação dos *Anales*. Participou da formulação das festas para o Centenário da Independência em 1910.
[266] Vide Anexo III.
[267] FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Patria mestiza: A invenção do passado mexicano (séculos XVIII e XIX)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012, p. 287.

do movimento revolucionário. O museu também foi afetado diretamente com a destruição das oficinas de impressão, que retardaram qualquer publicação, inclusive os números subsequentes do próprio tomo V. Ao ser nomeado diretor, Galindo y Villa logo tratou de mobilizar os recursos disponíveis e os contatos nas instâncias políticas para recuperar as atividades topográficas. Tanto a Secretaria de Instrução Pública quanto os funcionários do estabelecimento trabalharam em conjunto e conseguiram reconstruir o local e retomar as impressões.[268] O novo diretor sabia que, para alcançar o prestígio, precisavam recuperar a divulgação das pesquisas realizadas pela instituição. Apesar disso, a próxima edição dos *Anales* só veio à público em 1922.

A elaboração editorial mexicana visava o aprofundamento dos estudos históricos do país e isso é visível se compararmos ao caso brasileiro. Na revista do Museu Nacional brasileiro, por exemplo, os artigos sobre Antropologia e Arqueologia tinham pouco espaço. O destaque residia nos estudos naturalistas, que preenchiam quase 80% das publicações, sendo que a maioria vinha de pesquisadores nacionais.[269] Eram poucos os textos que possuíam alguma temática mais social e que abordavam a "situação do homem nacional", como diz Schwarcz. Os indígenas eram o assunto recorrente nesse sentido e as discussões contemporâneas sobre as raças eram o guia metodológico no geral.[270] Assim como nos artigos dos *Anales del Museo Nacional de México*, a busca pela legitimação da América como um continente importante, centro de origem do homem, se fez presente nos *Archivos do Museu Nacional*. Porém, enquanto a instituição brasileira tentava imprimir a característica nacional por meio dos estudos naturais, os *Anales* escolheram a História.[271] Em um dos ofícios acerca das atividades do *museo*, a diretoria afirmou:

> 3º Estableciose la publicacion de los 'Anales del Museo' mejora de gran importancia, puesto que con ello se dá a conocer no solo los objetos de Historia Natural y de Arqueología que posee el Establecimiento; Sin que inaugura (...) el importante estudio de la Arqueología Mexicana, del que se puede decir que yaciendo en la oscuridad solo á nas cuantas les era dado conocer.[272]

A memória é fundamental para a compreensão do passado. A análise da documentação é possível devido à conexão com a ancestralidade, pautada pela vivência no presente. A reflexão sobre o registro de tudo que há e a função de curadoria do historiador, que pode se perder na ilusão científica do registro infinito, são pontos cruciais para se pensar não

[268] GALINDO Y VILLA, Jésus. "El tomo V de los 'Anales' y la imprenta del Museo". **Anales del Museo Nacional de Antropología, Historia y Etnología**. Tomo V, 1913, pp. 383-384.
[269] SCHWARCZ, *op. cit.*, 2001, p.45.
[270] *Idem*, pp. 48-49.
[271] *Ibidem*, pp. 50-52.
[272] AMNA, Vol. 3, Sección 9, f.74.

só o museu como também a operação historiográfica, representada pelos *Anales*. Observamos os conflitos e as dificuldades de se delinear um "museu nacional" porque necessita-se de uma definição do que é nacional e do que significaria coletar, guardar e expor.[273] Mitre afirma que:

> Dado que nenhuma percepção ou representação é idêntica a outra e que todas se registram e conservam na memória, então, de que modo diferenciá-las sem recorrer à generalidade do conceito? Resulta óbvio que cada ato de consciência será outra percepção carregada de incontáveis novos detalhes esperando por um número igual de inéditos nomes próprios. [274]

Ter, guardar e falar sobre tudo é alcançar o nada. A escrita da História pressupõe curadoria, isto é, uma seleção de assunto, ideia que deixam registrados os desejos do presente. Essa mesma lógica funciona para a revista do museu, cujo trabalho era expor as produções científicas derivadas das peças do museu, dos livros e documentos que possuíam. Entender a lógica das publicações ou a falta de uma organização bem estabelecida, como veremos, é uma forma de entender os rastros deixados pelos homens do passado em suas trajetórias. Reproduzir o passado é impossível, mas era a tentativa constante de historiadores obcecados pelos documentos, pelos dados.

2.3 O contexto *porfirista* e a História: o reflexo nos *Anales*

A História se move a partir do embate entre o Esquecimento e o Tempo, enquanto sua relação com a Memória se dá por meio do conflito. Para sobreviver, a Memória é necessária, porém, esquecer é a chave para se perdurar no tempo.[275] Quando pensamos em História nos referimos tanto ao produto do trabalho dos historiadores quanto àquilo que aconteceu. Pierre Nora a define como "história vivida", ou seja, sua experiência é retida pela memória, da mesma forma em que ela é "operação intelectual", aquilo que foi possível recolher e analisar do vivido. Ambas eram, portanto, complementares e não opostas, importantes uma para a outra. Vale destacar que o autor escreve em um momento em que há uma reflexão sobre a construção das histórias nacionais, sobretudo em seu país. Tradições como a de Michelet e Seignobos foram reanalisadas e contestadas no âmbito do presente. Houve um rompimento com a ideia de passado, presente e futuro, um esgarçamento do sentido de memória e história. O passado deixa

[273] MITRE, Antonio. **O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano.** Belo Horizonte: ED. UFMG, 2003, pp.14-16.
[274] *Idem*, p. 16.
[275] *Ibidem.*, p.22.

de ser reconstruído, ele está no seu local. A memória é produto individual/coletivo, vívido, mas parte do presente, assim como a História.[276] Segundo Nora:

> Se por um lado, a expansão da obra impressa ampliou dramaticamente o horizonte da memória coletiva, por outro, contribuiu para que o controle da mesma se transferisse gradualmente a instâncias institucionalizadas pelo Estado, reforçando o processo de centralização e de expropriação da comunidade que se observa, ao longo do período moderno, em toda ordem das coisas.[277]

No governo de Porfirio Díaz, que começou em 1876, as coleções pré-colombianas que estavam no Museu Nacional ganharam novos significados estéticos e se tornaram referência para a construção dos mitos de fundação do país. Essa tradição se manteve mesmo com a Revolução Mexicana. Em 1945, o *Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología* se tornou o *Museo Nacional de Antropología*, cujo acervo é baseado nas peças encontradas no século XIX. O elemento simbólico e os valores cívicos criados nessa época continuaram apesar dos momentos de ruptura política. Paradoxalmente, Morales Moreno argumenta que houve a "sacralização" da origem e da história mexicana, que se traduz na constância do tema durante a história e da maneira como é abordado.[278]

No primeiro mandato, que ocorreu entre 1876 e 1880, o nacionalismo de Díaz pode ser conferido a partir dos discursos antiamericanos proferidos ao longo das investidas militares e da campanha eleitoral. Ele se posiciona contrário às alianças feitas entre o governo Lerdo e os industriais americanos. Expressava seu medo de uma anexação total por parte dos EUA, mas sabia que precisava do reconhecimento da soberania do seu governo pelo país vizinho, algo que o presidente Ulysses S. Grant (1822-1885) só daria após algumas concessões. No final, pagou aos americanos cerca de 300 mil dólares, ressarcindo as perdas sofridas nas guerras de anexação, o que não foi suficiente, pois as relações se mantiveram estremecidas. Os vizinhos reivindicaram mais territórios, mas o presidente não se intimidou: resolveu se armar e enfrentá-los na fronteira, se necessário. Contudo, a cabeça estratégica do presidente mexicano sabia que não poderiam fugir, como país, tanto do investimento americano, quanto do reconhecimento da Casa Branca. Os empresários eram atraídos pelas fartas concessões dadas pelo governo mexicano para a construção de ferrovias e indústrias de base, que precisavam se desenvolver no país.

---

[276] NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n. 10, PUC/SP, dez, 1993, pp. 21-25.
[277] *Idem,* p.24.
[278] MORALES MORENO, Luis Gerardo. Museológicas. Problemas y vertientes de investigación en México. **Relaciones 111**, Vol. XXVIII, 2007, p. 33.

A pressão interna nos EUA foi grande o suficiente para que, em 1878, o presidente Rutherford B. Hayes (1822-1893) reconhecesse o governo e iniciasse, assim, uma série de acordos entre os dois países.[279] Esse conflito foi importante, pois conseguiu delinear políticas públicas, sobretudo financeiras e culturais a serem aplicadas internamente no território mexicano. Friedrich Katz destaca três: a estabilidade política como prioridade; os incentivos ao capital estrangeiro; e a busca pelo vínculo com a Europa, para contrabalancear o peso estado-unidense na América do Norte. Este último começa a tomar corpo em 1880 quando as relações diplomáticas com a França, modelo cultural e político para o México, são retomadas.[280]

Em 1880, Manuel González (1833-1898) tentou implementar as três medidas propostas pelo governo Díaz e modificou a lei para aumentar a concessão de terras públicas para particulares e para os americanos, o que afetaria diretamente a questão da posse de objetos culturais. Ceder cada vez mais para os vizinhos ao norte poderia causar problemas diplomáticos e internos, pois esses incentivos não beneficiavam os cofres públicos como se imaginava, agravando a crise econômica. Ao final de seu mandato, González estava muito impopular, favorecendo a volta de Díaz. É a partir desse momento que o México passa por uma mudança significativa na economia, na política e na sociedade de modo geral. Entre 1884 e 1900, o país cresceu consideravelmente não só em investimentos estrangeiros, como em números absolutos também. A população passou de 10 milhões para 15 milhões, concentrando-se nas cidades capitais e na fronteira com os Estados Unidos. As mudanças na infraestrutura, como a construção das ferrovias, facilitaram o transporte não só de pessoas, como de produtos, ajudando a levar desenvolvimento para várias regiões. Apesar de todos esses índices, as desigualdades permaneceram ou até aumentaram, já que os grandes produtores foram beneficiados com equipamentos e créditos, mas o restante da população pouco usufruiu desses proventos.[281]

O liberalismo mexicano auxiliou na concepção de conceitos para compreender as reformas dos grandes latifúndios, as *haciendas* e o efeito da reforma tributária na economia e na política. Desde 1857, com a Constituição, as transformações na receita federal foram substanciais. Um sistema tributário foi criado para estender a autoridade fiscal ao governo federal. Assim, a centralização do poder econômico fica mais evidente e legítima perante o regional. Um exemplo foi a criação da *renta del timbre*, imposto interno que afetava o consumo, liberava a produção e a circulação dos bens. Esse sistema fiscal e imperativo auxiliou na

[279] KATZ, *op. cit.*, 2013, pp. 42-43.
[280] *Idem* pp. 44-45.
[281] *Ibidem*, pp. 48-50.

estabilidade do país, desde a Reforma até a Revolução. [282] Portanto, o liberalismo era um fio condutor que a política mexicana precisava para se consolidar,[283] pois precisava afirmar sua identidade, soberania e independência. A desorganização do país não ajudava o México a se entender como soberano. Contudo, após 1867, o foco era a regularização da economia com a aprovação de uma reforma tributária, além de incorporar os demais estados da federação no sistema. Assim, a reforma garantia a aceleração de capital por parte da produção privada e, com capital, a expansão alcançaria a circulação de bens, tanto interna quanto externamente, por meio das importações.[284]

As reformas constitucionais nos estados, entre 1891 e 1894, reduziram os poderes políticos autônomos, sem eliminá-los totalmente. Era a tática do presidente de se comprometer com os governantes locais ao mesmo tempo em que aumentava o próprio poder sem que um levante surgisse. Esse arrocho das políticas locais influenciou os meios sociais e culturais. As identidades regionais, impulsionadas desde meados do século XIX por programas de mapeamento, geografia do ambiente, ensaios de história regionais, registro da flora, fauna, folclore e tradições foram combatidas pelo centralismo e nacionalismo.[285]

Outro ponto importante nesse contexto é a reestruturação da educação mexicana iniciada com o governo Benito Juárez, em 1867, sob direção de Gabino Barreda (1818-1891)[286], que tomou a atitude de criar a primeira *Escuela Nacional Preparatoria.*[287] A *Universidad*, originária do período colonial, era símbolo da educação religiosa devido à sua conexão direta com a Igreja. O positivismo foi uma alternativa e parte da modernidade social querida pelos *cientificos* e o ministro acreditava no seu uso como um instrumento ideológico à serviço da educação devido à necessidade de se controlar a desordem. Dessa forma, a burguesia teve que prestar atenção nos interesses de outras classes, para que todas as vontades fossem congruentes, ou pelo menos parecessem assim.

---

[282] CARMAGNANI, Marcello. El liberalismo, los impuestos internos y el estado federal mexicano. 1857-1911. **Historia Mexicana**. Vol 38, n.3, 1989, pp. 471-472.

[283] Se pensarmos que o liberalismo mexicano é um conjunto de conceitos políticos, sociais, econômicos e culturais formulados paralelamente, mas ativados segundo as exigências do contexto histórico, como diz Marcello Carmagnani, podemos entender seu ponto ao atestar que, no primeiro momento, era necessário estabelecê-lo como fio condutor da política mexicana.

[284] CARMAGNANI, *op. cit.*, p. 472.

[285] FLORESCANO, *op. cit.*, 2002, pp. 548-549.

[286] Gabino Eleuterio Juan Nepomuceno Barreda Flores foi um político e filósofo mexicano nascido na cidade de Puebla, que assumiu o cargo de ministro de Instrução Pública e ajudou a estabelecer o positivismo comtiano no país. Seu papel no desenvolvimento científico é notório.

[287] Como discorre Leopoldo Zea: "El Dr. Gabino Barreda había importado esta doctrina de Francia, una de las liberdades y de los derechos del hombre. Esta doctrina, tomada diretamente de su creador Augusto Comte, pretendía reeducar a los mexicanos, prepararlos para um mejor y más real uso de la libertad. La Escuela Nacional Preparatoria habría de ser el semillero de donde surgiria un México nuevo". ZEA, *op. cit.*, p.12.

A educação se manteve uma bandeira no governo Díaz. A década de 1880 foi fundamental na cruzada educativa, quando foi delineada as bases do ensino mexicano de teor liberal. Para isso, convocaram quatro congressos, que demonstravam essa preocupação em alinhar o que significava a instrução pública desde os preceitos legais até as metodologias a serem aplicadas. Dos pontos instituídos pelo Estado, a *uniformidad* foi o único criado no *porfiriato* e considerado o mais importante. O termo aparece desde 1823, no *Proyecto de Reglamento General de Instrucción Pública,* ou seja, não era novo, mas só foi colocado em prática a partir de 1890. A união era fundamental em um país tão diverso e delimitar o que deveria ser ensinado era uma forma de poder. Se toda a legislação estava embasada pela federação, o programa de ensinamento oficial também deveria ocorrer. Para Milada Bazant, a heterogeneidade social e cultural do México fazia com que qualquer tentativa de unificação se tornasse utópica, porém, a partir do prisma jurídico e legislativo, havia uma possibilidade.[288]

A uniformidade seria um princípio e não uma medida totalizante – se construiriam regras nacionais que deveriam ser obedecidas, sem deixar de lado as particularidades regionais. O primeiro passo, apesar das intensas discussões sobre matérias e conteúdo teórico, foi o da centralização administrativa e financeira da pasta de instrução pública, que ficava sob domínio municipal. A centralização de recursos era uma das medidas do governo *porfirista* para fechar as contas públicas e conseguir aplicar as suas ideias, que tinham como objetivo a criação de uma nação moderna e civilizada. Todos os ministros de *instrucción*[289] tiveram o apoio do presidente para colocarem em prática as políticas voltadas à educação.[290]

Octavio Paz indica que a noção de culpa dessa nova elite, oriunda da aristocracia colonial, existia na falta de política social e no crescimento por meio da usurpação e do engano. Eles utilizavam o positivismo sem passá-lo pelo filtro da moral, eram sem raiz e sem autenticidade. Dessa forma, a Reforma liberal se completa com a ditadura de Díaz. As leis eram estruturas utilizadas pelas corporações, enquanto o povo, novamente, se mantinha à revelia, pois o processo institucional não alcançava a população no geral. O labirinto da solidão ficou cada vez mais intrincado e o governo, ao criar um projeto de História alheio ao presente, não dava à população o protagonismo, que ficava com o passado sendo articulado por poucos. Havia a tentativa de instruir, publicar e disseminar conteúdo, o que não correspondia ao ato participativo, fundamental para a vitória do projeto. [291]

---

[288] BAZANT, Milada. **Historia de la educación durante el porfiriato.** México: El Colegio de México, 1995, p.64.
[289] Joaquín Baranda – 1876-1901; Justino Fernández – 1901-1905; Justo Sierra – 1905-1911.
[290] BAZANT, *op. cit.*, pp. 79-81.
[291] PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão.** SP: Cosac & Naify, 2014, pp. 130-131.

O *porfirismo* era visto positivamente por parte da classe política e da população tanto em relação ao regime quanto à pessoa de Díaz, ainda que se apoiasse na censura.[292] As *Fiestas del Centenario* foram um exemplo do apogeu desse otimismo, com celebrações que duraram mais de um mês, e com a inauguração de monumentos, que apresentavam para a audiência interna e estrangeira uma visão inflada e efetiva sobre o regime e suas conquistas na construção da nação.[293] Além disso, refletem a imagem de um presidente salvador e herói de guerra, corroborada pela sua representação com ornamento militar. Era a narrativa do Messias, símbolo do poder supremo, *Deus Ociosus.* As festas para o centenário eram uma forma de exteriorizar esse firme controle interno.

Celebrar é, para a História, um exemplo das antecipações modernas, pois o passado não pede celebrações; é uma decisão política; e o contexto dessas festas diz respeito ao presente e não ao que passou.[294] No México, houve uma comoção geral. O rei Afonso XII, da Espanha, ordenou a devolução do uniforme e da espada de Morelos que seu país guardava como troféu de guerra. Houve a condecoração de Díaz com a *Gran Cruz y Collar de la Orden de Carlos III*, privilégio da nobreza espanhola. Participaram, também, o embaixador da China, e representantes dos governos da Rússia, França, Alemanha, Inglaterra e demais países latino-americanos. Contudo, 1.200 mendigos foram deslocados para higienizar o centro da Cidade do México; boa parte da população foi proibida de entrar em algumas solenidades e muito dinheiro público foi gasto com importações para a concretização das festas.[295]

Annick Lempérière argumenta que esse período marcou o esgotamento do regime *Porfirista* e a sua concepção de nação e História. Ocorreu uma mudança sensível nas modalidades da memória no século XIX e depois da Revolução, e esse *cambio* é sentido nos *Anales.* Se no *porfiriato* a memória estava ligada à construção e à exaltação de um discurso político e histórico, utilizando o passado para consolidar o poder, com a Revolução essa perspectiva autoritária deu lugar a uma nova abordagem que abrangeria também os discursos cultural, antropológico e arqueológico.[296] Em 1910, comemoraram o grito de independência, já em 1921, a conclusão do processo. Ambas as celebrações simbolizam esse momento de transformação e destacam a participação do país em outros eventos do tipo: em 1889 e 1890, das Exposições Universais em Paris; e, em 1892, do 4º Centenário do Descobrimento da

[292] GARNER, *op. cit.*, 2003, pp. 147-151.
[293] GARNER, Paul. The Civilian and the General, 1867-1911. In: BEEZLEY, William H. (coord.). **A Companion to Mexican History and Culture.** Londres: Wiley-Blackwell, 2011, p. 290.
[294] TENORIO-TRILLO, *op. cit.*, 2009, p. 23.
[295] BENÍTEZ, *op. cit.*, pp. 29-30.
[296] LEMPÉRIÈRE, Annick. Los dos centenarios de la independencia mexicana (1910-1921): de la Historia patria a la Antropología cultural. **Historia Mexicana**. XLV: 2, 1995, pp. 317-319.

América. Além das festas da independência, a transformação do *Paseo de la Reforma*[297] foi outra marca do governo. A instalação de monumentos e a ampliação da via fazem parte daquela história monumental, que traz uma narrativa histórica fundamentada não só na cronologia, mas também na descrição e na eleição de personagens. São parte dos procedimentos historiográficos utilizados para caracterizarem o ponto de vista que os narradores contemporâneos possuíam.

Mesmo com posições políticas diversas, o papel do Estado como instituição moderna significava interferir nas decisões e construções culturais. Havia os que apreciavam a paz desconhecida pelo México no início da sua trajetória independente; os que queriam um país mais cosmopolita, que abraçasse as mudanças observadas a nível mundial; e aqueles que preferiam um local mais voltado para si. Porém, todos tinham um foco em comum, a modernização, o que Tenorio-Trillo define como a coalizão da utopia com a *Real Politik*. A nação precisava de heróis que se caracterizassem por harmonizar as ideias e intenções. O problema ressurgia na definição de quem deveria ocupar esse posto. Foi a partir de muitas opiniões que os debates sobre os festejos do centenário da independência aconteceram, pois celebravam onde queriam estar "(...) hoy lo que esos porfirianos hicieron, nos guste o no, es lo q elos mexicanos saben de memoria, la memoria que cuentan y la memoria que los cuenta."[298]

Cresceu no México, ao longo da década de 1900, um sentimento *anticientificos*, por essa classe representar o regime de Díaz. Isso refletiu no governo revolucionário que assumiu o poder, mesmo que alguns nomes, como Francisco Madero, acreditassem na importância de mantê-los por perto. A pressão de insurretos e políticos fez com que a absorção dessa elite cultural e ilustrada fosse cautelosa.[299] A luta era contra o positivismo, visto como uma manifestação europeia e opressora no país, pois:

> (...) no México, o anti-positivismo, audível nos discursos veiculados pelas distintas forças-sociais que desataram a maré de 1910, foi aos poucos abrindo-se caminho até fazer parte do legado ideológico da Revolução que desbancou o regime de Porfirio Díaz e seus científicos.[300]

A Revolução trouxe rupturas, mas não deu fim às certezas ditadas pelas celebrações ou pelo período *porfirista*, como a grandeza das civilizações pré-hispânicas. Na verdade, o que

---

[297] Sobre a criação do *Paseo de la Reforma* e sua importância simbólica e política, conferir o trabalho de Luiz Estevam de Oliveira Fernandes **Patria mestiza: A invenção do passado mexicano (séculos XVIII e XIX)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012

[298] TENORIO-TRILLO, *op. cit.*, 2009, p. 46.

[299] LOMNITZ, Claudio. Los intelectuales y el poder político: la representación de los *cientificos* en México del porfiriato a la revolución. In: ALTAMIRANO, Carlos (diretor); MYERS, Jorge (ed.). **Historia de los intelectuales en América Latina.** Vol I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: KATZ Editores, 2008, pp. 441-442.

[300] MITRE, *op. cit.*, p. 73.

permanece é a importância desses povos para a história mexicana, os andaimes do que ainda é feito até hoje.

Além das questões políticas, a independência trouxe a possibilidade de introduzir novas maneiras de se fazer, pensar e publicar a cultura. Era um ambiente fértil para a manifestação de ideias, experimentações, muito por causa do desenvolvimento da imprensa. O reflexo no governo pós-1821 foi o aumento no número de publicações de vários escopos, sejam periódicos informativos, sejam revistas literárias e científicas. Uma temática permanente dentre os intelectuais foi o passado, utilizado de acordo com a necessidade. Como vimos anteriormente, para exaltar uma nação embrionária, a época pré-colombiana era destacada. O otimismo nacionalista *criollo* do fim do século XVIII ajudou a disseminar entre as gerações posteriores a afirmação de que o México era tão admirável quanto a Grécia, a Roma, o Egito e legitimava a importância da civilização mexicana. Foi um pilar que uniu o discurso ainda frágil de um país pouco coeso, o que se tornou uma constante no século XIX com a manutenção de conflitos e perdas significativas de territórios.

Vale destacar que o foco no indígena antigo estava relacionado à influência do Romantismo,[301] que criou o nacionalismo, sendo a busca pela origem um dos traços que o compõe. A América foi vista pela intelectualidade europeia como jovem e imatura, pois "Tendo ficado mais tempo sob as águas do mar, não secara apropriadamente".[302] Os homens acompanhavam essa deficiência, pois se a natureza era inferior também o era quem estava ali e não conseguiria evoluir. O passado era exaltado enquanto o presente era silenciado.

Apesar do processo de institucionalização da ciência no México ser análogo ao que acontecia nos países europeus e nos Estados Unidos, havia algumas especificidades. Foram criados centros de pesquisa, como a *Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística*, a *Sociedad Mexicana de Historia Natural, Sociedad Mexicana de História*, profissionalizou-se a ciência, com a *Escuela Preparatoria*, por exemplo, além de se inserir no cenário internacional com participações em projetos e exposições. O papel do governo como regulador das ambições individuais significa a unificação de todos em um desejo em comum. Díaz deu aval a diversos programas científicos apoiados pelo Estado. Tomar as rédeas da própria nação era o que queria

[301] "Esta proviene del ámbito del romantismo europeo que, por un lado, pone sus ojos en el folkor como expresión de las tradiciones del origen más genuino de los pueblos, y por otro, se interessa por las características etnográficas de los diversos pueblos del mundo que los hombres de ese continente están colonizando y que incluyen, entre ellas, a su pasado histórico". LOMBARDO DE RUIZ, Sonia. **El pasado prehispánico en la cultura nacional (Memoria Hemerográfica, 1877-1911).** Vol. I – El Monitor Republicano (1877-1896). México: INAH, 1994, p. 23.

[302] PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos.** SP: EDUSP, 2014, p. 182.

ele e seu Congresso. O *Museo Nacional de México* se aprimorou no seu governo, assim como a coleta de objetos que se tornaram relíquias.

Os *Anales*, que também se tornaram parte da propagação da História e outras áreas de conhecimento do país, são testemunhas do auge do historicismo mexicano, quando se descobriu que os objetos tinham natureza histórica e eram sujeitos à contextualização. No momento de fundação da revista, e no final da 3ª época, traduzia o *Zeitgeist* de um período que, apesar das rupturas, manteve sua antiguidade como fonte para o amálgama identitário.

Capítulo 3: A 1ª época dos *Anales del Museo Nacional de México*: uma ode ao passado remoto

Neste capítulo, analisaremos a 1ª época dos *Anales del Museo Nacional de México*, que corresponde aos números publicados entre 1877 e 1903. Nesse período, veremos como os artigos destacaram a História e a Arqueologia, que não possuíam muita diferença entre si até então. Os temas pré-colombianos foram substancialmente abordados pelos diversos autores, nacionais e internacionais. Analisaremos como essa abordagem auxiliou na construção de uma História Oficial mexicana, outorgada pelo governo federal, um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do *Museo Nacional* após 1877. Mesmo que no começo a História dividisse espaço com a sua irmã, a História Natural, ao longo do tempo veremos a sua posição de protagonista nos estudos científicos publicados pela revista.

3.1 1877: o início

Em 1877, Gumesindo Mendoza era o Diretor do Museu Nacional e escreveu o "Prólogo" do primeiro tomo da revista. O *Museo de Historia Natural y de Antiguedades*, como ele chamou, não manifestava a própria existência pela falta de proatividade em relação à divulgação científica, o que poderia levá-lo ao esquecimento e, pior, a ciência poderia ser deixada alheia do conhecimento público. De acordo com seu ponto de vista,

> (...) ní los hombres ilustrados de nuestro país, ni los de las naciones extranjeras han podido formarse una idea clara acerca del orígen de nuestros padres, de sus ideas religiosas y políticas, de sus usos y costumbres, tales como están representadas todas estas cosas en los restos de sus monumentos, en sus dioses y geroglíficos que han podido escapar de la accion del tempo y de los hombres. [303]

Propagandear as pesquisas e os estudos produzidos pelo museu era um dos caminhos para se legitimar o desenvolvimento científico do país. Um ponto importante é que tanto o ambiente da época, favorável à ciência, quanto o museu, representado pelos membros dos conselhos administrativos, queriam disseminar o conteúdo. Os minerais, os animais, os fósseis, as plantas, entre outros, deveriam ser estudados e postos à luz para o entendimento dos costumes e das características do próprio local onde viviam. Ao escreverem sobre a natureza e o passado, esses intelectuais pontuavam a importância de se conhecer e se saber que tipo de reflexo o antigo teria naquele presente oitocentista. A revista atendia às necessidades de se

[303] MENDOZA, Gumesindo. Prólogo. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I, 1877a, s/p.

divulgar a ciência feita sobre o México, para o México. Assim, profissionais renomados foram contratados para agregarem saber e conhecimento à instituição:

> El Sr. Lic. Orozco y Berra y el Sel Lic. Chavero han sido invitados para que cooperar con sus vastos conocimientos arqueológicos, y ambos han accedido (...) á contribuir con sus trabajos. Además, las columnas de esta publicacion quedan abiertas para todo el que tenga algo que descifrar, algo que decir útil acerca de tantos y tantos objetos naturales que abundan en nuestro país. [304]

Tanto Manuel Orozco y Berra (1816-1881) quanto Alfredo Chavero (1841-1906) eram nomes importantes naquele momento. Inclusive, é provável que a reputação do primeiro, construída após anos de dedicação à pesquisa quando trabalhou no *Archivo General de la Nación* e colaborou na edição do *Diccionario Universal de Historia y de Geografía*, publicado em 1853, auxiliou para que fosse cortejado a participar dos *Anales*. Contudo, sua produção mais substancial sobre a história mexicana começara em 1849, com a *Historia de la dominación española en México*. Em 1853, também escreveu a obra *Noticia histórica de la conjuracion del Marqués del Valle*, um importante trabalho que o tornou conhecido entre os intelectuais e pesquisadores. Ao longo do tempo, se envolveu mais profundamente na análise e na tradução de documentos sobre o período pré-colombiano e colonial. Trabalhou na *Comissión Científica de México* surgida no governo de Maximiliano e seguiu uma posição proeminente na comunidade científica no advento da República. Alguns autores destacam que a *Historia antigua y de la Conquista de México*, cujo primeiro tomo foi publicado em 1880, foi uma obra marcante não só para Manuel Orozco y Berra, mas para o momento em que a historiografia mexicana ganhava corpo. Foi uma extensão dos seus trabalhos, pois dedicou parte fundamental para o que chamavam de "antiguidade do México" e nos *Anales*, como veremos mais adiante, seu foco residiu na análise da documentação das sociedades mesoamericanas, diferente do que fez no *Diccionario*.[305]

O convite para colaborarem no museu demonstra a ação legitimadora imposta pela diretoria ao trazer pesquisadores de renome para o próprio plantel, pois o que exerciam ali era importante e de destaque:

> El Gobierno general que ha fundado este útil establecimiento, ha compreendido que al fundarlo, fué su objeto vulgarizar los conocimientos científicos y difundirlos entre todas las clases de nuestra sociedad: portanto, el Gobierno actual apoya y fomenta los trabajos emprendidos en este sentido.[306]

---

[304] MENDOZA, *op. cit.*, 1877a, s/p

[305] FLORES OLLA, Aurora; ÁNGEL CASTRO, Miguel; NAVA MARTÍNEZ, Othón. Estudio Introdutorio. In: PI-SUÑER LLORENS, Antonia. **México en el Diccionario Universal de Historia y Geografia.** V. III. La Contribución de Orozco y Berra. México: UNAM, 2004, p. XXXIV. Para maiores informações, conferir SOTO, Jesús. **Biografía de don Manuel Orozco y Berra**. México: s/e., 1935.

[306] MENDOZA, *op. cit.*, 1877a, s/p

O governo federal teve um papel direto em várias instâncias, porque o que permitiu a fundação da revista não foi apenas o museu, mas também todo o processo de coleta, catalogação e disposição do acervo, que foi a base das investigações dispostas no primeiro tomo. Além disso, Mendoza afirma:

> Creo tambien que los hombres amantes del progresso y de la gloria de nuestro país, los residentes en esta Capital, así como los de todos los Estados de la Federacion, cooperarán de una manera eficaz mandando objetos de toda la clase pertenecientes à las ciencias naturales; remitiendo noticias de las ruinas antiguas existentes en sus respectivos Estados, recogiendo geroglíficos originales, ó al menos cópias exactas de ellos y todo lo que pueda contribuir para hermosear y enriquecer esta útil é interesante publicacion á fin de que sea apreciada tantos por los nacionales como por los extranjeros.[307]

A identidade é construída a partir da reunião de informações acerca da própria cultura e, no trecho acima, é vista como um esforço coletivo. Era esse o tom da revista, sua carta de exposição para o mundo. Os textos aqui analisados correspondem a exemplos claros dessa tentativa de universalização do México, em um projeto de torná-lo parte da modernidade encontrada em locais considerados mais desenvolvidos, como a Europa. Como vimos nos capítulos anteriores, mesmo que o foco fosse estabelecer um sistema de modernização do país com seus próprios meios, os instrumentos conceituais utilizados eram basicamente eurocêntricos. Havia esse paradoxo da construção identitária própria, mas que ocorria através da comparação com o outro.

Em "*Ídolo Azteca de tipo chino*", Mendoza mapeia, por meio da narrativa, o solo mexicano recheado de túmulos feitos de pedra e argamassa, tanto os grandes quanto os pequenos, resquícios dos antepassados que marcam visual e simbolicamente o país. Os túmulos eram adornados dependendo da classe social do falecido: se fossem guerreiros, tinham suas armas talhadas; se fossem mulheres, eram esculpidos objetos domésticos. O texto foi elaborado a partir da interpretação da palavra em *náhualt* que nomeia o túmulo: *tetel*[308]. A etimologia, para o autor, aponta a profundidade filosófica do significado daquela peça mundana, que tinha outra função no passado e que se tornara objeto de estudo e exposição no presente. A primeira sílaba – *Tet* – se relacionava ao contrato social estabelecido entre os povos para que deixassem a barbárie, além da criação de um símbolo de reverência à morte como perpétua. Um túmulo, em si, também era a materialização dos feitos da pessoa, da família ou da comunidade, sejam os pequenos exemplares ou os grandes, como o de Teotihuacán.[309] Já a segunda sílaba – *el* –

[307] MENDOZA, *op. cit.,* 1877a, s/p
[308] MENDOZA, G. Ídolo Azteca de tipo chino. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I, 1877b, p.39.
[309] *Idem,* p.39.

representaria a honra pela memória dos seus, além de expressar a dor da perda, o que seria a aflição estabelecida por esse sufixo. Assim,

> (…) al pronunciar esta palabra Tet-el ante los descendientes de la roza nagüal, despierta en ellos esos dos grandes pensamentos: la eterna memoria de sus antepasados y el dolor que experimentaban las familias y loss pueblos cuando morian sus padres, sus hijos ó los reyes que habian estabelecido el reinado de la paz.[310]

Era comum na época a discussão linguística, que tomará conta dos *Anales* a partir da direção de Francisco del Paso y Troncoso[311], mas que teve sua raiz estabelecida desde o primeiro tomo. Essa introdução etimológica serve para contextualizar o leitor incauto, fazendo-o entender o porquê da análise de ídolos anteriores à colonização e, neste caso, a peça foi encontrada no estado de Puebla após uma atividade arqueológica à mando do governo local, no distrito de Tepeji, em 1867. O objeto estava junto de restos mortais e foi presenteado a Felipe Sánchez Sólis (1816-1822)[312], do antigo Instituto Literário de Toluca, que apontou a Mendoza a similaridade deste com um objeto chinês. Aqui vemos tanto a "fluidez" das trocas materiais, quanto a dificuldade de se fiscalizar a propriedade dos objetos encontrados pelo país.[313]

O texto demonstra que a tentativa de regulamentação do translado e a exportação de bens patrimoniais mexicanos parecem efetivas até vermos situações como essa quando uma peça encontrada em uma escavação com origem governamental é doada a um particular. A semelhança com um artefato chinês é o tópico que nos aproxima à ideia de universalização. A História mexicana escrita ali reside tanto na solidificação da imagem para si, ou seja, para os mexicanos, quanto na inserção do país na "tradição" universal.

Aqui vale um parêntesis sobre o sentido de universal, considerando como ponto de partida a história ocidental e a Europa como referência principal. No século XIX, com as facilitações trazidas pela tecnologia, viagens para o Oriente[314] se tornaram jornadas viáveis e frequentes. Ainda que desde o século XVIII esse tipo de experiência se tornara mais comum,

---

[310] MENDOZA, *op. cit.*,1877b, p.40.
[311] Discutiremos a sua importância para a instituição em algumas páginas adiante.
[312] Felipe Sánchez Sólis foi um pedagogo, historiador e deputado federal, além de diretor do Instituto Literário de Toluca.
[313] MENDOZA, *op. cit.*, 1877b, p.40.
[314] Considerado um dos mais importantes intelectuais de seu tempo, Edward Said exerceu influência e contribuiu no campo dos estudos culturais e pós-coloniais. Em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* o autor traça linhas de compreensão epistemológica e nomeia os autores de maior influência naquela obra, como Foucault e Gramsci. Sobre a definição do termo "orientalismo", ele inicia trazendo conceitos-chaves para a compreensão, por exemplo, a ideia de representação. Ele abre questões sobre a construção desse Oriente de viés ocidental, a partir das imagens trazidas por aqueles que lá estiveram. Orientalismo possui diversos sentidos, e Said denomina três principais: primeiro, o Oriente como parte integrante da cultura material europeia, ou seja, construído a partir do vivido, visto; outro é a tradição acadêmica, quem pesquisa ou estuda essa temática seria considerado um "orientalista"; e, por fim, um discurso de dominação Ocidental, um termo criado para a compreensão desse Outro. Para maiores informações, conferir tanto o texto citado quanto *Cultura e Imperialismo*, do mesmo autor.

as possibilidades aumentaram claramente nos oitocentos. Mendoza cita um estudo apresentado por Philippe Édouard Foucaux (1811-1894) no Congresso Internacional de Americanistas ocorrido em Nancy, na França, em 1875, no qual estabeleceu a possibilidade de terem budistas na América no século V.[315] Aparentemente, a discussão acerca do tema foi acalorada, mas essa temática no evento não foi uma prerrogativa do autor. Esse exemplo, no entanto, apoia a sua perspectiva sobre a universalização da história mexicana. Mais do que provar a origem dos indígenas pré-colombianos, esse tipo de trabalho comparativo exercido por Mendoza colocava o museu e seus colaboradores como parte da vanguarda científica mundial, além de alçar o México ao mesmo patamar das consideradas grandes civilizações da Antiguidade.[316] Havia indícios o suficiente, tanto naturais quanto sociais, de que habitantes de outros continentes teriam chegado à América antes dos espanhóis. Para comprovar essas suposições ainda questionáveis, deveriam ser analisados os monumentos americanos que sobreviveram às intempéries, às leis e aos costumes, sobretudo às línguas, "(...) que son los monumentos vivientes y que deben servir de base para resolver las cuestiones propuestas en el Congreso de Nancy, junto con los que acabo de mencionar."[317]

Retomando a descrição do ídolo encontrado em Toluca, cabe questionar: por que ele parece um chinês? Mendoza descreve que a peça estava fincada em uma posição similar à de uma imagem de Buda, porém, mesmo com o conhecimento de missões budistas pelo mundo, essa teoria foi debatida fervorosamente no Congresso. O interessante, porém, é a forma como Mendoza insere o leitor no artigo: "(...) estoy seguro que despertará en el ánimo de los lectores de este periódico."[318] O ânimo residia no interesse despertado pela peça e nas discussões formuladas a partir dela ou pela participação mexicana, isto é, do próprio leitor, no processo de questionamento? Esse tipo de artigo esteve presente em toda a 1ª época dos ***Anales*****,** uma mescla de análise documental, leitura crítica e estudos sobre o período pré-hispânico. Junto ao trabalho do ídolo chinês, Mendoza fez uma pequena observação sobre um ídolo japonês.[319] O que para ele é a demonstração de traços japoneses na peça, na verdade, são características fenotípicas, como os olhos oblíquos e o penteado cujas referências são encontradas também em objetos e imagens do Império japonês. Seria mais um indício da presença de orientais na América e

[315] A apresentação intitulada *Relations qu'ont pu avoir ensemble, au commencement de notre ère, les Boudhistes d'Asie et les habitant de l'Amerique*, no qual comparava a filologia entre indígenas americanos com chineses, estabelecendo essa conexão.
[316] No artigo de Étienne Logie e Pascal Riviale vemos que os congressos sobre temática asiática começaram antes na França, despertando o interesse dos americanistas.
[317] MENDOZA, *op. cit.,* 1877b, p.41.
[318] *Idem.*
[319] No caso, o artigo se chama "*Idolo azteca de tipo japones*".

agrega prova, o que legitima tanto o artigo sobre o ídolo chinês quanto auxilia na compreensão de textos filológicos sobre o *náhuatl* e outras línguas.

Manuel Orozco y Berra, dentre os vários artigos que escreveu para os *Anales*, se dedicou em um deles a discutir e a interpretar uma lápide comemorativa encontrada no *Templo Mayor*. Diferentemente do trabalho que acabamos de ver, seus estudos são maiores em número de páginas, com vastas referências bibliográficas e análises pessoais acerca dos objetos estudados. Tal abordagem dificultava a compreensão do leitor, mesmo que a revista atraísse os *letrados* como público fiel, uma parcela diminuta da população.[320] Jesus Sánchez e Gumesindo Mendoza, por sua vez, demonstravam maior preocupação com a forma de escrever, para que fosse mais compreensível aos pouco familiarizados com trabalhos acadêmicos. Em "*Dedicación del Templo Mayor de México*", Orozco y Berra descreve a lápide como uma peça de forma irregular, com cara polida e esculpida como um retângulo, com cerca de 60 cm de base e 89 cm de altura, e peso desigualmente distribuído.[321] De início, já deixa claro que a descrição das peças e do lugar é inspirada no trabalho *Descripcion de cuatro lápidas monumentales conservadas en el Museo Nacional de México, seguido de un ensayo sobre su interpretacion*, de José Fernando Ramírez, que foi publicado em 1845 como um apêndice na edição mexicana da *Historia de la Conquista de México* do americano William H. Prescott (1796-1859). Ao identificar a data no objeto – 14 de fevereiro de 1487 –, Orozco y Berra insinua que coincidências singulares ocorridas na história deveriam ser observadas e embasar as respostas que viriam dos questionamentos científicos. Ainda citando seu conterrâneo, corrobora a ideia de que:

> En México, lo mismo que en Judea, hubo un rey que intento edificar un templo que fuera el asombro y la maravilla de las naciones, por su magnificencia y magnitud: y, así como el otro, solamente tuvo la dicha de ver acopiado sus inmensos materiales, pues que tal gloria estaba igualmente reservada á su sucesor. Tizoc fué el uno y Aluitzotl el otro.[322]

A comparação com a Judeia de forma *en passant* ressalta a já citada tentativa de inserir o México na narrativa histórica universalizante criada no século XIX. Ramírez destaca a magnitude dos monumentos, não apenas da lápide em questão, reforçado por Orozco y Berra, que não contrapõe a citação em nenhum momento. *Tizoc* e *Ahuitzotl* eram irmãos, foram

---

[320] Apesar das dificuldades em se rastrear números sólidos sobre a demografia mexicana no século XIX, o analfabetismo ainda era muito alto. Segundo Daniel Cosío Villegas, em 1895, cerca de 14% da população era letrada, e em 1910, 20%, um aumento pouco significativo. COSÍO VILLEGAS, Daniel. **Historia Moderna de México.** El Porfiriato. México: Editorial Hermes, 1957, pp. 531-532.

[321] OROZCO Y BERRA, Manuel. "Dedicacion del Templo Mayor de México". **Anales del Museo Nacional de México. Num. 1 Tomo I**. 1877a, pp. 60-61.

[322] *Idem*, pp.60-61.

comandantes de Tenochtitlán na virada do século XV para o XVI e possuíram reinados controversos. O primeiro era visto como despreparado e belicoso, mais preocupado em conter conflitos do que governar, enquanto o segundo é considerado um dos principais *tlatoani* asteca, governando entre 1486 e 1502. Nesse período, a capital cresceu, se desenvolveu e viveu sob o comando de um general considerado bem-preparado. Essas informações foram eternizadas pelas crônicas do século XVI de Torquemada, Sahagún e Diego Durán, os nomes que aparecem creditados nas notas de rodapé.[323]

Ao longo do texto, Orozco y Berra expressa a sua opinião sobre o monumento, a partir da leitura de hieróglifos contidos na peça, ao afirmar que a lápide é comemorativa à construção do *Templo Mayor*, grande *teocalli* de Tenochitlán, que ganhou ainda mais grandiosidade no período de *Tizoc*, e terminado pelo governo de seu irmão. O ritual imortalizado na pedra representava os dois reis em posições simétricas e impactantes, assim como a importância do sacrifício para aquela sociedade.[324] Utilizou também seu conhecimento sobre o Códice Telleriano Remense e o Códice Vaticano para afirmar que tanto a peça quanto o *Templo Mayor* eram símbolos materiais da cultura religiosa asteca. Contudo, o trabalho do autor não é apenas descritivo, já que ele reflete acerca da grande problemática levantada com o estudo das práticas religiosas pré-colombianas, os sacrifícios:

> Dejo para otra razon describir la horrenda carnicería perpretada en la dedicacion del gran *teocalli* de Tenochtitlan, porque á su relato se aprieta de angustia el corazon, y la mente se ofusca contemplando los extraños de la arrogante inteligencia humana; pero ocasion propicia me parece de soltar alguna palabra en favor de las naciones americanas, defendiéndolas de los terribles cargos en nombre de la moral inflexible contra ellas formuladas, los sacrifícios humanos y su pretendida antropofagia.[325]

Ele esclarece no trecho que não defendia a prática de um comportamento considerado execrável, contudo, analisava historicamente o porquê dessa manifestação cultural e, para isso, também recorreu a diferentes autores, novamente Ramírez e Francisco Javier Clavijero (1731-1787).[326] O principal argumento é que em todas as nações há indícios de sacrifícios em suas histórias. De Canaã aos persas, passando pelos fenícios e cartaginenses até o grande Império Romano, portanto, a Península Ibérica também não ficou isenta:

> La mayor parte de los pueblos han inmolado víctimas humanas. Fenicios, Egipcios, Arabes, Cananeos, habitantes de Tiro y de Cartago, Persas, Atenienses, Lacedemonios, Jónicos, todos los griegos del continente y de las islas, Romanos,

[323] OROZCO Y BERRA, *op. cit.*, 1877a, p.61.
[324] *Ibidem*, p.63.
[325] OROZCO Y BERRA, *op. cit.*, 1877 a, p. 65.
[326] O padre jesuíta nasceu em Veracruz e se ordenou em 1775. Logo após, trabalhou no Colégio de São Gregório, mas foi transferido para diferentes províncias ao longo da sua carreira, conseguindo, assim, coletar materiais fundamentais sobre a sociedade indígena. Com a expulsão da Companhia de Jesus pelo rei Carlos III em 1767, fugiu para a Itália e, em Bolonha, escreveu sua **Historia antigua de Mejico.**

> antiguos Bretones, Hispanios, Galos; todos han estado igualmente submergidos en esta horrible preocupacion.[327]

Orozco y Berra elabora seu argumento sobre o sacrifício para apresentar ao leitor que o México é civilizado mesmo com antepassados que realizavam rituais escusos. Se todas as grandes civilizações tiveram exemplos de sacrifícios humanos retratados para sempre em monumentos, isso, claramente, não os impediu de prosperar e progredir. Além disso, insinua que o menosprezo da Europa pela sociedade mesoamericana por suas práticas, as adjetivando como bárbaras, era hipócrita. O ato era condenável ainda que fosse universal, mas os mexicanos, especificamente, não deveriam sofrer a injustiça de terem sua identidade definida por algo que ocorrera há séculos – e que era comum em tantos lugares. Essa defesa também é direcionada aos pré-colombianos, pois se os antigos europeus ou habitantes da Ásia Menor eram analisados como um todo, colocando à revelia esse ritual em específico, também deveriam ser os astecas, maias, incas, entre outros. A busca, portanto, era por um tratamento igual, ao mesmo tempo em que as páginas seguintes explicam o porquê de tal prática ser tão recorrente à História: "Por una serie de ideas, sin valor alguno y fuera del alcance de nosotros los hombres actuales, apareció la víctima humana".[328] O homem dos oitocentos não tem nada a ver com isso.

Além do sacrifício, outro tópico abordado é a antropofagia. Um ato reprovável tanto no âmbito social quanto religioso, mas também recorrente na história universal, como o próprio autor destaca citando Ramírez. O caso mexicano, para Orozco y Berral, necessitava de uma vírgula explicativa:

> Los mexicanos solo sacrificaban á los prisioneros de guerra, y á los esclavos comprados y donados por sus dueños para aquel afecto. Así el Estado y los particulares proveian de víctimas al culto. Conforme á las ideas admitidas por aquellos pueblos, no se cometia ninguna injusticia en la muerte de las personas entregadas al cuchillo sacerdotal.[329]

O autor se refere aos indígenas antigos como *mexicanos*, o que pode ser um ato retórico ou significativo.[330] Basta ver que os textos da época eram feitos para que se fizesse uma ligação enraizada com os pré-colombianos, por isso, apresentá-los dessa maneira dá ao leitor uma sensação de continuidade. Sua defesa aos nativos continua ao dizer que não comiam

---

[327] OROZCO Y BERRA, *op. cit.*, 1877a, p.67.
[328] *Idem*, p.69.
[329] *Ibidem*, p.71.
[330] No seu texto sobre as Feira Universais, citado previamente, Mauricio Tenorio-Trillo discorre que a nação moderna não poderia ser construída sem o estilo retórico ou a eloquência nos discursos e narrativas. Isso se relaciona diretamente com os artigos analisados aqui, que destacavam o país pontualmente a partir da temática escolhida. Utilizavam, como metodologia, o estudo das coleções como comprovação das hipóteses, sendo a principal, a grandeza do país. Assim, sumiam a distinção entre forma e conteúdo na construção das comunidades imaginadas do período. TENORIO-TRILLO, *op. cit.*, 1996, p. 32.

a carne humana que não fosse imolada, não significando, assim, antropofagia. A prova disso foi terem conseguido sobreviver a um período de fome no reinado de Montezuma Tlhuicamina (1398-1469)[331] por se alimentarem de praticamente plantas e raízes apenas, e por procurarem outras soluções, como emigração e acordos com povos vizinhos. Bernal Díaz del Castillo (1492-1584), Francisco López de Gómara (1511-1566) e o próprio Cortés (1485-1547) afirmaram que o canibalismo não ocorria entre os indígenas.[332] Só no final do artigo que Orozco y Berra explicita que esses argumentos eram direcionados a Prescott e sua obra, alegando que o estadunidense deveria embasar melhor suas opiniões. A história como progresso era sentida fortemente no século XIX mexicano, e o autor termina:

> Pongo punto final á este asunto. Ignoro cuál será la impresion que mis observaciones dejen en él ánimo de los lectores. En mi creencia personal, los mexicanos gustaban la carne humana, y si por ello pudiera llamárseles antropófagos, indudablemente no eran caníbales. Una advertencia. Ni remotamente se vea en lo escrito la aprobacion del sacrificio humano, ni mucho ménos el comer de la víctima. Es esta una explicación, y no una defensa. Aborrezco todas las acciones que propenden á la destruccion violenta del hombre, pensando con Lord Byron, que, nunca la sangre se vertió sin cúmen.[333]

No mesmo tomo, publicou um artigo intitulado "*Doctrinas en Geroglíficos*", no qual discorre sobre a catequização dos nativos no início da colonização mexicana por meio de um pequeno caderno – a *cartilla* de Mariano Tullucu – que possuía uma compilação de orações de catecismo do Padre Jerónimo Martínez de Ripalda (1536-1618) em imagens inacabadas. Os caracteres ideográficos, a forma e a aplicação chamavam a sua atenção. Para entender o seu uso na conversão, Orozco y Berra analisa a tradição cristã trazida para a América pelas ordens religiosas no século XVI. Foi um trabalho extenso de leitura e recompilação de nomes como Bernardino de Sahagún (1500-1590), Juan de Torquemada (c.1562-1624), Jerónimo de Mendieta (c.1525-1604), Toribio Benavante, o Motolinía (c.1491-c.1569), além de analisar como a tradição franciscana foi criada por meio das imagens. Ou seja,

> Los misioneros no comprendían todavía las lenguas de los indígenas y estos á su vez aún no entendian el habla de sus dominadores; la escritura de los unos era ignorada por los otros; tampoco los signos geroglíficos astecas eran conmumente sabidos por todos los indios, de manera que, por entónces, no habia medio posible de entenderse.[334]

O método de ensino por meio dos desenhos com o uso de alegorias de céu e inferno, de castigos e regozijos só foram possíveis pela adaptação de sentido dos objetos que as representava. O entendimento do sistema feito pelos nativos e sua absorção pelos eclesiásticos

---

[331] Reinou de 1440 até sua morte.
[332] OROZCO Y BERRA, *op. cit.,* 1877 a, pp.73-74.
[333] *Idem.*
[334] OROZCO Y BERRA, *op. cit.,* 1877 b, p. 207.

foi fundamental para que os signos pudessem ser assimilados. Explorar as diversas gamas de assunto sobre a civilização mexicana significava editar. Esses autores escolhiam os melhores temas, o que deveria ou não ser colocado na publicação. Gumesindo Mendoza complementa "'al erudito artículo del Señor Orozco y Berra', escrito por el señor Gumesindo Mendoza, Director del Museo":

> Mucho se ha dicho de emigraciones y eventualidades que pudieron arrojar á las playas de estas ricas y fértiles tierras á ciertos nombres de diversas partes del llamado antiguo continente, y nosotros mismos hemos indicado las causas de dichas eventualidades y aún las aceptamos, porque encontramos aqui y allí las huellas de esas gentes desconocidas; pero estamos más inclinados á lo que hemos dichos en otro trabajo, "Comparacion del Sanscrito con el Naguatl", es decir, que aceptamos a existencia del gran continente ecuatorial, en donde aparecieron los primeros hombres, el que despues en el curso de los siglos se ha dividido, quedando por tanto separados los animales y los hombres. ¿Cuál fué la época remota de esa grande división? La filología, la geologia, la paleontología y la arqueologia, son las que están encargadas de responder á estas cuestiones y aún decidirlas: tenemos respecto á las primeras, y que poco á poco irémos publicando en los "Anales del Museo".[335]

Assim, ganhara legitimidade interna e externa, corroborada pelas resenhas jornalísticas do *El Monitor Republicano,* que reforçava o caráter inédito e a importância da publicação: "Los artículos que ella contiene son muy interesantes, dignos de la alta reputación que como científicos han alcanzado los señores profesores del Museo."[336] O teor era de entusiasmo em relação às pesquisas. Em 18 de dezembro de 1877, por exemplo, escreveram que "La importancia de este trabajo no puede desconocerse: además de los muchos fenómenos lingüísticos hasta hoy desconocidos, el Sr. Mendoza prepara la posibilidad de un gran paso en el conocimiento de muchos arcanos de nuestra remota historia."[337]

Gumesindo Mendoza, ainda no primeiro tomo, elaborou um estudo filológico e linguístico comparando o *náhuatl* com o sânscrito, o grego e o latim e justificou a perspectiva adotada aproximando as origens das línguas vernáculas asiáticas e europeias. Percebe-se, novamente, a tentativa de se encontrar elementos universalizantes dentro de culturas tão díspares, numa aparente tentativa de mostrar que "nós" (civilizações americanas) não somos tão "o outro". Mendonza afirma que:

> (…) los filólogos de grande autoridad por sus estudios muy severos en las lenguas indo-europeas, han llegado á concluir, que todos ellos, (…) han provenido de la lengua de los Brahmas; lengua la más rica y armoniosa, y en la que se han expresado y escrito las más altas y grandes concepciones del pensamiento humano en religión, en derecho, en filosofía (…). Los filólogos de nuestro Continente, (…) han comenzado á trabajar en el mismo sentido que los Europeos (…). [338]

[335] OROZCO Y BERRA, *op. cit.,* 1877 b, p.218.
[336] Anales del Museo Nacional de México. **El Monitor Republicano.** 29/11/1877, p. 3.
[337] Anales del Museo. **El Monitor Republicano.** 18/12/1878, p. 2.
[338] MENDOZA, Gumesindo. Estudio comparativo entre el sánscrito, el náhuatl, el griego y el latín. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I. 1877, p. 76.

No trecho, o autor destaca o aporte científico que embasa sua hipótese. Os filólogos corroboram sua ideia de origem "universal" da língua americana. Na verdade, o que ele procura comprovar é a herança indo-europeia. Apontar que todas as línguas conhecidas vieram de uma mesma matriz significa alçar o *náhuatl* ao patamar dos idiomas europeus. Era um discurso que legitimava a importância da cultura pré-hispânica e colonial, era a aproximação acadêmica entre Europa e América.

A edição de 1877 continuou com artigos, na sua maioria, descritivos, nos quais os autores demonstravam que o foco residia no interesse público, portanto, essa postura conduziu a escolha temática dos primeiros volumes. Os conteúdos correspondiam aos tópicos mais célebres do museu, os de maior notoriedade, como Teotihuacán, a Pedra do Sol e o *Chac-Mool*, analisada por Jesús Sánchez[339] em um estudo similar aos citados anteriormente, permeado por descrições geográficas e das peças. Eram acompanhadas por análises até então inéditas, pois inseriam aqueles objetos em um contexto maior, o nacional.

Explicar a existência e o sentido daqueles artefatos significava expressar uma parte da história do país. O caso do *Chac-Mool* é interessante porque despertou diversas pesquisas tanto no México quanto fora dele. Jesús Sánchez utilizou o estudo de Manuel M. Herrera y Pérez chamado "*Estudios históricos. La Cempoalxochitl ó corona americana. Estudio décimonono. Chac Mool*", publicado em junho de 1877 no periódico *La Voz de México*, como condutor da sua hipótese. No jornal, havia a publicação do *Chac Mool* como uma peça encontrada em Tlaxcala, que já era propriedade do *Museo Nacional*, e a conclusão era de que não se relacionavam.

Sánchez questionou se essa resolução era correta, pois, partindo da premissa de que ambas as peças eram muito similares, quase idênticas, seria possível que compartilhassem a mesma origem. Segundo Herrera y Pérez, o *Chac Mool* seria uma divindade dos *Itzaes* de Yucatán enquanto a outra retrataria um *caudillo* olmeca. Para embasar sua teoria, o autor comparou a resolução anterior com todas as descrições encontradas sobre essas peças, algumas realizadas inclusive por quem a descobriu, o explorador francês Augusto Le Plongeon. Em 1880, este enviou para a Secretaria de Estado uma solicitação para fazer moldes em papel da estátua e baseou a solicitação na sua experiência como arqueólogo, que, desde 1862, realizava trabalhos do tipo no Peru, na Bolívia e em outros países americanos. Especificamente no que se refere ao México, ele estudava monumentos de Yucatán desde 1873. Depois de muito viajar,

[339] SÁNCHEZ, J. "Estudio acerca de la estatua llamada Chac-Mool ó Rey Tigre". **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I. 1877a.

algumas inscrições em pedra o levaram até o local onde vislumbrou o *Chac Mool*, que ficou no raio de interesse de outros países. Ele relata ter sido comissionado por várias sociedades científicas nos Estados Unidos para que pudesse seguir com suas investigações sobre os nativos americanos.[340]

Seu pedido incluía o aceite para manter suas pesquisas e a sua ciência sobre os protocolos de proteção, pois o bem não poderia ser deteriorado. Queria permissão para fazer moldes, de gesso ou ferro, fotografá-los e exportá-los para qualquer instituição que quisesse estudá-los. E, sobretudo, se:

> (...) durante el curso de dichas investigaciones, se hallasen, desprendidos de los monumentos, objetos interesantes, cuya preservacion se considere (...) para el mejor estudio de la historia, se pueda poner de ellos conforme a las leyes vigentes (...) en la Republica Mexicana y el Código del Estado de Yucatán.[341]

A resposta do governo foi positiva de início, já que as primeiras demandas não infringiam as leis mexicanas. Contudo, em relação à posse dos objetos que estivessem "desprendidos" dos monumentos, foram taxativos ao dizer que "(...) no podrá disponer de ellos el Sr. Le Plongeon, sino en los terminos que lo permitan las leyes vigentes em la República y en Estado de Yucatan."[342] Assim, o francês só poderia ter contato e estudá-los no próprio território, pois não poderiam ser retirados do solo mexicano. Todo esse imbróglio ilustra a importância não só das peças mexicanas, mas sobretudo do *Chac Mool*. Sánchez, na publicação do *Museo¸* discorre que se as sandálias esculpidas nos objetos se parecem com as das múmias das Ilhas Canárias[343], isso significava que os monumentos glorificavam a mesma deidade, o que sua principal hipótese a ser comprovada.[344] Pensar que a população mexicana tinha uma unidade era o diferencial do artigo, enquanto os anteriores apenas descreviam as peças ou não pressupunham análises próprias.

Esse tipo de elucubração, de um fio condutor entre as práticas religiosas de dois locais separados por uma grande disputa geográfica não era novidade, no entanto. Nos próprios *Anales*, em 1900, Francisco del Paso y Troncoso coloca em uma mesma publicação seis crônicas escritas por religiosos que trabalhavam a conversão de índios e, por causa disso, descreveram muitos rituais, crenças e costumes em suas páginas. O olhar desses eclesiásticos estava imbuído do filtro ocidental católico, e muitas das referências explicitadas nos textos, que

---

[340] AGN, IPBA, Cx 165, Exp. 28, f.1.
[341] *Idem.*
[342] *Ibidem*, f.2.
[343] Ambas têm adornos na cabeça, punhos e pernas, além de terem a cabeça levantada da mesma forma. SÁNCHEZ, *op. cit.*, 1877a, p. 274.
[344] *Idem*, p.274.

eram voltados para catequistas, eram balizadas por esses pontos de vista. Dessa forma, podemos questionar se determinadas ações presenciadas não eram notadas apenas pelo fato de serem não católicas. Sánchez, no seu artigo, cita Torquemada, que, na *Monarquia Indiana*, de 1615, afirmou que yucatecos adoravam *Quetzalcoaltl*, o deus asteca. Porém, os historiadores, cronistas ou viajantes que documentaram o período colonial não conseguiam mensurar o número de deidades, limitando a compreensão *verdadeira* do passado pré-hispânico por parte dos pensadores do século XIX. A falta de documentação seria um fator para deixar dúvidas acerca da função das duas peças, sobretudo o *Chac-Mool*. Além disso, uma particularidade em relação às estátuas "(...) que comparamos, es la posicion horizontal que ambas guardan, y que es excepcional entre la multitud de ídolos que posée el Museo Nacional."[345]

A nacionalização dos objetos encontrados ao longo de décadas deu a oportunidade para os historiadores conjecturarem sobre o próprio passado. O discurso agregador da história, de uma *História nacional*, fazia mais eco naquele momento do que segregar práticas por regiões, como se a população de Yucatán não tivesse tido contato com outros povos, por exemplo. Sánchez, todavia, defendia seu argumento a partir de representações específicas das estátuas: uso de estampas nos mesmos lugares, adornos similares, recorrência das mesmas formas geométricas, principalmente octógonos. O interessante é que, mesmo que uma esteja com a cabeça virada para a esquerda e a outra para a direita, por exemplo, e que uma tenha um recipiente em mãos e a outra não, a interpretação final é que, pelas características essenciais das peças, elas são idênticas.[346] O sentido simbólico das duas é mais importante para o argumento do autor do que os aspectos físicos. Ele questiona, inclusive, o nome "*Chac-Mool*", visto como inadequado para uma estátua claramente usada para rituais religiosos e não uma representação do rei de Yucatán.

No mesmo tomo, foi publicada a tradução, feita por Gumesindo Mendoza, do manuscrito mexicano encontrado no segundo volume da obra do Lord Kingsborough sobre a cosmogonia asteca .[347] Aprender sobre os deuses e a forma como enxergavam o mundo era primordial para entender as peças destinadas ao museu e os sítios arqueológicos descobertos cada vez com mais frequência por todo o país.

---

[345] SÁNCHEZ, *op. cit.*, 1877a, p.275.
[346] *Idem*, pp.275-278.
[347] Edward King (1795-1837) colecionador inglês, mais conhecido por Lord Kingsborough, passou boa parte do seu tempo pesquisando a América. Sua obra principal, *The Antiquities of Mexico*, teve 11 volumes, publicados a partir de 1830, onde defendia a ideia de colonização da América realizada pelas tribos perdidas de Israel, ou seja, cria a teoria dos índios-judeus. O interesse pela origem mexicana atingiu níveis internacionais, mas cresceu enormemente entre a elite intelectual. KALIL, Luis Guilherme Assis. **Filhos de Adão: as teorias sobre a origem dos indígenas (séculos XVI e XIX).** Jundiaí: Paco Editorial, 2015, pp. 264-265.

Um diferencial do tomo de 1877 foi a seção de História Natural, integrante apenas na 1ª época da revista.[348] Como vimos, essa primeira publicação tinha um aspecto didático mais destacado do que as próximas, que analisaremos posteriormente. Era necessário estabelecer a importância da revista não só para pesquisadores, mas para um público mais amplo, além de inserir o museu como uma instituição de prática científica. A História Natural, neste contexto, foi um tópico interessante. A formação do museu deve muito às coleções naturais herdadas pelos cientistas pelo Jardins e expedições realizadas no final do século XVIII. A análise da natureza era valorizada num período de formação de nacionalismo e esteve em prática desde o fim da Guerra de Independência, em 1821. Veremos que, ao longo do tempo, porém, esses intelectuais preferiram dissociar História e História Natural, por esta, naquele ponto de vista, se relacionar mais com outras áreas do campo científico. A História, para eles, era feita por meio da leitura indelével da documentação escrita, criada pelo homem. A personificação da História é um ponto importante para se entender o fascínio que tinham pela origem e se tornará a temática mais recorrente da revista ao longo das épocas, principalmente a partir da segunda.

Na seção de História Natural, o professor Mariano de la Bárcena (1842-1899) realiza uma introdução à Paleontologia[349] a partir da definição de tópicos sobre a ciência. Para que os estudos zoológicos, botânicos e outros se aprofundassem, os pesquisadores deveriam procurar as raízes dos tempos passados. É assim que Bárcena começa suas considerações, reiterando que "Las ciencias modernas han invadido en diversas direcciones ese caoes del pasado, y la luz se ha sustituido á las tinieblas, aun en aquellas cuestiones que parecian sustraerse á la inteligencia humana".[350] O conhecimento científico se expandiu em conjunto com a tecnologia e o homem encontrou novos elementos para responder às suas próprias perguntas. Era a época de Darwin, da evolução, do entusiasmo em desvendar as questões de cunho ontológico. Para o México e para o Museu Nacional, estabelecer um centro investigativo paleontológico projetava o país para o mundo e para si. Bárcena congratulou a direção do museu por formar equipes segmentadas dentro do nicho da História Natural, melhorando o espectro explorador tanto da instituição quanto do país.[351] Ele também tinha que defender o espaço do seu ramo de estudo, que ainda era novidade e estava no início do desenvolvimento. Porém, ele saúda o diretor Gumesindo Mendoza e o Ministro de Instrução Pública, Ignacio Ramírez (1818-1879), por terem bancado essa expansão.

---

[348] Vide Anexo I.
[349] BÁRCENA, Mariano de la. Consideraciones generales sobre la ciencia – Introducción al estúdio de la Paleontologia a mexicana. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I. 1877.
[350] *Idem*, p. 43.
[351] *Ibidem*, p. 44.

Teotihuacán foi um dos lugares que exerceram fascínio nos autores. Mendoza, por exemplo, marcou o sítio publicar o artigo "*Las Pirámides de Teotihuacán*", no qual descreve as ruínas com uma hipótese em mente: prova a grandiosidade do lugar e a sua ancestralidade:

> Las dos pirámides [no caso a do Sol e da Lua] eran simbólicas, representaban las dos causas de la generacion: á la vez eran observatorios astronómicos, y hé aquí la razon por qué estaban bien orientadas: en la Caldea y el Egipto tenian el mismo destino (...).[352]

A ancestralidade da civilização mexicana também se relaciona diretamente à reconstrução e à reabilitação de uma imagem interna. O passado começa a ser reverenciado pelos intelectuais e anexado ao presente de uma forma que durará até o futuro. Essa importância estava atrelada, como é observado constantemente, à necessidade de estarem em uníssono com as políticas europeias de desenvolvimento cultural que embasavam a ideia de nacional. Os discursos criados no Velho Continente, como a dicotomia bárbaro e civilizado, eram absorvidos pelos intelectuais mexicanos e utilizados como base conceitual. Era uma forma de se colocarem como iguais. Por exemplo, a comparação entre as invasões ao Egito e ao Oriente Médio, assim como a cidade arqueológica de Pompeia,[353] com a descoberta de Teotihuacán e Xochicalco, eram frequentes, pois "La similitud entre México y Egipto expresaba una raíz común: la experiencia francesa de intervención como caminho para develar lo desconocido por medio de un 'ejército de sábios' capaz de dar a conocer lo ignoto en el centro de Occidente."[354]

3.2 O tomo II da 1ª época: o espaço, o tempo e a narrativa nacional em construção

Em 1882, cinco anos depois, saiu o segundo tomo dos *Anales*, com a mesma organização interna e uma temática similar. Observa-se um maior número de colaboradores e a publicação da extensão da "*Descifracion geroglífica de Manuel Orozco y Berra*"[355], que obteve tanto espaço na revista quanto seu contemporâneo, e forte nome das ciências mexicanas,

---

[352] MENDOZA, G. Las Pirámides de Teotihuacán. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 1 Tomo I.1877 c, p.192.

[353] Christina Bueno destaca que a comparação do passado mexicano à antiguidade clássica era feita pela intelectualidade, como a rua dos Mortos em Teotihuacán ser similar às tumbas de Pompeia ou a estátua em Palenque ser assimilar a de Jano. Porém, para alguns, a incorporação de particularidades mexicanas na sua escrita da História os diferenciava dos europeus não deixando de exaltá-los. A autora reitera: "(...) the elites placed Mexico within a more universal order, a canon of civilizations that in including those of the non-West admitted Mexico's ancient peoples and gave the nation an oriental gloss. Mexico was the 'American Egypt'" BUENO, *op. cit.*, p. 951.

[354] AILLÓN SORIA, *op. cit.*, p. 84.

[355] No "*Ensayo de descifracion geroglífica*", Manuel Orozco y Berra dirige a publicação de uma das maiores fontes documentais sobre a história mexicana, o Códice Mendocino, que ocupou dois tomos da revista, de 1877 e 1882. O autor organizou conteúdos explicativos sobre a história do documento, além de elaborar um dicionário hieróglifo e cronológico. Dessa forma, ensina como ler o documento.

Alfredo Chavero. Veremos que o andamento temático que começou em 1877 se manteve e peças importantes do *Museo* ganharam destaque.

A Pedra do Sol foi uma das grandes descobertas arqueológicas sobre o México pré-hispânico. Sua opulência a transformou em um símbolo da história do país e da grandiosidade do seu passado, imagem que se perpetuou e causa impacto até hoje. Chavero foi um dos estudiosos que se dedicou a analisá-la e sobre ela escreveu "*La piedra del Sol – Estudio Arqueologico*", versão estendida do ensaio feito por ele em 1875, no qual investigou a história do monumento desde a sua construção até sua importância para a sociedade mexicana quando foi encontrada. Além disso, interpretou a datação de tempo configurada pelos povos antigos.

O autor foi um dos mais prolíficos funcionários do *Museo Nacional* e sua credibilidade foi construída por uma longa carreira pública e investigativa. Se destaca a redação do tomo I do *México a través de los siglos*, de 1884, com a direção de Vicente Riva Palacio. Nesse mesmo período, apoiou a produção do "*Catálogo de las colecciones históricas y arqueológicas del Museo Nacional de México*"[356], feito por Mendoza e Sánchez, abertamente criticado pelos seus pares pela falta de profundidade analítica. Foi nomeado diretor do museu em 1902 e, no pouco tempo à frente da instituição, buscou diversificar os estudos históricos e arqueológicos, inserindo, progressivamente, na pauta trabalhos sobre os objetos de regiões mais distantes do centro do país. Sua opinião era valiosa para o Estado, que muitas vezes requisitou seu conhecimento para tomar decisões importantes, haja vista o conflito relatado no Capítulo 1 com o Smithsonian.[357] O estudo sobre a Pedra do Sol foi considerado um dos mais importantes do período.

Logo no início do texto, ele menciona, em uma longa nota de rodapé, o conflito existente com o arqueólogo Ph. Valentini (1828 –1899)[358], que defendia que António León y Gama (1735-1802), um dos primeiros a analisarem o monumento asteca, havia decifrado o sistema calendário supostamente descrito no monumento.[359] Chavero argumenta que o seu

[356] Foi publicado no tomo II dos *Anales*, mas também teve uma edição própria que ficava à venda no museu.
[357] RICO MANSARD, *op. cit.*, 2004, pp. 223-225.
[358] Philipp Johann Joseph Valentini, foi um arqueólogo e explorador alemão, e dedicou sua carreira a pesquisar sobre a história da América Central, com destaque à Costa Rica, onde morou por vários anos. Se tornou membro da *American Antiquarian Society* em 1879. Escreveu "Discurso acerca de la Piedra llamada Calendario Mexicano" em Nova Iorque para apresentá-lo à sociedade que se filiou posteriormente. Gumesindo Mendoza elabora um pequeno preâmbulo que diz "Para que nuestros lectores se formen una idea del interés que actualmente se ha despertado en el extranjero por la Arqueología mexicana (...)." VALENTINI, 1877, p. 226. O fato de Valentini se pronunciar e escrever sobre a pedra mostra a sua importância para a arqueologia ocidental da época. Porém, traduzir e destacar o texto de um estrangeiro sobre a história mexicana também é legitimar o que estava sendo produzido nacionalmente por aquela geração.
[359] Em 1792, Dom António Léon y Gama publicou o conhecido artigo "*Descripción histórica y cronológica de las dos piedras que con ocasión del nuevo empedrado que está formando en la plaza principal de México se hallaron en ella el año 1790*".

estudo havia sido publicado em 1875, antes da fala de Valentini em Nova Iorque, e, além disso, apontava que seria mais aprofundado[360] tanto em descrições quanto em análise do que o publicado por León y Gama. O problema se estendeu, pois o alemão teria sido acusado por americanos e europeus de plagiar o estudo do mexicano, que descartou essa hipótese ao afirmar que o colega havia atestado, em uma edição inglesa do seu discurso, que a sua interpretação estaria incompleta.[361] Essa discussão exalta a importância da Pedra do Sol para a construção da história mexicana, pois se tornar autoridade no tema significava dominar o tão valorizado passado.

Chavero afirma que o monumento era conhecido como "Calendário Asteca" e que teria sido feito em 1479 sob o reinado de *Axayácatl* (1449-1481) em homenagem ao sol, como apontara a *Historia de los Indios de Nueva España*, de Diego Durán (1537-1588). Com o fim do domínio asteca, a pedra ficou no centro da Cidade do México sem função até ser enterrada à mando do frei Alonso de Montúfar (1489-1572), então Arcebispo do México. Com as obras de pavimentação realizadas no local, em 1790, foi encontrada, e as discussões sobre o seu destino surgiram. De símbolo de uma civilização dominada e bárbara, se tornou a imagem de um grande povo no século XIX.

Diferentemente de León y Gama, Chavero não acreditava que as extremidades estavam quebradas, pois defendia que se tratava de um círculo esculpido em cima de uma peça maior e sua disposição horizontal ajudaria a esconder partes que sobravam.[362] O autor passa o restante das páginas comparando suas análises aos trabalhos prévios sobre o tema, além do de León y Gama. Cita tanto o apêndice de José Fernando Ramírez para a edição mexicana da obra de William Prescott, quanto o ensaio de Orozco y Berra para o primeiro tomo dos *Anales.* Assim, recorre a contemporâneos, que ficaram conhecidos pela leitura incessante da documentação pré-colombiana e colonial, para embasar sua análise. Além da interpretação arqueológica, observar o monumento o fazia questionar a importância do sol para aquela sociedade e como sua organização política e cultural se relacionava diretamente a isso. Passava a entender os andaimes do seu passado, que levaram àquela construção no seu presente e, para isso, procurava na documentação os indícios da urbanização pré-colombiana e a relação com a luz solar. É a partir desse momento que passa a discorrer sobre a relação cosmogônica e social, explicando a importância dos elementos da natureza nesse processo:

---

[360] Ele se limitou a indicar que o seu estudo publicado na edição de 1882 tinha uma explicação mais aprofundada da peça em comparação ao que já existia, trazendo notas que complementavam e citavam, quando necessário, os artigos anteriores.
[361] CHAVERO, *op. cit.*,1882, p. 3.
[362] *Idem*, p.4.

> La idea que tenían los mexicanos de que el mundo debía terminar cuando ya no naciera del Oriente el sol que los alumbraba, traía su orígen de la tradicion de que la humanidad había perecido en las épocas que ellos llamaban soles, y que eran las edades cosmogónicas de los nahoas. Haré aqui brevísima relacion de ellas.[363]

A história da Arquitetura e urbanismo mesoamericano está totalmente imbricada com a demarcação do espaço e do tempo. As civilizações indígenas que habitavam o território a oeste da Europa construíam suas cidades a partir do ritmo do cosmos. Os rituais religiosos de empoderamento dos deuses do fogo, do sol, da lua foram fundamentais para o desenvolvimento civilizacional e urbano daquelas sociedades. Há uma óbvia dificuldade em se observar essas influências arquitetônicas que permaneceram na cultura mexicana mesmo após a invasão, devido à política de destruição do Império espanhol. Contudo, alguns sinais ainda são legíveis e as origens lendárias dessas cidades auxiliam na interpretação. Claudio Favier Orendáin, por sua vez, discorre que toltecas, maias, miztecos e a população de Teotihuacàn se refugiaram ao sul, entre as montanhas floridas, e coordenaram os seus calendários. Tlayacàpan, portanto, pode ter surgido a partir desses primeiros moradores que viveram sob a influência de um movimento unificador, já que teria sido o centro dessas civilizações que dividiram aquela terra.[364]

Xochimilcas, astecas, toltecas e olmecas são a representação desse encontro de culturas que se adaptaram às suas diferenças e deram origem a um ideal particular, seja religioso, político, social ou mesmo urbano. Este, especificamente, encontrado pelos europeus e arrebatador aos seus olhos, haja vista o espanto ao se depararem com sociedades "tão avançadas". Quando se fala na coordenação dos calendários, fala-se sobre o eixo espaço/tempo que balizava toda a estrutura urbana. Neste caso específico, era a partir do deus Sol que ela era construída, e aqui vale ressaltar um detalhe. A cosmogonia mesoamericana está em todos os aspectos da vida daquelas civilizações. O homem foi criado pela vontade de um deus, cada povo possui seu deus protetor, instituído por ele por meio dos sacerdotes. A complexidade reside em saber mapear e entender a dinâmica cosmogônica existente naquele período a partir de fontes europeias que tentaram traduzir e compreender aquelas sociedades com a finalidade de colonizá-las[365]. Ou seja,

> Del aparente caos de los muy variados mitos es necesario obtener algunos conceptos que, si bien no presentes en todas las versiones, sí permiten asegurar la existencia de fundamentos muy generalizados. La creación está referida, en primer término, no a toda la especie humana, sino a grupos étnicos diferenciados, en los que el tiempo, el

[363] CHAVERO, *op. cit.*, 1882, p.10.
[364] FAVIER ORENDÁIN, Claudio. **Ruínas de utopía: San Juan de Tlayacàpan. Espacio y tempo en el encuentro de dos culturas.** México: FCE, 2004. pp. 38-42.
[365] AUSTIN, Alfredo López. **Hombre-Dios. Religión y política en el mundo náhuatl**, México, UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2014. (Série de Cultura Náhuatl. Monografías, 15). pp. 49-51. Disponível em: http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/hombre/dios.html. Acessado em 30 de junho de 2015.

> creador, las circunstancias y el lugar de nacimiento varían notablemente. El proceso de creación no es simultáneo, sino que la aparición sobre la tierra varía por años, siglos e incluso [...] soles o edades cósmicas."[366]

O cotidiano era determinado pelo espaço e o tempo cosmogônico, e o planejamento urbano era uma das partes predominantes. Favier Orendáin afirma que, para as culturas, mesoamericanas a distinção entre arquitetura e urbanismo seria apenas um jogo arbitrário de palavras.[367] Não seria compreensível criar um local para habitarem sem as referências temporais que relacionariam a fragilidade da vida com os ritmos imperturbáveis da matéria. A diferença entre os seres humanos seria a consciência sobre o tempo e a cidade era um lar construído para se viver esse tempo sagrado. Essa lógica seria partilhada e adaptada por cada sociedade daquele período, o que não foi diferente com os astecas. Veja o exemplo de Tenochitlán, que foi capaz de reunir a importância simbólica do *Templo Mayor* e o poder de ser o mais influente centro político, bélico e econômico da sua região. Sem violar a identidade conceitual de espaço e tempo, Montezuma, no século XV, instituiu um cargo específico para a manutenção e coordenação da cidade, o *Tlacaèlel*, nome dado a partir da deusa *Cihuacoàtl*. O ofício demandava um comandante criativo, sagaz e delicado em contraposição ao poder absoluto e masculino do *Tlatoani.* Pela primeira vez haveria uma diferença formal entre o espaço civil e o religioso.

A crença regia a civilização e, por consequência, o plano urbano. Em princípio, na cidade mesoamericana se cruzavam os caminhos dos habitantes dispersos pelo território, local onde assistiam os rituais em homenagem aos deuses.[368] Elas não eram planejadas para serem altamente povoadas em seus centros, elas carregavam um acento religioso e ritualístico particular e essas áreas serviam de habitação apenas para sacerdotes e guerreiros, que ocupavam o topo da hierarquia social. Com a invasão espanhola, uma das primeiras medidas de dominação era instituir uma nova tradição, destruindo os símbolos existentes, mas essa lógica não conseguiu ser concretizada. A igreja colonial, por exemplo, não teve o apoio da população da mesma maneira que na Europa, e o simulacro criado não necessariamente era entendido pelos nativos.

Os primeiros colonizadores fundaram várias cidades, povoados e vilas ao mesmo tempo em que adaptaram algumas já existentes. As características desse programa de urbanização do império espanhol não havia precedentes em outros locais do próprio império: "Donde quiera que iban fundaban nuevas ciudades o rehacían los pueblos indígenas a su imagen

---

[366] FAVIER ORENDÁIN, C. *op. cit.* p. 52.
[367] *Idem.*, p. 52.
[368] *Ibidem.* p. 44.

y semejanza. Estas ciudades serían el baluarte del poder español, puestos de avanzada para dominar los campos y su alrededor."[369] A campanha foi contínua e prolífica, mas não sistemática e harmônica.[370]No México, o plano urbano necessitava de uma cidade sede, metropolitana, uma rede de cidades periféricas que serviriam de habitação para os colonos e, mais às margens do centro, o local de alojamento dos indígenas. Vale destacar que lá, ao contrário do Peru, a urbanização e colonização foram concomitantes, com os religiosos como protagonistas nesse processo. Um dos aspectos mais importantes da conversão se dava na materialidade de se instituir um novo *status quo,* transformando a tradição pagã existente em católica.[371]

Hernán Cortés e sua armada chegaram a Tenochtitlán em 1521, mas foi apenas em 1522 que ele resolveu reconstruir a cidade. Apesar de todas as discussões que envolviam a topografia, insalubridade do clima e da geografia e até de estratégias militares, decidiu-se que ela deveria ser a capital da colônia. Entre 1522 e 1550, calcula-se que atingiram a marca de 150 mil habitantes, levando em consideração as milhares de mortes ocorridas na conquista, sobretudo dos indígenas. Kubler destaca esse impressionante número o comparando com importantes cidades europeias, como Toledo, que possuía 18 mil pessoas e Sevilla, com cerca de 15 mil. Para além dos números, o estabelecimento urbano, assim como no período cosmogônico mesoamericano, se baseava em uma estrutura religiosa.

Tenochtitlán foi transformada em uma cidade integrada por quatro paróquias centrais e duas periféricas (São José e Santiago), que eram destinadas aos indígenas. A paroquia da Catedral, no atual centro histórico da Cidade do México, era frequentada pelos governantes e colonos mais abastados. A de Santa Catarina recebia os trabalhadores e mercadores europeus, assim como alguns nativos da região. Já na de Veracruz encontravam-se os espanhóis e mestiços de poucos recursos financeiros, assim como a de São Paulo, que também recebia majoritariamente europeus. O traçado das ruas também foi modificado, mas sofreu com as constantes mudanças no censo populacional. Kubler diz que, tanto a imigração para outras partes da colônia, inclusive o Peru, a chegada de mais europeus, e a miscigenação fazia com

---

[369] COPE, R. Douglas. Los ámbitos laborales urbanos. In. RUBIAL GARCIA, A. (coord.) **História de la vida cotidiana en México – La ciudad barroca.** Vol. II. México: El Colégio de México/ FCE, 2011. p. 407.

[370] "Los caminos seguidos por los conquistadores, misioneros, obispos, sacerdotes y colonos civiles estaban bordeados por los cientos de nuevos pueblos fundados antes de 1580; a una generación de la Conquista, los españoles habían dotado a la Nueva España de todos los atributos necesarios para establecer una sociedad colonial." KUBLER, George. **Arquitectura Mexicana – el siglo XVI.** México: FCE, 1983. p. 73.

[371] Mudanças urbanas com apropriações culturais não foram de exclusividade da colônia, pois os espanhois também se utilizaram de tal artimanha em seu próprio território. Em 1492, com a reconquista do sul, algumas estratégias foram promovidas pelos cristãos: "la Cristandad buscó entonces identificarse con las ruinas de civilizaciones anteriores, en su afán de imprimir un nuevo espíritu a las antiguas formas." *Idem.* p. 75.

que a cidade crescesse para além do traçado existente. A característica de grande metrópole, de base econômica, política e religiosa já existia, mas foi só no século XIX que houve a construção de largas avenidas, como o *Paseo de la Reforma*. O plano imperial previa um núcleo central delimitado por uma zona retangular onde seria concentrado, e fortemente controlado, o poder político institucional. O governo dependia muito dos seus braços burocráticos para fiscalizar uma colônia tão vasta como a novo-hispana, mas o seu centro e regiões periféricas eram bem vigiados. No resto do território, na criação de novas cidades, esse plano era esgarçado, mais parecido com a urbanização encontrada na Europa do que nos povoados indígenas.

A regulamentação urbana só veio em 1573 com a criação das *Leyes de los reinos de las Indias*, um conjunto de normas que envolviam estatutos, leis e tratados tanto para os espanhóis quanto aos nativos[372]. Esse conjunto de leis também demonstra a atitude do governo imperial em retomar as rédeas da colonização americana, já que os primeiros passos para a instalação e desenvolvimento foram dos religiosos. Por exemplo, os primeiros assentamentos indígenas foram construídos pelas ordens mendicantes com a intenção de protegê-los da exploração colonial. De início eles não apresentavam um plano estruturado para a construção desses espaços e com o crescimento da população nativa cristã – lê-se batizados – o conhecimento prévio que possuíam da realidade europeia foi aplicado. Portanto, nas cidades construídas pelos colonizadores, o plano axial octogonal, em xadrez, com uma clara diferenciação social[373]. Até a década de 1570[374], as ordens mendicantes tiveram total autonomia na criação e manutenção das cidades e vilas, com os franciscanos na parte central e oeste, os dominicanos ao sul e na península de Yucatán, e, por fim, os agostinianos em Michoacán e nas regiões montanhosas de Hidalgo. A legislação imposta por Felipe II atuava em várias esferas, desde a fachada das casas, que deveriam respeitar o estilo arquitetônico da rua, uma espécie de alinhamento estético, até o sistema municipal de higiene e saneamento básico[375].

---

[372] KUBLER, G. *op. cit.* p. 89.
[373] *Idem.*
[374] Existe uma análise historiográfica que discorre sobre os fatos que teriam marcado o final do século XVI como um período de ruptura. Anderson dos Reis trabalhou essa questão tentando fugir dos cânones "idade de ouro" e "idade de prata" e para isso trouxe as matrizes franciscanas, jesuíticas e o que ele chamou de "outras interpretações". Estas circunscreviam a perspectiva da crise social, política, econômica e religiosa para explicar o momento: "Entre as novas leituras, lançou-se luz sobre as alterações na sociedade *virreinal* que ajudariam a compreender a troca de comando na Igreja por volta de 1570." REIS, Anderson Roberti. **A Companhia de Jesus no México: Educação, Bom Governo e Grupos Letrados (Séculos XVI-XVII).** (Tese). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. p. 35. Dentre os fatos que suportavam essas interpretações estão: a instalação do Santo Ofício em 1571; a nomeação de Pedro Moya de Contreras para arcebispo do México; o sequestro de crônicas dos mendicantes, em 1577; o *Real Patronato* em vigência; e o III Concílio Provincial Mexicano, em 1585.
[375] KUBLER, G. *op. cit.* pp. 81-82.

A influência cosmogônica indígena não foi sublimada na reconstrução espanhola, pois a orientação leste-oeste[376] foi mantida, além das escolhas espaciais para instalarem as igrejas e monastérios. Tenochtitlán e Tlayacàpan são exemplos de cidades ativas e importantes em suas regiões e civilizações, portanto pouco modificadas, pois a manutenção de uma familiaridade era necessária para a transição política e cultural que imprimiam. Kubler, diferentemente de Favier Orendáin, afirma a dificuldade em se definir precisamente as influências do urbanismo pré-hispânico na cidade colonial, mas ele destaca algumas pistas que esclarecem a apropriação cultural. Em 1580, Felipe II convocou alguns funcionários de origem indígena para a elaboração de estudos sobre a história, geografia, botânica, zoologia e estatísticas sobre a natureza e a população daquelas regiões. Um deles se chamou *Proyecto Cholula,* feito por um artesão indígena, no qual inventariou que

> La distribución de las manzanas de casas guarda una estrecha relación con la actual, aun cuando las distancias entre ellas hayan sido reducidas considerablemente por el dibujante. La traza es muy regular y las divisiones administrativas por barrios son bastante claras, cada una con su templo situado sobre o cerca de una pirâmide prehispánica."[377]

Além do posicionamento dos templos católicos convergirem com os pagãos, a ideia de um centro urbano monumental não pertencia ao cotidiano espanhol ou mesmo europeu. O autor diz que o espaço aberto no Velho Continente (de dimensões bem inferiores ao de Tenochtitlán) era ocupado por mercados e se situavam em vilarejos e novos bairros, não havia a criação de um espaço público *per si.* Salamanca, por exemplo, possuía um centro movimentado, mas era irregular e sem planejamento.[378] Em outros locais da Europa, como na Península Itálica, havia alguns estudos arquitetônicos e urbanos sobre o espaço público nos centros, como os de Leon Battista Alberti ou Antonio Filarete, porém,"las plazas mexicanas, por otra parte, no tienen antecedentes europeos, salvo raras excepciones."[379]

Voltando à reflexão de Chavero, vemos que, a partir da observação de outras peças e da combinação da leitura de códices e crônicas, chegou à conclusão de que a pedra do sol seria uma sofisticação do sistema calendário. Além disso, destacou a diversidade entre os povos mesoamericanos e a ausência de uma forma uníssona de contar e pensar o tempo. As migrações constantes influenciavam a cultura e a organização social, e não podemos esquecer das conquistas e tomadas de poder. Ele delineia a estruturação daquelas sociedades, que divergiam

---

[376] "Como hemos visto, en 1523, a dos años de la ocupación no existía una traza definida [...] la red de calzadas ya existía con anterioridad a la elaboración de la traza; [...] Este plano preestabelecido, posterior a la reocupación y anterior a la creación de la traza, seguia probablemente las principales arterias y manzanas de la ciudad azteca." *Idem.* p. 76.
[377] KUBLER, G. *op. cit.* pp. 96-97.
[378] *Idem.* pp. 102-104.
[379] *Ibidem.*

profundamente entre si. Por exemplo, a observação da natureza levava à elaboração de respostas para questões desde as mais ontológicas até as rotineiras. Contudo, a geografia mexicana é diversa, possuindo planícies desérticas, vales férteis, florestas e cadeias de montanhas, entre outros, o que influenciou diretamente na análise dos astros e na construção das próprias crenças. Dentro dessa perspectiva, o artigo de Chavero se insere na forma comum dos *Anales* de comparação da história mexicana a de outros locais, e logo no início apresenta a opinião de Alexander von Humboldt (1769-1859) de que a cosmogonia mexicana pode ter surgido da Indiana: "Dice que la más sorprendente de todas las analogias entre el Asia y la América, es la de las regeneraciones periódicas del universo. Ella remonta á la más lejana antigüedad."[380]

Humboldt usou Hesíodo e sua teogonia para entender a universalidade da compreensão da origem de tudo, principalmente entre os politeístas. O aspecto interessante da obra de Chavero é ver sua abordagem que primava pelo "olhar científico", isto é, diferentemente do naturalista prussiano, ele não vê relação entre as periodizações explicitadas na Grécia com a cosmogonia asteca. A similaridade residiria no impacto que catástrofes ou fenômenos naturais tinham em qualquer lugar do mundo. E ele segue:

> Hoy, que la ciencia se professa en todos los países, la aparicion de un cometa extraordinario se anotaria sin duda en los anales de todos los pueblos. (...) Para encontrar el parentesco de los pueblos antiguos, no basta observar lejanas analogias; y sin las hay, es preciso buscar si una causa comum las ha producido, sin que un Pueblo haya debido tener relaciones con el otro.[381]

Dever-se-ia buscar os sinais nas ideias essenciais da religião e da filosofia, além da linguagem, do idioma e do conhecimento praticado na época, como a matemática. Existe, nessa interpretação, uma relação determinista, pois, se as características citadas são encontradas, o autor afirma que os povos serão da mesma "família". O principal exemplo seria a conexão entre mexicanos e espanhóis por partilharem traços culturais como a língua e a religião, o que também ocorria com a elite *criolla* da Guatemala e das Filipinas, mesmo tão distantes entre si. O grande "porém" residia nos estudos históricos que demonstram as "*razas distintas y diferentes*",[382] o que o fez reforçar a necessidade de produzir um estudo comparativo minucioso, porque a complexidade das relações poderia levar às armadilhas das facilitações analíticas.

Ao longo do texto, Chavero desenvolve elemento por elemento para comprovar seu ponto de vista, que era o da autonomia e da singularidade da civilização asteca. Entre os nahuas, diz ele, havia *Tonacatecuhtli*, o criador do deus sol – *Ometecuhtli* – que não era absoluto e

[380] CHAVERO, *op. cit,* 1882, p.21.
[381] *Idem*, p.22.
[382] *Ibidem*, p. 24.

possuía a capacidade de originar outros deuses, como fez com *Quetzalcoatl* e *Huitzilopochtli*, assim como o mundo. Junto da lua – *Tezcatlipoca* – e do sol – *Tonatiuh* – formavam a base da religião mexica[383] e não eram circunstanciais:

> (...) no puede decirse por excepcion, que más tarde se introdujeron estos astros por base de la religion, pues la base de una religion nunca existe por excepcion; y ademas ésta fué siempre la de las religiones de toda lar aza y todo el Continente, como lo demuestra la religion del Perú, que modificada por el buddhismo, conservó el recuerdo de los tres astros.[384]

A intenção não era criar uma ideia de unidade entre as crenças americanas, e sim distingui-las. A cosmogonia e a religião eram particulares para cada povo, seja no Peru,[385] na Índia ou na Europa. Por acreditar que demonstrou satisfatoriamente esse ponto, logo o autor decide rumar para outro ponto argumentativo que corroboraria sua hipótese, a variação linguística. Antes de mergulhar em uma análise filológica, Chavero estabeleceu algumas regras: decidiu comparar as gramáticas para saber se as línguas orientais e o *náhuatl* pertenciam a um mesmo grupo genealógico; definiu que o estudo era maior do que entender o léxico, pois se relacionava ao "espírito humano"; e, por fim, deixa claro acreditar na essencialidade que a língua possui e guarda ao longo do tempo[386]. Dessa forma, ele elenca diversidades de origens como:

> Creo que no se pueden presentar razas que más se diferencien en esta matéria que los hindús y los nahoas. Resumiendo, tendremos que nos demuestran la diversidad de orígen de hindús y nahoas:
> 1º - cosmogonia.
> 2º - la teogonía.
> 3º - la lengua.
> 4º - la numeración.
> 5º - la cronología.
> 6º - la historia que no refiere el origen comum.
> 7º - la tradicion que no conserva ideia de origen.
> 8º - la leyenda que no hace de dicho orígen recuerdo alguno.
> Podemos, pues, decir con verdad científica, que los nahoas y sus soles son autóctonos.[387]

Foi com o uso de evidências e fatos, como métricas, sistema numérico e comparação entre a língua dos hindus e dos nahuas que Chavero desfez a ideia de um paralelo existente entre os dois povos. A importância dessa conclusão reside na constatação da

---

[383] Eduardo Natalino dos Santos elaborou um extenso trabalho sobre os deuses indígenas. Comparando diversas fontes, coloniais e nativas, descreve que pouco se tem dado sobre o deu dual *Ometeotl*, mas havia indícios das suas possíveis outras formas de representação, como *Ometecuhtli* – Senhor Dois –, *Omecihuatl* – Senhora Dois – ou como *Tonacatecuhtli* e *Tonacacihuatl* – os Senhores e Senhora Sustento. SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas.** São Paulo: Palas Athena, 2002, pp. 181-182.

[384] CHAVERO, *op. cit.*, 1882, pp.28-29.

[385] O autor descreve brevemente as particularidades peruanas ao citar Garcilaso de la Vega (1503-1536), criando mais um contraponto ao hinduísmo.

[386] *Idem*, p.38.

[387] *Ibidem*, p.38.

ancestralidade *nahua*, pois "La verdad es que el hombre existió desde la misma época en ambos continentes."[388] Com a paleontologia e o descobrimento de fosseis, afirmou que o Vale do México era tão antigo quanto outros continentes e que as civilizações que ali habitavam eram sim desenvolvidas. As peças encontradas nas escavações eram ornadas e delicadas, o que pode ser visto como prova das capacidades manuais e talentos daqueles povos, assim como a existência de tecnologia suficientemente avançada para possibilitar um artesanato mais minucioso. Apesar da contribuição para deslocar a origem mexicana do que ele imaginava ser um lugar comum, o da universalização, a periodização lhe é um assunto caro. Como um homem da ciência, ele detalha as dificuldades em acertar a veracidade de qualquer tipo de cronologia pela falta de fontes assertivas, já que muitas tinham base religiosa. Nas notas, critica nomes como Durán, por exemplo, que utilizava a Bíblia como ponto de partida para seus textos.[389] Essa posição revela o sentimento anticlerical que estava em voga em um mundo que exaltava o conhecimento científico.

Partindo do princípio do uso das evidências, a teoria da união dos continentes, delineada por Abraham Ortelius (1527-1598), no século XVI, foi retomada no final do século XIX. A Deriva Continental ficou conhecida por esse nome em 1915 com o alemão Alfred Wegener (1880-1930), porém, quando Chavero escreveu o artigo que estamos analisando, a ideia já ganhava espaço entre os intelectuais. Ele utilizou essa proposição científica para discutir uma possível relação entre a origem dos nahuas e a possível existência de Atlântida, o território lendário. O autor decide testar essa hipótese por meio dos fatos.

Primeiro, a descoberta de fósseis de grandes animais na América corroborava a ancestralidade do continente, o que ganhava peso com a similaridade entre as vegetações e a análise geológica. Ele afirma que: "Las Canarias, las Azores y la América, fueron sucesivamente consideradas como los restos del país famoso, que á tantas maravillosas relaciones había dado lugar."[390] A lenda, na verdade, era uma forma não científica, de base mitológica, de se aceitar a grandiosidade da América. Esse era o ponto de vista combatido pelo autor, que defendia a importância dos povos originários mexicanos por si só, sem precisar tecer relações esgarçadas com sociedades antigas, sejam da Europa ou do Oriente. Dessa forma, Chavero tinha outro argumento: ainda que houvesse similaridade entre os povos na época do

[388] CHAVERO, *op. cit.*, 1882, p.39.
[389] A sua base cronológica veio de Humboldt, ao dizer que os nahuas passavam dos 18 mil anos de ancestralidade enquanto os egípcios tinham 6 mil e os hindus um pouco mais de 3 mil anos. Sua frustração em relação ao uso da Bíblia se faz evidente quando questiona: "Y puede haber mayor absurdo, por buscar entre los nahoas la torre de Babel y la confusion de las lenguas, que decir para salvarse de otro diluvio...?" *Idem*, pp.39-40.
[390] *Ibidem*, p. 42.

continente único, as línguas e as religiões se formaram logo no início, e só depois que despontaram as civilizações oriental e ocidental que seriam separadas com o deslocamento dos continentes, e a última teria ficado ilhada da influência da primeira. Sua conclusão é de que:

> Aún suponiendo esto enteramente certo, y á la raza nahoa parte de aquella perdida civilizacion, queda como el pueblo autóctono que la conserva. (...) De modo, que de cualquier manera que consideremos la cuestion, siempre tendremos este resultado, que se convierte en verdad científica: los nahoas fueron un pueblo autóctono, y sus cuatro soles cosmogónicos fueron autóctonos tambien.[391]

A longa análise sobre a Pedra do sol, na realidade, se mostrou como um exemplo de uso de "dados científicos" para entender a origem do povo mexicano e sua grandiosidade simbolizada pela peça monumental para além da tradição interpretativa presente naquele contexto, inclusive na revista. O estudo era tão extenso – cerca de 150 páginas – que foi separado e publicado em partes diferentes e o autor também mergulhou nos segredos do objeto ao entender a importância do sol para a tradição *nahua*, que também era venerado por outras culturas.

Chavero descreveu a crença mexica sobre o sol se entranhar na terra para iluminar o *Mictlan,* local para onde os mortos iam, explicação que foi interpretada como falta de conhecimento científico e, também, analisada constantemente pelos cronistas do período colonial[392]. Era por meio da comparação que encontravam os detalhes da cosmogonia nahua e, assim, mais uma peça era acrescentada no grande quebra-cabeça que era o passado mexicano. A estima e a reverência ao sol eram profundas e enraizadas na sociedade a ponto de que as mais estimadas recompensas eram direcionadas a ele, como, por exemplo, oferecerem os guerreiros mais valentes que padeciam em combate ou as mulheres que pereciam no parto.[393] Chavero dedica páginas e páginas para detalhar o conhecimento da sua época, boa parte adquirido a partir da análise de coleções privadas e do próprio acervo do museu. As festas, os rituais e as comparações com outras sociedades eram passos fundamentais para entender o contexto e a importância da Pedra do sol.

Apesar da dominação do artigo de Chavero no tomo II dos *Anales,* tanto pela sua grandiosidade em páginas e importância quanto pela curiosidade do tema, outro trabalho que manifesta o *modus operandi* da publicação foi a monografia feita pelo arqueólogo belga Charles Rau (1826-1887). O "*Tablero del Palenque en el Museo Nacional de los Estados Unidos*" foi

[391] CHAVERO, *op. cit.*,1882, pp.44-46.
[392] *Idem*, pp.121-122.
[393] "El amor de la patria fué la mayor pasion de los mexicanos, y tanto valía para ellos el soldado que daba su sangre por México, como la mujer que perdía su vida por dar un hijo á la patria." *Ibidem*, p.123.

publicado em 1879 e traduzido para o público mexicano a tempo da edição de 1882.[394] O autor emigrou para os Estados Unidos em 1848 e se tornou diretor do Museu Nacional em Washington em 1875. Os estudos americanos tinham cada vez mais força e uma das práticas dos *Anales* era trazer estudos estrangeiros tanto para demonstrar a internacionalidade da sua história quanto para corrigir interpretações que desagradavam a intelectualidade mexicana.

O texto faz uma análise extensa de uma espécie de superfície horizontal com inscrições em baixo relevo encontrada no *Templo de la Cruz de Palenque*, que ficava no Estado de Chiapas, objeto este que fazia parte do Instituto Nacional de Washington e que estava aos cuidados do Smithsonian. Rau dedicou-se a estudar a relíquia que, para o Secretário da instituição, que escreveu a primeira página chamada "*Advertencia*" – Spencer Fullerton Baird (1823-1887) –, foi uma grande contribuição para o desenvolvimento da arqueologia nos Estados Unidos. O belga decifrou os hieróglifos do todo o *tablero*, além de encomendar as ilustrações a Hubert Howe Bancroft (1832-1918).[395]

Rau inicia o prefácio estabelecendo sua forma de escrever ciência:

> He tenido especial cuidado en no aventurar en la presente monografia una opinion que no fuese de acuerdo con los datos de que he podido disponer. Esto era preciso, supuesta la diversidad de opiniones que actualmente hay acerca del estado de la civilizacion primitiva de México y de la América Central. En tanto que en algunos hay certa tendência á exagerar la cultura de los antiguos habitantes de esos países, la facilidad con que otros admiten ciertas teorias favoritas, les hace caer en el error contrario. Ninguno de estos modos de ver, conduciria á apreciaciones justas, tratándose de dilucidar esta cuestion.[396]

No trecho, deixa claro o uso de dados e não de opiniões para escrever sua monografia. Enxerga que foi imparcial na sua análise, adotando a postura de um cientista tal qual um físico, médico, biólogo. Enquanto isso, no México, mesmo com as mudanças políticas ocorridas após a Independência, a relação com o patrimônio e com as antiguidades se mantinha obscura. Havia uma busca pela valorização do país, algo que vemos desde o século XVIII, por exemplo, com a *Historia antigua de México,* de Francisco Clavijero, publicada em 1780. Nesta, existem descrições de algumas antiguidades, mas como não era o foco do trabalho, esse tipo de conhecimento manteve-se restrito. Nos anos seguintes, pouco foi feito para mudar a situação, o que aconteceu apenas com o decreto de 1825 e com a autorização da do Museu Nacional.

---

[394] O Professor Spencer Baird, do Instituto Smithsonian, enviara de Washington, 1879, à Cidade do México dois exemplares do trabalho de Charles Rau sobre Palenque. Sua correspondência não seguira as vias oficiais pelo medo de sobrecarregar a entrega. A cortesia foi comunicada posteriormente, em 12 de dezembro do mesmo ano. AMNA, Vol. 4, Sección 8, f.152.

[395] RAU, Charles. Tablero del Palenque en el Museo Nacional de los Estados Unidos. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 2 Tomo II 1882, p.133.

[396] *Idem*, p.134.

A promoção do passado pré-colombiano se tornara pauta para além das fronteiras mexicanas. Com as dificuldades de se manter pesquisas histórica e arqueológica substanciais nos anos de distúrbio político, exploradores e instituições estrangeiras, por outro lado, agiam. A região mais ao sul do país, como Chiapas, Campeche, e a leste, como Yucatán, sofriam ainda mais com a falta de atenção governamental. Esses locais exerciam fascínio nos exploradores de outros países por possuírem monumentos, resquícios materiais importantes sobre as populações que lá viviam, sobretudo os maias. Desde a década de 1820, com o francês Jean-Fréderic Waldeck (1766-1875), que resgatou os desenhos do gualtemalteco Ricardo Almendariz, por exemplo, crescia o interesse na região de Palenque. As descrições de Antonio del Río[397] motivaram diversos pesquisadores, curiosos por natureza, a rumarem para lá. Muitos, inclusive, sem patrocínio estatal.

O primeiro capítulo da monografia de Charles Rau, intitulado "*Historia del Tablero de Palenque*", aborda a origem da peça, sua inserção no contexto que lhe cabe, sua descoberta e o translado para os Estados Unidos. O *tablero* foi enviado a Washington em 1842, mas não estava completo. Aliás, os pedaços chegaram em duas caixas entregues em meses diferentes, ambas vindas de Nova Iorque, mas o aspecto interessante do relato é o tom de desculpas utilizado pelo autor. O Instituto Nacional de Washington e o Smithsonian tiveram contato com os objetos por meio da ação de exploradores que foram respaldados pelo governo mexicano, porém Rau não encontrou a documentação original acerca da posse *tablero* por parte de organizações privadas dos Estados Unidos, muitos menos sobre o deslocamento até ali. É sabido que em 18 de março de 1842, o Instituto recebeu uma correspondência do cônsul americano em Laguna, no Estado de Campeche, Charles Russell, na qual informava sobre o envio das caixas através de duas pessoas diferentes. Porém, não existem mais sinais dessas cartas.[398]

Como vimos anteriormente, houve um recrudescimento legal para impedir a saída dos bens mexicanos do país. Contudo, constata-se nos artigos e documentações que estrangeiros tinham acesso fácil às zonas arqueológicas. Uma dupla citada por Rau como possíveis

[397] Antonio del Río (c. 1745-1789) foi um explorador que fez parte da expedição de José de Estachería patrocinada pela *Real Audiencia da Guatemala,* que explorou desde Chiapas até Yucatán. Cf.: BRUNHOUSE, Robert L. **En busca de los mayas: los primeros arqueólogos.** México: Fondo de Cultura Económica, 1989; ROMERO SANDOVAL, Roberto. Una rara edición del *Informe* de Antonio del Río sobre las ruinas de Palenque. **Estudios Mesoamericanos**, n. 8, 2010; GARCÍA SÁIZ, María Concepción. Antonio del Río y Guillermo Dupaix: el reconocimiento de una deuda histórica, **Anales del Museo de América**, n.2, 1994, pp. 99-119.

[398] Em 18 de março de 1842, o Instituto Nacional recebeu a correspondência do cônsul americano em Laguna, no Estado de Campeche, Charles Russell, na qual informava sobre o envio das caixas através de duas pessoas diferentes. RAU, *op. cit.*,1882, p.135.

descobridores do *tablero* foi o americano diplomata, escritor e explorador John Lloyd Stephens (1805-1852) e o arquiteto e explorador inglês Frederick Catherwood (1799-1854). De 1839 a 1841, eles viajaram pela América e coletaram diversos objetos com a intenção de expô-los para o grande público, nos mesmos moldes do que foi feito na Europa com artefatos do Egito, do Oriente Médio, da Ásia Menor, entre outros. Khristaan Vilela diz que o primeiro explorador que visitou o México pós-independência e produziu obras sobre a viagem foi o naturalista amador inglês William Bullock (1773-1849). Em Londres, era conhecido pelo *Egyptian Hall* que mantinha na capital inglesa, com uma vasta coleção de artigos africanos. Sobre o México, entre 1824 e 1825, exibiu modelos da Pedra do sol, do *Tizoc*, do *Coatlicue* e uma maquete de *Teotihuacán*, explorando a curiosidade dos ingleses sobre os povos americanos.[399]

Rau acreditava que Russell foi informado das peças e viabilizou o transporte para os Estados Unidos. A expedição de Stephens e Catherwood, que partiu da cidade de Ocosingo – atualmente faz fronteira com a Guatemala – mobilizou as comunidades locais pelo caminho até Palenque. A viagem levava dias e não poderia ser feita sem o conhecimento da população nativa. Ao longo do trajeto, exemplos da arquitetura maia ficavam evidentes, e, ao chegarem ao destino, a intenção foi retirar vários exemplares, deixando claro em seus escritos que os locais não entendiam o significado daquelas peças.[400]

Além dos dois, o americano Henry Pawling partiu para Chiapas e desenvolvia moldes das ruínas[401] quando as autoridades locais o impediram de continuar seu trabalho. Rau discorre que essa interrupção era indício do descontentamento do governo do estado com as ações provocadas por estrangeiros na região:

> Mr. Stephens, al volver a los Estados Unidos, mantuvo correspondencia con Mr. Russell. Antes de salir de Palenque hizo que un Mr. Pawling modelara los tableros y ornamentos más importantes, quedando e convenido en que Mr. Russell enviaria estos modelos á los Estados Unidos. Los trabajos de Pawling fueron suspendidos por órden del Gobernador de Chiapas, decomisando los modelos ya ejecutados. No es tampoco dudoso que Mr. Pawling, durante su permanencia en el Palenque, haya reunido los fragmentos del tablero mandándolos al Cónsul americano, quien los remitió al Instituto Nacional de Washington.[402]

Essa preocupação demonstra um posicionamento mais direto contra o tráfico de objetos e se tornou parte fundamental da tentativa pós-1867 de retomar o controle dos bens

---

[399] VILELA, Khristaan D. "Beyond Stephens and Catherwood: Ancient Mesoamerica as Public Entertainment in the Early Nineteenth Century". PILLBURY, Joanne (ed). **Past presented: archaeological illustration and the ancient Americas**. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2012, pp. 143-145.
[400]MUCHER, Christen. "Collecting Native America: John Lloyd Stephens and the Rethorics of Archaeological Value". **Journal of Transnational American Studies**, 9 (1), 2018, pp. 13-15.
[401] Em 1863, o primeiro Secretário do Smithsonian encomendou um molde que foi feito com muitos detalhes. Por causa da exatidão dos trabalhos desenvolvidos ali, o governo mexicano desautorizou a produção de moldes.
[402] RAU, *op. cit.*, 1882, pp.135-136.

culturais mexicanos. Rau discorre que desde a década de 1840, Stephens abraçou a ideia de criar um museu de antiguidades americanas.[403] Porém, a coleta sobrepassava as soberanias nacionais, o que muitos desses exploradores não respeitavam. R. Tripp Evans explica o interesse estadunidense nessa temática. Stephens and Catherwood são parte de uma tradição arqueológica que se acostumou a viajar para a América Latina para encontrar elementos sobre uma origem civilizacional comum ao continente que eles pretendiam comandar. Assim, contribuíram para a mitologização da história mesoamericana, justificada pela falta de informações fidedignas sobre o período e que, de certa forma, se mantém até hoje.[404] Contestá-los e produzir a própria narrativa foi um dos principais interesses dos intelectuais mexicanos.[405]

Miruna Achim relata que as antiguidades de Palenque são deslocadas da região desde a década de 1820, o que também era uma questão política, visto que Chiapas foi o último estado a fazer parte da federação e por vontade própria, pois antes pertencia à audiência da Guatemala.[406]Quando os objetos chegaram em Washington, ficaram sob os cuidados de Titian Ramsey Peale (1799-1885), filho do naturalista Charles Wilson Peale (1741-1827). Logo despertaram a curiosidade científica, mas não o suficiente para que surgissem análises específicas sobre eles. Apesar disso, estrangeiros coletavam amostras e faziam modelos para exporem em seus países. A Prússia, por exemplo, por meio do enviado Friedrich von Gerolt (1797-1879), solicitou uma cópia que nunca chegou que e pereceu com o tempo.[407]

Esse "novo descobrimento da América", como aponta Evans, encabeçado pela França, Inglaterra e, posteriormente, pelos Estados Unidos, se relacionou com a política colecionista – que muitas vezes priorizou quantidade a qualidade. Esse interesse internacional se preocupava coma atribuição de autoria a essas evidências, mas não as conectava à população indígena contemporânea. Essa perspectiva revela o olhar estereotipado e preconceituoso direcionado à sociedade mexicana, pois acreditam na impossibilidade do país de se emancipar culturalmente da Espanha. Além disso,

> Proposing various theories of trans-Atlantic migration, early writers on Mexican antiquities supported the commonality of man's descent from the Old World – an

[403] RAU, *op. cit.*, 1882, p.136.
[404] R. Tripp Evans destaca como tradição arqueológica e história dos Estados Unidos, construída no século XIX, fabricar um imaginário romântico e exótico sobre as civilizações pré-colombianas. Um dos exemplos da atualidade desse discurso foi a publicação feita em 8 de setembro de 2000 pelo *The New York Times* chamada *Splendid Maya Palace is found hidden in the jungle.* O jornalista John Noble Wilford reporta a descoberta de vestígios arqueológicos maias na Guatemala e adjetiva tanto as peças quanto os nativos mesoamericanos dentro dessa linha do exotismo, contribuindo para a manutenção do estereótipo. Cf: EVANS, R. Tripp. **Romancing the Maya: Mexican Antiquity in the American Imagination, 1820-1915.** Austin: University of Texas Press, 2004, pp. 2-5.
[405] *Idem.*
[406]ACHIM, Miruna. **From Idols to Antiquity: Forging the National Museum of Mexico**. Nebraska: University of Nebraska Press, 2017, pp. 96-97. [edição kindle]
[407] RAU, *op. cit.*, 1882, p.136.

> insistence that justified Mexico's cultural colonization in the wake of Spain's departure.[408]

A universalidade das hipóteses criadas para entender o passado pré-colombiano impossibilitam o protagonismo da população sob a própria História. Essa nova "renascença americana", termo aplicado por Evans, se contrapunha à política da monarquia espanhola de apagar os vestígios daquelas sociedades para inserir sua forma de estado e organização civil. Desde o início do século XVI, com a conquista territorial, as cidades foram adaptadas ao projeto colonial que tinha dois pilares inegociáveis: o Cristianismo e o domínio metropolitano. Ainda que ao longo dos anos a administração colonial ganhou forças com a nomeação de cargos e chancelas na América, quem coordenava era a coroa, sua principal beneficiadora. A descrição da sociedade indígena e seus costumes, em palavras e imagens, foi plural e permeada de referências eurocêntricas, o que se manteve no século XIX.[409]

Rau descreve a saga para o transporte e montagem das peças que chegaram separadas como um brinquedo. Tanto Antonio Del Río quanto Guillermo Dupaix (1746-1818)[410], produziram obras informativas acerca de Palenque, mas não possuíam uma metodologia científica substancial. Esse tipo de prática começou a ficar mais em voga na década de 1860. Em 1868 foi publicado o primeiro artigo que identificava o *tablero* como uma peça única e o analisava como um todo[411]. Segundo o autor:

> El passaje en que explica el verdadero artículo del Tablero, se encuentra en la pág. 431 de aquella publicacion. Basta con una simple comparacion de los dibujos de la losa del Instituto Smithsoniano con las representaciones de las del Palenque, pertenecientes al Grupo de la Cruz y dadas por Stephens, para convencerse de que la una es el complemento de las otras. Sin embargo, la satisfaccion de haber descubierto este hecho, petenece al primero de los mencionados.[412]

Em 1873, o arqueólogo Ph. Valentini recebeu uma fotografia do *tablero* e percebeu que era a parte faltante do monumento em Palenque, o *Templo de la Cruz*. Enquanto um pedaço estava nos Estados Unidos, o painel central permanecia em Chiapas, mas em mau estado de

---

[408] EVANS, *op. cit.*, pp.10-11.
[409] *Idem*, pp. 12-20.
[410] Nascido no que hoje é a Bélgica, Guillaume Joseph Dupaix se dedicou a viagens exploratórias pelo México e retratou diversas culturas, com destaque para os monumentos de Palenque. Em 1794 publicou o conhecido *Descripción de monumentos antiguos mexicanos*, o que Leonardo López Luján chama de álbum arqueológico. Nos *Anales*, em 1907, Francisco Orozco y Jiménez (1864-1936) publicou uma cópia do documento *El capitán Guillermo Dupáix y las ruinas de Ococingo y Palenque*. Originalmente encomendado pelo Vice-Rei José Iturrigaray (1742-1815), as averiguações contra Dupaix foram feitas a mando do governo mexicano. Cf: OROZCO Y JIMÉNEZ, F. El capitán Guillermo Dupáix y las ruinas de Ococingo y Palenque. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 11 Tomo IV, 1907; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. **El capitán Guillermo Dupaix y su álbum arqueológico de 1794**, México: Ediciones del Museo Nacional de Antropología/INAH, 2015.
[411] Rau se refere ao trabalho *American ethnology* do suíço George-Auguste Matile (1807-1881) que trabalhou no Museu de Princeton e no próprio Smithsonian.
[412] RAU, *op. cit.*, 1882, pp.136-137.

conservação. Desiré Charnay o fotografou e a imagem viajou pela Europa, fazendo com que outros pesquisadores pudessem montar o quebra-cabeça. Foi apenas em 1883, já no governo de Porfirio Díaz, que a peça que estava no sul do país foi enviada à capital.

Quando os editores dos *Anales* abraçam os estudos estrangeiros, eles buscam novas fontes de análise sobre o próprio passado. Como vimos, o alcance de pesquisadores e exploradores internacionais, durante muito tempo, foi maior do que o dos mexicanos. A posição da diretoria do museu foi científica ao querer trazer à tona os principais trabalhos que enriqueceriam o conhecimento próprio. A monografia de Rau representa bem esses primeiros anos da revista, que destacou o passado pré-colombiano, a análise dos objetos do acervo da instituição, a História Natural e outras disciplinas que surgiam na época. As várias obras sobre monumentos afastados do centro do país dizem respeito à política profunda pela própria história. A nacionalização da cultura regional e o se fazer ver dos povos que habitavam todos os cantos do território era uma preocupação legítima sobre a institucionalização da identidade.

3.3 A terceira edição dos *Anales* e a importância das traduções

A edição de 1886 continuou no caminho das anteriores, sendo a História e a Arqueologia os principais tópicos abordados. Vimos até aqui a importância dos membros da diretoria e departamentos do museu na construção dos *Anales.* Contudo, com o passar dos anos, o papel de Francisco del Paso y Troncoso (1842-1916) se tornou mais notório. No terceiro tomo, dos seis artigos que estavam sob sua responsabilidade, metade era tradução, como o trabalho de Daniel G. Brinton (1837-1899) "*Los Libros de Chilam Balam – Memoriales proféticos e históricos de los mayas de Yucatán"*[413]. Paso y Troncoso foi um dos principais intelectuais mexicanos do século XIX. Sua contribuição para o desenvolvimento cultural e científico do país é notável. Médico formado pela *Escuela Nacional de Medicina,* dedicou sua carreira para encontrar, analisar, publicar e expor a História do México. Sob a sua direção, a partir de 1889, o *Museo Nacional* impulsionou as ciências humanas, com destaque para a Arqueologia, a História e a Etnografia. A biblioteca cresceu, com contribuições do próprio Paso y Troncoso, pois, mesmo ocupando o cargo, participou de viagens pela Europa na intenção de resgatar

[413] Daniel Garrison Brinton foi um médico, arqueólogo e etnólogo americano considerado um dos fundadores da antropologia nos Estados Unidos. Sua vasta coleção de livros e documentos como manuscritos, ilustrações, fotografias, retratos etc., dos nativos do México e América Central foi a base da biblioteca da Universidade da Pensilvânia. O artigo traduzido por Paso y Troncoso - *The Books of Chilan Balam, the Prophetic and Historic Records of the Mayas of Yucatan* – foi publicado em março de 1882 pela *Penn Monthly.*

documentos e comprar livros. Aderiu à comissão científica para Cempoala, além de apresentar a Seção do México na Exposição Histórico-Americana de Madri, em 1892. [414]

O artigo traduzido foi parte do discurso proferido pelo americano para a Sociedade Numismática e Arqueológica da Filadélfia em janeiro de 1882. Podemos interpretar que, para a Paso y Troncoso, Briton contribuía na solidificação de uma nova área de pesquisa tanto no próprio país quanto no vizinho. Na primeira nota, o americano aponta que o *Chilan Balam* não era um livro desconhecido dos leitores mexicanos.[415] Esse olhar estrangeiro sobre a história mexicana agregava diferentes perspectivas além de demonstrar ao leitor, de certa forma, a sua própria importância internacionalmente. Briton iniciou seu discurso colocando os maias de Yucatán como os únicos que possuíam literatura escrita, um sinal de desenvolvimento.[416] A maior parte dos livros foi destruída com a colonização, sobretudo pelos religiosos. O conteúdo era considerado subversivo, tratava de "idolatrias" e costumes que os europeus queriam abafar por atrapalharem o processo de conversão. Porém, as tradições expressas nos hieróglifos foram mantidas pelos indígenas, que escreveram os signos da língua maia. O autor diz que muito foi aumentado e/ou omitido, mas as obras tinham o mérito de permitirem acesso a esse conhecimento, mesmo que em partes.[417]

Os livros do *Chilan Balam* eram compilados de textos sobre a cultura maia e alguns são conhecidos pelos yucatecos como o livro de *Chumayel*, de *Maní*, entre outros, mas nem todos chegaram ao século XIX. Brinton, contudo, deixa clara a importância dessa documentação para o conhecimento do passado mexicano:

> Reservando para el futuro editor que los dé á conocer al mundo científico, la tarea de discutir, con más perfeccion, el orígena y contenido de estos materiales, me proponho tocar en el presente artículo, simplemente, algunos puntos culminantes, para ilustrar la cuestion.[418]

As datas dos livros que sobreviveram ao tempo são variadas, desde o século XVI, passando pelo XVII e XVIII, e são cópias que continham modificações consideradas acidentais pelo autor, como a adição de acontecimentos da época da conquista[419]. A análise dos textos ficava, então, mais complexa, devido à necessidade de historicização de cada um dos

---

[414] RICO MANSARD, *op. cit.,* pp. 337-338.
[415] Ele faz essa afirmação a partir do trabalho desenvolvido por Dom Crescencio Carrillo y Ancona (1837-1897), *Dissertacion sobre la Historia de la Lengua maya ó Yucateca* publicado em 1872 pela Sociedade de Geografia e Estatística.
[416] BRITON, "Los Libros de Chilam Balam – Memoriales proféticos é historicos de los mayas de Yucatán". **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 3 Tomo III 1886, p.93.
[417] *Idem*, pp.93-94.
[418] *Ibidem*, p.94.
[419] Um exemplo: "(...) en 'El Libro de Chilan Balam de Nabulá' hace mencion el copista, como suceso de actualidad, de una epidemia maligna que reinó en la Peninsula durante el año 1673." *Ibidem*, p.95.

exemplares e à comparação entre eles, até conseguirem encontrar uma conclusão sobre a história maia. Com o esforço de retratar as sociedades pré-colombianas como desenvolvidas, a comparação com a Europa se mantinha. O método, portanto, pouco muda entre os textos publicados nos *Anales,* sejam nacionais ou estrangeiros. A fim de abordar o conteúdo dos livros, Briton criou quatro seções específicas: "*Cuestiones astrológicas y proféticas*; *Cronología é Historia antiguas*; *Recetas é instrucciones médicas*; *Historia moderna y Doctrina Cristiana*."[420] A Astrologia se relacionava com o antigo paganismo, que foi retomado nos manuais religiosos europeus entre os séculos XVI e XVII.

O autor insinua que houve a inserção de elementos europeus na narrativa conforme as cópias foram feitas ao longo dos séculos pós-conquista, mas apesar desse detalhe, as profecias indígenas eram surpreendentes por si mesmas: "Todas las autoridades competentes convienen en que son producciones genuínas de la inteligencia de los indios, modeladas, en las formas *idiomáticas* de la lengua nativa por os que han nacido oyéndola hablar."[421] Mergulhar no estudo das línguas indígenas era fundamental para a compreensão das sociedades antigas e essa posição de Brinton pode ser lida como defesa de uma nova metodologia de estudo e forma de pensar o passado.

Outro autor cujo trabalho foi traduzido por Francisco del Paso y Troncoso foi Arnold Adolph Berthold[422] (1803-1861). O texto intitulado "*Descripcion y estúdio de un cráneo extraído de las tumbas de uno de los palacios de Mitla*" trata de um tema recorrente na 1ª época da revista: a tentativa de comprovar a ancestralidade da população pré-colombiana. A cidade de Mitla[423] é parte do Estado de Oaxaca e teria sido sede do poder eclesiástico dos zapotecas.[424] Apesar dos palácios abrigarem o rei, os serviçais, os convidados especiais e o clero, Mitla era conhecida como o local de sepultamento de corpos dos sacerdotes, vítimas de sacrifícios e do principal líder religioso, que Berthold chamou de *Gran Pontífice*[425]. Na sua descrição ele aponta:

---

[420] BRITON, *op. cit.*, 1886, p.95.
[421] *Idem*, p.97. Grifo do texto.
[422] Foi um fisiologista e zoologista alemão.
[423] Francisco del Paso y Troncoso aponta nas notas de rodapé que o substantivo *Mitla* é oriundo do verbo *Mictia*, que significava maltratar o outro e se relacionava à palavra *Mictlan*, o "inferno". Este nome teria sido dado posteriormente, pois a palavra zapoteca análoga seria *Yoopaa*.
[424] Berthold utilizou os conhecimentos de Eduard Mühlenpfordt (1801-1853) para formular seu contexto. Mühlenpfordt foi um matemático e cientista alemão que viveu no México até 1834 e escreveu, entre outros, *Ensayo de una descripción de la República de México, referido especialmente a su geografia, etnografia y estadística*, publicado em Hanover em 1844. Ele escreveu e descreveu os palácios de Mitla e até 1886 não havia uma tradução mexicana do seu trabalho.
[425] BERTHOLD, A. A. "Descripcion y estúdio de un cráneo extraído de las tumbas de uno de los palacios de Mitla". **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 3 Tomo III 1886, p.115-116.

> Ignoro si alguno ha descrito ya ó representado en alguna publicacion un cráneo de las tumbas de Mitla. A lo ménos no se encuentra ni en las Décadas de Blumenbach, ni en la importante coleccion de cráneos por él formada que ahora está reunida é nuestro Museo Academico. (...) Una cosa sí es segura, y es que cráneos de aquellos tempos son sumamente raros y que ejemplares com el mio acaso nunca hayan venido á Europa. [426]

No trecho acima percebemos a relevância da peça em destaque, considerada única e particular, e do seu próprio estudo, pela originalidade temática e metodológica. Desde 1830, Oaxaca foi uma das regiões que passou a despertar interesse nacional e internacional. As comissões governamentais se tornaram uma realidade e expedições estrangeiras eram cada vez mais frequentes. As características principais do crânio estudado por Berthold eram: pequeno com a testa relativamente larga, cavidades dos olhos grandes e "maçãs" do rosto amplas e proeminentes. Além desses exemplares, ele estabelece uma comparação com alguns encontrados na América do Sul, tanto no Peru quanto no Brasil.[427] Dentre todas as análises, haveria uma similaridade com um crânio encontrado em uma tumba em Quilca, na região peruana de Arequipa. Dessa forma, "Podria por consiguiente probarse, mediante esa concordancia en la forma del cráneo, que los antiguos mexicanos y los antiguos peruanos, especialmente los del imperio de los Inca, pertenecian á un mismo tronco genealógico."[428]

Com essa análise comparativa, o autor insere as Américas num contexto global de estudo genealógico, já que "La procedencia de los antiguos peruanos y de los antiguos mexicanos es un problema nada fácil de resolver. Emigraciones de gentes han tenido lugar tanto en el nuevo como en el viejo continente."[429] Para Berthold, o país começa a partir do século VII com o aparecimento dos toltecas vindos do Norte para o Vale do México. Em meados do século XI, parte deles desapareceram quando houve a imigração dos astecas para a região central, enquanto o restante foi subjugado e assimilado pelos invasores.[430]

---

[426] BERTHOLD, *op. cit.*, 1886, p.117.
[427] *Idem*, pp.117-118.
[428] *Ibidem*, p.118-119. Vale apontar que o autor utiliza a classificação de Franz Julius Ferdinand Meyer (1804-1840), um fisiologista e botânico prussiano, que visitou a América do Sul entre 1830 e 1832. Para ele, havia a *raza caribe*, que abarcava os países a leste, como os exemplares encontrados entre os Incas do Peru, os Botocudos do Brasil, entre outros, possuíam a cara larga e a parte de trás estreita. Em contraposição, definiu a existência da *raza de la costa*, que tem cabeças e rostos pequenos enquanto a parte de trás seria larga. Eram encontrados nos países a oeste. Segundo Berthold, Meyer encontrara similaridades de Norte a Sul. Essas diferenças físicas dos crâneos também eram notadas entre os astecas, como aponta Francisco del Paso y Troncoso nas notas.
[429] *Ibidem*, p.119-120.
[430] "Estos [os astecas] eran verisímilmente más enérgicos y ménos cultos que los toltecas, pero se apropiaron su civilizacion y cultura; por eso es que los aztecas de la época de la conquista de la Nueva España parecian poseedores de un alto grado de civilizacion, y tenian templos toltecas y edifícios artisticos dedicados á sus usos religiosos, del mismo modo que las más célebres mesquitas turcas de Estambul, son antiguos templos greco-cristianos." *Ibidem*, p.120.

O choque cultural da modernidade, a diferença e a assimilação levaram, ao longo do tempo, ao surgimento de classificações entre os povos, no que Lilia Schwarcz define ser "(...) uma nova percepção que reduzia a humanidade a uma espécie, uma única evolução e uma possível 'perfectibilidade'".[431] A América era vista como inferior desde a conquista; o que mudou após o século XVIII foi a justificativa, que residia na natural intencionalidade corruptiva dos indígenas, considerados débeis. Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon (1707-1788) e Cornelius de Pauw (1739-1799) criaram e aprofundaram as teorias sobre essa ideia, mas foi "A partir do século XIX, [que] será a segunda postura mais influente, estabelecendo-se correlações rígidas entre patrimônio genético, aptidões intelectuais e inclinações morais."[432] Uma antropologia hierárquica e etnocêntrica dominou os Oitocentos e, apesar da igualdade humanista proveniente da Revolução Francesa, o discurso racial se fortaleceu no momento em que o cientificismo ganhava novos contornos.[433] A diferença é que no artigo de Berthold, com as descrições físicas e as evidências, pretende-se colaborar para o desenvolvimento científico. Nesse caso, o passado não era julgado como o presente.

Era por meio das notas que Francisco del Paso y Troncoso delineava seus apontamentos acerca do texto, inserindo informações que achava pertinentes ao tema. Em relação a Mitla, ele citou o célebre trabalho do colega Manuel Orozco y Berra – *Historia antigua y de la Conquista de México* – no qual explanava que os palácios da região de Oaxaca tiveram o mesmo destino dos de Teotihuacán e Cholula, o que chamou de reapropriação dos "tempos pré-históricos." Porém, a nota não reflete a concepção de Berthold, que corroborava Humboldt ao dizer que as semelhanças arquitetônicas entre povos não seria prova suficiente para uma origem comum das civilizações. A ciência, imparcial e assertiva, tinha mais meios de responder essas questões do que a materialidade.[434]

Carlos Fernández, por sua vez, menciona o Congresso de Americanistas ocorrido em Luxemburgo, em 1877, como momento fundamental para o interesse em relação à história da América. No artigo "*Antigüedades Mexicanas*", publicado nos *Anales* em 1886, o autor destaca a necessidade de atenção que o passado deveria receber:

> La historia de todos los pueblos está envuelta en las tinieblas del pasado, pues el período que abrazan los libros más antigos es demasiado corto, comparado con la

[431] SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** SP: Companhia das Letras, 1993, p. 58.
[432] *Idem,* pp. 58-62.
[433] *Ibidem*, p. 63.
[434]BERTHOLD, *op.cit.*, 1886, pp.120-121.

> época lejana en que debió tener efecto la aparicion del hombre sobre la superfície del planeta.[435]

A história não é compreendida apenas pela escrita, já que a produção humana de signos gráficos é muito recente, ou seja, a materialidade era fundamental para o aprendizado sobre a origem. O que ele chama de "*investigacion de las cosas antiguas"*[436] é o crescimento da Arqueologia como uma disciplina essencial para o desenvolvimento científico. O que transforma o seu artigo em uma forma de legitimar, assim como vários escritos por seus colegas, o trabalho feito pela diretoria da revista e do museu até então, que era a busca pelo conhecimento do passado mexicano.

O reconhecimento junto do louvor pelo caminho trilhado que estava em conformidade com outros países e inseria as ciências mexicanas no mesmo patamar das europeias, refletia o tom do artigo. Como dito anteriormente, políticos e intelectuais positivistas acreditavam na instrução pública como meio para se alcançar a unidade e a ordem nacional. O desenvolvimento das disciplinas científicas se inseria nesse contexto. Fernández aponta o desejo de conhecimento que crescia dentre os cientistas europeus e estado-unidenses sobre a América e suas raízes. A preocupação com o progresso estava ao lado da verdade histórica, e, para que fosse assimilada, os cientistas mexicanos deveriam tomar a dianteira nos estudos sobre o próprio país, pois,

> Los monumentos de Centro América, las ruinas del Palenque, las pirámides de Cholula y otra porcion de restos de ciudades antiguas, han sido visitados por viajeros distinguidos que han llevado á sus respectivos países, piedras con inscripciones, restos de monumentos, y cuantos objetos han podido adquirir en las mismas ruinas ó de los particulares, contentándose, en último caso, con sacar dibujos y fotografías de aquello que les ha parecido más notable.[437]

O interesse externo, demonstrado no excerto acima, dava ainda mais importância à pesquisa, mas assumir o protagonismo e a voz da verdade histórica era essencial. Fernández invoca a atenção de seus conterrâneos e colegas para a riqueza e mérito do seu país, "(...) y ya es tempo de que se fije la atencion en esas antigüedades, pues nádie más interesados, que los hijos de este continente, en conocer su orígen y su historia."[438].

---

[435] FERNÁNDEZ, Carlos. Antigüedades Mexicanas. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 3 Tomo III 1886, p. 68.
[436] *Idem.*
[437] *Ibidem*, p. 69.
[438] *Ibidem*, p.71.

3.4 Os novos Informes e a "chegada" de Francisco del Paso y Troncoso

Em 1887 foi publicado o quarto volume da revista que começava com o "*Informe al Secretario de Justicia é Instruccion Pública*", escrito pelo diretor do museu, Jesús Sánchez. Foi apenas o segundo texto do tipo desde 1877 e neste ele relatava o que foi realizado na sua administração. Logo no início, apresenta a importância de relatórios desse tipo, "(...) pues el conjunto de estas noticias forman su historia y el progreso ó decadencia en su marcha se marcará facilmente así, pudiéndose apreciar las causas que han inferido en el bueno ó mal resultado."[439] O progresso da instituição era medido a partir desses resultados práticos sobre o passado mexicano, o que ele menciona como *historia*. Ele numera os feitos da sua gestão: primeiro, a aquisição de vários objetos antigos de valor inestimável para a história da nação. O resgate não ocorreu apenas dentre as peças espalhadas entre colecionadores nacionais e estrangeiros, mas também dentro do acervo do próprio museu, onde não recebiam o tratamento adequado para sua conservação. Para isto, foram deslocados para uma galeria.

> Este tesoro dará tal vez más tarde resultados prácticos, pues la descifracion de los geroglíficos esculpidos en essas piedras reveláran episodios desconocidos del mundo antiguo, confirmarán hechos que hoy se tienen por dudosos, ó rectificarán otros que pasan como la expresion de la verdad histórica. [440]

A decifração do passado dava um norte ao presente. O caos passava a ser redefinido, se desvanecendo diante da organização. Os resultados práticos não eram apenas no âmbito intelectual, mas também o estabelecimento de um diálogo entre a nação e a ciência, pelo qual o México se legitimava publicamente, ao reconhecer a especificidade nacional perante disciplinas metodologicamente universais, como a Arqueologia, a Paleontologia e também a História.[441] Além da questão cultural, Christina Bueno defende que os objetos só se tornam relíquias valorosas ao país no momento em que passam a ter valor de mercado, ou seja, transformam-se em fonte de recursos: "Antiquities had become converted commodities."[442] Uma demanda tanto estatal quanto privada surgiu quando essas antiguidades adquiririam *status* de símbolo e troféus do progresso. Para alimentar esse interesse pelo passado, "fornecedores" de vários lugares do mundo iam para a América, retiravam os bens dos seus locais de origem e os levavam para serem comercializados nos países mais ricos. O caminho para as relíquias mexicanas era basicamente Estados Unidos e Europa, com destaque para Espanha, França e

---

[439] SÁNCHEZ, J. Informe al Secretario de Justicia é Instruccion Pública. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 4 Tomo IV, 1887, P. 3.
[440] SÁNCHEZ, *op. cit.*, 1887, p. 3.
[441] GARRIGAN, *op. cit.*, 2012, p. 694.
[442] BUENO, *op. cit.*, 2016, p. 20.

Inglaterra, e essa fascinação do Ocidente por esses objetos também estava relacionada à intensificação do colecionismo. [443]

O relatório de Sánchez aponta para a exaltação do patrimônio nacional, em sincronia com o recorrente nos países ocidentais:

> Si las naciones cultas como Alemania, Francia, Inglaterra, Italia y los Estados Unidos, gastan sumas de cuantía en la adquisición y estúdio de las antigüedades de Egipto, Grecia, China, México, etc, *es justo que nosostros demos la importancia que las nuestras se merecen,* y por esto es que la proteccion que el Gobierno dispensa al Museo, será siempre estimada en lo que vale, por toda persona ilustrada amante del progreso de este país.[444]

O destaque no texto é, claramente, uma manifestação de poder, pois reivindica a tomada de posse do próprio passado para a construção da narrativa nacional.[445] O segundo feito de Sánchez como diretor foi a segmentação da curadoria do museu com a criação de novas seções no departamento de História Natural – Anatomia comparada; Teratologia[446], Antropologia, Zoologia, Botânica aplicada; Metalurgia e Mineralogia; e Etnografia.[447] A importância desses novos passos se reflete nos artigos publicados na revista, que se tornaram mais variados a partir de 1887, com o tomo IV. E continua: "(...) bastará decir que las ciencias naturales son la base de todo progreso material positivo, y que los adelantos en esta línea producirán más tarde benéficos resultados".[448] Nesse estágio do século XIX, o poder da narrativa só teria alcance com a materialidade, ou seja, dizer que o passado mexicano era grandioso não tinha o mesmo peso de uma demonstração empírica.

Voltando ao "*Informe*", o terceiro e último feito foi a transformação do museu em uma *Escuela popular de enseñanza objetiva,*[449] aumentando o alcance da instituição tanto em público quanto em verba. Antes de pensar no contato que o povo poderia ter com os ensinos do passado e de outras disciplinas, havia a possibilidade de novos recursos para o desenvolvimento científico. A educação e a instrução pública eram programas estatais de importância ímpar para o governo de Porfirio Díaz. Em 1889, ocorreu o *Primer Congreso de Instrucción Pública,* também realizado na Cidade do México, onde representantes de todos os estados e do governo federal buscavam coletar informações e opiniões para conseguirem uniformizar critérios para a

[443] BUENO, *op. cit.,* 2016, p. 21.
[444] SÁNCHEZ, *op. cit.,* 1887, p.3. Grifo nosso
[445] GARRIGAN, *op. cit.,* 2012, p. 706.
[446] O ramo das "monstruosidades", ramo da medicina que estuda as anomalias e malformações ligadas ao embrião ou feto.
[447] SÁNCHEZ, *op. cit.,* 1887, p. 4.
[448] *Idem,* p. 4.
[449] *Ibidem.*

educação nacional mexicana.[450] O espírito de unidade nacional era implantado a partir da instituição, como discorre Joaquín Baranda, ministro de *Justicia e Instrucción Pública* ao convocar as forças estaduais para unificarem o processo educacional. O foco na educação estava intimamente conectado ao progresso, e o ensino mexicano se tornaria, a partir desse momento, gratuito, obrigatório e laico, como o que foi aplicado na França após o Congresso Pedagógico em 1880.[451] Milada Bazant argumenta que, no *porfiriato,* foram criadas 12 comissões de ensino, sendo que nove se preocupavam com o ensino primário, uma com as *escuelas normales*, uma com as escolas preparatórias e uma com as escolas profissionais. Assim, especialistas e políticos de todo o país passaram a decidir os novos rumos da educação mexicana. Contudo, na prática, cada região assumia uma política voltada às necessidades e prioridades da população. No entanto, havia um currículo básico a ser seguido e as matérias obrigatórias eram: instrução moral e cívica, língua nacional (escrita e leitura), aritmética, ciências físicas e naturais, geometria, geografia, história, desenho, canto, ginástica e trabalhos manuais para meninas.[452]

Em 1890 ocorreu o *Segundo Congreso de Instrucción Pública*, quando foi definido o papel categórico do positivismo como guia metodológico, na intenção de acabar com os elementos teológicos e metafísicos que ainda permeavam o sistema educacional. A partir desse congresso fica mais clara a posição do Estado em relação à ciência e, para Sierra, somente o recrudescimento da força pública poderia colocar em prática a unificação. Para a autora, o México estava ainda muito longe da centralização do ensino por ser um organismo político ainda débil e pouco preparado. O governo, ao impor ordem por meio da educação, buscava o aprimoramento da sociedade para que pudesse ser uma nação, dentro de parâmetros bem definidos. O processo identitário não é controlado por um grupo ou indivíduo, mas isso não significa que não tenham tentado. A História municia e é elemento constituidor da narrativa nacional centralizada, inclusive geograficamente com o Distrito Federal se tornando sede de todo o conhecimento oficial sobre o país. O passado exaltado naquela época, que estamos observando ao longo da tese, corrobora a escolha de nação feita pelos homens no poder: grandiosa como seus ancestrais, mas que carrega a correção civilizacional instituída na Europa.

Em relação aos congressos, a crítica da imprensa e de educadores da época residia no aspecto idealizado das decisões tomadas ali, já que boa parte das discussões contrastavam

---

[450] "México se había sumado a las naciones modernas y entraba en una era de prosperidad económica y de paz social. En 1888, al empezar su tercer periodo como presidente, Porfirio Díaz alcanzó una popularidad nacional e internacional sin precedentes y el país se perfiló hacia una nueva era de edificación y cohesión nacionales". BAZANT, *op. cit.,* 1995, p. 22.
[451] *Idem*, pp. 23-30.
[452] *Ibidem.*

com a realidade. Mesmo assim, foi exaltado o esforço de, na introdução de uma base para a educação nacional, buscar um fio condutor em comum. Ao final do segundo congresso, foi decidida a obrigatoriedade de reuniões trienais, mas, assim como muitos processos burocráticos do governo mexicano, essa consistência não ocorreu. O terceiro evento só aconteceu em 1910, cinco anos após o pedido de Sierra ao presidente, e os resultados dessas primeiras decisões são incipientes, como destaca Bazant. [453]O museu se tornar uma *Escuela popular de enseñanza objetiva* foi um grande feito dentro dos parâmetros da época para se consolidar uma instituição educativa. Para os *cientificos* presentes ali, era um aceno assertivo em relação aos seus trabalhos.

Conforme a ciência mexicana ganhava espaço no cenário de instrução pública, ao *Anales* investiam cada vez mais em intelectuais voltados aos estudos históricos e dentre os principais nomes da época estava o do colecionista e erudito, Francisco del Paso y Troncoso. Na edição de 1887, ele escreveu um comunicado muito importante sobre o futuro da publicação. Intitulado "*Publicaciones del Museo Nacional de México*", vemos como a direção, não só o autor, passou a desenvolver mais profundamente a vocação do museu como centro de pesquisa. Nesse contexto, vários motivos levaram à decisão pela expansão das publicações para além dos *Anales*. Primeiramente, "Dando á las ciencias históricas toda preferencia, se consagrarán á ellas los primeros trabajos."[454] O sentido de *ciências históricas* é amplo, abarcando também a Linguística e a Filologia, que já estavam presentes em números anteriores, mas que se tornaram parte importante na análise do passado. Contudo, os trabalhos vão além dos estudos das línguas nativas "pré-históricas" e abraçam campos até então em silêncio para aprofundarem o aprendizado sobre o próprio país. Para isso, precisavam analisar à fundo a cultura, os costumes, "(...) y todo aquello que pueda dar idea de la índole del pueblo. (...) porque la lengua simplemente es venero inegotable de conocimientos."[455]

A visão eurocêntrica imputou a ideia de que o tipo de escrita feito até a chegada dos colonizadores era considerado "imperfeito" e, por isso, os relatos indígenas eram ignorados. Analisar essa documentação indígena só teria sido possível com a adaptação, tradução e a comparação com textos, feitos após conquista. Os novos artigos abordaram obras de Teatro, Filosofia, Oratória e Lendas, de modo que os *Anales* se direcionaram cada vez mais aos estudos históricos. Paso y Troncoso compilou e organizou boa parte desse material, estruturando não

[453] BAZANT, *op. cit*
[454] PASO Y TRONCOSO, Francisco. Publicaciones del Museo Nacional de México. **Anales del Museo Nacional de México**. Num. 4 Tomo IV, 1887, p.260.
[455] *Idem*, p.261.

só as novas publicações do museu como a revista. Ele introduz trabalhos produzidos no período colonial como objetos de análise, pois até então eram utilizados como material de apoio e consulta. Dessa forma, o escopo de pesquisa se ampliara.

Além das peças de teatro, o museu reimprimiu, em 1893, a crônica religiosa do franciscano Bernardo de Lizana (1581-1631) e a *Historia de Yucatán: Devocionario de Nuestra Sra. de Izmal y conquista espiritual*[456], com uma nota do editor, que foi Paso y Troncoso. Em 1849, o Brasseur de Bourbourg (1814-1874)[457] encontrou um exemplar na Universidade e "(...) juzgó de utilidad la reimpresión de los passajes más interesantes del tratado."[458] Em 1864, foi inserido como apêndice na edição da obra de Diego de Landa (1524-1579)[459] *Relación de las cosas de Yucatán,* de 1566. Em 1870, o governo francês ordenou a publicação da mesma em *Études sur le système graphique et la langue de Mayas*, de 1869.[460] Em 1883, Brasseur comunicou Paso y Troncoso da existência do exemplar de Lizana, informação que foi repassada aos leitores dos *Anales* em uma nota de rodapé no terceiro tomo.[461]

Esse longo caminho percorrido até o livro do franciscano chegar à biblioteca do museu demonstra o árduo processo de coleta e pesquisa realizado por Paso y Troncoso durante sua estadia como diretor *in loco* e, posteriormente, ausente, quando viajou para a Europa para procurar documentos acerca da história mexicana. Ao julgar os trabalhos feitos até então como pouco confiáveis, sejam originais, traduções ou documentação incompleta, o museu assumiu o papel de guardião da verdade histórica da própria terra. Os materiais raros e/ou inéditos ampliaram o alcance dos *Anales,* mais um passo para a sua consolidação como publicação científica no país. Isto é, os estudos coordenados pelos professores do museu se tornaram parte da cultura acadêmica nacional e, para isso, se desvencilharam da obrigatoriedade de analisar o acervo do museu. Este permanece como instituição sede da revista, mas, como veremos adiante, será dissolvido e seu acervo fragmentado, publicação permanecerá ativa até 1977, com novos

[456] A crônica foi publicada primeiro em Valladolid em 1633 e ficou esquecida até a reimpressão feita pelo Museu Nacional.
[457] O abade Charles Étienne Brasseur of Bourbourg foi um etnógrafo e missionário francês que viajou pela América Central e México entre 1848 e 1863, se tornando arqueólogo oficial na expedição francesa de 1864 após anunciar sua descoberta de documentos maias. Em 1861, traduziu o *Popol Vuh* para o francês, revolucionando os estudos históricos e antropológicos sobre a civilização maia. Em 1866, na França, foi publicada sua obra *Monuments anciens du Mexique*.
[458] PASO Y TRONCOSO, *op. cit.*, 1887, p.262.
[459] Diego de Landa Calderón foi um bispo franciscano que atuou na Península de Yucatán de 1549 até sua morte. Ficou conhecido por liderar ondas de destruição de documentos e ídolos indígenas por representarem a cultura idolátrica que entrava em conflito com a conversão católica ministrada pelos espanhóis.
[460] Conhecido como Códice Troano, parte de manuscritos maias que sobreviveram o tempo. Hoje estão expostos no *Museo de América* em Madri.
[461] Mais especificamente, Paso y Troncoso informou quando traduziu o texto de Daniel Briton sobre os livros do *Chilan Balam.*

nomes e sempre baseada em alguma instituição governamental. Se no início *Museo* e *Anales* estavam atrelados de maneira contundente, agora começam a traçar caminhos próprios, daí a importância da ampliação do escopo.

O tomo VI, por exemplo, publicado em 1900, contém tratados sobre "idolatrias" e superstições dos índios escritos entre os séculos XVI e XVII. São esses: Pedro de Ponce, com *Breve relación de los dioses y ritos de la gentilidad*; Pedro Sánchez de Aguilar e o *Informe contra Idolorvm Cvltores del Obispado de Yucatán* (1613); Hernando Ruiz de Alarcón, com o *Tratado de las Supersticiones y costumbres gentilicas que ou viuen entre los indios naturales desta Nueua España* (1629); Gonçalo de Balsalobre e sua *Relacion Avtentica de las Idolatrias, svpersticiones, vanas observaciones de los indios del obispado de Oaxaca* (1654); Jacinto de la Serna e o *Manual de Ministros de Indios para el conocimiento de sus idolatrias, y extirpacion de ellas* (1656); e, por fim, Pedro de Feria, *Relacion que hace el obispo de Chiapa sobre la reincidência em sus idolatrias de los indios de aquel país después de treinta años cristianos*.[462] Para Paso y Troncoso, "Tales tratados encierran copioso material para estudiar las antiguallas del país, y conviene reunirlos en un solo cuerpo. Algunas piezas de la colección son inéditas; otras, aunque impresas, se han hecho rarísimas (...)."[463] A edição foi feita de forma cronológica e o tomo foi impresso em cinco fascículos, pois passava das 500 páginas.

A *Breve relación de los dioses y ritos de la gentilidad* de Pedro Ponce de León[464]é um tratado curto que permaneceu inédito até o século XVIII quando foi descoberto por Lorenzo Boturini (1702-1755) e se tornou parte do *Códice Chimalpopoca.* Nele, o cura demonstrava o quão problemática estava a catequese católica devido à permanência da "idolatria". Assim como os outros autores publicados no tomo VI, descreveu os hábitos dos nativos, deixando para a posteridade características como as prescrições médicas e os rituais que as envolviam. Pedro

[462] Esses textos foram discutidos a partir da perspectiva da idolatria e da evangelização na dissertação de mestrado defendida em 2014. Cf: SOUZA, Ana Carolina Machado de. **A ascensão da idolatria e a decadência da evangelização no século XVII: uma análise de crônicas da Nova Espanha**. 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

[463] PASO Y TRONCOSO, *op. cit.*, 1887, p.266.

[464] Existem poucas informações biográficas sobre o religioso. Eduardo Natalino dos Santos defende que era filho do nobre Lucas Ponce de León e neto do rei tlaxcalteca *Cuatlatlapaltzin*, conhecido pela ajuda prestada a Hernán Cortés na guerra de conquista. Ponce de León teria rompido barreiras ao se formar em Santa Cruz de Tlatelolco, algo pouco comum entre os indígenas. Sarah Albiez, por sua vez, enfatiza a incongruência dessas informações já que desde o Primeiro Concilio Provincial, em 1555, o sacerdócio indígena foi proibido e essa foi umas das prerrogativas mantidas nos concílios provinciais posteriores e cumpridas pela instituição cristã na América. Além disso, ao comparar relatos de contemporâneos do cura, como de Jacinto de la Serna (1595-1681) e Luis Becerra Tanco (1603 - 1672), a historiadora afirma que é mais provável que ele tenha nascido na Espanha ou que fosse *criollo* e não indígena. Cf: SANTOS, Eduardo Natalino dos**. Deuses Do México Indígena**. São Paulo: Palas Athena, 2002; ALBIEZ, Sarah. **Die "Breve relación" des Pedro Ponce de León. Ein unbekannter Autor und sein Bericht über religiöse Praktiken in Zentralmexiko**. Bonn: BAS / Shaker Verlag, 2009.

Sánchez de Aguilar (1555-1648)[465] escreveu o *Informe contra Idolorvm Cvltores del Obispado de Yucatán,* de 1613, que foi mencionado pelo historiador espanhol Diego López de Cogolludo (1613-1665), mas teve pouca circulação. No século XIX, algumas partes foram transcritas por Justo Sierra e pelo bispo de Yucatán, Crescencio Carrillo y Ancona (1837-1897). Segundo Paso y Troncoso:

> Es el Informe de Dr. Aguilar rara mezcla de asuntos eclesiásticos y civiles, canónicos é históricos; mezcla que trasciende desde el título, escrito á medias en latín y castellano; así es que, recorriendo las páginas de la primera edición, nótase que una buena parte del tratado va escrita en latín, grave dificultad en una publicación para quienes no posean el idioma, pues si bien es certo que la parte latina trata principalmente de asuntos canónicos, embebe también noticias históricas de interés notorio que deben hallarse al alcance de todo el mundo.[466]

No trecho fica nítida a preocupação com o leitor dos *Anales,* tanto que, com a ajuda de Vicente de Paula Andrade (1844-1915), foi publicada uma edição bilingue com os textos em colunas paralelas, facilitando a interpretação daqueles escritos. Hernando Ruiz de Alarcón (1581-1639)[467] escreveu o *Tratado de las Supersticiones y costumbres gentilicas que ou viuen entre los indios naturales desta Nueua España*, em 1629, que também ficou inédito por séculos. Paso y Troncoso o considera o mais importante dos que foram publicados na revista por ser uma obra rica linguisticamente, com as mais variadas metáforas e imagens para descrever as superstições dos índios. Trazê-lo à tona naquele momento era crucial, pois

> la historia recoge allí (...) tradiciones y leyendas tan interesantes, que compensan bien el trabajo de ir á entresavarlas para enriquecer los datos que actualmente poseemos. Y no quiero decir con esto que sean absolutamente desconocidas, pero sí que tomándolas en la obra de Alarcón, es como si bebiésemos en la purísima fuente original, puesto que las recogió el Hermano de nuestro dramaturgo de boca de los indios, y nos presenta de tal modo frutos, que razonaron por medio de lo que podríamos llamar la erudición de primera mano.[468]

O tratado foi comprado pelo museu após Chavero encontrá-lo entre os bens de Rafael Lucio Nájera (1819-1886), médico e acadêmico mexicano. É bom ressaltar que o documento não era original e que Paso y Troncoso julgava ser uma cópia contemporânea sendo que o copista não deveria ser de língua espanhola, nem conhecer o *náhuatl*. Mesmo que acreditasse que não ocorrera um desvio do conteúdo, Paso y Troncoso optou por ser o mais transparente possível com os leitores e, por isso, decidiu deixar os erros do texto em castelhano

---

[465] Sánchez de Aguilar era neto do conquistador Fernando de Aguilar. Apesar de ter nascido em Valladolid, emigrou para o México, frequentou o *Colegio San Idelfonso*, e, posteriormente, a *Real Y Pontificia Universidad*. Se tornou cura na Espanha e rumou para Yucatán, onde se tornou vicário geral sob a supervisão do bispo Diego de Landa.

[466] PASO Y TRONCOSO, *op. cit.*, 1887, p. 266.

[467] Foi ministro de índios nos estados de Guerrero, Puebla e Morelos e, ao conhecer o país e as especificidades dos nativos em cada local, escreveu seu tratado. Este foi um pedido do bispo Francisco Manso de Zuñiga (1587-1628), que enviou um questionário que o cura deveria utilizar como base e Alarcón entregou cinco anos depois o tratado.

[468] PASO Y TRONCOSO, *op. cit.*, 1887, p.267.

para que o público pudesse: (...) formar juicio de lo que digo: las de la lección mexicana he procurado personalmente subsanarlas, examinándolas con escrupulosidad y haciéndolas inteligibles, pues en gran parte dependían de mala separación de los vocablos.[469]

Gonçalo de Balsalobre (1634-1665) escreveu em 1654 a *Relacion Avtentica de las Idolatrias, svpersticiones, vanas observaciones de los indios del obispado de Oaxaca*. Considerado muito interessante apesar de tratar de uma região em específico, "(...) la nación zapoteca, cuyas supersticiones quedan allí (...) referidas, estan digna de atención em sus antiguallas como la yucateca y la mexicana, sus rivales en cultura."[470] Vemos como há uma hierarquização cultural no país, com algumas com mais destaque do que outras. Balsalobre escreveu sob encomenda dos seus superiores, na intenção de auxiliar os ministros de índios na extirpação de "idolatrias". A publicação ocorreu em 1656, porém pouco circulou.[471]

Jacinto de la Serna (1595-1681)[472], por sua vez, elaborou o *Manual de Ministros de Indios para el conocimiento de sus idolatrias, y extirpacion de ellas*, publicado em 1656 e o original fazia parte do acervo do museu. De la Serna estudou as "idolatrias" indígenas com a intenção de direcionar um manual para os próprios colegas, pois acreditava que a solução para os problemas que surgiam ao longo da colonização deveria partir da Igreja e dos religiosos. No século XVII, diferentemente do anterior, quando os primeiros missionários estabeleceram que o batismo era o principal sacramento na colônia, a confissão se tornou fundamental. Por meio dela, poderiam entender melhor – ou controlar – a população que, mesmo católica oficialmente, ainda mantinha os rituais pré-colombianos. Os índios idólatras, antes mais tolerados, começaram a ser denunciados com maior frequência. Devemos nos lembrar que a Igreja convocou o Concílio de Trento (1545-1563) para debater e reformular problemas pontuais que viva na época e a América também participou dessa discussão com os Sínodos Limense, em 1583, e Mexicano, em 1585, que adaptaram os dogmas tridentinos para a realidade daqui.

De la Serna,

---

[469] PASO Y TRONCOSO, *op. cit.*, 1887.
[470] *Idem*, p.267.
[471] "A obra é composta por meio da licença concedida por Dom Francisco Fernandez de la Cueva (1619-1676), Vice- Rei da Nova Espanha entre 1653 e 1660, Duque de Albuquerque e Marquês de Cuellar, na forma de uma *carta pastoral* redigida por Hevia y Valdes para os curas, 'beneficiados' seculares e regulares, além da relação propriamente dita, que inclui: a interpretação dos processos como *cavsas en particvlar* ou *cavsas fvlminadas*; as falhas e sentenças do bispo que decidia sobre o processo inquisitorial, na sua função de Inquisidor Ordinário; as cartas de distintos participantes do Auto, derivadas a partir de uma Real Provisión emitida pelo rei Filipe." SOUZA, *op. cit.*, pp. 39-40.
[472] Foi pároco de Teotenango (1620–1624), Tenantzinco (1625–1630), Xalatlaco (1630–1634), e da Catedral do México (1635–1645, 1648–1651, 1651–1681). Se tornou reitor da *Universidad*, além de ter percorrido boa parte do território mexicano à mando dos Arcebispos D. Francisco de Manso Zuñiga y Sola (1587-1655) e D. Juan de Mañozca y Zamora (1580-1650).

> Construyó su tratado basándose en gran parte en el examen de las persecuciones emprendidas por sus antecesores, en sus notas de campo cada vez que pudo tenerlas en sus manos, así como en informaciones que se precia de haber recogido personalmente."[473]

Dessa forma, ele procurou novos caminhos para a catequese ser, de fato, *efetiva*, pois era o único possível para a salvação da alma. Afirmar que uma catequese "funcionou" ou não é um assunto já discutido pela historiografia. Não existe um estado de completude ou de "pureza" no processo de evangelização ou em qualquer tipo de relação cultural. Contudo, não podemos esquecer que essa condição é expressa pelos autores, que eram eclesiásticos na busca pela consolidação do seu trabalho. É necessário, portanto, analisar a base argumentativa desses religiosos, sobretudo a Bíblia e a legislação católica, para entender os elementos que constroem essa narrativa. Os manuais e os tratados, além de serem fontes sobre as práticas culturais e vivências de suas épocas, também anunciam os principais questionamentos institucionais. Há, nesses textos publicados pelos *Anales*, a crença na mudança de hábito dos nativos, na "conquista espiritual".[474] Eles partem do princípio da existência de uma forma de crença correta e qualquer manifestação dos indígenas que fosse diferente disso, não seria tolerada. O diferencial do trabalho de De la Serna em relação aos seus companheiros compilados na revista, foi colocar parte da culpa nas mãos dos religiosos, que deveriam se comprometer por completo para que a evangelização ocorresse, criando novas formas de ensinamento para isso.

O tomo VI ainda contou com o trabalho de Pedro de Feria (1524-1588)[475], *Relacion que hace el obispo de Chiapa sobre la reincidência em sus idolatrias de los indios de aquel país después de treinta años cristianos*, que não foi mencionado no texto de Paso y Troncoso. Ele finaliza seu relato exaltando o papel da direção na escolha dos temas e dos documentos publicados:

> Poniendo en manos de los hombres de letras todos los opúsculos aquí enumerados, cree la Dirección haber cumplido con un deber para ella gratísimo: el de favorecer los estúdios históricos de la nación mexicana, digna por mil títulos de ser colocada en el puesto que justamente le corresponde si se atiende á los clarísimos antecedentes de su glorioso pasado.[476]

---

[473] BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **De la idolatria: um arqueología de las ciencias religiosas**. México: FCE, 1992, p. 132.
[474] CORCUERA DE MANCERA, Sonia. **Del amor al temor**: borrachez, catequesis y control en la Nueva España (1555-1771). Cidade do México, FCE, 2012.
[475] Pedro González, nascido em Feria, na Espanha, foi um padre dominicano que se estabeleceu em Oaxaca quando chegou à América em 1551. Viajou por essa região do país, quando coletou informações acerca dos povos indígenas. Sua última posição foi como bispo de Chiapas.
[476] PASO Y TRONCOSO, *op. cit.*, 1887, p.272.

Em 1903, excepcionalmente, dois tomos foram publicados pelos *Anales*: o VII, que finalizava a 1ª época da revista, e o I, que iniciava a 2ª época. Como havia dito Paso y Troncoso em 1887, o foco da Seção de Arqueologia e História foi direcionado aos estudos acerca dos calendários pré-colombianos. Analisando o conteúdo desses sete primeiros volumes, percebemos uma clara tentativa de se mapear o país culturalmente. A História Natural começava como um ramo importante, mas a História e a Arqueologia ganharam forças. O destaque era, de início, apresentar a coleção do museu, expor sua importância para a nação como um todo. Nesse processo, a diretoria e os professores do museu construíram um passado ideal mexicano baseado nas interpretações das peças de propriedade do Estado e nos estudos internacionais acerca dos bens culturais do país. A civilização asteca foi a escolhida como "o bastião identitário" e Yucatán também recebia a atenção dos pesquisadores, contudo, marginalizavam outras regiões. Ao escolherem alguns povos como o fio que conectava o presente com o passado, silenciavam outros. No próximo capítulo, veremos o andamento da revista com a 2ª época.

Capítulo 4: As 2ª (1903-1908) e 3ª épocas (1909-1913) dos *Anales*: o resgate do passado recente

Fiat lux
Alfredo Chavero

A 2ª época dos *Anales del Museo Nacional de México* corresponde aos números publicados entre 1903 e 1908. O México antigo ainda era a temática recorrente, mas observaremos algumas inserções de episódios e personagens no passado mais recentes, especificamente do período independentista. Os indígenas, por sua vez, aparecerão com maior frequência a partir da 3ª época, que abrangeu os tomos de 1909 e 1913, já com o nome *Anales del Museo Nacional de Arqueología, História y Etnología*. Veremos, aqui, as diferenças estruturais em comparação à 1ª época e as mudanças temáticas nas seções de História e Arqueologia. A nossa pergunta é: Que tipo de História eles decidiram contar?

4.1 A 2ª Época e as mudanças paulatinas

1903

A partir da 2ª época, além da mudança na diagramação dos volumes, que ficaram menores, os *Anales* ganharam periodicidade bimestral, tornando-se mais regulares. O catálogo de publicações do museu aumentou, com o acréscimo dos *Boletíns* mensais e da *Biblioteca Mexicana, Histórica y Lingüística*, que foi lançada nos meses pares. Em 1903, Luis González Obregón detalhou que

> En los *Anales* se insertarán artículos y estúdios inéditos de los señores profesores del Museo, fruto de sus investigaciones en los libros, resultado de las exploraciones científicas que lleven á cabo los arqueólogos em sus visitas á las ruinas, y los naturalistas en los campos y en los bosques; así como también las transcripciones íntegras de las conferencias que los mismos profesores darán muy pronto en el Establecimiento.[477]

A publicação de materiais inéditos não era novidade para a revista, mas parar de publicar documentos foi. Assim, ela começava a receber uma estrutura e uma padronização, sendo que o foco residia, portanto, nos estudos feitos pelos membros do museu. Além dos trabalhos originais, biografias de historiadores e antiquaristas que contribuíram para o desenvolvimento da Arqueologia e História mexicanas, foram alocadas nas seções de Biografia

[477] GONZÁLEZ OBREGÓN, Luis. "Las publicaciones del Museo Nacional". **Anales del Museo Nacional de México.** Tomo I, 1903, p. I.

e Bibliografia. Elas também receberiam apenas os documentos e códices que estivessem muito alinhados com a revista, com o tomo e com os trabalhos originais que seriam publicados.

As outras obras do catálogo do museu tinham como objetivo apoiar os principais estudos dos *Anales,* se encarregando das compilações documentais que fizessem sentido com o direcionamento dos tomos. Por exemplo, em 1900, Francisco del Paso y Troncoso reuniu seis crônicas religiosas da Nova Espanha que tinham a mesma temática: a idolatria indígena e a mudança eclesiástica para erradicá-la. Como a 1ª época foi basicamente focada em pesquisas acerca do passado pré-colombiano, a iniciativa do diretor foi bem aplicada, já que buscou fontes que detalhavam características das populações antigas, ainda que as prescrições cristãs fossem o escopo principal. Números como esse, a partir de 1903, seriam lançados entre os tomos dos *Anales*, sobretudo pela *Biblioteca Mexicana*. Como a intenção do informe é divulgar os próximos passos das publicações do museu, González Obregón destaca que o *Boletín* era o espaço destinado para os catálogos do acervo, listas de obras, periódicos e notícias sobre as doações recebidas, além das novidades históricas e arqueológicas. Dessa maneira, "(...) los estudios técnicos y extensos se reservarán para los Anales."[478] A 2ª época se inicia, assim, com uma nova estrutura que valorizava a História e as disciplinas que auxiliavam na interpretação do passado, como a Arqueologia.

Um dos temas históricos que se estabeleceu de vez foi a Independência. A organização, os planos, a guerra e as consequências se transformaram em destaque na seção de História, enquanto a de Arqueologia manteve os trabalhos sobre o passado pré-colombiano. Ressoava entre a população os movimentos rebeldes contra a Metrópole e explorá-los, nem que fosse por meio dos principais agentes, expandia a envergadura teórica do próprio museu. A construção do discurso nacional evoluía para a próxima "fase", a exaltação dos heróis da pátria.

Genaro García escreveu o "*Plan de Independencia de la Nueva España en 1808*", um trabalho que destoa dos encontrados até então não só pelo tema, mas também pelo estilo. O tom retórico encontrado nos textos anteriores deu espaço para uma escrita informativa, com citação de jornais conhecidos e uma narrativa mais explicativa do que descritiva, afastando-se da forma positivista. Ele inicia o texto afirmando que, em 16 de julho de 1808, era a *Gaceta de México* que noticiava os habitantes da Nova Espanha sobre os acontecimentos políticos mais recentes ocorridos na Europa. A invasão napoleônica foi um evento complexo de se compreender devido às ações tomadas pela coroa espanhola. Carlos IV (1748-1819) reinou de 1788 a 19 de março de 1808, quando a situação política com a França se tornou insustentável.

[478] GONZÁLEZ OBREGÓN, *op. cit.*, 1903, p. II.

A aliança secular entre os dois países ficou abalada pelas transformações trazidas pela Revolução Francesa, e o governo de Napoleão deixou toda a situação mais complexa. Com as disputas entre França e Inglaterra, a Espanha decidiu apoiar a primeira, sofrendo as consequências dessa decisão. O Príncipe das Astúrias, Fernando (1784-1833), mantinha uma relação tensa com o pai, inclusive por causa da corrupção do herdeiro. Em 25 de março de 1808, a *Gaceta de Madri* publicou a abdicação de Carlos em favor do filho, atitude que será contestada posteriormente. Todavia, é a partir dos desdobramentos dessa resolução que Genaro García desenvolve seu texto, explicando como o processo impactou as colônias.[479]

Segundo o autor, Carlos IV contrariou a própria decisão, argumentando que havia sido forçado a isso pelo filho e seus apoiadores. Contudo, devido à sua pouca saúde e à falta de legitimidade do seu governo perante a corte e os reinos, entregou a Espanha, representada pelo *Supremo Consejo de Castilla*, nas mãos de Napoleão. Deixou clara sua predileção ao comandante francês, acreditando que o país ficaria mais protegido por causa do poder bélico dos vizinhos ao norte. O filho, que fora proclamado rei por si mesmo e por parte da elite monárquica, tornou-se Fernando VII e, após conflitos internos, decidiu abdicar do seu direito, "(...) dando una prueba de amor, acato y sumisión á su padre, (...) con expresos deseos de que pudiera gozarla por muchos años."[480]

García cria uma imagem de reconciliação entre pai e filho, pelo menos no que diz respeito à estrutura hierárquica, pois discorre que foi uma atitude paternal que motivara Carlos IV a entregar o país e as colônias a Napoleão. Além disso, o rei demonstrava

> (...) por su parte una prueba de paternal amor á sus vassalos, cuya tranquilidad, prosperidad y conservación habían sido los únicos objetos de sus constantes desvelos, renunciaba igualmente da la corona en favor de su aliado y caro amigo el Sr. Emperador de los franceses, al cual cedía totalmente sus derechos sobre España y las Indias.[481]

O impacto nas colônias foi profundo, e García apresentou a reação de cada grupo relevante socialmente na Nova Espanha à notícia. O sentimento comum foi de confusão: como funcionaria a administração colonial a partir daquele momento? A sociedade era heterogênea e existiam preocupações particulares acerca dos rumos políticos e econômicos de cada local, e o desenvolvimento dessas diferenças é uma importante característica do texto de García. Por exemplo, os europeus, espanhóis de nascimento que viviam na América, estavam incertos com

---

[479] GARCÍA, Genaro. "El Plan de Independencia de la Nueva España en 1808". **Anales del Museo Nacional de México.** Tomo I, 1903, p. 85.
[480] *Idem.*
[481] *Ibidem.*

relação à manutenção de seus privilégios. Havia o medo de que os franceses "(...) regicidas é impíos trastornadores del mundo (...)"[482] tomassem o espaço que lhes cabia. Já os *criollos*, que até então eram excluídos de cargos políticos significativos, estavam ressentidos com a Monarquia, da qual

> (...) ambicionaron separarse, primero, como utopia imposible, después, como ideal realizable, cuando los habitantes de las colonias anglo-americanas, al independerse de Inglaterra, les demostraron que no era un sueño la emancipación, ni eran tampoco impracticables los princípios de igualdad individual y de soberania de los pueblos (...).[483]

O processo independentista dos Estados Unidos era visto como uma espécie de aval que deixava o sonho utópico da separação mais próximo da realidade. García continua: "(...) no pudieron menos que sentir que su ideal de independencia, vago y débil antes, hoy bien definido y vigoroso, les impulsaba iresistiblemente á que lo realizasen."[484] O autor, dessa maneira, dava protagonismo à população colonial que conseguiu transformar em realidade a própria emancipação, uma vontade aparentemente distante até então. Ele associa esse processo aos rumos políticos da metrópole. A fraqueza da administração espanhola, que perdera aquela relevância dos tempos áureos dos Habsburgo, passou a ser o filtro pelo qual os mexicanos do presente enxergavam seu passado recente como colonos. Para corroborar essa ideia, o autor apresenta em nota de rodapé o manifesto redigido no Supremo Congresso Mexicano em 22 de junho de 1815, no qual os partícipes do movimento de emancipação dissertam:

> La independencia das Américas que hasta el año de 1810 estuvieron sojuzgados por el Monarca Español, se indicó bastantemente en los inopinados acontecimentos que causaron la ruina de los Borbones (...) y de la disolucion de la Monarquía, sustituida en la Península por los diversos Gobiernos, que levantados tumultuariamente bajo el nombre de un Rey destronado y cautivo, se presentaron uno despues de outro con el titulo de soberanos.[485]

O descontentamento residia no trato dado pela Espanha aos colonos nascidos no México desde o início da colonização. Para García, a relação com a França era a menor das preocupações, pois era um país que prezava pela liberdade e influenciara diversos movimentos tanto na América quanto na Europa. O problema era com a ex-Metrópole, que não conseguira manter nem a própria autonomia e ainda queria assegurar o domínio das colônias. A oportunidade que se apresentava aqui poderia nunca se repetir. Dessa forma, o autor destaca

[482] GARCÍA, *op. cit.*, 1903, P. 86.
[483] *Idem*, pp. 86-87.
[484] *Ibidem*, p. 87.
[485] *Ibidem.*

que foram os *criollos* que organizaram a independência.[486] Porém, o caminho tinha vários obstáculos, como a falta de poder ofensivo e de material bélico, por exemplo, e a pouca reação imediata da população. García analisa que:

> (...) conocían bien que un movimento francamente revolucionario no sería secundado por la masa general del pueblo, formada de os indígenas, no obstante que sobre estos había pesado más duramente la dominación española, al grado de tornarles en siervos, inertes y abatidos, de libres, prósperos y pujantes; había que reconocer que no presentaban indicios algunos de reacción: habituados á una sumisión absoluta, porque hasta entonces sólo habían vivido para ser mandados, y faltos de instrucción, porque de propósito se les había mantenido en la más crasa ignorancia, eran incapaces de alimentar ideales, y que darían, por lo mismo, indiferentes al verbo libertad.[487]

O indígena foi descrito como massa inerte, ainda que esse comportamento não fosse exatamente sua culpa. Destacar a ignorância dessa população era atacar o controle metropolitano pelo péssimo trabalho de fazê-los *evoluir* como os *criollos*, além de que também era relegá-los a um papel secundário no processo de independência. Os comandantes intelectuais eram parte da elite que se manteve no poder político e cultural e, mesmo que o artigo abordasse um assunto mais recente, com reverberações ainda importantes para a sociedade mexicana do século XIX, a maioria da população, que era de origem indígena, ainda era silenciada.

García continuou sua análise ao dizer que as dificuldades fizeram com que os *criollos* fossem cuidadosos no levante para não despertarem a atenção do governo antes do necessário. O desejo era que houvesse a convocação do Congresso Geral para estabelecerem os rumos administrativos do país. A sugestão, articulada pelo padre Melchor Talamantes (1765-1809), era que se submetessem temporariamente, sem renunciar à independência, mas com o intuito de realizar uma transição pacífica, livre de banho de sangue.[488] Em 19 de julho de 1808, foi estabelecido que, primeiramente, a abdicação de Carlos IV deveria ser anulada por violar a própria sacralidade da coroação. Além disso, o rei jurara cuidar e proteger seus domínios e ninguém poderia ser nomeado para seu cargo, que era hereditário. Devido à ausência do monarca, por qualquer motivo que fosse, quem deveria assumir era o *Ayuntamiento*,[489], que

---

[486] GARCÍA, *op. cit.*, 1903, pp. 87-88.
[487] *Idem*, pp. 88-89.
[488] *Ibidem*, p. 89.
[489] García descreve a grande movimentação ocorrida no *Ayuntamiento* da capital para organizar essa tentativa de emancipação por vias diplomáticas. Não foi a primeira vez que ocorrera, pois no século XVIII, essa mesma jurisdição representou os *criollos* nas tentativas de conseguirem os privilégios e oportunidades que os espanhóis tinham na Nova Espanha. No caso apresentado no artigo, é relatado que são doze vereadores *criollos* que nomeavam os dois *alcades* anualmente e cinco *regidores* e um *síndico* bienalmente. GARCÍA, *op. cit.*, 1903, pp. 89-90.

poderia solicitar ao Vice-Rei a sua manutenção provisória como governante, mas que respondia aos interesses dos mexicanos e não da Metrópole. Assim,

> El proceder del Ayuntamiento era hábil. Principiaba por manifestar una adhesión incondicional á los Monarcas españoles para inspirar á todos confianza (...). Mas, no puede caber la menor duda de que la independencia fuera el fin que perseguía el Ayuntamiento, pues como observaba Alamán á mediados del siglo pasado, "ha venido en ponerlo en claro la serie misma de los sucesos, y aquellos de sus autores que han vivido hasta despues de hecha la independencia, lo han hecho así público."[490]

O caminho era pelo acordo, que poderia ser facilitado, pois o Vice-rei José Iturrigaray Aréstegui (1742-1815) estava com idade avançada e com a saúde frágil. Figura pouco popular, exibia ostensivamente sua riqueza e outorgou medidas econômicas impopulares durante a sua administração entre 1803 e 1808, agravando ainda mais a difícil situação dos colonos. Quando os conflitos políticos ocorreram na Espanha, ele temeu a viabilidade do seu cargo, pois não sabia como atuaria dali por diante. García aponta que a preocupação de Iturrigaray era a mesma de todos, mas em diferentes níveis. Os indígenas, por exemplo, percebendo que o vácuo de poder na Europa minava a legitimidade dos políticos na Nova Espanha, não queriam mais pagar impostos, "(...) aun se vió á uno (...) que diciéndose descendiente en línea reta de Moctecuhzoma, reclamo para sí en aquellos días el Imperio Mexicano".[491] Aqui são vistos como gananciosos e não como parte do processo de independência, reivindicando algo que *criollos* e espanhóis já faziam desde o início da colonização. A disputa fiscal foi tema de diversas insurreições por toda a América, do Alaska à Patagônia, e crucificar a atitude dos indígenas é mais uma demonstração do seu apagamento social.

Observa-se, com a intenção de pintar a cena política caótica, uma clara crise de liderança. Enquanto ocorria a agitação na capital, nas províncias a situação não era diferente. Explica, ainda que indiretamente, todo o processo de independência e o andamento dado ao México livre pós-1821, permeado de desordem institucional, o que justificou parte do interesse na centralização política e narrativa das últimas décadas do século XIX. O artigo traz uma ruptura com o discurso positivista que vimos nos volumes anteriores. O plano de independência nascido em 1808 devido à má governança espanhola e articulado pela elite cultural da colônia foi usado como plano de fundo de uma relação social mais complexa. *Criollos,* europeus e indígenas, por sua vez, estavam no centro argumentativo, mas, como os últimos não tinham

[490] GARCÍA, *op. cit.,* 1903, pp. 90-91.
[491] *Idem,* pp. 94-95.

voz, o embate resistia entre os dois primeiros. Os europeus, mesmo com a solidificação do movimento, ainda acreditavam na hierarquia entre classes, pois:

> (...) los europeos se sentían ya exaltados rumbo à causa del triunfo obtenido por los criollos en la junta: decían que la Nueva España nunca llegaría à quedar independiente, sino que antes bien, (...) – "una mula manchega ó un gato que quedase mandando en España, fuese él Napoleon, ese se había de obedecer en América."[492]

Esse ato foi visto, segundo García, como egoísta e pouco cortês por parte de um grupo que tanto se beneficiou daquela terra. A hostilidade secular se tornou confronto e o processo que deveria ser pacífico ganhou novos rumos. Contudo, a narrativa é construída a partir dos fatos históricos entrelaçados com a divisão social existente. A dualidade entre *criollos* e europeus, na sua essência, era sobre a tomada e a legitimação de poder. Além disso, ela ditou o tom da nação que nasceu depois e que foi guiada intelectual e culturalmente por uma classe que lutou pela soberania e mostrava-se preparada para a liderança.

No final do texto, García colocou três páginas de bibliografia sobre o tema, novidade até então, mas o ato não se tornou uma norma exigida aos pesquisadores. Vemos, a partir daqui uma nova forma de se fazer História que foi abraçada pelos *Anales* ao escolherem um artigo como este. Percebemos que a estruturação partia da editoração da revista, que definiu melhor os temas e regulamentou as entregas, mas sem exigir um padrão para a escrita dos artigos. No caso do tomo I de 1903[493], na seção de História, observamos que, dos três textos publicados, dois eram relacionados ao período pré-colombiano e ao colonial. O século XIX foi aos poucos sendo apresentado aos leitores, sendo que esse primeiro texto possui um direcionamento metodológico e analítico distinto do que era comum até então.

Continuando no mesmo tomo, um dos artigos foi uma reprodução documental de *Guerra dos Chichimecas,* de Gil González D'Ávila. Porém, a parte mais interessante foram os preâmbulos elaborados por José Fernando Ramírez e González Obregón[494], nos quais foram expostas discussões sobre a questão da autoria. Vale destacar que, nesse caso, a revista decidiu publicar um documento em sua edição, na parte correspondente ao conteúdo de História, mas trazia estudos críticos acerca da leitura e das verdades atribuídas à obra. A primeira nota de rodapé informa que o manuscrito fazia parte da coleção de José Fernando Ramírez intitulada *Extractos y noticias de manuscritos relacionadas con la historia de Mexico,* que foi encontrado na Biblioteca Imperial de Paris com algumas marcas de má-conservação. Não havia capa, a que

[492] GARCÍA, *op. cit.,* 1903, p. 104
[493] Vide Anexo III.
[494] Neste caso, José Fernando Ramírez escreveu "*Noticia de la obra*", enquanto Luis González Obregón fez "*Conjeturas sobre quién pudo ser el autor de la obra Guerra de los chichimecas*."

estava ali era mais nova, feita com letra moderna, portanto, adicionada posteriormente. Além disso, estava "(...) encuadernado en carton fijado con lienso y en el como tiene pegada una angosta targeta de papel y en ella impreso con letras versales el siguiente rotulo – G. GONZALEZ D'AVILA."[495]

No texto não há menção ao nome do autor, mesmo que seja um relato construído a partir da experiência dele, isto é, fala da sua relação com os chichimecas e os estudos feitos sobre seus costumes e tradições. Gil González D'Avila (1480-1550) foi um conquistador espanhol que, no Novo Mundo, passou por ilhas do Caribe, como Cuba e Costa Rica, e acabou auxiliando o seu governo na tomada de regiões centrais do continente, como a Nicarágua. Essa discussão sobre o possível autor é antiga. Pedro Tomé Martín discorre que a autoria vai além do próprio nome, é um processo classificatório. O autor e o texto são inseridos em um contexto relacional, ou seja, é o escritor mais a tradição na qual vive.[496] Inclusive, Tomé Martín insinua que, o desconhecimento acerca dessa história sobre os chichimecas pode ter ocorrido pela própria falta de autoria. Será que tal situação ocorreria se fosse atribuído a Sahagún ou Bernal Díaz? Dessa forma, pressupõe-se outra questão, o valor dado a um documento devido à sua autoria em detrimento do conteúdo.[497]

Contudo, pela premissa do texto, foi imputado a Gonzalo de las Casas (1510-?), militar espanhol que, no México, ocupou cargos administrativos. Porém, Tomé Martín observa que a obra não era um tratado militar, pois aborda uma gama diversa de temas, como os costumes, a sociedade e a cultura chichimeca. Quando Ramírez encontrou o manuscrito na França, pelo estado em que estava e por apresentar um nome na capa, ainda que não fosse original, decidiu que a autoria seria de Gil González D'Ávila, mesmo que ninguém com esse nome figurasse entre a comitiva real que participou dos conflitos contra os indígenas.[498] Além disso, ele não é mencionado em nenhuma documentação associada ao período relatado. Ramírez desenvolve que, pelo conteúdo da obra, pode-se assumir que o autor era letrado, provavelmente teólogo, com conhecimento jurídico e integrante da comitiva real.[499]

---

[495] RAMÍREZ, José Fernando. "Noticia de la obra". **Anales del Museo Nacional de México.** Tomo I, 1903, p. 159.
[496] TOMÉ MARTÍN, Pedro. "La cuestión del autor, a proposito de *Guerra de chichimecas*". SANTA MARÍA, Guillermo de, Fray. **Guerra de los chichimicas: México 1575 – Zirosto 1580.** Edição crítica, estudo introdutório, paleografia e notas por Alberto Carrillo Cázares. Zamora: El Colegio de Michoacán: Universidad de Guadalajara – Campus Universitario del Norte – Campus Universitario Los Lagos: El Colegio de San Luis, 2003, p. 11.
[497] *Idem.*
[498] *Ibidem*, p.14.
[499] RAMÍREZ, *op. cit.*, 1903, p. 160.

Abordar a civilização chichimeca era também discutir silenciosamente outro modelo de sociedade mesoamericana, além do asteca ou o maia. E essa temática era cara aos historiadores mexicanos do século XIX por estarem construindo naquele momento a ancestralidade do país. Era comum definir os chichimecas como bárbaros, em contraposição a outros grupos civilizados, contudo, "domados" perdia essa identidade e se adquiria outra característica. O aspecto evolutivo, de uma sociedade que se modernizava e modificava ao longo do tempo, foi um dos principais vieses analíticos do final do século XIX; e, no caso dos chichimecas, elaborado a partir da leitura de diversas fontes coloniais que os descreviam como bárbaros.[500] A História tinha uma narrativa com finalidade clara: entender como os mexicanos se tornaram o que são. Assim, não era possível marginalizar o estudo sobre aquelas civilizações "menos desenvolvidas" até pelo padrão da sua época, pois pela comparação afirmava-se a hipótese da grandiosidade do próprio passado.

Um grande tema abordado no documento do século XVI é a justificativa para o conflito entre indígenas e espanhóis, na tentativa de provar que a guerra justa era necessária, pois:

> Para desempeño de su intento toma como punto de partida el estado social de las tribus, describiendo sus usos y costumbres barbaras, completando el cuadro con la noticia de los asaltos, depredaciones, asesinatos u estragos que causaban en las nuevas poblaciones.[501]

---

[500] Apesar dessa discussão não ser o foco da tese, é importante ressaltar que a caracterização entre bárbaros e selvagens foi muito difundida na Europa durante séculos, desde a Antiguidade, ganhando força no medievo e na Idade Moderna. Roger Bartra diz que "Todo razonamiento sobre el salvajismo de los otros está anclado en nuestros costumbres, que son las que dictan su razón a los demás." (BARTRA, Roger. **El salvaje en espejo.** México: Ediciones Era, 1992, p. 160.) Os selvagens americanos eram o reflexo do que o europeu queria, e podia, ver. Da mesma maneira em que os astecas e outros povos foram considerados mais desenvolvidos. Nomes como Paul Kirchhoff e Miguel León-Portilla partilhavam dessa ideia de que os chichimecas se tornaram mais civilizados, saindo do nomadismo e aderindo à agricultura, deixando de ser um povo selvagem. Federico Navarrete Linares, por sua vez, destaca que essa foi a construção de uma historiografia nacionalista que consolidou essa explicação a ser a principal adotada no século XX. O próprio, contudo, rebateu as afirmações de que os chichimecas não eram povos complexos trazendo diversos dados compilados por meio de várias documentações acerca da cultura e organização social deles. Em contraposição, os astecas foram os escolhidos para serem modelo e origem dos mexicanos. A diferenciação entre os povos, contudo, não partiu do século XIX. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes, por exemplo, afirma que a condição de superioridade dos astecas já era pauta recorrente nas crônicas, inclusive, o próprio Cortés diferenciava os americanos. (FERNANDES, *op. cit.*, p. 73).
Aqui, o que nos interessa é compreender a forma como o texto explicou o conflito entre os índios e os espanhóis e a leitura de González Obregón e José Fernando Ramírez acerca do tema e destacar a complexidade social existente na América no período da colonização e que, no século XIX, foi condensada para servir a uma narrativa nacional. Conferir: Paul Kirchhoff, Lina Odena Güemes y Luis Reyes García, **Historia tolteca-chichimeca.** México: FCE, Centro de investigaciones y Estudios en Antropología Social, Gobierno del Estado de Puebla, 1976; Paul Kirchhoff "Civilizing the Chichimecs: a chapter in the culture history of ancient Mexico", **Some Educational and Anthropological Aspects of Latin America**, v. V, 1948; Miguel León-Portilla, "El proceso de aculturación de los chichimecas de Xólotl", **Estudios de cultura Náhuatl**, n.7, 1967; Federico Navarrete Linares, "Chichimecas y Toltecas en el valle de Mexico", **Estudios de Cultura Náhuatl**, v. 42, 2011.

[501] RAMÍREZ, *op. cit.*, 1903, p. 160.

Dessa forma, a intenção era parar as práticas bárbaras e violentas que oprimiam povos. Ramírez, como compilador, confidencia que retirou partes consideradas por ele polêmicas por terem o ponto de vista do autor sobre os chichimecas e serem corroboradas por textos jurídicos e religiosos. Ele edita o manuscrito a partir do seu referencial e pondera suas ações ao dizer que manteve o suficiente para expor o "(...) juicio de su sistema."[502] Para ele, a única intervenção, de fato, foi a modificação das *ortografias viciosas* encontradas no texto que dificultava a leitura. Assim, a manipulação do documento fica clara, da mesma forma que o comportamento e o olhar do pesquisador que decidiu publicá-lo.

González Obregón, por sua vez, retorna à discussão sobre autoria e destitui Gil González D'Ávila desse papel. Ao elencar os motivos para tal afirmação, aponta Gonzalo de las Casas como o provável autor. Na sua principal obra, *De las gentes de Nueva España, especialmente de las chichimecas,*[503]abordou a cultura e a tradição desse povo, o que corroboraria a hipótese. Além disso, o fato de ter residido por muitos anos na Nova Espanha e de seu texto citar constantemente a Bíblia para provar seu ponto de vista em relação ao comportamento dos chichimecas, fez com que González Obregón apostasse em Las Casas. Há ainda um outro detalhe importante. No artigo publicado em 1903 é demonstrado que não seria irreal a possibilidade do nome de González D'Ávila se associar ao de Las Casas, pois o pai deste se encontrou com o primeiro em Honduras em uma missão à mando de Hernán Cortés. A relação entre

> (...) Francisco de las Casas y Gil González de Ávila, han de haber sido estrechas, y pasaron sin duda á sus descendientes. Tal vez por eso en el manuscrito de la *Guerra de los Chichimecas*, figura el nombre de un *Gil González D'Ávila*, á quien Gonzalo de las Casas le daría copia ó el original de su obra, por ser su amigo, y éste como propietario le puso su nombre y apellido.[504]

González Obregón suspeita que o manuscrito de Las Casas chegou às mãos de D'Ávila devido à sua posição como cronista e por ser bem relacionado na sociedade, o que privilegiaria seu acesso a vários documentos. Alonso de Zurita diz que Las Casas era uma figura com imagem irreparável e se estabeleceu em Oaxaca por um tempo, onde foi *Alcade Mayor* e *encomendero*. Para encerrar seu argumento, González Obregón recorre ao erudito espanhol

---

[502] RAMÍREZ, *op. cit.,* 1903, p. 160.

[503] Foi publicado em um catálogo organizado por D. Alonso de Zurita intitulado *Relacion de algunas de las muchas cosas notables que hay en la Nueva España y de su conquista y pacificación y de la conversión de los naturales de ella* e se manteve inédito desde o século XIX. Também escreveu *Arte para criar seda en la Nueva España*, de 1551, *Defensa de conquistas y conquistadores de las Indias Occidentales, y cómo se han de haber en los descubrimientos, y conversion de los naturales*.

[504] GONZÁLEZ OBREGÓN, Luis. Conjeturas sobre quién pudo ser el autor de la obra Guerra de los chichimecas. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo I, 1903b, p. 161.

Nicolás Antonio (1617-1684), que em sua *Biblioteca Hispana Nova* afirmou os títulos das obras de Las Casas. Essa informação contribuiu para corroborar a hipótese de autoria, pois "(...) esos asuntos son em los que se ocupa muy particularmente el autor del libro que parecia escrito por Gil González D'Avila"[505] Feita todas essas ressalvas, os *Anales* publicam o manuscrito, exemplificando a mudança na estrutura da revista, pois, comumente, não ocorria uma análise crítica sobre a obra em si.

O último artigo de História em 1903 foi feito por Gustavo Martínez Alomía (1864-1912)[506] com o objetivo de provar o alto grau de desenvolvimento da população yucateca muito antes da conquista, "(...) estado á que tal vez no llegó otro pueblo de los ocuparon el continente americano (...).[507] No início do texto a geografia da região é descrita e define sua formação rochosa, seu relevo e sua vegetação. Após esse tópico, o autor ruma para a análise social e cultural da população. Havia poucos indícios sobre os primeiros homens que povoaram aquele território e a falta de documentação seria culpa do bispo Diego de Landa por ordenar a destruição de manuscritos e códices maias. As fontes sobreviventes são interpretadas por importantes estudiosos da época, como Brasseur de Bourborg e Valentini, e mais outros tantos nomes.

O território novo-hispano era marcado pelas diferenças culturais, algo estabelecido na historiografia sobre o México, inclusive nos *Anales.* Essa diversidade não acabou com a emancipação, na verdade, as particularidades afloravam quando tentavam homogeneizar o país. A região da península de Yucatán foi marcada por movimentos contrários ou descontentes com o governo federal. As fronteiras do país foram abaladas pela perda de territórios para os Estados Unidos, e a instabilidade política contribuía para a sensação de incerteza e desesperança atingiu o novo país. Para Enrique Florescano, o passado não apoiava o presente porque a memória indígena foi diminuída pela conquista, e o movimento insurgente triunfante condenou os três séculos de história colonial. Essas incertezas auxiliaram na construção de uma história que uniria os passados opostos da nação em um relato solidário, pois

> De pronto, la joven nación resultó tener un pasado dilatado, recorrido por épocas turbulentas pero también por hazañas memorables. Como las naciones más admiradas de Europa, México tenía un pasado cuyos orígenes se remontaban a los tempos más antigos. Por primera vez los mexicanos pudieron unir los años de zozobra de los que

[505] GONZÁLEZ OBREGÓN, *op. cit.*, 1903b, p.162.
[506] Foi um historiador mexicano nascido na região de Campeche. Escrevia para periódicos como *El Progreso Latino* e a *Revista de Mérida*, além de ser um colecionador de livros.
[507] MARTÍNEZ ALOMÍA, Gustavo. Situación de Yucatán antes de su descubrimiento. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo I, 1903, p. 277.

> había surgido la República con un pasado remoto que le brindaba los prestigios de la antigüedad y los blasones de la civilización.[508]

Esse novo cânone de culto à unidade teve efeitos negativos sobre o desenvolvimento da historiografia regional e local. Florescano aponta que a imposição do nacional foi tão rigorosa que não havia um estudo significativo até a metade final do século XX sobre as características dessa historiografia. A sua presença era débil, mas o papel da nova história mexicana foi desbravar esse silêncio, que não se restringia à análise dos documentos pré-colombianos. As demarcações geográficas e topográficas, as nomenclaturas rurais e urbanas, a iconografia, a gastronomia e os folclores são exemplos de esquecimento sobre as histórias locais, que começaram a ser notadas a partir do século XVIII.[509] Deve-se ressaltar que havia registro dos nativos durante o período colonial, mas que obedeciam às novas formas de se escrever a história, ou seja, com técnicas europeias. Na colônia, crônicas regionais escritas por religiosos e descrições geográficas e econômicas foram constantes. No século XIX, esse gênero começa a titubear, o que se relaciona com a mudança no modo de se pensar História.

Durante o seu governo, Porfirio Díaz viveu conflitos com os poderes e as comunidades regionais, chegando a conflitos armados como a Guerra de Castas[510], ocorrida intermitentemente entre 1847 e 1901. Apaziguar a situação foi uma das prerrogativas do governo federal, pois a Península de Yucatán era importante para a consolidação da verdade histórica mexicana. Isso ocorria devido à valorização da civilização maia que, no artigo de Martínez Alomía, ganhou mais de 18 páginas de destaque. Ele fez um balanço bibliográfico ao comparar informações acerca da documentação que teve acesso. Relata o início do que chama de "monarquia absolutista hereditária", pois mesmo com os problemas internos, o sistema político da região se manteve até a chegada dos espanhóis, e as consequências para a rotina da população nativa.[511]

Após um breve resumo das mudanças políticas, o foco se direcionou para a criação de *Chichen Itzá*, considerada uma das principais cidades da região. Apesar da monumentalidade, os confrontos internos solaparam a paz e enfraqueceram a organização política e social, tornando-a sensível para invasões. Ao final do texto, Martínez Alomía

---

[508] FLORESCANO, *op. cit.*, 2002, pp. 553-554.
[509] *Idem*, p. 555. Yucatán, por exemplo, duplicou sua população entre 1895 e 1910, mas de um modo geral, esse crescimento não foi tão significativo quanto foi alardeado. A região recebeu muitos imigrantes de outras partes da federação nos períodos de 1895, 1900 e 1910, dados que Cosío Villegas considerava mais seguros. COSÍO VILLEGAS, *op. cit.*, 1957, pp. 20-21.
[510] Com duração de meio século, o conflito foi complexo pelas diversas implicações existentes.
[511] MARTÍNEZ ALOMÍA, *op. cit.*, 1903, p. 262.

confidencia que pretende desenvolver uma pesquisa sobre a transformação dos maias durante esse período de decadência da sua civilização para explanar como deixaram a comodidade de uma sociedade estruturada para um "(...) servilismo más degradante y en la opresión más tirânica."[512]

Arturo Taracena Arriola aponta que a península de Yucatán vivia uma relação conflituosa com o centro político desde a colonização e a independência apenas evidenciou essa questão. Depois de 1821, uma das principais dificuldades foi estabelecer um sistema político que abarcasse os interesses das províncias, que ganharam mais autonomia com a criação das *intendencias* no final do século XVIII. Essa desconexão se refletiu na questão cultural. Yucatán desenvolveu um forte sentimento identitário, e regiões adjacentes se viam mais próximas dela do que da Cidade do México, por exemplo. Alguns esforços institucionais foram feitos para tentar mudar essa situação, mas sempre tendo em vista a História oficial que vinha sendo escrita pelos intelectuais alinhados ao programa político do governo.

Em 1841, surgiu o periódico *El Museo Yucateco* que, editado por Justo Sierra O'Reilly (1814-1861), tinha como objetivo divulgar a cultura maia, a História da região e outros temas de interesse pedagógico.[513]Os estudos sobre essa civilização cresceram ao longo do século XIX e XX em todo o país, e um dos motivos possíveis, além da nacionalização, foi dar espaço para o protagonismo de uma região notoriamente rebelde ao domínio federal, a inserindo no contexto de formação da memória nacional. Colocar lado a lado as tradições maias e astecas como expressões oficiais da cultura mexicana era uma tentativa de padronizar a produção intelectual e silenciar eventuais reivindicações separatistas. Os *Anales* publicavam trabalhos sobre *Chichen Itzá* desde o primeiro tomo em 1877, mas não pararam por aí. O fascínio sobre os maias ia além da curiosidade e se tornou peça importante na construção do discurso nacional e da História Oficial.

Voltando à construção da segunda época da revista, em 1903 foi a primeira vez que apareceu a seção de Etnologia, e neste tomo ela dividiu espaço com a Antropologia. Um dos artigos mais interessantes, que possui relação com a escolha editorial de focar nos estudos sobre as populações nativas, foi escrito pelo jornalista irlandês A. H. Keane (1833-1912),[514] intitulado *Cultura de los nativos Americanos: su evolución independiente,* uma tradução feita por Manuel Julio León e Cornelia Olmstead. O fio condutor da narrativa é a evolução cultural dos nativo-

[512] MARTÍNEZ ALOMÍA, *op. cit.*, 1903, p. 277.
[513] TARACENA ARRIOLA, Arturo. El *Museo Yucateco* y la reivención de Yucatán. La prensa y la construcción del regionalismo peninsular. **Peninsula.** Vol. II, n.1, 2007, pp.13-19.
[514] Augustus Henry Keane foi um jornalista e linguista irlandês que escrevia sobre estudos arqueológicos e etnológicos, sobretudo com a temática americana.

americanos, estudos que ganharam força a partir da evolução das teorias cientificistas nos Oitocentos. Para a revista foi mais uma maneira de expor uma perspectiva europeia sobre a América, o que era entendido como a consolidação da temática em territórios estrangeiros. Além da influência de Alexander von Humboldt, Keane cita o naturalista americano William Bartram (1739-1823), que escreveu sobre a região Norte da América. O irlandês afirma que "(...)ninguno de los monumentos y cosas examinadas por él en conjunto, descubría el más mínimo signo de las artes, ciencias ó arquitectura de los europeos ú otros habitantes del antiguo continente."[515] A complexidade e a vastidão dos estudos antropológicos e etnológicos impulsionaram a criação das escolas asiática e americana para pesquisas específicas partindo da premissa da universalidade.

Keane defende a visão científica dos americanos em comparação a qualquer outro tipo de metodologia adotada pela Academia, destituindo os europeus do papel de protagonistas na análise do passado do Novo Mundo. Ele se propõe a demonstrar que "(...) la opinión americana será ahora francamente aceptada y vista como un seguro límite en las posteriores investigaciones acerca de los orígenes, emigraciones y relaciones inter-culturales de los orígenes americanos".[516] E não era a primeira vez que apresentava esse posicionamento, pois seu texto é uma continuação de estudos publicados anteriormente, como *Man, past and present*[517] de 1889. A falta de trabalhos substanciais sobre o tema restringiu o desenvolvimento de ideias que contrariassem a perspectiva eurocêntrica, que se tornara tão enraizada no imaginário intelectual e no senso comum, que questioná-la não era nem cogitado. Segundo o autor, isso corrobora uma tradição que mal interpretou os povos originários americanos, por isso defende não só a proliferação de novos estudos como também a sua propagação por meio de uma linguagem mais acessível.

A América foi povoada por correntes imigratórias: uma que provinha do Noroeste da Europa; e, outra do Nordeste da Ásia, sendo que o deslocamento ocorreu principalmente por terra. O autor relata que o afastamento da América dos outros continentes foi fundamental para que os *amerindos*[518] se desenvolvessem à revelia da interferência de outros povos, pois, "(...) lo que tienen de común con los demás pueblos del hemisfério oriental és unicamente lo que

[515] KEANE, A. H. Cultura de los nativos americanos: su evolución independiente. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo I, 1903, p.35.
[516] *Idem*, p. 36.
[517] A obra sintetiza anos de pesquisa de Keane sobre os primeiros grupos étnicos. Para isso, analisa as diferenças e particularidades dos negros, mongóis, americanos e caucasianos.
[518] Na nota de rodapé, temos a informação de que a palavra é a tradução do anglicismo *amerind's*, que surgiu depois da sugestão da Sociedade Antropológica de Washington em contrair *american indians*, em uma alusão a como os indígenas foram nomeados ao pensarem que chegaram às Índias.

trajeron durante el periodo de la emigración (...).”[519] Havia, dessa maneira, um elo entre os nativos americanos e seus ancestrais e essas semelhanças foram possíveis de serem enumeradas devido ao trabalho arqueológico. Os utensílios de pedra ou de uso religioso, como cruzes e a suástica, são exemplos utilizados pelos estudiosos para justificar a conexão entre os povos. O ponto é que ela pode ser interpretada de duas maneiras. Para os europeus, não haveria nenhum problema em apontar as similaridades entre povos, pois existiam evidências que confirmavam o fato. Isso, porém, reforçava a marginalização dos estudos sobre os mesoamericanos, porque não havia um interesse em se aprofundar no assunto haja vista que já o faziam analisando egípcios, fenícios, gregos, além das primeiras comunidades humanas. Agora, para os americanos, essa ligação os alça, através da própria ancestralidade, ao mesmo patamar de importância dos povos já citados no desenvolvimento da raça humana. A descoberta na América dos artefatos antigos de uso cotidiano semelhantes ao que exploradores encontravam na Europa e no Oriente Médio corroborava a hipótese de grandiosidade dessas civilizações.

Keane, no entanto, apresentou um cenário diferente: sim, havia similaridades no desenvolvimento dos modos de viver entre os antigos americanos e europeus. Porém, essa universalidade levava ao apagamento das diferenças, ou seja, do modo específico com que cada região se organizou política, econômica, social e culturalmente, e do que deve ser entendido em comparação ao que ocorreu com a colonização. É importante ressaltar que essa posição de do autor se relacionava mais à forma como os europeus forçavam a sua interpretação homogeneizadora do mundo, do que uma defesa das ciências americanas, ainda que isso ocorresse com a sua fala. Daí conseguimos entender a importância da tradução desse artigo nessa etapa de configuração da revista, que até então apresentou visões universalizantes sobre a própria história, a situando e legitimando no cenário internacional, mas que, daquele momento em diante, tentava se desvencilhar das armadilhas interpretativas de uma abordagem generalista.

O autor cita nomes e trabalhos para amparar sua análise, sendo um destes casos a arqueóloga Zelia Nuttall (1857-1933)[520], que propõe paralelos etimológicos entre os mexicanos e os gregos. Por exemplo, ela defendia que a palavra *Temistitan* – nome da capital asteca – se relacionava diretamente com o filósofo bizantino *Themistius* ou Temístio (317-387). Na

[519] KEANE, *op. cit.*, p. 36.

[520] Zelia Maria Magdalena Nuttall nasceu em São Francisco, na Califórnia e dedicou sua carreira aos estudos arqueológicos e antropológicos das sociedades mexicanas, com foco na região de Teotihuacán. Keane dialoga diretamente com a obra *The Fundamental Principles os Old and New World Civilizations*, publicada em 1901. Nela, foi estabelecido os paralelos culturais entre a América e o Oriente Médio e essa ligação pode ter sido iniciada através dos fenícios, o que a autora deixa explícito desde o prefácio. É essa hipótese, que a autora avisa não ser definitiva, que o jornalista irlandês contra-argumenta.

narrativa, o antigo prefeito de Constantinopla, cargo que ocupou no reinado de Teodósio (347-395), teria se refugiado nas Américas após alguns fracassos políticos. No Novo Mundo, ajudara a população a evoluir, justificando, portanto, a opulência encontrada pelos europeus na conquista. Para Keane, esse tipo de argumentação,

> No son estos los delirios de un lunático etimológico, sino las serias sugestiones de una entendida escritora que há escrito muy bien en otras materias de arqueologia americana, pero que desgraciadamente es impelida por su tésis á encontrar relaciones á toda costa entre los hemisferios.[521]

Para o irlandês, as afirmações de Nuttall passavam longe do rigor científico esperado de análises do tipo, mas essas analogias com o Velho Mundo anulam o protagonismo americano no desenvolvimento da própria cultura. Além disso, trabalhos como esse reforçam os estereótipos eurocêntricos atrelados há séculos às sociedades mesoamericanas, que só eram entendidas na comparação, seja positiva ou negativa. Clifford Geertz define que a cultura seria similar a uma trama tecida pelo ser humano a partir de várias teias, por isso que é preciso compreender suas relações e historicidades por meio dos significados e conexões sociais criadas ao longo do tempo.[522] Keane diz entender que a fórmula estabelecida por Nuttall – que, vale ressaltar, não foi criada por ela e também não era a única que a defendia –, privilegiava interpretações e não os fatos. No âmbito dos *Anales,* ele faz coro, apesar das diferenças temáticas e estilísticas, ao texto "*La piedra del Sol – Estudio Arqueologico*", escrito por Alfredo Chavero, que abordamos no capítulo anterior.

Um dos lugares comuns da época era a comparação entre americanos e hindus, que também foi rechaçada pelo irlandês. Ao analisar os jogos e passatempos, ele descreve que muita importância foi dada à similaridade dessas atividades[523], e recorre ao trabalho do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917) para exemplificar sua perspectiva:

> The idea that the similarity between the American and Asiatic games resulted from independent invention has seemed probable to more than one anthropologist. This suggestion raises the problem, as yet only imperfectly solved, of determining what kind and amount of similarity in the arts or custos or opinions of different districts may justify us in denying the possibility of their independent development and claiming them as results of transmission.[524]

---

[521] KEANE, *op. cit.*, 1903, p. 39.
[522] GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008, pp. 4-6.
[523] KEANE, *op. cit.*, 1903, p. 40.
[524] TYLOR, E. B. **On American lot-games, as evidence of Asiatic intercourse before the time of Columbus**. Leiden: E. J. Brill, 1896, p. 14.

As conexões entre o jogo de tabuleiro indiano – *pachisi* – e o jogo de estratégia asteca – *patolli* – seriam evidências das inconfundíveis ligações entre americanos e asiáticos, hipótese defendida, inclusive, por Alexander von Humboldt.[525]. Segundo Keane,

> (...) después de una investigación minuciosa, observadores competentes (...) han rechazado el origen asiático del *patolli* que ellos declaran ser 'verdaderamente americano en su origen. No hay duda que los juegos son un buen dato antropológico cuando la continuidad y el contacto son posibles, pero de otro modo aun las apariencias más sobresalientes son nulas.[526]

Semelhanças não são suficientes para afirmar nada, pois deveriam procurar indícios mais profundos dessas ligações. O autor compartilha da abordagem de Briton referente à valorização da especificidade da cultura americana, ainda que o que o aborrecia era o uso dos fatos de maneira errônea, vide a passagem que diz,

> Cuando veo volúmenes de este carácter, muchos envolviendo prolongada y árdua investigación, me afecto de un sentimento de honda consideración por los hombres hábiles, que gastan sus esfuerzos en perseguir futilidades para la ciencia, fatigándose en recorrer caminhos que no conducen á ninguna parte, y desatiendiendo á los postes, guia que unicamente puede dirigirlos á tierra segura.[527]

Fica claro que o seu artigo é uma defesa à metodologia científica e ao uso das evidências de forma imparcial, o que aplicou na sua análise sobre os americanos, inclusive na obra mais extensa. Para os *Anales,* esse texto é emblemático por sinalizar a consolidação de duas posições apresentadas desde 1877: a necessidade de tomarem o protagonismo na escrita da própria História; e o uso da ciência para legitimá-la.

4.2 1905 e 1906

O segundo tomo apresentou um aumento significativo de artigos nas seções de História e Arqueologia. Alfredo Chavero, que fora o diretor do museu até 1903, se manteve como uma das figuras mais ativas. Em 1904, foi convidado para discursar no Congresso de Artes e Ciências da Exposição Universal de Saint Louis, no Missouri, Estados Unidos. A fala foi transcrita e publicada nos *Anales,* tornando-se um dos documentos mais importantes sobre o início da Arqueologia mexicana.

A ele, que ocupava o posto de deputado na época, foi incumbido do papel de homenagear a Arqueologia. Ao invés de "ciência das curiosidades", deveria ser vista como uma

---

[525] TYLOR, *op. cit.*, pp. 14-20.
[526] KEANE, *op. cit.*, 1903, p. 40.
[527] *Idem*, p. 41.

disciplina amadurecida, solucionadora de hipóteses, e não anedótica. O seu uso pelos Estados tinha a finalidade de responder e construir características sobre a nação, que crescia em um mundo em transformação. O discurso, portanto, advogava pela importância da Arqueologia que até então era vista como simplória ou menor do que as outras.[528] Seu primeiro passo foi estabelecer a relação, que era estreita, com a História, exaltando uma união que inegavelmente prestou grandes serviços à sociedade.

A forma de transmitir a própria história mudava de povo para povo, mas os homens primitivos utilizavam a tradição oral. Mesmo os que desenvolveram a escrita, não deixaram um manual de instruções para a decifração dos documentos. Ou seja, "Muchas vezes los trabajos arqueológicos llegaron á explicar las leyendas, y á substituirlas por hechos reales."[529] A coleta de objetos pelos arqueólogos abriu as portas para a análise da "(...) verdadera vida de la humanidad."[530] Se esse auxílio era fundamental para a compreensão da origem dos povos, Chavero manifesta a importância de tratar a Arqueologia como uma das ciências mais úteis dentre as existentes e esse ponto de vista era corroborado por diversos profissionais.[531] Eles são representados em seu discurso em uma forma de gratidão aos que iniciaram e realizam o trabalho, engrandecendo o campo científico mexicano.

Desde o início da colonização, a história americana vinha sendo contada através das palavras de eclesiásticos como Motolinía, Sahagún, Durán, Mendieta ou mesmo dos civis Bernal Díaz e Cortés. Os que se estabeleceram nas colônias mantiveram contato mais próximo com os nativos, principalmente os religiosos "(...) pues era costumbre en los colégios sacerdotales llamados *calmeac,* componer los relatos históricos y los cantares sagrados, y enseñarlos de memoria á los alunos, para que éstos á su vez los transmitieran á la generacion seguinte."[532] A oralidade era a fonte do material que embasava os escritos e por meio dela surgiram os primeiros relatos históricos sobre os povos pré-colombianos.[533]

Chavero também aponta que não foram só os europeus que redigiram crônicas. Hernando de Alvarado Tezozómoc (1525-1606), Chimalpahin Quauhtlehuanitzin (1579-1660),

---

[528] CHAVERO, A. "Discurso pronunciado el 24 de septiembre de 1904 por el Señor Diputado Lic. D. Alfredo Chavero, en el Congreso de Artes y Ciencias de la Exposición Universal de San Luis Missouri". **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo II, 1905, p.387.
[529] *Idem,* p. 388.
[530] *Ibidem.*
[531] Os nomes citados foram: Frederic Ward Putnam (1839-1915); Edward John Payne (1844-1904); William Henry Holmes (1846-1933); Conde de Charencey , o Charles-Félix-Hyacinthe Gouthier (1832-1916); Edward Georg Seles (1849-1922); Cyrus Thomas (1825-1910); Alfred Percival Maudslay (1850-1931); Zelia Nuttall; Alice Fletcher (1838-1923); Joseph Thompson Goodman (1838-1917); William John McGee (1853-1912).
[532] CHAVERO, *op. cit.,* 1905, p. 389.
[533] *Idem.*

Fernando de Alva Ixtlilxóchitl (1568-1648) são exemplos de escritores descendentes de indígenas que narraram a história mexicana. Elementos como materialidade e documentação se tornaram mais inteligíveis por causa da Arqueologia, que trouxe novas ferramentas para interpretá-los. Se até o momento da sua fala os códices já recebiam uma atenção profunda, o mesmo não ocorria com os relevos em pedra, pouco estudados como deveriam. Assim,

> (...) los estudios arqueológicos, sobre todo cuando puedan hacerse exploraciones verdaderamente científicas en nuestras ruinas y en nuestros monumentos, vendrán á completas y á corregir nuestra Historia antigua, tan interesante y tan llena de enseñanzas; no menos que las de los pueblos primitivos del oriente, cuya investigación preocupa hoy con razón al mundo científico.[534]

A História sem a Arqueologia deixava a produção científica incompleta. A Antropologia, por sua vez, também era parte dessa equação por estudar o ser humano, que cada vez mais procurava aprender sobre si, conhecer a própria natureza. Além disso, o homem se expressa pela sua materialidade e pelo seu conjunto de pensamentos, sendo a Filosofia, a Lógica, a Moral, a Gramática, a Oratória, a Literatura e as Artes, fundamentais.[535]

A cosmogonia indígena dava os indícios cronológicos sobre o desenvolvimento da civilização, e os arqueólogos conseguiam, a partir da leitura dos códigos, definir o período das raças. Chavero enumera, ao longo do discurso, as principais interpretações publicadas até então, defendendo a importância da análise as peças do *Museo Nacional* para chegar a alguma conclusão acerca da origem dos americanos. Além disso, cita a hipótese da união dos continentes, a existência de Atlântida, a relação entre a Ásia e a América, a linguística dos nativos, entre outros assuntos caros à instituição.[536]

A colaboração estrangeira para o campo científico mexicano foi, novamente, mencionada no discurso como contribuidora importante para a evolução do trabalho feito no país, pois "(...) nos han hecho adelantar mucho en poco años."[537] A comparação de resultados abria o espectro investigativo para todas as ciências, que são

> (...) el resultado de la acumulación, por muchos siglos, del saber humano. Nada se improvisa sobre la tierra. (...) No sólo es el respeto á los sepulcros de nuestros antepasados, ni la gratitud por las enseñanzas recibidas, es más, es la solidariedad la que une á la Arqueología con las otras ciencias.[538]

A partir do segundo tomo, os estudos sobre as civilizações mesoamericanas foram publicados, majoritariamente, na seção de Arqueologia, que tinha Chavero como principal

[534] CHAVERO, *op. cit.*, 1905, p. 390.
[535] *Idem*, p. 391.
[536] *Ibidem*, pp. 392-393.
[537] *Ibidem*, p. 394.
[538] *Ibidem*, p. 399.

representante e partidário. Por sua vez, a seção de História foi formada por oito artigos, sendo que sete correspondem à história do século XIX, inclusive, alguns sobre o próprio museu. É uma clara mudança de direção se compararmos com os tomos anteriores. Nesses artigos são as notas e introduções que nos interessam mais, pois nelas os autores discorrem sobre o andamento dado ao texto, justificam a presença naquelas edições ou dossiês, e esclarecem a importância daqueles temas para o cenário historiográfico nacional.

Publicar um documento era explicitar a verdade histórica segundo os *cientificos¸* e o foco, naquele momento, se tornou afirmar a história recente e independentista, que também contribuiriam para a construção da narrativa nacional. Não podemos esquecer que nesse período aumentam as manifestações contrárias ao governo de Porfirio Díaz, sobretudo sua manutenção permanente no poder. No final do século XIX, a consciência histórica se tornou prática comum na forma de pensar, o que dava ao passado uma importância ímpar no controle do presente e do futuro. A busca era por um México progressista e mais evoluído, no mesmo patamar dos países europeus, e

> El pasado, en efecto, suministra el material para forjar el patriotismo de los ciudadanos, alimentar el orgullo nacional, cultivar el espíritu de sacrificio y esfuerzo por la patria y generar la conciencia de la época presente es el feliz desenlace de una evolucción histórica.[539]

A diferença temporal não se manifestaria num horizonte histórico comum entre passado e presente, não é por meio dessa ligação direta que se constrói o tempo histórico. Há uma aceleração que caracteriza a modernidade, concebendo o futuro a partir do passado. A origem marca o referencial do presente, ou seja, diz de onde vem, como vieram e chegaram ali, além de dar ideia de onde chegarão. Podemos exemplificar esse ponto de vista a partir dos *Anales.* Na 1ª época, havia uma abundância de artigos históricos e compilações documentais sobre os povos mesoamericanos e um certo destaque para os estudos de Zoologia e Botânica. As pesquisas e interpretações circunscreviam a perspectiva universalizante, de procurar denominadores comuns com outras culturas, sobretudo as europeias. A partir da 2ª época, novos passados ganharam espaço nas páginas da revista como em 1910, por exemplo, com a direção de Genaro García, artigos sobre os movimentos insurretos de 1810 passaram a ser enfatizados.

No tomo II, de 1905, o tema da História Pátria, que se relacionava com os eventos da Independência, principalmente com as consequências dela, ganhou destaque. O *Museo,* nesse mesmo ano, aumentara sua coleção de História. Diversos objetos foram doações e outros comprados, mas Genaro García destacava em seu informe que "(...) las reliquias más

[539] LEMPÉRIÉRE, *op. cit.,* 1995, p. 321-322.

interesantes que se guardaban en la casa de Hidalgo en Dolores Hidalgo y que fueron traidas á este Museo por disposición de la Secretaría de Instrucción Pública y Bellas Artes."[540]. Os "heróis da pátria" ganhavam cada vez mais espaço na instituição e na sua revista.

González Obregón colaborou com um novo texto crítico[541] sobre o diário de viagem de Manuel Zavala (1793-1878)[542] desde a cidade de Guadalajara até o sul do México, que tinha o propósito de levar uma correspondência até Vicente Guerrero (1792-1831). O documento é entendido como de grande mérito histórico pela descrição feita de todo o caminho, com detalhes expressivos sobre a geografia e sobre cada parada realizada no trajeto. A primeira parte do diário, "(...) á primera vista sin importancia, es digna de atención, porque sin pretensiones del autor, que revela á un militar franco, honrado y sincero, contiene una pintura exactísima de la zona que recorrió en los años de 1830 y 1831."[543] Nesse período, o país tentava se estabelecer como uma República após Itúrbide e o governo provisório. A constituição de 1824 outorgava essa nova forma de governo, que deveria ser de representatividade popular e com os três poderes federais – Executivo, Legislativo e Judiciário. Em 1830, Anastacio Bustamante assumira a presidência e os conflitos entre os estados e a federação pioravam a cada momento. Anteriormente, em 11 de dezembro de 1829, Vicente Guerrero renunciara após um governo controverso. O *Plan de Jalapa* pode ser considerado o estopim para essa atitude, já que sete dias após o pronunciamento dos militares o presidente publicou sua saída. O documento de Zavala está nesse ínterim da posse de Bustamante, os confrontos entre forças regionais e federais e a captura de Guerrero, finalizando "(...) el tremendo y trágico episodio, en el cual se destacan dos figuras: una estremamente simpática, la del Mártir: otra profundamente repugnante, la del Traidor."[544]

O objetivo da missão, comissionada pelo general do estado de Jalisco, Miguel Barragán (1789-1836), era colocar em contato Guerrero e Nicolás Bravo (1786-1854), que estava em Chilpancingo. Partiram no dia 19 de novembro de 1830 com ordens expressas para não atravessarem as fazendas pró-governo nem as da oposição. O estilo narrativo se assemelha a um diário de bordo, com a marcação da rotina cotidiana, que abarcava desde a descrição das

[540] AGN, IPBA, Cx 170, Exp. 15, f.1.
[541] Nos referimos a "*Documentos de Historia Patria. El General Guerrero y Picaluga. Apuntaciones de un viaje hecho de Guadalajara al sul de México, por el primer ayudante Manuel Zavala en comisión del servicio*".
[542] Foi um militar mexicano que lutou na Guerra de Independência, sob comando de Morelos. No diário publicado integralmente pelos *Anales* descreveu sua experiência na viagem a fim de encontrar Guerrero.
[543] GONZÁLEZ OBREGÓN, L. Documentos de Historia Patria. El General Guerrero y Picaluga. Apuntaciones de un viaje hecho de Guadalajara al sul de México, por el primer ayudante Manuel Zavala en comisión del servicio. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo II, 1905a, p.58.
[544] *Idem.*

refeições e das cidades que percorriam até os encontros com figuras importantes das regiões, como eclesiásticos e latifundiários.[545]

No dia 24 de dezembro, chegaram a Texca, cidade próxima a Acapulco, muito pobre e habitada majoritariamente por indígenas. A intenção era localizar o general Guerrero, porém, descobriram que ele havia marchado com cerca de dois mil homens para Chilpancingo, onde estava Nicolás Bravo. Zavala o encontrou no dia 27, em Acahuizotla, acompanhado de outros chefes militares como Juan Álvarez Hurtado (1790-1867), além do genovês Francisco Picalunga (1792-1836), figura importante nessa história.[546] Zavala relata que "(...) allí mismo entregue los pliegos é impresos que llevaba, á los cuales les dió lectura públicamente, en medio de aquella muche dumbre."[547] Parte da sua missão estava cumprida, restava entregar a correspondência para Bravo. A comitiva, que ganhou mais membros com a adição dos militares que estavam na cidade, inclusive Guerrero, partiu para Chilpancingo.

Em Tixtla, encontraram Bravo, e Zavala viu surgir a oportunidade de finalizar completamente sua tarefa, que se tornara mais complicada pelo acirramento dos conflitos locais. Adiar a entrega da carta era expor a si mesmo ao perigo de tiros e armadilhas, dessa forma, a cúpula militar decidiu se desvencilhar desse apuro e terceirizar o trabalho, convocando um indígena de confiança para levar os documentos ao destino. Zavala não aprovou essa atitude, mesmo que a situação fosse adversa. Havia muita desinformação e pouco comando entre os soldados e os grupos militares formados por homens da região, o que culminou em sucessões de perdas e derrotas, sendo a pior delas o rapto de Guerrero, o ponto alto do relato. No dia primeiro de janeiro, as forças do governo atacaram todos os presentes. Os rebeldes também não conseguiam se organizar e combater no mesmo nível das tropas federais, e em uma das emboscadas promovidas pelos militares ocorreu uma debandada generalizada. Zavala, por exemplo, largou todos os seus pertences e, com alguns soldados de Guerrero, fugiu à esmo, sem saber para onde ia, apenas com o instinto de sobrevivência lhe guiando.[548]

No dia seguinte, vagaram até a entrada da cidade, e encontraram alguns membros da comitiva, como coronéis e soldados, que conseguiram se reunir. As notícias sobre a derrota

[545] GONZÁLEZ OBREGÓN, *op. cit.,* 1905a, p. 59.
[546] *Idem,* pp. 71-72.
[547] *Ibidem,* p. 73.
[548] "Anduvimos en aquella sierra Tapia, su mozo y yo, sin caminho, errantes y sin más dirección que el Sol, sin ver á más distancia que á cien varas por lo espeso de ella. Serían las cuatro, cuando encontramos á un indígena (...) le dimos el alto y le propuse que nos sacasse al caminho de Tixtla, ofreciéndole una ouza de oro que le mostre, y aunque al principio se negó, por fin, vino á ceder (...) Así caminhamos á la causalidad, sin sendero y sólo á la direccion que le pareció conveniente, hasta como á las once de la noche en que la oscuridad de aquellos encinales nos impidió continuar y desensillamos, muertos de hambre y de sed por no haber una nota de agua." GONZÁLEZ OBREGÓN, *op. cit.,* 1905a, p. 74.

de Guerrero começaram a se espalhar pela região. Havia a possibilidade de que estivesse morto, o que colocava a missão de Zavala em risco, haja vista que necessitava da testemunha do general para que seu informante e contratante se desse como satisfeito. Juan Álvarez, escutando a situação, se prontificou a atestar a seu favor. No mesmo dia, Zavala conta que se deparou com uma figura vestida com roupas rotas, um maltrapilho que o encarou profundamente, e percebeu, com surpresa e alívio, que era Guerrero. Este não teria tido tempo o suficiente para se recuperar, pois logo todos se aprontaram e rumaram para o porto, de onde partiriam para o Sul. Foi nesse momento que o general, figura quase mística no documento, foi enganado pelo genovês Francisco Picalunga, retratado como uma pessoa traiçoeira, que ludibriou Guerrero desde o primeiro momento. A bordo do *El Colombo*, o genovês entregou o general para as tropas de Bustamante que, em 14 de fevereiro de 1831, conduziram o seu fuzilamento.[549]

Essas palavras apaixonadas sobre a "aventura" do antigo presidente mexicano foram lidas por José Fernando Ramírez e González Obregón como parte fundamental do aprofundamento sobre a História Pátria no país, algo que o próprio *Museo* adotara. Em 1896, sob a administração de Manuel Urbina, foi enviado ao governo um informe geral sobre os trabalhos empreendidos nos Departamentos de História e Arqueologia. No primeiro andar do edifício foi organizado o Departamento de História Pátria, que até aquele momento estava fechado a público. Desde 1894 havia demandas para que fosse melhorado, principalmente o acervo, que deveria ficar mais rico e mais vistoso para que a população o apreciasse. A partir de 1895, foi iniciada tanto a reforma como a elaboração de um guia especificamente sobre essa coleção. Ao final, o Departamento possuía dois modelos em madeira, 208 fotografias, 40 desenhos à lápis e aquarela, oito cópias de códices, um plano, dois quadros à óleo, dois facistóis, uma carruagem.[550] Consolidou-se a separação entre História e Arqueologia, já que as peças pré-colombianas permaneceram no térreo, onde sempre estiveram.

Essa diferenciação foi acompanhada pelos *Anales*, que passaram a definir com maior exatidão o que para eles significava a "História" como disciplina científica. Luiz González Obregón dominou a seção histórica no tomo de 1905, inserindo uma nova categoria com notícias e informes. Um deles discorria sobre a coleção de António León y Gama, que formava parte do acervo do *Museo* e é essa aquisição o mote do texto. Em 1826, Isidro Ignacio de Icaza (1783-1834), o conservador da instituição recém-criada, recebeu diretamente do

[549] GONZÁLEZ OBREGÓN, *op. cit.*, 1905a, pp. 74-78.
[550] AMNA, Vol. 10, Sección 6, f. 56, p. 15. O Informe foi assinado por Jesús Galindo y Villa e um detalhe interessante é que a carruagem em questão pertencera a Maximiliano I e fora trazida do Palácio Nacional para o *Museo*.

presidente a incumbência de adquirir os bens pertencentes a León y Gama. Após agradecer o esforço governamental para que o *Museo* existisse, reiterou a necessidade de mantê-lo e aumentá-lo, já que, para manter um espaço público como aquele viável, precisavam de um orçamento à altura. Portanto, fazer um inventário naquele momento, era desperdício de tempo, pois a situação do acervo não era a ideal. Isto é, as peças estavam dispersas, algumas que eram propriedade do estado não estavam sob posse do *Museo*. O conservador apresentou, nessas linhas, um direcionamento administrativo visando o sucesso da empreitada.

Nesse contexto, parte da documentação pertencente a León y Gama foi "(...) indebidamente extraídos del Museo y llevados á París hace nños por el americanista Mr. Aubin."[551] Joseph Aubin,(1802-1891)[552], colecionador francês, viveu no México entre 1830 e 1840, quando adquiriu vários desses exemplares documentais sobre a história mexicana, o que se tornou um problema para as ambições do museu. Vale destacar que, com a morte de León y Gama, alguns itens, que anteriormente pertenceram à Boturini, foram vendidos. Alexander von Humboldt, por exemplo, foi um dos compradores, assim como o alemão Max Waldeck, que repassara a Aubin.[553]O descontentamento trazido pela saída de peças e documentos do país para o estrangeiro foi um tópico constante em todo o período republicano. Desde a fundação do *Museo* até o início do século XX, observa-se a busca incessante pela herança mexicana que estava espalhada pela Europa, sobretudo. Antonio Peñafiel, em 1889, viajou a Paris e solicitou um encontro com Aubin, na intenção de realizar uma proposta e reaver os documentos. O contato foi feito através de um amigo em comum, Eugène Boban (1834-1908)[554], que relatou o ocorrido em uma das suas compilações documentais.

Na reunião, o mexicano teria tentado convencer a todos os presentes, entre eles Boban, Eugene Goupil e o próprio Aubin, que o *Museo* não precisava de mais códices, pois já possuía um acervo completo. O relator, contudo, afirmava que a situação não era tão favorável assim,[555] pois a documentação enriqueceria o catálogo. Assim, a atitude de Peñafiel foi vista

---

[551] GONZÁLEZ OBREGON, L. "La colección de antigüedades de D. Antonio León y Gama". **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo II, 1905b, p. 260.

[552] Joseph Marius Alexis Aubin foi um paleógrafo e colecionador francês que se especializou na História e Arqueologia americanas. Viajou ao México, onde viveu e quando conseguiu diversos exemplares documentais, que foram transferidos para Paris eventualmente. Também fez parte da *Comisión Cientifica de México* em 1864 e 1867. Entre as suas principais obras encontramos a *Memoria sobre pintura didáctica y escritura figurativa de los antiguos mexicanos*, publicada em fascículos entre 1849 e 1851.

[553] GREENFIELD, Jeanette. **The return of cultural treasures.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 277.

[554] André Eugène Boban-Duvergé foi um arqueólogo francês, especialista em antiquários. No período de Maximiliano, viveu no México por fazer parte da Comissão Científica. Sua prática antiquarista data desde a época de Napoleão III, que o comissionava para coletar novas peças.

[555] "Je savais à quoi m'en tenir à ce sujet, car je venais de passer près de deux ans à Mexico, j'avais vu et revu toutes les collections du Muséé National et je m'étais assuré *de visu* que les manuscrits y fairaient presque

como desonesta. Ele retornou à casa de Aubin para fazer uma oferta e levar consigo a "célebre coleção Boturini". Boban o pinta como ardiloso e arquiteto de todo esse processo de aquisição das fontes, que seria um "golpe de mestre" para a imagem do mexicano em seu próprio país, "(...) il aurait pu écrire à México son bulletin de victoire comme jadis César: *Veni, vidi, vici*."[556] Boban pediu ajuda a Goupil para articular a permanência da coleção na França, por acreditar que ela teria mais segurança em Paris, "(...) qui est le centre du monde intelligent, la station forcée des voyageurs de la science."[557]

Crescem as histórias sobre as caçadas aos tesouros mexicanos nessa fase da revista. O *Museo* passa a ser visto como parte da História Pátria e não apenas uma instituição que contribui para a construção da narrativa, da mesma forma que outros assuntos ganham espaço no debate acadêmico, como o movimento de independência, a fuga e o fuzilamento de Guerrero, a presidência de Juárez e o próprio Império francês. Sob a lógica positivista que tende à abstração, os *cientificos* procuram explicar a História mediante a busca das leis universais de causalidade, que partem da visão teleológica, do progresso e da ordem.[558] A época pré-colombiana tinha estabelecido seu espaço, que se manteve constante mesmo com as atribulações políticas do país. Estava na hora de evidenciar os "heróis da pátria", aqueles que lutaram para que o México alcançasse seu lugar na modernidade.

Desde 1906, houve uma visível diminuição dos artigos sobre História Natural na revista, o que pode ser lido como uma mudança de foco do processo científico da própria instituição-mãe. No seu início o *Museo* tinha a clara função enciclopédica de reunir um acervo diverso – desde a Zoologia e Paleontologia até a Numismática –, mas, a partir desse momento, procura instalar um local apenas para os estudos e exposições da História e da Arqueologia o que auxiliaria no desenvolvimento dessas pesquisas. O surgimento do novo museu de História Natural também segue esse caminho, com a construção de instalações apropriadas para um acervo que precisava de cuidados especiais.

Dos 16 artigos publicados no tomo III da 2ª época, metade são dedicados às ciências humanas. A seção de História contou com apenas um texto, escrito, novamente, por Luis

completement défaut." BOBAN, Eugène. **Documents pour servir à l'histoire du Mexique: catalogue raisonné de la collection de Eugène Goupil (ancienne collection J. M. A. Aubin).** Vol.1. (première partie)/ Eugène Boban; avec une introduction de M. E. Eugène Goupil et une lettre – préface de M. Auguste Génin. Paris: Monographie imprimée, 1891, p.11.

[556] *Idem.*

[557] *Ibidem*, p. VIII.

[558] CORCUERA DE MANCERA, Sonia. **Voces y silêncios en la historia: siglos XIX y XX.** México: FCE, 2014, p.129.

González Obregón, que tratava do episódio sobre os restos mortais de Hernán Cortés.[559] Em 11 de agosto de 1905, o *The Mexican Herald* noticiou o encontro entre o Ministro de Relações Exteriores e o Ministro de México sobre a proposta de transladar os despojos mortais do conquistador. Cortés morreu em 2 de dezembro de 1547, nos arredores de Sevilha, e deixou um testamento no qual especificava os trâmites funerários. A intenção era que seu corpo fosse sepultado definitivamente na Nova Espanha, em um monastério que ordenou a construção em Coyoacán. Até que ficasse pronto, foi enterrado no mausoléu do duque de Medina Sidonia, na capela do mosteiro de São Isidro de Campo. Em 9 de junho de 1550, ele foi colocado em outra cripta, mas dentro da mesma igreja, sendo essa a segunda mudança. A terceira ocorreu em 1566, na igreja de São Francisco de Tezcoco, onde também estavam Catarina Pizarro, por exemplo. Em 1629, por sua vez, foi transladado até a capela maior do convento de São Francisco de México, que pertencia à sua família. Em 1716, foi edificada uma nova igreja no mesmo local, que abrigou os ossos de Cortés, que, em 1794, foram dispostos na igreja anexa ao Hospital Jesus Nazareno.[560]

González Obregón narra todas essas andanças e discute os detalhes de cada momento, revivendo uma história até então esquecida desde o século XVIII. A situação mudou nessa altura do século XIX, pois "Los primeros años de México independiente fueron desfavorables, como era natural, á los antiguos dominadores hispánicos."[561] O autor destaca que os 11 anos de guerra de independência ajudaram a sedimentar o ódio aos conquistadores e colonizadores, modificando o olhar acerca da dominação secular europeia. No governo, os novos líderes políticos que se destacaram com a emancipação, decidiram apagar a memória da dominação, ocultando brasões, emblemas, títulos e posses que lembravam esse passado. Não foram apenas os estudos sobre o passado colonial que ficaram silenciados, como percebemos, por exemplo, com a necessidade da retirada da estátua de Carlos IV do centro da Cidade do México antes que fosse vandalizada.[562]

Em 1822, foi proposta no Congresso a retirada dos despojos do conquistador e de qualquer outro colonizador de solos sagrados no México. O ardor desse tipo de discurso atemorizou alguns, como Lucas Alamán, que sugeriu encontrarem um local seguro para a urna funerária. Contudo, nomes como José María Luis Mora e William Prescott, afirmaram que, na

[559] José Luis Martínez escreveu a memorável biografia *Hernán Cortés*, na qual discorreu sobre os vários enterros que o capitão espanhol teve desde a sua morte.
[560] RAMÍREZ, José Luis. **Hernán Cortés.** México: FCE, 2015, pp. 649-669 [edição eletrônica]
[561] GONZÁLEZ OBREGÓN, L. "Los restos de Hernán Cortés – Disertación Histórica y Documentada". **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo III, 1906, p. 19.
[562] GONZÁLEZ OBREGÓN, *op. cit.*, 1906, p. 19.

verdade, ela foi levada para a Itália. González Obregón defende que não havia necessidade de pânico em relação aos espólios coloniais. Afirmar que a população, a *plebe patriota*, destruiria tudo à esmo em nome da nação, era o mesmo que taxá-los de irracionais e inconsequentes. Um dos pontos que observamos aqui é a ideia de construção de um novo imaginário, agora nacional, com o esquecimento de um ato para a rememoração de outros. Como diz José Murilo de Carvalho ao discutir o caso brasileiro,

> A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro.[563]

González Obregón escreveu uma monografia analisando os jornais da época; as teorias de conspiração, como a que defende que os restos do conquistador teriam sido levados para a Itália no século XVIII; e a documentação de contemporâneos do espanhol, que abordava o seu fim de vida. Inseriu, ainda, um apêndice com a reprodução das fontes utilizadas, que tinha tantas páginas quanto o texto principal. Personagens como Cortés não poderiam ser silenciados, ao contrário, deveriam ser sim inseridos no contexto de análise do passado mexicano, pela sua importância para se entender a origem do país. O que observamos até aqui, então, é a mescla temática dos artigos da 2ª época, que ficam cada vez mais plurais. Na 1ª época, temos a preferência latente por documentações e estudos sobre a Mesoamérica, pavimentando o caminho para o desenvolvimento da História. A partir desse momento, do final do século XIX, a origem grandiosa já fora estabelecida, abrindo espaço para enaltecer outros episódios fundamentais para a construção da nação, como o movimento emancipatório.

Genaro García, na mesma edição de González Obregón, ficou responsável por escrever alguns parágrafos sobre a reprodução do Índice Alfabético dos *Documentos para la Historia de Mexico*, publicado em 20 volumes[564] por Manuel Orozco y Berra na década de 1850.[565] Esses apontamentos foram inseridos na seção de Biografia e Bibliografia, que teve a função de divulgar bibliografia de apoio aos estudos históricos e arqueológicos, ditando, mais enfaticamente, os caminhos para o desenvolvimento historiográfico mexicano. Esse texto, em específico, dialoga com a criação do curso de História ministrado pelo *Museo Nacional*. No

[563] CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas – O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.11.
[564] Foram impressos entre 1853 e 1857.
[565] GARCÍA, Genaro. "Índice Alfabético de los 'Documentos para la Historia de México' publicados em cuatro series por D. Manuel Orozco y Berra". **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo III, 1906, p. 523.

Reglamento del Museo Nacional enviado à Secretaria de Instrução Pública pelo subdiretor Manuel Urbina, o artigo segundo indica que:

> El Museo Nacional impartirá la enseñanza de la Historia, de la Arqueologia, de la Etnologia y del idioma mexicano en clases especiales y con sujeción á los programas que formen los profesores respectivos y que apruebe la Secretaria de Instrucción Pública y Bellas Artes.[566]

Segundo García, o desenvolvimento do curso foi satisfatório a ponto de seus alunos se dedicarem, como parte do programa, a realizar uma *Bibliografía Histórica Mexicana*. Assim,

> (...) se llevarán al cabo, seguramente, las nacionales restantes, con lo cual nuestra patria quedará dotada, no muy tarde, de los únicos instrumentos del trabajo intelectual que pueden hacer que la documentación sea "fácil, rápida y completa en todos los órdenes de conocimientos."[567]

A publicação dos índices alfabéticos facilitaria e otimizaria a pesquisa sobre a História Pátria. Não adiantava criarem uma extensa biblioteca documental, com códices, crônicas e análises sobre o passado se a consulta fosse difícil. Inclusive, as classes de História começavam a dar frutos, que foram apoiados pelos *Anales*. Ignacio B. del Castillo (1886-1966), por exemplo, foi aluno de García no *Museo Nacional* e teve sua dissertação sobre Cuauhtemoc[568] publicada pela revista.

4.3 1907 e 1908

Genaro García, em 1907, foi nomeado pelo próprio Porfirio Díaz como subdiretor do *Museo Nacional*, "(...) que tanta importancia tiene para la educación y el prestigio nacionales, á causa de ser nuestro establecimiento público más visitado de mexicanos y extranjeros".[569] Ao apresentar sua gestão, tece duras críticas ao que os *Anales* se tornaram ao longo dos anos. Sua meta era impulsioná-los para que se tornassem verdadeiramente populares a ponto de atraírem mexicanos interessados no trabalho acadêmico, de preferência dentro das temáticas desenvolvidas ali . Havia grandes obstáculos sociais para essa visão utópica se concretizar, porém, a análise abarcava quais caminhos o museu e a revista deveriam tomar se quisessem fazer a diferença de fato. Um dos problemas, em seu ponto de vista, era a falta de originalidade nos textos,

---

[566] AMNA, Vol. 11, Sección 19, 1907, p. 193.
[567] GARCÍA, *op. cit.*, 1906, p.523.
[568] Intitulada *Cuauhtemoc. Su ascendencia, su edad, su descendencia.*
[569] GARCÍA, Genaro. "Advertencia". **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo IV, 1907, p. I.

> (...) no obstante, significarán un nuevo esfuerzo hacia el progreso, sin el cual ningún pueblo tiene vida perdurable, y tal vez significarán también un adelanto efectivo, siquiera sea débil y corto, cual corresponde á una nación nacida ayer apenas á la vida de paz, y por ende, á la vida intelectual.[570]

Vale ressaltar que essa opinião já era expressa pelo autor desde 1905, quando apresentou seu plano de aulas para a disciplina de História que seria ministrada no museu.[571] Defendia que o curso de História se tornasse superior, o que permitiria a formação de especialistas que contribuiriam de maneira eficaz ao desenvolvimento desse campo de estudos no México.[572] Ele acreditava na importância do surgimento de um curso que suprisse necessidades que o país possuía e que as outras escolas não ofereciam, além de entender que o escopo da História "(...) solo deben comprender el período trascurrido desde el descubrimiento de la Nueva España por los Españoles hasta nuestros días, por estar reservada la época anterior á la clase de Arqueología."[573] Dessa forma, o *Museo* estabelece a separação temporal entre História e Arqueologia a partir, sobretudo, da análise documental. Como disse Chavero nos Estados Unidos em 1904, a última é fundamental para os estudos históricos, mas seu objeto de trabalho era a materialidade, eram os monumentos e os objetos coletados por todo o país. No caso da História, eram os manuscritos e os livros, e a estrutura que faltava para a revista nos seus primeiros anos agora vinha por meio da organização intelectual sobre cada departamento e seção do *Museo*[574]. O que Genaro García faz é desafiar a revista a se tornar um veículo unânime dentre o meio acadêmico e o senso comum.

Em 1907, os governadores receberam uma cobrança para a fiscalização e a prática do artigo sétimo da Lei de Monumentos Arqueológicos de 1897, em que dizia:

> El Ejecutivo Federal hará el nombramiento de los guardianes que fueren necesarios para a vigilancia inmediata y especial cuidado de los monumentos arqueológicos, sin perjuicio de los Gobernadores de los Estados, cuyos territorios se encuentren situados monumentos arqueológicos, tomen las medidas que juzguen convenientes para la mejor observancia de esta ley, en cumplimiento de la obligación constitucional respectiva.[575]

Havia, portanto, um aparato legal que acompanhava todo o desenvolvimento científico mexicano, por fazer parte de um projeto estatal de nação. É nessa época, também,

---

[570] GARCÍA, *op. cit.*, 1907, p. I.
[571] AGN, CX 170, Exp 25.
[572] *Idem*, f. 4.
[573] *Idem.*
[574] Ele vai além e apresenta o plano de aula que deveria ser seguido: "Principiarán las clases de historia con un análisis suscinto de las principales fuentes de esta, y tratarán después de las expediciones de Francisco Hernández de Córdova y de Juan de Grijalva; Conquista de la Nueva España; establecimiento de la dominación española; gobernadores; audiências; virreyes; independencia; imperio, gobierno provisional; república federal, 1ª época; república central, 1ª época; dictadura, 2ª época; república federal, 3ª época, hasta nuestros días." AGN, CX 170, Exp 25, f. 4.
[575] AGN, CX 168, Exp 5, f. 1.

que as discussões sobre a fundação do *Museo Nacional de Historia Natural* ganharam força. Existem documentos em que a cúpula do museu e o governo discutem para onde será levado o acervo que, já em 1908, estava sendo encaixotado. Manuel Urbina dá seu parecer sobre a gravidade da situação, pois as peças estavam sob risco de umidade, mofos e parasitas. Uma das ideias que o incomodou e motivou o texto era a possibilidade de deslocarem o acervo para o edifício de ferro e vidro situado na *calle del Chopo*. Cometiam um erro crasso ao sugerirem esse local, pois muitos dos espécimes não podiam tomar sol e ficarem expostos por tanto tempo ao calor, considerando que um prédio de vidro se transforma em uma estufa rapidamente. Ele explica as tecnicalidades do problema e dá algumas soluções caso não encontrem local mais bem estruturado, como pintar alguns vidros com tintas verdes e brancas que filtrassem a luz, por exemplo[576]. Portanto, mesmo que pensassem na separação das coleções para que cada uma pudesse ser preservada adequadamente e para que as exposições se tornassem coesas, a falta de organização ainda imperava.

Não foi diferente com o futuro *Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnologia*, que recebeu o parecer de Genaro García. Sua preocupação era definir os Departamentos e como garantiriam o seu mote principal, que era a instrução pública. O local foi dividido em seções de Arqueologia, História e Etnologia, sendo que cada uma tinha seu projeto específico de exposição do acervo e a principal preocupação era com o didatismo da narrativa museológica que seria empregada ali. Na área arqueológica, por exemplo, o foco era demonstrar a ordem do desenvolvimento natural das civilizações indígenas e como elas se organizaram ao longo do tempo.[577]

Observamos, dessa forma, que a "advertência" feita por García em 1907 se refere a esse processo de mudança profunda que a instituição passava naquele momento. Sua premissa como subdiretor era organizar e ordenar os departamentos, inclusive os *Anales,* que eram fundamentais na divulgação dos trabalhos exercidos ali. A História se relacionava cada vez mais aos documentos escritos, ao período colonial e ao início da República. O autor, no tomo IV da 2ª época, publicou outro Índice Alfabético[578], colocando em prática o que prometera, de auxiliar, de fato, o crescimento da produção científica mexicana. Em 1908, contudo, a revista apenas continuou a publicação do "*Diccionario de mitologia nahoa*" feito por Cecilio A.

[576] AMNA, Vol.12, Sección 6, 1908, f.29-31.
[577] AMNA, Vol 12, Sección 7, 1908, f.41.
[578] Nesse caso nos referimos ao "Índice Alfabético de la 'Colección de documentos para la Historia de la Guerra de Independencia de México, de 1808-1821' formada por J. E. Hernández y Dávalos".

Robelo, que desmembrado e impresso desde 1905. Encerrou-se, ali, a 2ª época dos *Anales*, junto com o fim do *Museo Nacional.*

4.4 A 3ª Época dos novos *Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología*

A partir desse momento, não existia mais o *Museo Nacional de México* e o Departamento de História Natural foi transformado em seu próprio museu. As coleções históricas e arqueológicas passaram a fazer parte de uma nova instituição, o *Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología*, renomeando, também, a revista.[579] Essas primeiras três épocas tiveram um resultado mais significativo em relação ao desenvolvimento científico mexicano, dando protagonismo ao *Museo*. Quando a revista foi paralisada até sua volta em 1923, não alcançou o mesmo prestígio de antes.

Ocorreu uma guinada no pensamento antropológico após a publicação de artigos que abordassem a regionalidade de diversas civilizações em várias seções[580] Enquanto a seção de História foi preenchida por textos monográficos e de temáticas relacionadas ao período colonial e independente, as de Etnologia e Arqueologia, principalmente, apresentavam trabalhos sobre os indígenas da sua época.[581] A revista se tornou mais completa do ponto de vista institucional, abraçando diferentes temáticas e acompanhando o desenvolvimento do próprio museu. Surgiu naquele início do século XX uma nova preocupação com a memória e com quais fatos e momentos esta deveria ser construída. Se no *porfiriato* havia um positivismo fortemente inspirado na tradição francesa, com intelectuais resgatando peças das civilizações indígenas e erguendo museus para mostrá-las ao público, em 1909 houve uma mudança de perspectiva. Era o resgate dos insurretos e da vontade de destrinçar essa parte da história mexicana que ficou calada durante quase um século. Os fatos políticos se tornaram parte da narrativa histórica desenvolvida pelos alunos do *Museo*, que publicavam seus textos na revista.

Em 1909, com o primeiro tomo sob sua coordenação, o artigo de Elías Amador sobre o clero na independência mexicana trouxe a temática que fora aderida na época anterior, mas era original ao apresentá-la sob um novo ponto de vista. Em "*El clero mexicano en la revolución de la Independencia*", destaca-se a *terrible y sangrienta* primeira luta insurgente e o papel fundamental dos sacerdotes nesse episódio. Personagens como Francisco Primo Verdad

---

[579] CÁMARA BARBACHANO, Fernando. "Anales y Fastos, cronología e historia". **Boletín Oficial del Instituto Nacional de Antropología e Historia.** Antropología. Nueva Época, Janeiro-Março, 2003, p. 7.
[580] ZERMEÑO, Guilherme. "Los Anales del Museo Nacional de México: un filón para la historia moderna de la historia." **Boletín Oficial del Instituto Nacional de Antropología e Historia.** Antropología. Nueva Época, Janeiro-Março, 2003, p.12.
[581] Vide Anexo III.

y Ramos (1760-1808), Juan Francisco Azcárate y Lezama (1767-1831), José María García Obeso (1770-1813), José Mariano de Michelena (1772-1852), Ignacio José de Allende e Unzaga (1779-1811) aparecem como defensores da liberdade, "(...) los primeros campeones ó iniciadores de tan gloriosa idea, (...) poseídos de acendrado patriotismo y ardiente amor á la libertad (...)"[582]. Para Amador, esses religiosos eram poucos valorizados em comparação aos *caudillos* que, com mérito, foram fundamentais para a concretização do processo de independência. Contudo, os eclesiásticos deveriam ser reconhecidos não só pelos feitos, mas também pelo alcance encontrado entre as comunidades locais que participaram do movimento.[583]

Nos primeiros parágrafos, o autor já expõe que os religiosos, motivados pelo *fuego del patriotismo*, se rebelaram contra o sistema no qual estavam inseridos, com muito mais possibilidades de perdas do que políticos, por exemplo. "¿Qué potentes resortes pudieron obligarlo á trocar su pacífico ministerio religioso por la difícil y turbulenta misión de libertador y de guerrero?"[584] foi uma das perguntas feitas por Amador que nos indica sua forma de conduzir o trabalho. Não se duvida da vontade dos outros grupos sociais de ver o país independente, contudo, ele enfatiza que os religiosos lutaram com garra por quererem, genuinamente, "(...) ver libre al pueblo mexicano, así como la firme convicción de que solamente la libertad podía traer á México los inapreciables beneficios de su autonomia, su bienestar y engrandecimiento."[585]

Essa era a definição de patriotismo de Amador, a redenção altruísta daqueles que exacerbaram suas funções primeiras em suas dioceses e paróquias. Hidalgo foi comparado a Spartacus, o escravo romano que mobilizou a população contra a República Romana. A posição de articulador foi imputada a ele, e é na sua trajetória que o autor se dedica o começo do seu texto. Um ponto importante nesse processo do renascimento das figuras religiosas, foi o arrebatamento do público, pois

> Las multitudes entonces poseídas del frenético entusiasmo, obedientes á la voz de su atrevido jefe y confiadas en la justicia de su causa y em el poder de su sagrado estandarte, se arrojaban animosas y ciegas á buscar el triunfo ó la muerte en los combates. [586]

---

[582] AMADOR, Elías. "El clero mexicano en la revolución de la Independencia" **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época, 1909, p. 179.
[583] *Idem,* pp. 179-180.
[584] *Ibidem*, p. 182.
[585] *Idem.*
[586] AMADOR, *op. cit.*, 1909, p.183.

Mesmo com as adversidades, o engajamento popular foi grande a ponto dos seus símbolos se tornarem parte da cultura nacional, uma conclusão não encontrada até então entre os trabalhos publicados pela revista. A escolha da Virgem de Guadalupe (um culto que teve sua origem intimamente ligada à visão de um nativo), por exemplo, como padroeira dos insurgentes e do futuro país, não é inócua. A sua importância para o povo não poderia ser sublimada e o mesmo ocorreu com o resgate do passado pré-colombiano. Elias Amador insere o indígena do presente na narrativa histórica, mesmo que o protagonismo do movimento insurreto estivesse nas mãos dos religiosos. Existe uma clara diferença dos discursos proferidos até ali, momento em que a instituição inicia um processo de reforma interna importante.

Genaro García escreveu uma introdução para essa nova fase, na qual recapitula brevemente a origem do *Museo Nacional,* a maneira pela qual uma coleção se tornou um museu estruturado e os orçamentos disponibilizados pelo governo para que a instituição se mantivesse. Por exemplo, até 1877, por causa das contas públicas que ainda estavam mergulhadas em dívidas, o teto era de 12.160 pesos. Com a entrada de Porfirio Díaz, García enfatiza que todos os estabelecimentos educativos federais foram impulsionados financeiramente e, em 1900, a verba chegou a 24.797,20 pesos, um aumento considerável que deu oportunidade para que o *Museo* desenvolvesse.[587]Esse progresso, segundo o autor, ocorreu mais rapidamente quando Justo Sierra foi nomeado como Secretário de Estado. Durante seus vários anos à frente da Secretaria de Instrução Pública, ajudou o *Museo* a se tornar um estabelecimento verdadeiramente docente, (...) pues desde entonces no ha cesado de abrir cátedras de todas las ciencias que cultiva, de estabelecer diversos talleres, de multiplicar sus publicaciones, de ensanchar su biblioteca y de clasificar y describir cuantos objetos expone al público.[588]

Nesse mesmo período, até 1909, quando a Introdução foi escrita, foram adicionados cerca de 70 mil objetos à coleção. Esse é um dos motivos para a criação do *Museo de Arqueología, Historia y Etnología*, pois não havia espaço que comportasse todo o acervo mais o de História Natural. Os *Anales*, a partir desse momento, seguiram sem abordar as ciências da natureza e passaram a enfatizar outras temáticas e, para García, esse novo passo tomado pelo museu facilitou a exposição dos seus ideais para o público.

Em 1910, apenas dois artigos de História foram publicados, sendo um deles feito pelo aluno do *Museo*, Agustín Agüeros de la Portilla (1883-1917), sobre o periodismo mexicano desde o século XVI até 1809. Na sua introdução, faz uma digressão até a Grécia Antiga para

---

[587] GARCÍA, Genaro. "Introducción". **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época, 1909, pp. VI-VII.
[588] *Idem,* p. VII.

apontar o surgimento da necessidade da comunicação de notícias no geral, seja do cotidiano, seja da política. Percorreu a História ocidental, passando pela Roma Antiga, a Idade Média até chegar no século XV, com a República Veneziana e a criação da imprensa de Gutemberg.[589] Essa mudança tecnológica afetou profundamente a sociedade ocidental e, ao longo do texto, o autor passou a delinear, século por século, o desenvolvimento da imprensa no México.

Como vimos no Capítulo 2, as seções de Biografia e de Bibliografia ganharam força na 3ª época. Uma das funções dos trabalhos alocados ali era dar suporte metodológico e bibliográfico para pesquisadores. O público-alvo, a partir desse momento, era outro. Não que as primeiras épocas fossem feitas apenas para leitores em geral, mas a estrutura dada aos artigos demonstra a profissionalização da revista. Havia alguns nomes, como Manuel Orozco y Berra e Alfredo Chavero, que faziam trabalhos longos publicados em vários tomos, em contraposição a Jesús Sánchez e Gumesindo Mendoza, por exemplo, que abertamente discutiam o fato de escreverem pensando na didática da informação passada pelos *Anales*. No tomo de 1910, a seção de Biografia recebeu três longos artigos de assuntos diferentes, um sobre notas biográficas dos insurgentes, um sobre Cuauhtémoc e o último sobre literatos mexicanos autores de ópera.

Em 1911, por sua vez, os três artigos discutem a insurreição do século XIX, sendo que Elias Amador, um dos autores escolhidos, submeteu o texto que foi apresentado no concurso de História promovido pelo *Museo* em 1909, como parte das comemorações do primeiro centenário da independência. Intitulado "*Los caudillos de la independencia ante el patíbulo*", ele se aprofunda na vida de personagens que considera importantes e que não tinham muita visibilidade na narrativa histórica. Seu texto é eloquente, exaltando a História Pátria, pois "No es posible ver con indiferencia la grandiosa obra de nuestra redención, porque tal indiferencia equivaldría á no conceder á esa obra la magnitud y el inmenso interés nacional que ella encierra."[590] Foi um processo paulatino de exaltação desse estágio da História nacional, ampliando o horizonte historiográfico. Ao longo do desenvolvimento do *Museo* e da própria revista, a temática foi adquirindo novos contornos e o próprio clima político do momento auxiliava nessa questão.

A instabilidade do país devido às manifestações contra o governo de Porfirio Díaz e o crescimento do movimento revolucionário afetaram a publicação dos *Anales.* Em 1913,

---

[589] DE LA PORTILLA, Agustín Agüeros. "El periodismo en México durante la dominación española. Notas históricas, biográficas y bibliográficas." **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época, 1910, pp. 357-359.

[590] AMADOR, Elías. "Los caudillos de la independencia ante el patíbulo". **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época, 1911, pp. 353-354.

Genaro García publicou uma *Advertencia* naquele que seria o último tomo da revista por alguns anos e o fim da 3ª época. No dia 13 de agosto de 1913, o presidente interino Victoriano Huerta (1850-1916) autorizou a sua renomeação como diretor do *Museo* e ressalta a manutenção do projeto de 1907, que circunscreveu, sobretudo, a elaboração e publicação de trabalhos originais pela instituição. Sua intenção, ao justificar a utilização do mesmo programa, foi de:

> (...) procurar la mejor manera posible el desarrollo de nuestra Arqueología, que es, indudablemente, la más interesante de América; de nuestra Historia, destinada a difundir el amor a la patria, y de nuestra Etnología, sin la cual resulta aventurada y aún ociosa la resolución de nuestros más serios problemas nacionales.[591]

O assunto de destaque, contudo, dizia respeito à lei de *Conservación de Monumentos Históricos y Artísticos y Bellezas Naturales*, promulgada em 6 de abril de 1914. Com ela, foi criada a *Inspección Nacional de Monumentos Artísticos e Históricos*, órgão responsável pela conservação e cuidados do patrimônio nacional e fiscalizado pela *Secretaría de Instrucción Pública y Bellas Artes*. Além da novidade da inserção das belezas naturais como bens públicos, foi estabelecida uma política de cuidado com aqueles monumentos que simbolizavam o melhor que o país possuía em relação à própria identidade.[592]

García diz estar preparado para receber as peças e monumentos se preciso, além de enfatizar o uso do time de engenheiros e fotógrafos para melhorar ainda mais os inventários. Os inspetores do governo coordenavam as práticas de conservação e o deslocamento de objetos, mas o diretor se mostrava prestativo, enfatizando o profissionalismo da instituição. Contudo, enquanto a área de patrimônio ganhava regulamentação, as publicações do *Museo* sofriam por diversos motivos, sendo um tanto abandonadas.[593] Como vimos no Capítulo 2, desde a saída de Díaz e do estabelecimento do governo revolucionário, o andamento do *Museo* foi afetado. A desorganização é alfinetada por García ao dizer em nota de rodapé que algumas publicações, como o tomo VII dos *Documentos Históricos Mexicanos* foram feitas em seu nome, mas sem a sua fiscalização e sem o rigor que gostaria. Desde 1867 ele editava essa compilação de fontes, mas deixara a posição em 1911. A insistência de atribuírem-lhe a autoria sem sua supervisão incomodou por colocá-lo em uma difícil posição como intelectual e como parte da diretoria. Ao retomar seu cargo, prometeu coordenar de perto as publicações, inclusive os *Anales*, e o desafio era outro: mobilizar os colaboradores para contribuírem,

---

[591] GARCÍA, Genaro. Advertencia. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época, 1913, p. I.
[592] RODRÍGUEZ MORALES, Leopoldo. Ley sobre Conservacción de Monumentos Históricos y Artísticos y Bellezas Naturales, promulgada el 6 de abril de 1914. **Boletín de Monumentos Históricos.** 3ª época, n. 21, 2011, pp. 206-211.
[593] *Idem,* p. II.

> Desde luego me permito invitar indistintamente a todos nuestros intelectuales de buena voluntad para que colaboren en ellas con su contingente de saber o de talento y del modo que cada uno juzgue mejor: así demostrarán siquiera sea en el humilde y reducido campo del Museo, que por el común amor el adelanto de la patria, la solidariedad es perfectamente factible entre los mexicanos sin que ninguno de ellos tenga que renunciar a sus creencias religiosas ni a sus opiniones políticas, sino antes bien profesando todos las unas y las otras con entera libertad.[594]

Vemos, aqui, como o *Museo* estava com dificuldades de manter suas atividades triviais, de maneira que até o convite a profissionais para publicarem na revista oficial se transformou em um ato complexo.

Em 1922, Luis Castillo Ledón (1879-1944) fez uma recapitulação das principais publicações do *Museo* e reiterou as dificuldades que passadas com a saída de Diaz. Anos antes, havia crescido o número de obras impressas e divulgadas pela instituição. Ainda que o *Boletín* tivesse sido mantido em 1913, assim como outros tomos comemorativos, a situação se deteriorara com a morte de Francisco I Madero (1873-1913), que trouxe ainda mais instabilidade. Quando acabou a 3ª época, podemos dizer que junto foi o protagonismo do *Museo* como instituição-chave no desenvolvimento científico mexicano, o que diminuiu, também, a importância dos *Anales* como principal veículo de propaganda. O símbolo dos *cientificos* teve sua luz diminuída. Porém, durante as três épocas, o que percebemos foi o desenrolar de uma trama que era protagonizada pelo passado mexicano e isso não teve fim. Apesar das mudanças políticas, a constante na construção da própria imagem era a exaltação do passado mexicano. De 1877 a 1913, as temáticas evoluíram em uma tentativa de ordenar a narrativa de si. Essa conexão, que se transformou em um zelo, com os ancestrais, como vimos na Introdução, até hoje faz parte da identidade mexicana.

[594] RODRÍGUEZ MORALES, *op, cit.,* pp. II-III.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento dos *Anales del Museo Nacional de México* fez parte do processo de consolidação do projeto de construção da identidade nacional mexicana. Na Introdução, indicamos como Tenorio-Trillo criou um sistema que analisa o foco dado a períodos específicos da história mexicana. O *Porfiriato*, apesar de combatido após a Revolução de 1910, foi o momento no qual o passado pré-colombiano se tornou a origem grandiosa do país. Isso não mudou nem após as rupturas políticas.

A instabilidade vivida pelo México durante o século XIX foi abrangente. Passou por mais de trinta governantes diferentes, sendo poucos representantes de um sistema democrático. Perdeu uma porção considerável do seu território em conflitos armados e transações comerciais, além de ter sido invadido por tropas francesas e ter um Império estrangeiro instituído. Com a expulsão de Maximiliano I, o país viveu a política liberal de Benito Juárez, Sebastián Lerdo de Tejada, Manuel González e Porfírio Diaz até o movimento revolucionário em 1910. Foi no século XIX que os governos perceberam, com maior intensidade, a importância da influência científica na sociedade, sobretudo com o desenvolvimento tecnológico. Desde o Iluminismo até a ideologia positivista, o saber enciclopédico foi estabelecido como a principal maneira de enxergar o mundo.

A consolidação do colecionismo afetou a forma como a cultura passou a ser discutida entre os séculos XVIII e XIX. O que era uma prática provada que contemplava a elite aristocrática tornou-se plano estatal. Essa mudança no olhar, que ocorreu sobretudo na Europa, teve consequências no México. Ademais, o novo Estado independente, que precisava criar uma ideia de nação coesa, decidiu desenvolver uma narrativa embasada na cultura mesoamericana. A manifestação científica, aliada à curiosidade sobre o mundo e sobre si, alinhou-se à construção do *Museo Nacional de México.* Criado por meio de um projeto de lei em 1825, mas desenvolvido de fato a partir de 1831, ele foi o pioneiro dos museus mexicanos feitos com a intenção de fazer e expor a imagem do país. Seu acervo data desde o século XVIII com as expedições voltadas ao reconhecimento territorial e constituiu-se de exemplares diversos, como espécimes vegetais, animais e minerais, além de objetos pertencentes aos antepassados. Uma das medidas mais importantes foi a proteção dos monumentos que eram descobertos por todo o país contra a exportação. Assim, mantinham o controle da própria História enquanto essas peças eram ressignificadas a partir dos referenciais que queriam estabelecer naquele momento presente.

Muitos dos viajantes e exploradores, em nome do Estado ou não, justificavam a expropriação dos objetos pré-colombianos como um tipo de auxílio para a manutenção da História do local viva. Apontar a falta de leis que protegessem o patrimônio justificava a tomada dessas peças e se transformava em mais um motivo para que o México, como instituição, ficasse em alerta em relação à própria origem. Ou seja, há um interesse externo, pois pensar o passado já era prática comum no mundo ocidental; cresce uma vontade interna de se mostrar desenvolvido e capacitado para discorrer sobre a própria história. O museu começa a praticar o colecionismo de âmbito institucionalizado, e os *Anales* se tornam um trabalho de intelectuais comprometidos com a nacionalização do campo das ciências humanas mexicana, que defendia um lugar para as antiguidades entre os grandes cânones históricos. Com ele, os valores cívicos do país se solidificaram e o passado foi sacralizado.

Conclui-se que, mais do que uma instituição voltada à exposição do conhecimento sobre aquela terra, seja do passado ou do presente, o *Museo* era um símbolo do nacionalismo crescente no México. A nação se formulava aos poucos. Se nos apropriarmos da explicação de regimes temporais de Benedict Anderson, as personagens partícipes naquele momento delineavam o significado do próprio país para si mesmo. Com a independência, a busca pela emancipação simbólica, além da material e da política, da Espanha, era latente. A quebra da dominação e da tradição suscitava novos horizontes de conhecimento. É interessante perceber que, assim, a nação *se forma*, isto é, *não é formada* apenas. Muito se fala da artificialidade das escolhas simbólicas feitas por instituições e elites em todos os locais, não só na América Latina. Porém, estabelecer que uma nacionalidade é artificial implica a existência de uma nata. O que seria natural no contexto mexicano que trabalhamos nesta tese? Os *nahoas* do período pré-hispânico? Alguns intelectuais se enveredaram por essa seara, buscando a compreensão do momento em que viviam através da origem, da volta ao passado.

O *Museo*, portanto, é um veiculador da cultura escolhida tanto quanto é parte da sociedade e suas primeiras décadas foram marcadas pelos problemas políticos do país. Apesar de parte da historiografia reivindicar o *status* de centro de pesquisa, foi a partir da década de 1850 que essa característica floresceu. Novas diretrizes foram instituídas, como parcerias internacionais, viagens exploratórias e, sobretudo, a mudança para a *Calle Moneda*, deixando o pequeno espaço ocupado dentro da Universidade. Com o *Porfiriato*, o financiamento aumentou e os *Anales* foram publicados em 1877. É importante ressaltar que não era a única publicação do *Museo* nem a primeira, mas o foco nos estudos históricos, arqueológicos,

etnológicos e naturais são fundamentais para entendermos o seu papel na construção da História oficial mexicana.

Para que a revista alcançasse esse ideal, havia dois grandes passos que deveriam percorrer: a aliança com outras instituições pelo mundo para que criassem a própria linguagem a partir dos instrumentos conhecidos; e a análise dos objetos que preenchiam as salas do *Museo* com o novo olhar que era impresso naquele momento, direcionado ao progresso do país. A História pátria tornou-se um mecanismo legítimo de expor e disseminar a concepção de identidade nacional balizada pelo Estado. Os *Anales* eram recheados de artigos embasados na metodologia positivista. A História, nesse caso, era o caminho pelo qual o presente em que viviam ganhou sentido. A origem mexicana é diversa, mas os intelectuais decidiram qual passado deveriam valorizar e era o pré-colombiano. Contudo, nem todos os povos eram enaltecidos e o protagonismo ficou, claramente, nas mãos de astecas e maias, enquanto outros grupos se tornaram coadjuvantes.

As mudanças que ocorreram no *Museo* afetaram diretamente a revista. Com o nome *Anales del Museo Nacional de México* foram publicadas as 1ª e 2ª épocas, que correspondiam ao período de 1877 a 1908. Já a 3ª época foi renomeada devido ao surgimento do *Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología* e foi finalizada em 1913. O próximo número só foi impresso quase dez anos depois, devido às atribulações causadas pelo movimento revolucionário.

Ao analisarmos a 1ª época, observamos que a revista não possuía uma estrutura padronizada, seja na diagramação, seja na própria temática, pois cada número abrigava quantidades diferentes de artigos, por exemplo. Nesse momento, o *Museo* era reorganizado. O Departamento de História definiu que a exposição do acervo seria feita de forma cronológica e a decisão corrobora uma perspectiva clara na revista. A História era conduzida pelo positivismo, que pregava, entre outros pontos, um horizonte evolutivo para a sociedade no geral. O passado não ficou de fora. No caso do México, a origem de tudo era gloriosa, a colonização se mostrou um período desafiador, passaram por um movimento independentista encabeçado por ilustrados e intelectuais para que, no fim, alcançassem a modernidade e o progresso. Fica claro, portanto, que as manipulações do fio invisível da História feitas no presente utilizavam memórias do passado para solidificarem os desejos para o futuro hipotético. O futuro, que é inexorável, mas se mostra vívido no olhar do presente.

É importante ressaltar que a prática de silenciamento dos indígenas era normalizada desde a conquista. É conhecido que dentre os povos mesoamericanos o apagamento da cultura

do outro era algo comum, assim como em diversos locais da sociedade mundial. No exemplo mexicano, as crônicas, como as apresentadas no tomo VI da 1ª época, expõem a visão do religioso acerca dos nativos, mas estes não tinham o mesmo espaço para se definirem. Ou seja, esquecer os indígenas não era uma prerrogativa do século XIX e, ainda que a 3ª época dos *Anales* trouxesse mudanças nos temas históricos estudados, a população majoritária permaneceu às margens. A História escolhida para ser imagem do país era a do passado grandioso, algo sentido até os dias de hoje.

A 2ª época, por sua vez, se mostrou um pouco mais organizada que a antecessora, mas havia uma constância: o predomínio de trabalhos sobre ciências humanas. Os temas relacionados à natureza eram cada vez mais excluídos da revista, um dos "sintomas" para o surgimento do *Museo Nacional de Historia Natural*, onde o grande acervo de espécimes naturais foi conservado e estudado apropriadamente. A 3ª época foi marcada pelo fim do *Museo Nacional* como era conhecido até então, e também pela reformulação dos artigos históricos. A ênfase foi deslocada para os acontecimentos do próprio século XIX, com destaque dado ao movimento de Independência. Personagens e fatos políticos dominaram as pesquisas alterando paulatinamente a narrativa positivista, apesar da ideologia ainda ser muito forte. O estilo de escrita mudou e a própria revista se "profissionalizou" ao delimitar os eixos temáticos que deveriam ser publicados.

Os responsáveis tanto pelo sucesso do *Museo* – que apesar de não ter tido uma sede própria adquiriu credibilidade nacional e internacional – quanto dos *Anales* foram os intelectuais nomeados para a diretoria, docência e pesquisa. Figuras como Francisco del Paso y Troncoso, Jésus Sánchez, Gumesindo Mendoza, Alfredo Chavero, Manuel Orozco y Berra, Luiz González Obregón, Jesús Galindo y Villa e Elías Amador deixaram sua marca ao longo das épocas que estudamos. Eles decidiram que o país deveria ser reconhecido como moderno, científico e com uma História tão interessante quanto a de outros, seja por meio de artigos, que todos escreveram, ou por assumirem o cargo de Diretor, inclusive coordenando viagens de reapropriação de documentos mexicanos. Apesar das diferenças claras entre eles, que vimos nos trabalhos analisados nos capítulos anteriores, um ponto em comum todos possuíam: o apreço pela reconstrução do México Antigo para ser o fio condutor da nação.

Os textos eram recheados de exemplos, elucubrações, descrições que se encaixavam no ideal de imparcialidade da época, mas que eram cheios de análises pessoais. O começo de tudo se deu com a pesquisa acerca dos objetos do *Museo*, que eram vistos não só como herança do passado escolhido para ser glorioso, mas também faziam parte daquele lugar

experimental tão em voga no século XIX e que auxiliou na formação da consciência histórica sobre si. O fazer História naquele momento acreditava na condução da narrativa cronológica a seu bel prazer, sendo que a ciência histórica é deslocada da cronologia natural. No século XIX, observa-se, assim, o esforço de estabilizar o presente para criar espaço para o futuro, que era entendido como o México, como a nação e como a identidade daquela população.

O passado pré-hispânico se tornou embaixador cultural, era o que o validava como nação, era o que atraía os olhares quando os mexicanos se transformavam. Isso tudo em um processo violento, de escolhas e silenciamentos, de heróis e mitos que permanecem. Foi a criação da memória e das suas características na medida em que se relacionava com o tempo. Ao entendermos a História como a necessidade de criar uma nova forma de olhar e refletir sobre o tempo, a Memória se torna maleável pela política e os interesses que a circundam. O período da "História excessiva" ultrapassou qualquer barreira política no país. Como diz Manuel Orozco y Berra no primeiro tomo da 1ª época, os *Anales* serviriam para "esclarecer a história da nossa civilização".

REFERÊNCIAS

FONTES

a) Jornais

El Monitor Republicano (1877-1878)

b) Obras Impressas

Anales del Museo Nacional de México. Primeira época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

Anales del Museo Nacional de México. Primeira época. Tomo II. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1882.

Anales del Museo Nacional de México. Primeira época. Tomo III. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1886.

Anales del Museo Nacional de México. Primeira época. Tomo IV. México: Imprenta del Museo Nacional, 1887.

Anales del Museo Nacional de México. Primeira época. Tomo VII. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

Anales del Museo Nacional de México. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

Anales del Museo Nacional de México. Segunda época. Tomo II. México: Imprenta del Museo Nacional, 1905.

Anales del Museo Nacional de México. Segunda época. Tomo III. México: Imprenta del Museo Nacional, 1906.

Anales del Museo Nacional de México. Segunda época. Tomo IV. México: Imprenta del Museo Nacional, 1907.

Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia. Terceira época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1909.

Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia. Terceira época. Tomo II. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1910.

Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia. Terceira época. Tomo III. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1911.

Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia. Terceira época. Tomo IV. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1912.

Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia. Terceira época. Tomo V. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1913.

ALTAMIRANO, Ignacio. **Historia y Política de México (1821-1882).** México: Empresas editoriales, 1947.

AMADOR, Elías. El clero mexicano en la revolución de la Independencia. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia**. Terceira época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1909.

AMADOR, Elías. Los caudillos de la independencia ante el patíbulo. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época. Tomo III. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1911.

BÁRCENA, Mariano de la. Consideraciones generales sobre la ciencia – Introducción al estúdio de la Paleontologia a mexicana. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

BERTHOLD, A. A. Descripción y estudio de un cráneo extraído de las tumbas de uno de los palacios de Mitla. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo III. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1886.

BOBAN, Eugène. **Documents pour servir à l'histoire du Mexique: catalogue raisonné de la collection de Eugène Goupil (ancienne collection J. M. A. Aubin).** Vol.1. (première partie)/ Eugène Boban; avec une introduction de M. E. Eugène Goupil et une lettre – préface de M. Auguste Génin. Paris: Monographie imprimée, 1891.

Breve Guía Descriptiva del Museo Nacional de México, formada por los profesores del establecimiento. México: Imprenta Nacional, 1906.

BRITON, D. Los Libros de Chilam Balam – Memoriales proféticos é historicos de los mayas de Yucatán. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo III. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1886.

CASTILLO LEDÓN, Luis. Las Publicaciones del Museo. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología.** México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología, 1922.

CHAVERO, A. Discurso pronunciado el 24 de septiembre de 1904 por el Señor Diputado Lic. D. Alfredo Chavero, en el Congreso de Artes y Ciencias de la Exposición Universal de San Luis Missouri. **Anales del Museo Nacional de México**. Tomo II. México: Imprenta del Museo Nacional, 1905.

CREELMAN, James. **Entrevista Díaz – Creelman**. Traducción de Mario Julio del Campo. 2ª ed. México: Unam, Instituto de Investigaciones Históricas, 2008.

DE LA PORTILLA, Agustín Agüeros. El periodismo en México durante la dominación española. Notas históricas, biográficas y bibliográficas. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época. Tomo II. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1910.

Diccionario de la lengua castellana por la Academia Española. 6ª edição. Madri: Imprenta Nacional, 1822.

FERNÁNDEZ, Carlos. Antigüedades mexicanas. **Anales del Museo Nacional de México.** Primera época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

GALINDO Y VILLA, Jesús. **Guía para visitar los salones de Historia de México del Museo Nacional**. México: Imprenta del Museo Nacional, 1896.

_____. **Catálogo del Departamento de Arqueología del Museo Nacional.** Primera Parte – Galería de Monolitos. México: Imprenta del Museo Nacional, 1897.

_____. El tomo V de los ‘Anales’ y la imprenta del Museo. **Anales del Museo Nacional de Antropología, Historia y Etnología**. Terceira época. Tomo V. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1913.

GARCÍA, Genaro. El Plan de Independencia de la Nueva España en 1808. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

GARCÍA, Genaro. Índice Alfabético de los "Documentos para la Historia de México" publicados em cuatro series por D. Manuel Orozco y Berra. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo III. México: Imprenta del Museo Nacional, 1906.

GARCÍA, Genaro. Advertencia. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo IV. México: Imprenta del Museo Nacional, 1907.

GARCÍA, Genaro. Introducción. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1909.

GARCÍA, Genaro. Advertencia. **Anales del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnología**. Terceira época. Tomo V. México: Imprenta del Museo Nacional de Arqueología, Historia y Etnografia, 1913.

GONZÁLEZ OBREGÓN, Luis. Conjeturas sobre quién pudo ser el autor de la obra Guerra de los chichimecas. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

_____. Las publicaciones del Museo Nacional. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

_____. Documentos de Historia Patria. El General Guerrero y Picaluga. Apuntaciones de un viaje hecho de Guadalajara al sul de México, por el primer ayudante Manuel Zavala en comisión del servicio. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo II. México: Imprenta del Museo Nacional, 1905.

_____. La colección de antigüedades de D. Antonio León y Gama. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo II. México: Imprenta del Museo Nacional, 1905.

_____. Los restos de Hernán Cortés – Disertación Histórica y Documentada. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo III. México: Imprenta del Museo Nacional, 1906.

KEANE, A. H. Cultura de los nativos americanos: su evolución independiente. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

MARTÍNEZ ALOMÍA, Gustavo. Situación de Yucatán antes de su descubrimiento. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

MENDOZA, Gumesindo. Prólogo. **Anales del Museo Nacional de México**. Primeira época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

_____. Ídolo Azteca de tipo chino. **Anales del Museo Nacional de México**. Primeira época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

_____. Las Pirámides de Teotihuacán. **Anales del Museo Nacional de México**. Primeira época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

_____. Estudio comparativo entre el sánscrito, el náhuatl, el griego y el latín. **Anales del Museo Nacional de México.** Primera época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

RAMÍREZ, José Fernando. Noticia de la obra. **Anales del Museo Nacional de México**. Segunda época. Tomo I. México: Imprenta del Museo Nacional, 1903.

OROZCO Y BERRA, Manuel. Dedicación del Templo Mayor de México. **Anales del Museo Nacional de México.** Primeira época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

PASO Y TRONCOSO, Francisco. Publicaciones del Museo Nacional de México. **Anales del Museo Nacional de México**. Primeira época. Tomo IV. México: Imprenta del Museo Nacional, 1887.

RAMÍREZ PARRAGUIRRE, Carlos (ed.) **El Programa del Partido Liberal Mexicano y su significación histórica.** México: s/e, 1949.

RAU, Charles. Tablero del Palenque en el Museo Nacional de los Estados Unidos. **Anales del Museo Nacional de México**. Primeira época. Tomo II. México: Imprenta de Ignacio Escalante, 1882.

SÁNCHEZ, Jesus. Cuestión histórica. **Anales del Museo Nacional de México.** Primera época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

_____. El Congreso Internacional de Americanistas en Europa y el cobre entre los aztecas. **Anales del Museo Nacional de México.** Primera época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

_____. Estudio acerca de la estatua llamada Chac-Mool ó Rey Tigre. **Anales del Museo Nacional de México**. Primeira época. Tomo I. México: Imprenta Poliglota de Carlos Ramiro, 1877.

_____. Informe al Secretario de Justicia e Instrucción Pública sobre las actividades del Museo Nacional. **Anales del Museo Nacional de México**. Primera época. Tomo IV. México: Imprenta del Museo Nacional, 1887.

TYLOR, E. B. **On American lot-games, as evidence of asiatic intercourse before the time of Columbus.** Leiden: E. J. Brill, 1896.

TOMÉ MARTÍN, Pedro. La cuestión del autor, a proposito de *Guerra de chichimecas*. SANTA MARÍA, Guillermo de, Fray. **Guerra de los chichimicas: México 1575 – Zirosto 1580.** Edição crítica, estudo introdutório, paleografia e notas por Alberto Carrillo Cázares. Zamora: El Colegio de Michoacán: Universidad de Guadalajara – Campus Universitario del Norte – Campus Universitario Los Lagos: El Colegio de San Luis, 2003.

BIBLIOGRAFIA

ACHIM, Miruna. **From Idols to Antiquity: Forging the National Museum of Mexico**. Nebraska: University of Nebraska Press, 2017. [edição eletrônica – *Kindle*]

_____. The National Museum of Mexico: 1825-1867. **Museum History Journal**. Vol. 9, n.1, 2016.

AILLÓN SORIA, Esther. La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto *L'Amérique Latine*, 1860-1930. In: GRANADOS GARCÍA, Aimer; MARICHAL, Carlos (org.). **Construcción de las identidades latinoamericanas. Ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX.** México: El Colegio de México, Centro de Estudios Historicos, 2004.

ALBIEZ, Sarah. **Die "Breve relación" des Pedro Ponce de León. Ein unbekannter Autor und sein Bericht über religiöse Praktiken in Zentralmexiko**. Bonn: BAS / Shaker Verlag, 2009.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. O 'colecionismo ilustrado' na gênese dos museus contemporâneos. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Vol. 33, 2001.

ALPERS, Svetlana. The museum as a way of seeing. In: KARP, I; LANINE, S. (orgs.) **Exhibiting Cultures: the Poetics and Politics os Museum Display.** Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.

ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de historia intelectual y otros ensayos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas – Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANNINO, Antonio, GUERRA, François-Xavier (org.). **Inventando la nación: Iberoamérica siglo XIX.** México: FCE, 2003.

APPADURAI, Arjun. (org.) **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: Eduff, 2008.

ASSMAN, Aleida. **Espaços de recordação. Formas e transformações da memória cultural.** Campinas, EDUNICAMP, 2011

AUSTIN, Alfredo López. **Hombre-Dios. Religión y política en el mundo náhuatl**, México, UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2014. (Série de Cultura Náhuatl. Monografías, 15). Disponível em:
http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/hombre/dios.html
Acessado em 30 de junho de 2015.

AZUELA BERNAL, Luz Fernanda. **Tres sociedades científicas en el Porfiriato. Las disciplinas, las intituciones y las relaciones entre la ciencia y el poder.** México: UNAM; Sociedad Mexicana de Historia de la Ciencia y de la Tecnología; Universidad Tecnológica de Nezahualcóyotl, 1996.

_____. RODRÍGUEZ-SALA, María Luisa. **Estudios históricos sobre la construcción social de la ciencia en América Latina.** México: UNAM, 2013.

BARBOSA, Fernanda Bastos. **O valor da paz: política e dissenso durante o governo de Porfirio Díaz (1876-1911).** Tese. Ouro Preto: UFOP, 2018.

BARBOSA, Fernanda Bastos e FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Pacificar a história: passado, presente e futuro nas formas de pensar a política mexicana na transição do século XIX ao XX. **História da Historiografia**. n. 7, 2011.

BARTRA, Roger. **La jaula de la melancolía: identidad y metamorfosis del mexicano**. México: Grijalbo, 1996.

BARTRA, Roger. **El salvaje en espejo.** México: Ediciones Era, 1992.

BAZANT, Milada. **Historia de la educación durante el porfiriato.** México: El Colegio de México, 1995.

BENÍTEZ, Fernando. **Lázaro Cárdenas y la Revolución Mexicana**. Vol. 1 - "El Porfirismo". México: FCE, 1977.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **De la idolatría: un arqueología de las ciencias religiosas**. México: FCE, 1992.

BERTAZONI, Cristiana; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria (orgs.). **História e arqueologia da América indígena: tempos pré-colombianos e coloniais.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

BETANCOURT, Ignacio Guzmán (Org.). **Los nombres de México**. México: Porrúa, 2002.

BITTENCOURT, José Neves; BENCHETRIT, Sarah F; TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (ed.). **História representada: o dilema dos museus.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

BOLIO, Francisco José Paoli. **Conciencia y poder en México – siglos XIX y XX.** México: Porrúa, 2002.

BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovações, coleções, museus.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRADING, David. **Los Orígenes del nacionalismo mexicano**. México: Era, 1985.

_____. **Mito y profecía en la Historia de México**. México: FCE, 2004.

_____. **Orbe Indiano: De la monarquia católica a la República criolla (1492-1867).** México: FCE, 1991.

BRAMBILA PAZ, Rosa; GORTARI, Rebeca de. Los Anales del Museo Nacional de México. In: RUTSCH, Mechthild; WACHER, Mette Marie (coord.). **Alarifes, amanuenses y evangelistas. Tradiciones, personajes, comunidades y narrativas de la ciencia en México.** México: INAH/ Universidad Iberoamericana, 2004.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: NOVAIS, F. SILVA, R. F da. **Nova História em Perspectiva**. Vol. 1. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

BRUNHOUSE, Robert L. **En busca de los mayas: los primeros arqueólogos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

BUENO, Christina. **The Pursuit of Ruins: archaeology, history and the making of Modern Mexico.** Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016 [edição eletrônica – *Kindle*].

CÁMARA BARBACHANO, Fernando. Anales y Fastos, cronología e historia. **Boletín Oficial del Instituto Nacional de Antropología e Historia.** Nueva Época, Janeiro-Março, 2003.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo: Histórias, Epistemologias e Identidades no Mundo Atlântico do Século XVIII**. São Paulo: Ed. USP, 2011.

CARMAGNANI, Marcello. El liberalismo, los impuestos internos y el estado federal mexicano. 1857-1911. **Historia Mexicana**. Vol 38, n.3 (Jan-Mar, 1989).

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas – O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CASTILLO RAMÍREZ, Guillermo. La propuesta de proyecto de nación de Gamio en *Forjando patria* (*pro nacionalismo*) y la crítica del sistema jurídico-político mexicano de principios del siglo XX. **Desacatos**. n. 43, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, Ed. Bertrand Brasil, 1990.

CHIARAMONTE, José Carlos. Modificaciones del pacto imperial. In: ANNINO, A; GUERRA, F-Xavier (orgs.). **Inventando la nación. Iberoamérica. Siglo XIX.** México: FCE, 2003.

CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales.* In: NOVAIS, F. SILVA, R. F da. **Nova História em Perspectiva**. Vol. 1. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

CLIFFORD, James. **The Predicament of Culture: Tweentieth-Century Ethnography, Literature and Art.** Cambridge: Harvard University Press, 1988

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CLARK DE LARA, Belem; SPECKMAN GUERRA, Elisa (orgs.). **La República de las letras. Asomos a la cultura escrita del México decimonónico.** Vol. II – Publicaciones periódicas y otros impresos. México: UNAM, 2005.

COLOM GONZÁLEZ, Francisco. La imaginación nacional en América Latina. **Historia Mexicana**, Vol. LIII, n.2, 2003.

_____. **Relatos de nación: la construcción de las identidades nacionales en el mundo hispánico.** México: Iberoamericana/Vervuert, 2005.

COPE, R. Douglas. Los ámbitos laborales urbanos. In. RUBIAL GARCIA, A. (coord**.) História de la vida cotidiana en México – La ciudad barroca.** Vol. II. México: El Colégio de México/ FCE, 2011.

CORCUERA DE MANCERA, Sonia. **Del amor al temor**: borrachez, catequesis y control en la Nueva España (1555-1771). Cidade do México, FCE, 2012.

_____. **Voces y silencios en la historia: siglos XIX y XX.** México: FCE, 2014.

COSÍO VILLEGAS, Daniel. **Historia Moderna de México.** El Porfiriato. México: Editorial Hermes, 1957.

_____. El Porfiriato, era de consolidación. **Historia Mexicana**. Vol. 13, n. 01, 1963.

_____. **El sistema político mexicano – las posibilidades de cambio**. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1973.

_____. **Historia general de México.** Vols. 1 e 2. México: El Colegio de México, 1981.

_____. **La Constitución de 1857 y sus críticos.** México: FCE, 2014 [edição eletrônica – kindle].

CRAIB, Raymond. A Nationalist Metaphysics: State Fixations, National Maps, and the Geo-Historical Imagination in Nineteenth-Century Mexico. **Hispanic American Historical Review**, v. 82, n.1, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon. Antropologia e História nos anos 1980. In: NOVAIS, F. SILVA, R. F da. **Nova História em Perspectiva**. Vol. 1. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

DE LA SERNA, Jorge Ruedas. El paraíso y el infierno. Remotos orígenes del discurso Nacional. In: GIRON, Nicole. **La construcción del discurso nacional en México, un anhelo persistente, siglos XIX y XX**. México: Instituto Mora, 2007.

DELBOURGO, James. **Collecting the World: Hans Sloane and the Origins of the British Museum.** Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2017

DÍAZ Y DE OVANDO, Clementina. México en la Exposición Universal de 1889. **Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas**. [S. I.], 1990

DONALD, J.; HALL, S. (orgs.) **Politics and Ideology**. Milton Keynes: Open University Press, 1986.

DOSSE, François. **La marche des idées: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle**. Paris: Éditions La Découverte. 2003.

DUPEYRON, Guy Rozat. **Los Orígenes de la Nación: pasado indígena e historia nacional**. Mexico: Universidade Iberoamericana/Conacutla, 2001.

DURÁN, Rafael Barajas. Retrato de un siglo: Cómo ser mexicano en el XIX?. In: FLORESCANO, E. **Espejo Mexicano**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2002.

ELLIOTT, John. **Imperios del Mundo Atlántico. España y Gran Bretaña en América, 1492-1830.** Madrid: Taurus, 2006

ESCALANTE GONZALBO, Pablo. Introducción. In: **La idea de nuestro patrimonio histórico y cultural**. Tomo II. México: CONACULTA, 2011.

ESCANDÓN, Patricia. La historia antihua de México en los textos escolares del siglo XIX. **Secuencia,** n. 10, 1988.

EVANS, R. Tripp. **Romancing the Maya: Mexican Antiquity in the American Imagination, 1820-1915.** Austin: University of Texas Press, 2004.

FALCON, Francisco. História das Ideias In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: Ensaios da teoria metodológica**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

FAVIER ORENDÁIN, Claudio. **Ruínas de utopía: San Juan de Tlayacàpan. Espacio y tempo en el encuentro de dos culturas.** México: FCE, 2004.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Patria mestiza: A invenção do passado mexicano (séculos XVIII e XIX)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

FLORES OLLA, Aurora; ÁNGEL CASTRO, Miguel; NAVA MARTÍNEZ, Othón. Estudio Introdutorio. In: PI-SUÑER LLORENS, Antonia. **México en el Diccionario Universal de Historia y Geografia.** Vol. III. La Contribución de Orozco y Berra. México: UNAM, 2004.

FLORESCANO, E. **Memória Mexicana: ensayos sobre la reconstrucción del pasado**. México: FCE, 2002;

_____. **El patrimonio cultural de México**. México: FCE, 1993.

_____. **Imágenes de la patria a través de los siglos**. México: Taurus, 2005.

_____. México a través de los siglos: Un nuevo modelo para relatar el pasado. **La Jornada Virtual**, 2002.

_____. Las relaciones entre memoria e nación en la historiografía mexicana. **Historia Mexicana**. México: El Colegio de México. v. LIII, n. 2, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOWLER, Will (coord.) **Gobernantes mexicanos.** Vol. I: 1821-1910. México: FCE, 2008.

FREITAS NETO, José Alves de e KARNAL, Leandro. **A Escrita da Memória: interpretações e análises documentais.** São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

FREITAS NETO, José Alves de. A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. In: **Revista Esboços**. V. 05. N. 20. UFSC, 2008.

GARCÍA, Jesús Bustamante. La confirmación de la Antropología como disciplina científica, el Museo Nacional de México y los congresos internacionales de Americanistas. **Revista de Indias**. v. LXV, n. 234, 2005.

GARCÍA SÁIZ, María Concepción. Antonio del Río y Guillermo Dupaix: el reconocimiento de una deuda histórica, **Anales del Museo de América**, n.2, 1994.

GARRIGAN, Shelley E. **Collecting Mexico – museums, monuments, and the creation of National Identity.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012 [edição eletrônica – *Kindle*].

GARNER, Paul. **Porfírio Díaz: Del Héroe al dictador, una biografía política**. México: Planeta, 2003.

_____. The Civilian and the General, 1867-1911. In: BEEZLEY, William H. (coord.). **A Companion to Mexican History and Culture.** Londres: Wiley-Blackwell, 2011.

_____. *Historia patria* and the construction of the *mestizo* nation in Porfirian Mexico: the *Fiestas del Centenario*, 1910. **Journal of Iberian and Latin American Studies,** Vol. 22, n. 1, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica. (1750-1900).** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIRON, Nicole. **La construcción del discurso nacional en México, un anhelo persistente, siglos XIX y XX**. México: Instituto Mora, 2007.

GORTARI RABIELA, Hira. Julio-agosto de 1808: "La Lealtad Mexicana". **Historia Mexicana.** Vol. 39, n. 1, 1983.

GRADIE, Charlotte M. Discovering the chichimecas. **The Americas.** Vol. 51, n. 1, 1994.

GREENFIELD, Jeanette. **The return of cultural treasures.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GUBLER, Ruth. El Informe contra Indolorum Cultores del Obispado de Yucatán. **Estudios de Cultura Maya**, v. 30, 2007.

GUERRA, François-Xavier. Las mutaciones de la identidad en la América hispánica. In: ANNINO, Antonio, GUERRA, François-Xavier (org.). **Inventando la nación: Iberoamérica siglo XIX.** México: FCE, 2003.

_____. **Modernidad e independencias: sobre las revoluciones hispânicas.** México: FCE, MAPFRE, 2010.

GUEVARA FEFER, Rafael. La danza de las disciplinas. El Museo Nacional a través de los trabajos y los días de Gumesindo Mendoza. In: RUTSCH, Mechthild; WACHER, Mette Marie (coord.). **Alarifes, amanuenses y evangelistas. Tradiciones, personajes, comunidades y narrativas de la ciencia en México.** México: INAH/ Universidad Iberoamericana, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart et alli. **Modernity and Its Futures**. Londres: Polity press / The Open University, 1992.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Epistolario de Nueva España 1508-1818. Resenha de: HILL, Roscoe R. **The Hispanic American Historical Review**. v.22, n.3, 1942.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

_____. **Crer em história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

HORST, Günther. Pensamento histórico no início da Idade Moderna. In: KOSELLECK, R., MEIER, C., HORST, G., ENGELS, O. **O conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia.** RJ: Acroplano, 2000.

_____. **Em busca del futuro perdido: Cultura y memoria em tempos de globalización.** México: Goethe Institute/ FCE, 2002.

_____. Nostalgia for Ruins. **Grey Room,** n. 23, 2006.

KATZ, Friedrich. O México: a República Restaurada e o Porfiriato, 1867-1910. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina – De 1870 a 1930**. Vol. 8. São Paulo: Edusp, 2013.

_____. **De Díaz a Madero: Orígenes y estalido de la Revolución Mexicana.** México: Era, 2017.

KALIL, Luis Guilherme Assis. **Filhos de Adão: as teorias sobre a origem dos indígenas (séculos XVI e XIX).** Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: Contraponto: EDUERJ, 1999.

_____. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006

_____. A configuração do moderno conceito de História. In: KOSELLECK, R., MEIER, C., HORST, G., ENGELS, O. **O conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. "História" como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, R., MEIER, C., HORST, G., ENGELS, O. **O conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

KRAUZE, Enrique. **Porfírio Díaz, místico de la autoridad**. México: FCE, 1987.

_____. **La presencia del pasado**. México: BBVA Bancomer, FCE, 2005.

_____. **Siglo de caudillos. Biografía política de México (1810-1910).** México: Fabula Tusquets Editores, 2002.

_____. De heróes y mitos. México: Tusquets Editores, 2010.

KUBLER, George. **Arquitectura Mexicana – el siglo XVI**. México: FCE, 1983.

LEMPÉRIÈRE, Annick. **Entre Dieu et le Roi, La République – Mexico, XVI-XIX siècle.** Paris: Les Belles Lettres, 2004.

_____. Los dos centenarios de la independencia mexicana (1910-1921): de la Historia patria a la Antropología cultural. **Historia Mexicana**. XLV: 2, 1995.

_____, LOMNÉ, Georges, MARTINEZ, Frédéric e ROLLAND, Denis (orgs). **L'Amérique Latine et les modèles européens.** Paria: Éditions L'Harmattan, 1998.

LOMBARDO DE RUIZ, Sonia. **El pasado prehispánico en la cultura nacional (Memoria Hemerográfica, 1877-1911).** Vol. I – El Monitor Republicano (1877-1896). México: INAH, 1994.

LOMNITZ-ADLER, Claudio. **Deep Mexico, Silent Mexico: An anthropology of Nationalism.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

_____. Los intelectuales y el poder político: la representación de los *cientificos* en México del porfiriato a la revolución. In: ALTAMIRANO, Carlos (diretor); MYERS, Jorge (ed.).

Historia de los intelectuales en América Latina. Vol I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: KATZ Editores, 2008.

MANCERA, Sonia Corcuera. **Voces y silencios en la historia: siglos XIX y XX**. México: FCE, 2014.

MATUTE AGUIRRE, Álvaro. **Pensamiento Historiográfico Mexicano del siglo XX – La desintegración del positivismo (1911-1935).** México: FCE, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **México: Arqueologia pré-hispânica.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

_____. A História, cativa da memória? – Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 34, 1992.

_____. **Como explorar um Museo Histórico".** São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1992.

_____. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, n. 1, 1993.

_____. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. n.2, 1994.

MITRE, Antonio. **O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MORALES MORENO, Luis Gerardo. **Orígenes de la museología mexicana: Fuentes para el estudio histórico del Museo Nacional, 1780-1940**. México: Universidad Iberoamericana, 1994.

_____. History and Patriotism in the National Museum of México. In: KAPLAN, Flora **Museums and the Making of "Ourselves". The role of objetcs in national identity,** Londres: Leicester University Press, 1996.

_____. Museológicas. Problemas y vertientes de investigación en México. **Relaciones 111**, Vol. XXVIII, 2007.

_____. Límites narrativos de los museos de historia. **Alteridades**, vol. 19, núm. 37, 2009, pp. 43-56.

MORENO, Roberto. La Colección Boturini y las fuentes de la obra de Antonio León y Gama. **Estudios de cultura náhuatl.** n. 9, 1971.

MORRIS, Stephen D. Reforming the Nation: Mexican Nationalism in context. **Journal of Latin American Studies**. v. 31, n.2, 1999.

MOSER, Stephanie. **Wondrous Curiosities: Ancient Egypt at the British Museum**. Chicago: Chicago University Press, 2006

MUCHER, Christen. Collecting Native America: John Lloyd Stephens and the Rethorics of Archaeological Value. **Journal of Transnational American Studies**, v. 9, n. 1, 2018.

NAVARRETE LINARES, Federico. Chichimecas y toltecas en el Valle de México. **Estudios de cultura náhuatl**, México, v. 42, 2011.

_____. Entre a cosmopolítica e a cosmohistória: tempos fabricados e deuses xamãs entre os astecas. **Revista de Antropologia.** 59 (2), 2016.

NAVARRO, Moisés González. **Estadísticas sociales del Porfiriato: 1877-1910**. México: Dirección General de Estadística: 1956.

_____. Las ideas raciales de los científicos, 1890-1910. **Historia Mexicana**, v. 37, n. 4, 1988.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História.** n. 10, PUC/SP, dez, 1993.

_____. **Les Lieux de memoire.** V. II. La nation. Paris: Gallimard, 1997.

NOVAIS, F. SILVA, R. F da. **Nova História em Perspectiva**. Vol. 1. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

OLIVATO, Lais. **Insurgência impressa: uma análise do periodismo no primeiro movimento de independência mexicano (1810-1814).** Dissertação. São Paulo: USP, 2012.

PAGDEN, Anthony. Conquista ou colonização: a linguagem da história e a linguagem do direito na dissolução do império espanhol na América. In: Furtado, Júnia (org.). **Sons, formas,**

cores e movimentos na modernidade atlântica. Europa, Américas e África. São Paulo: Annablume, 2008.

PALTI, Elias J. **El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2007.

PANÍ, Erika. Los viajeros decimonónicos y la definicion de lo nuestro. **La idea de nuestro patrimonio histórico y cultural**. Tomo II. México: CONACULTA, 2011.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão.** SP: Cosac & Naify, 2014.

PÉREZ ROSALES, Laura. Manuel Orozco y Berra. In: PI-SUÑER LLORENS, Antonia. **En busca de un discurso integrador de la nación, 1848-1884.** Vol. IV, México: UNAM, 2001.

PÉREZ VEJO, Tomás. La construcción de las naciones como problema historiográfico: el caso del mundo hispánico. **Historia Mexicana**. v. LIII, 2003.

PHELAN, John Leddy. Neo-Aztecism in the eighteenth century and the genesis of Mexican Nacionalism. In: DIAMOND, Stanley (org.). **Culture in History: Essays in Honour of Paul Radin**. Nova York: Columbia University Press, 1960.

POCOCK, J. G. A. The Origins of Study of the Past: a comparative approach. **Comparative Studies in Society and History**. Vol 4, n.2, 1962.

POMIAN, Krzysztof. **Collectors and curiosities: Paris and Venice 1500-1800**. Cambridge/Oxford: Polity Press, 1990.

POULOT, Dominique. Le musée d'histoire en France entre traditions nationales et soucis identitaire. **Anais do Museu Paulista.** SP. v. 15, n.2, 2007.

_____. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. [edição eletrônica – *Kindle*].

_____. O modelo republicano de museu e sua tradição. In. BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovações, coleções, museus.** BH: Editora Autêntica, 2011.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos.** SP: EDUSP, 2014.

PREZIOSI, Donald. Collecting/Museums. In: SHIFF, Richard & NELSON, Robert S. (orgs.). **Critical Terms for Art History**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1996

RAMÍREZ, José Luis. **Hernán Cortés.** México: FCE, 2015 [edição eletrônica].

REIS, Anderson Roberti dos. **A Companhia de Jesus no México: Educação, Bom Governo e Grupos Letrados (Séculos XVI-XVII).** (Tese). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

_____; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Revista Ideias**, Ano 13 n.2, dossiê "Crônicas da América II", 2006.

RICO MANSARD, Luisa Fernanda. **Exhibir para educar: Objetos, colecciones y museos de la Ciudad de México (1790-1910)**. Barcelona/ México: Ediciones Pomares/Conaculta, INAH, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

_____. **Temps et recit**. Paris: Seuil, 2006.

RODRÍGUEZ MORALES, Leopoldo. Ley sobre Conservacción de Monumentos Históricos y Artísticos y Bellezas Naturales, promulgada el 6 de abril de 1914. **Boletín de Monumentos Históricos.** 3ª época, n. 21, 2011.

ROMERO SANDOVAL, Roberto. Una rara edición del Informe de Antonio del Río sobre las ruinas de Palenque. **Estudios Mesoamericanos**, n. 8, 2010.

RUIZ, Jorge Fernández. **Juárez y sus contemporáneos**. México: UNAM, 2006.

SALDAÑA, Juan José; CUEVAS CARDONA, Consuelo. La invención en México de la investigación científica profesional: el Museo Nacional (1868-1908). **Quipu**, Vol. 12, n. 3, 1999.

SÁNCHEZ, Carlos Alberto González e VILAR, Enriqueta Vila. (org.). **Grafías del imaginario. Representaciones culturales en España y América (siglos XVI-XVIII).** México: FCE, 2003.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas.** São Paulo: Palas Athena, 2002.

_____. **Tempo, espaço e passado na mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas.** São Paulo: Alameda, 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** SP: Companhia das Letras, 1993.

_____. O nascimento dos museus brasileiros, 1870-1910. In. MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. 1. SP: Ed. Sumaré, 2001.

SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. In: **History and Theory**. Vol.8, No.1, 1969,

SILLER, Javier Pérez y GARCÍA, Verena Radkau (Org.). **Identidad en el imaginario nacional. Reescritura y enseñanza de la historia**. México, Instituto de Ciencias Socieales y Humanidades, 1998.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Letramento e Mediações Culturais em "pueblos" indígenas do Centro-Sul do México no século XIX. **História Revista.** Vol. 15, n. 1, 2010.

SOTO, Jesús S. **Biografía de don Manuel Orozco y Berra**. México: s/e., 1935.

SOUZA, Ana Carolina Machado de. **A ascensão da idolatria e a decadência da evangelização no século XVII: uma análise de crônicas da Nova Espanha**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279662>.

STAPLES, Anne; VERDUZCO IGARTÚA, Gustavo; BLÁZQUEZ DOMÍNGUEZ, Carmen; FALCÓN, Romana. **El domínio de las minorias: república restaurada y porfiriato**. México: El Colegio de México, 1989.

TARACENA ARRIOLA, Arturo. El *Museo Yucateco* y la reivención de Yucatán. La prensa y la construcción del regionalismo peninsular. **Peninsula.** Vol. II, n.1, 2007.

TRILLO, Maurício e GALVARRIIATO, Aurora. **El Porfiriato**. México: FCE, 2006.

TENORIO-TRILLO, Mauricio. **Mexico at the World's Fair**: crafting a modern nation. Berkeley: University of California Press, 1996.

_____. **Historia y celebración. México y sus centenarios**. México: Tusquets, 2009.

THOMAS, Nicholas. **Entangled objects. Exchange, Material Culture and Colonialism in the Pacific.** Cambridge: Harvard University Press, 1991.

VALADÉS, José C. (org.) **Orígenes de la República Mexicana: la aurora constitucional**. México: UNAM, 1994.

_____. **El Porfirismo**: Historia de un régimen. México: FCE, 2015. [edição eletrônica]

VASCONCELLOS, Camillo de Mello. "Patrimonio, memoria y educación: una visión museológica". **Memoria y Sociedad.** v. 17, n. 35, 2013.

VÁZQUEZ OLVERA, Carlos. **El Museo Nacional de Historia en voz de sus directores.** México: INAH/ Plaza y Valdes Editores, 1997.

VEGA y ORTEGA, Rodrigo. **La naturaliza mexicana en el Museo Nacional, 1825-1852.** México: Historiadores de las Ciencias y las Humanidades, A. C., 2014.

VILLEGAS, Abelardo. **Positivismo y porfirismo**. México: SEP/ Setentas, 1972.

VILELA, Khristaan D. Beyond Stephens and Catherwood: Ancient Mesoamerica as Public Entertainment in the Early Nineteenth Century. PILLBURY, Joanne (ed). **Past presented: archaeological illustration and the ancient Americas**. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2012.

VIÑUALES, Rodrigo Gutiérrez. El papel de las artes en la construcción de las identidades nacionales en Iberoamérica. **Historia Mexicana**. Vol. 53, n.2, 2003.

WILSON, David McKenzie. **The British Museum: purpose and politics**. Londres: British Museum Publications, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

YASAITIS, Kelly Elizabeth. Collecting culture and the British Museum. **Curator: The Museum Journal,** v. 49, n. 4, 2006.

ZAVALA, Silvio. **Apuntes de historia nacional 1808-1974.** México: FCE, 2017.

ZEA, Leopoldo. **El Positivismo en México: Nacimiento, Apogeo y Decadencia**. México: FCE, 1968.

ZEPEDA. Jesús Rodríguez. El mito de la nación y otros abusos. **Historia Mexicana**, v. LIII, n. 2, 2003.

ZERMEÑO, Guilherme. Los Anales del Museo Nacional de México: un filón para la historia moderna de la historia. **Boletín Oficial del Instituto Nacional de Antropología e Historia.** Antropología. Nueva Época, Janeiro-Março, 2003.

_____. história/História na Nova Espanha/México (1750-1850). **História da Historiografia.** n. 4, 2010.

ANEXO I - 1ª ÉPOCA

- **ÍNDICE DO TOMO I (1877)**

Prólogo, por G. Mendoza	
Reseña histórica del Museo Nacional de México, por J. Sanchez	1
Informe presentado al Ministerio de Justicia é Instrucción Pública, por G. Mendoza	111

ARQUEOLOGIA e HISTORIA

El Cuauhxicalli de Tizoc, por Manuel Orozco y Berra	3
Un ídolo azteca de tipo chino, por G. Mendoza	39
Dedicacion del templo mayor de México, por Manuel Orozco y Berra	60
Ídolo azteca de tipojaponés, por G. Mendoza	91
Destruccion de los monumentos indígenas, por Jesus Sanchez	47
Um cincel de bronce de los antiguos astecas, por G. Mendoza	117
Ensayo de descifracion geroglífica, por Manuel Orozco y Berra	120
I. Códice Mendozino	120
II. Historia del Códice Mendozino	182
III. Preliminares	242
IV. Los caracteres geroglíficos	247
V. La numeracion	258
VI. Cronología	289
Doctrinas en geroglíficos, por Orozco y Berra	202
Complemento al artículo anterior, por G. Mendoza	217
Las pirámides de Teotihuacan, por G. Mendoza	186
Discurso acerca de la piedra llamada Calendario mexicano, por el Prof. Ph. Valentini	226
Estúdio acerca de la estatua llamada Chac Mool ó rey tigre, por Jesus Sanchez	270
Cosmogonia azteca, por G. Mendoza	340
La piedra del Sol, segundo estudio, por Alfredo Chavero	353
El Congreso Internacional de Americanistas en Europa y el cobre entre los astecas, por Jesus Sanches	387

HISTORIA NATURAL

PALEONTOLOGÍA, por Mariano Bárcena	
I. Consideraciones generales sobre la ciencia. – Instroduccion al estudio de la Paleontología mexicana	43
II. Materiales para la formacion de una obra de Paleontología mexicana. 85, 195 y	283
ZOOLOGÍA. – Datos para el catálogo de las aves que viven en México y sus distribucion geográfica, por Jesus Sanchez	02
Aves de las regiones del círculo ártico en las lagunas del Valle de México, por Manuel Villada	279
MINERALOGÍA. – Exportacion de minerales de cobre, por M. Tornel y Algara	112

FILOLOGÍA

Estudio comparativo entre el Sanscrito y el Naguatl, por G. Mendoza 75 y 286

- **ÍNDICE DO TOMO II (1882)**

ARQUEOLOGIA e HISTORIA

La Piedra del Sol, por el Sr. A. Chavero. 3, 107, 233, 291 y 403
Códice Mendocino. Ensayo de descifracion geroglifica, por el Sr. Manuel Orozco y Berra.
X. Bibliografia 47
XI. La Era mexicana 49
XII. Aztlan y Teoculhuacan 55
XIII. Nombres de los Señores de México. – Materiales para un Diccionario de geroglificos aztecas 70
XIV. Fundación de México 205
XV. Explicacion de las láminas II, III, y IV, del Códice Mendocino 216
XVI. Materiales para un Diccionario de geroglíficos astecas 221
Historia de los mexicanos por sus pinturas 85
Tablero del Palenque en el Museo Nacional de los Estados Unidos, por el Prof. Ch. Rau 131
Mito de los Nahoas, por el Sr. G. Mendoza 271 y 315
Dos antiguos monumentos de Arquitectura mexicana, ilustrados por el P. Pedro José Márquez 279
Ensayo sobre los símbolos cronográficos de los mexicanos, por F. P. T. 323
Geografía Maya, por el Sr. Crescencio Carrillo y Ancona 435
Catálogo de las Colecciones histórica y arqueológica del Museo Nacional de México, arreglado por Gumesindo Mendoza y Jesus Sanchez 445

HISTORIA NATURAL

ANTROPOLOGÍA: – Descripcion de un hueso labrado de Llama fóssil, encontrado en los terrenos posterciarios de Tequixquiac, Estado de México. – Estudio por Mariano Bárcena 439
GEOLOGÍA: – Noticias geológicas de algunos caminhos nacionales, por el Sr. Mariano Bárcena 267, 311 y 431

- **ÍNDICE DO TOMO III (1886)**

Un ropaje de plumas, por J. Maler	1
La piedra del Sol, por A. Chavero	3, 37, 110 y 124
Estatua colosal de la diosa del agua, por J. Sanchez	27
Mitos de los nahoas, por G. Mendoza	31 y 87
Glosario de voces castellanas derivadas del idiona nahuatl ó mexicano, por J. Sánchez	57
Antigüedades mexicanas, por el Sr. C. Fernandez	68
Sahagun y su historia de México, por el Sr. A. Llanos	71
Dos antiguos monumentos de arquitectura mexicana (Pirámides de Xochicalco y de Papantla), ilustradas por el P. Pedro José Márquez, y traducido del italiano por F.P.T.	76
Los libros de Chilan Balam. Memoriales proféticos é históricos de los mayas de Yucatan, por Daniel G. Briton. Traducido del inglês por F.P.T	92
Descripcion y estudio de un cráneo extraido de las tumbas de uno de los palácios de Mitla, por A.A.Berthold	115
Códice indiano del Sr. Sánchez Solís, por F.P.T.	121
Notas arqueológicas, por J. Sánchez:	
I. El cuauhxicalli de Tizoc	127
II. Vaso para contener los corazones de las víctimas humanas sacrificadas en ciertas solemnidades religiosas	296
III. El Indio Triste	300
IV. El sueño de Motecuhzoma	301
Estudios sobre la historia de la Medicina en México, por F.P.T.	137
Boturini, por A. Chavero	236
Fragmentos de la obra de Gama: “Las dos piedras”, con una advertencia y notas por J. Sánchez	245
Sigüenza y Góngora, por A. Chavero	258
Las cabezas chatas, por el Sr. D. Crescencio Carrillo y Ancona	272
Lingüística mexicana, por J. Sánchez	279
_____ de la República Mexicana, por F.P.T.	321
Apuntes históricos sobre la rodela azteca del Museo, por A. Nuñez Ortega	281
Fundacion de la ciudad de Puebla, por Nicolas Melendez	291
Mapa Tlotzin. Historia de los reyes y de los Estados soberanos de Acolhuacan	304
Mapa Quinatzin. Cuadro histórico de la civilizacion de Tetzcuco	345
Los mamíferos del Valle de México ya extinguidos, por E.D.Cope	325
Mapa de Tepechpan. Historia sincrónica y señorial de Tepechpan y México	368

APÉNDICE

Anales de Quauhtitlan. (Con su portada respectiva)

- **ÍNDICE DO TOMO IV (1887)**

Informe al Secretario de Justicia é Instrucción Pública, por J. Sánchez	3
Materiales para servir á la Antropología de la Península de California, por el Dr. H. Ten Kate	5
Informe presentado por el Sr. Dr. Demetrio Mejía á la Secretaria de Justicia é Instrucción Pública, relativo á una exploración que practicó en las ruínas del cerro de Tenguiengajó, Estado de Oaxaca	17
Descubrimientos hechos en los Códices Mexicanos y Mayas, por Cyrus Thomas	24
El Tonalámatl, por el Sr. Lic. Manuel Orozco y Berra	30
Los trabajos lingüísticos de D. Miguel Trinidad Palma, por F.P.T.	45
Lista de los pueblos principales que pertenecian antiguamente á Tetzcoco, con una advertencia por F.P.T.	48
Calendario de los Tarascos, por F.P.T.	57
Primatos, Carnívoros é Insectívoros de México, por Alfonso Herrera (hijo)	63
Epigrafía Mexicana, por Jesús Galindo y Villa	71, 122, 193 y 224
Aplicaciones del microscopio á la clasificación de los vertebrados, por Alfonso Herrera (hijo)	85
Utilidad de la Lengua Mexicana en algunos estudios literarios, por F.P.T.	89
Notas acerca de los copales de Hernández y las Burseráceas mexicanas, por el Dr. Manuel Urbina	98
Datos para la Zoología de Chiapas, por A. L. Herrera	136
Um acontecimento literario, por J.M.Vigil	144
Los Anátidos del Valle de México, por Manuel M. Villada	151 y 253
Informe inédito, dado en 1636 al Virrey Marqués de Cadereita, acerca del Desagüe de Huehuetoca, por Fr. Andrés de S. Miguel, con algunas noticias biográficas, por José M. de Ágreda y Sánchez	167
Nota relativa á las causas que producen la atrofia de los pelos, por Alfonso L. Herrera (hijo)	216
Publicaciones del Museo Nacional de México, por F.P.T.	260
Catálogo de la colección del Sr. Presb. D. Francisco Plancarte, formado, con la colaboración del dueño, por el Sr. D. Francisco del Paso y Troncoso	273

PLANTILLA PARA LA COLOCACIÓN DE LAS LÁMINAS

Croquis de las Ruínas Mazatecas, del Cerro de Tenguiengajó, Frente á la página	20
Láminas 1 á 20 del Tonalámatl	30
Caracteres microscópicos de las escamas de varios reptiles	88

- **ÍNDICE DO TOMO V (1899)**

Interpretación del Códice Borgiano. Traducción y notas arqueológicas y cronográficas de Alfredo Chavero y Francisco del Paso y Troncoso – José Lino Fábrega	
Los dioses astronómicos de los antiguos mexicanos. Apéndice a la interpretación del Códice Borgiano, estudio arqueológico – Alfredo Chavero.	

- **ÍNDICE DO TOMO VI (1900)**

Breve relación de los dioses y ritos de la gentilidad, por D. Pedro Ponce	3
Informe contra indolorum cultores del Obispado de Yucatán, por el Dr. D. Pedro Sánchez de Aguilar	13
Tratado de las supersticiones de los naturales de esta Nueva España, escrito por el Br. D. Hernando Ruíz de Alarcón	123
Relación de las idolatrías del Obispado de Oaxaca, por el Br. Gonzalo de Balsalobre	225
Manual de Ministros de Indios para el conocimiento de sus idolatrías y extirpación de ellas, por el Dr. D. Jacinto de la Serna (Con dos láminas)	261
Idolatrías de Chiapas, por Fr. Pedro de Feria	477

- **NDICE DO TOMO VII (1903)**

PALEONTOLOGÍA

Dr. Manuel M. Villada	Apuntes de la fauna fóssil del Valle de México	441
_____	Consideraciones generales acerca de la flora fóssil del Valle de México	452
_____	El hombre Prehistórico en el Valle de México	455

BOTÁNICA

Dr. Manuel Urbina	El Peyote y el Ololiuhqui	25
_____	Los Amates de Hernández ó Higueras mexicanas	93
_____	Los Zapotes de Hernández	209
_____	Los “Ayotli” de Hernández ó Calabazas indígenas	353

ANTROPOLOGÍA

Dr. Ales Hrdlicka	Descripción de un antiguo esqueleto humano anormal del Valle de México	75

LINGÜÍSTICA

Lic. José Fernando Ramírez	Estudio sobre las partículas nahuas 195, 336, 390, 417 y	462
Dr. Nicolás León	Familias lingüísticas de México	279
_____	Confesionario en la lengua Zapaluta	285
_____	Confesionario breve Comiteco-(Chañabal)	286
_____	Doctrina y confesionario en lengua Tzendal	291
_____	Vocabulario en lengua Tepehua	298
_____	Vocabulario del dialecto Tepehua	301
_____	Vocabulario en lengua Cuitlateca	304
_____	Vocabulario del dialecto Tepecano	307
Alberto Santoscoy	Los idiomas indígenas en varios de los pueblos del antiguo Obispado de Guadalajara	309
_____	Diversos errores acerca de las lenguas indígenas del antiguo Obispado y del actual Arzobispado de Guadalajara	311
_____	Observaciones acerca de la Nómina de las lenguas indígenas que se hablaban en el Obispado de Guadalajara	328
Dr. Nicolás León	Los Comanches y el dialecto Chuillo de la Baja California. Estudio étnico filológico colecionado por el mismo	263
_____	Notas sobre los Comanches, escritas por el Sr. Lic. D. José Fernando Ramírez	264
_____	El Cahuillo	273
_____	Vocabulario comparativo castellano-cahuillo de la Baja California	274
_____	Bibliografía	277

ARQUEOLOGÍA É HISTORIA

Lic. Alfredo Chavero	La Piedra del Sol	133
_____	Calendario de Palemke. Los signos de los días	401
_____	Calendario de Palemke. Los signos de las veintenas	425
Lic. José Fernando Ramírez	Apuntes de la Cronología de Sahagún	137
_____	Cronología Boturini	167
_____	Carta referente á unas antigüedades del Estado de Coahuila	459
Dr. Eduardo Seler	Las excavaciones en el sitio del Templo Mayor de México	235
_____	Correcciones y Adiciones al anterior artículo. Págs. 257 y	259
_____	El Cuauhxicalli del Telpochcalli del Templo Mayor de México	260
Fr. Francisco de Aguilar	Historia de la Nueva España (1579)	1
Anónimo	Anales Mexicanos. México-Azcapotzalco (1426-1589)	49

Anónimo Mexicano	(Señorios Toltecas y Chichimecas de Texcoco)	115

BIOGRAFÍA Y BIBLIOGRAFÍA

Ingeniero Jesús Galindo y Villa	D. Joaquín García Icazbalceta. Biografía y Bibliografía	520

ANEXO II - 2ª ÉPOCA

- **ÍNDICE DO TOMO I (1903)**

INTRODUCCIÓN

Luis González Obregón	Las publicaciones del Museo Nacional	1

GEOLOGÍA

Dr. Manuel M. Villada	Breve Reseña Geológica del terreno comprendido en las obras del Desagüe del Valle de México y, en general, de toda esta región	172

BOTÁNICA

Gabriel V. Alcocer	Datos para la Dendrología Mexicana. El Liquidámbar.	376
Dr. Manuel Urbina	Notas acerca de los “Tzauhtli” ú Orquideas mexicanas	54
_____	Plantas comestibles de los antiguos mexicanos	503

ZOOLOGÍA

Leopoldo Conradt	La extensión geográfica de los animales	247

ETNOLOGÍA y ANTROPOLOGÍA

A.H. Keane	Cultura de los nativos americanos: su evolución independiente	35
Dr. Nicolás León	Los Tarascos. Notas históricas, étnicas y antropológicas	392
_____	Notas al estudio “Los Tarascos”	592
_____	El culto al falo en el México precolombino	278

ARQUEOLOGÍA

Lic. Alfredo Chavero	El Monolito de Coatlinchan	281
Ingeniero Jesús Galindo y Villa	La Escultura Nahua	195

HISTORIA

Lic. Genaro García	El Plan de Independencia de la Nueva España en 1808	85
Gil González D’Avila	Guerra de los Chichimecas	159 y 185
Gustavo Martínez A.	Situación de Yucatán antes de su descubrimiento	260

BIOGRAFÍA y BIBLIOGRAFÍA

Lic. Alfredo Chavero	Morfi	52
_____	Veja	152
_____	Tovar	242
Lic. Genaro García	Bernal Díaz del Castillo. Notas bio-bibliográficas	306
Luis González Obregón	Conjeturas sobre quién pudo ser el autor de la "Guerra de los Chichimecas"	160
Dr. Nicolás León	Fr. Diego Valadés. Nota biográfica	234
Lic. José Fernando Ramírez	Códices mexicanos de Fr. Bernardino de Sahagún	1
_____	Noticia de la obra "Guerra de los Chichimecas"	159

- **ÍNDICE DO TOMO II (1905)**

GEOLOGÍA

Dr. Manuel M. Villada	Una exploración á la cuenca fossilífera de San Juan Raya, Est. de Puebla. (Con 12 láminas)	126

BOTÁNICA

Profesor Gabriel V. Alcocer	Catálogo de los frutos comestibles mexicanos. (Primera Parte)	413

ETNOLOGÍA

Dr. Nicolás León	"Los Popolocas"	103

ARQUEOLOGÍA

Lic. Alfredo Chavero	Discurso pronunciado el 24 de Septiembre de 1904 en el Congreso de Artes y Ciencias de la Exposición Universal de San Luís Missouri. (La arqueologia en sus relaciones com las otras ciencias)	387
Ingeniero Jesús Galindo y Villa	Algo sobre los zapotecas y los edifícios ó "Palacios de Mitla" (Con 45 láminas).	193
Dr. Nicolás León	Datos referentes á una especie nueva de escritura jeroglífica en México	401
Zellia Nuttal	Las correcciones periódicas del antiguo calendario mexicano	1
A.de La Peña y Ramírez	Las ruinas de Xochicalco	91
Lic. José Fernando Ramírez	Calendario Matlaltzinca	377
Lic. Cecilio A. Robelo	Diccionario de Mitologia Nahoa	347 y 517

Ingeniero Francisco M. Rodríguez	La habitación privada de los aztecas en el siglo XVI. (Con 3 láminas).	21

HISTORIA

Lic. Genaro García	El Conde Raousset-Boulbon en Sonora. Relación inédita escrita por el Coronel Manuel María Giménez. (Con una lámina)	261
Ingeniero Jesús Galindo y Villa	San Cristóbal Ecatepec. – Algunos recuerdos y reliquias de Morelos	489
Luis González Obregón	Documentos de Historia Patria. El General Guerrero y Picalunga. Apuntaciones de un viaje hecho de Guadalajara al Sur de México, por el primer ayudante Manuel Zavala en comisión del servicio.	57
_____	Notas históricas. Real Orden prohibiendo la *Historia de América* por Robertson	191
_____	La Colección de antigüedades de D. Antonio León y Gama	259
_____	Directores del Museo Nacional de México	412
R. Mena	Manuscritos de Tehuacan (Siglo XVI)	16
Lic. José Fernando Ramírez	Una Carta Inédita	165

BIOGRAFÍA y BIBLIOGRAFÍA

Lic. Alfredo Chavero	"Veytia"	121
Ingeniero Jesús Galindo y Villa	Las pinturas y los manuscritos jeroglíficos mexicanos. Nota bibliográfica.	25
Dr. Nicolás León	Las lenguas indígenas de México en el siglo XIX. Nota bibliográfica y crítica (Con 5 láminas).	180

- **ÍNDICE DO TOMO III (1906)**

GEOLOGÍA

Dr. Manuel M. Villada	Un viaje de exploración á la Gruta de "Nindó-Da-Gé". (Con 9 láminas)	485
Señorita Guadalupe Franco	Las Grutas de Cacahuamilpa	507

BOTÁNICA

Dr. Manuel Urbina	Raíces comestibles entre los antiguos mexicanos	117
_____	Granos de Polen del Oyámetl. (Con una lámina)	293

ETNOLOGÍA

Dr. Nicolás León	Los Tarascos. (Con 45 láminas)	298

ARQUEOLOGÍA

Lic. Alfredo Chavero	Calendario de Palemke. Primera Parte	53
_____	_____. Segunda Parte	197
Lic. Cecilio A. Robelo	Diccionario de Mitología Nahoa.	97, 191, 237 y 479

HISTORIA

Luis González Obregón	Los restos de Hernán Cortés	1

BIOGRAFÍA y BIBLIOGRAFÍA

Ignacio B. del Castillo	Cuauhtémoc	541
Lic. Genaro García	"Documentos para la Historia de México" (Índice Alfabético)	523
L. G. O.	Memoranda. (Dr. Manuel Urbina y el Lic. Alfredo Chavero)	574 y 575
Nemesio García Naranjo	Biografía de Sor Juana Inés de la Cruz	561

- **ÍNDICE DO TOMO IV (1907)**

Lic. Genaro García	Advertencia	I

BIBLIOGRAFÍA

Lic. Genaro García	Índice alfabético de la colección de documentos para la historia de la guerra de Independencia de México, 1808 a 1821 por J. E. Hernández Dávalos	225

LINGÜÍSTICA

Lic. Francisco Belmar	La polisíntesis en las lenguas indígenas de México	309

BOTÁNICA

Prof. Gabriel V. Alcocer	Las julianiáceas. Nuevo orden natural de la flora mexicana	318

BELLAS ARTES

Ing. Carlos Noriega	Proyecto de un monumento dedicado a Xicoténcatl	307

ARQUEOLOGÍA

Lic. Cecilio A. Robelo	Diccionario de mitologia nahoa	119, 181 y 328

VIAJES

Dr. Manuel M. Villada	Un viaje de exploración a diversos lugares del estado de Veracruz	553

BIOGRAFÍA

Lic. Ramon Mena	La China Poblana	577

HISTORIA

Francisco Orozco y Jiménez	El capitán Guillermo Dupáix y las ruinas de Ococingo y Palenque	1
Dr. Nicolás León	Relación de los pueblos de Acatlán, Chila, Petlaltzingo, Icxitlán, Piaztla	97
Luis González Obregón	Las sublevaciones de los indios en el siglo XVII	147
Ing. Jesús Galindo y Villa	El Panteón de San Fernando y el futuro Panteón Nacional. Notas históricas, biográficas y descriptivas	337

- **ÍNDICE DO TOMO V (1908)**

Lic. Cecilio A. Robelo	Diccionario de mitologia nahoa	1

ANEXO III - 3ª ÉPOCA

- **ÍNDICE DO TOMO I (1909)**

Lic. Genaro García	Introducción	VI
BIBLIOGRAFÍA		
Lic. Victoriano Salado Álvarez	Breve noticia de algunos manuscritos de interés histórico para México que se encuentran en los archivos y bibliotecas de Washington, D.C.	1
EPIGRAFÍA		
Valentín F. Frías	Epigrafia Queretana. Colección de inscripciones antiguas de monumentos, templos, fuentos, pinturas, sepulcros, etc., etc., en la ciudad de Santiago de Querétaro	67
CRONOLOGÍA		
Paul Henning	Estudio sobre la fecha “4 Ahau” y la cronología basada en ella, escrito con motivo de la desobstrucción de la antigua Teotihuacán	25
P. Camilo Crivelli	Ensayo para reducir años, meses y días de la era gregoriana á la azteca	459
ETNOLOGÍA		
Pbro. Canuto Flores	Modo de elegir esposa entre los indios naturales del pueblo de San Gaspar, Estado de México	59
HISTORIA		
Lic. Victoriano Salado Álvarez	La conjura de Aaron Burr y las primeras tentativas de conquista de México por los americanos del Oeste	119
Elías Amador	El clero mexicano en la revolución de la Independencia	177
Br. Joseph Navarro de Vargas	Padron del pueblo de San Mateo Huitzilopochco, inventario de su iglesia y directorio de sus obvenciones parroquiales	553
_____	Barrio de la Santissima Trinidad Tzapotian	557
_____	Parrochia Antigua y principal de este pueblo, que (h)oy llaman Theopantzolco	558
_____	Culebra de piedra que veneraba la gentilidad y que yo halle	563
_____	Otros tres ídolos que saque en el Barrio de San Miguel	566

_____	Muerte lastimosa de vn Yndio que tuvo á mal el descubrimiento de los tres Ydolos	567
_____	Modo que tuve de deshacer y destruir estos Ydolos	568
_____	Estado que (h)oy tiene la Yglecia Parrochial que existe; los Curas Vicarios que há tenido	569
_____	Curas Vicarios: el primero de que hay rasson, el Licenciado Pedro Sanches de Hervas	570
_____	Segundo Cura Vicario, el Licenciado Melchor Gomes de Velasco	571
_____	Tercero Cura Vicario, el Br. Dn. Luis de Castro	572
_____	Fundacion de la hermita de las Animas	572
_____	Cuarto Cura Vicario, el Br. Dn. Alonso Coronado	574
_____	Quinto Cura Vicario, el Br. Dn. Thomas Butron Mugica	575
_____	Sexto Cura Vicario, el Br. Dn. Bernardo de Peñalossa Rincon	575
_____	Septimo Cura Vicario, el Br. Dn. Francisco Xavier García de Velasco.	576
_____	El Colateral Mayor del Presbitero	578
_____	Octavo Cura Vicario, el Br. Dn. Joseph Navarro de Bargas	579
_____	Ydolo Principal de el Pueblo, que llamaron Huitzilopochtli, y que yo saque	579
_____	Vna piedra que tenía embutida en el hombligo	581
_____	Barrio de el Calvario Thegpantzolco (sic), Nuevo	581
_____	Bar(r)io de San Pedro Cotzotlan, San Miguel Ahuehuetitlan y Jerusalen, Vnidos	583
_____	Ydolos que saque de este Barrio	584
_____	Barrio de Santa Maria Pochtla y Convento de los Reverendos Padres descansos de Nuestro Padre San Francisco, dentro de este Pueblo de San Matheo Apostol y Evangelista Huitzilopochco, que el Bulgo llama Churubusco	586
_____	Vn Sapo de Piedra que hallaron los Padres descalsos bajo de la Peaña de la Crus	586
_____	Barrio de San Juan Theocolhuacan y antes Hucicolhuacan	591

ARQUEOLOGÍA

Alfred P. Maudslay	Plano hecho en papel de maguey, que se conserva en el Museo Nacional de México	49
Ing. Antonio García Cubas	Informe relativo al plano hecho en papel de maguey, que se conserva en el Museo Nacional de Mexico	55
Lic. Ramón Mena	Caballos que trajeron los conquistadores	103
Manuel Gamio	Restos de la cultura tepaneca	233

BIOGRAFÍA

Lic. Genaro García	Leona Vicario, heroína insurgente	255
_____	Advertencia.	257
_____	Cap I. – Sus padres y nacimiento	261
_____	Cap. II. – Su educación	265
_____	Cap. III. – Sus primeros años de orfandad	271
_____	Cap. IV. – Su religiosidad	277
_____	Cap. V. – Sus entretenimentos y estudios	287
_____	Cap. VI. – Don Octaviano Obregón	297
_____	Cap. VII. – Don Andrés Quintana Roo	307
_____	Cap. VIII. – Leona insurgente	315
_____	Cap. IX. – Su fuga	327
_____	Cap. X. – Su reclusion y proceso	339
_____	Cap. XI. – Su evasión y vida entre los insurgentes	361
_____	Cap. XII. – Su indulto	375
_____	Cap. XIII. – Su vida posterior	385
_____	Apéndice	399
_____	Documento I	403
_____	Documento II	405
_____	Documento III	407
_____	Documento IV	419
_____	Documento V	429
_____	Documento VI	431
_____	Documento VII	433
_____	Documento VIII	437
_____	Documento IX	439
_____	Documento X	443
_____	Documento XI	447
_____	Documento XII	451
_____	Documento XIII	455
_____	Documento XIV	457

GENEALOGÍA

Filiación del Capitán Juan de la Tovilla	Extracto del Libro de Blasones de la Familia Tovilla, de San Cristóbal Las Casas	495
Dr.José María de la Fuente	Apuntes y documentos sobre las familias Hidalgo y Costilla, Gallaga Mandarte y Villaseñor	531

- **ÍNDICE DO TOMO II (1910)**

QUÍMICA

Manuel Urbina, Profesor del Museo Nacional	La Química como auxiliar de las ciencias que se cultivan en nuestro Museo	273

PREHISTORIA

Jorge Engerrand, Profesor del Museo Nacional	Informe sobre una excursión pré-histórica en el Estado de Yucatán	245

LINGÜÍSTICA

Lic. Francisco Belmar	Sistema silábico en las lenguas de la família mixteco-zapoteca-otomí	261

POESÍA

Lic. Alfonso Teja Zabre, actual Secretario del Museo Nacional	Los héroes anónimos	527

ETNOLOGÍA

Elfego Adán, alumno de Etnología en el Museo Nacional	Las danzas de Coatetelco	133
Carlos Macías y Alfonso Rodríguez Gil, alumnos de Etnología en el Museo Nacional	Estudio etnográfico de los actuales índios tuxpaneca del Estado de Jalisco	195

HISTORIA

Agustín Agüeros de la Portilla, alumno de Historia en el Museo Nacional	El periodismo en México durante la dominación española. Notas históricas, biográficas y bibliográficas	355
_____	Introducción	357
_____	Cap. I. – Fundación de la imprenta en México	362

_____	Cap. II. – Siglo XVI	370
_____	Cap. III. – Siglo XVII	377
_____	Cap. IV. – Siglo XVIII	393
_____	Cap. V. – Siglo XVIII (concluye)	413
_____	Cap. VI. – Siglo XIX (1801-1809)	433
Andrés Mateos	Estudio sintético sobre la guerra de Independencia	493

ARQUEOLOGÍA

Dr. Hermann Beyer	La astronomia de los antiguos mexicanos	221
_____	¿Existe en el Códice Fejérváry -Mayer una representación de Huitzilopochtli?	531
Manuel Gamio, alumno de Arqueología en el Museo Nacional	Los monumentos arqueológicos de las inmediaciones de Chalchihuites, Zacatecas	467

BIOGRAFÍA

Elías Amador, empleado del Museo Nacional	Noticias biográficas de insurgentes apodados	5
Roberto Argüelles Bringas, alumno de Historia en el Museo Nacional	Cuauhtémoc. Su nacimiento y educación	285
Luis Castillo Ledón, alumno de Historia en el Museo Nacional	Los mexicanos autores de óperas	313

- **ÍNDICE DO TOMO III (1911)**

ARQUEOLOGÍA

Lic. Cecilio A. Robelo, Director del Museo Nacional	Origen del Calendario Náhuatl	337
Lic. Ramón Mena	En la tierra de los Cuatro Senadores de Tlaxcala	485

BIBLIOGRAFÍA

Juan B. Iguíniz	La imprenta en la Nueva Galicia (1783-1821). – Apuntes bibliográficos	251

BIOGRAFÍA

Antonio Albarrán	Biografía popular del Libertador D. Miguel Hidalgo	5
Juan B. Iguíniz, empleado del Museo Nacional	Apuntes biográficos del Dr. D. Francisco Severo Maldonado	129
Manuel Romero de Terreros	Apuntes biográficos del Ilmo. Sr. D. Juan Gómez Parada	231

CRONOLOGÍA

Abraham Castellanos, Profesor de Instrucción Pública	La Cronología Indiana	453

ETNOLOGÍA

Prof. Pablo Henning	Colector de documentos del Museo Nacional. Apuntes etnográficos sobre los otomíes del Distrito Federal	57

HISTORIA

Alberto Lombardo	Las Campañas de Morelos	87
Refugio García de Espejo	Estudio sintético sobre la guerra de Independencia	155
Elías Amador, empleado del Museo Nacional	Los Caudillos de la Independencia ante el patíbulo	351

APÉNDICE - Véase el índice respectivo en su pág. CLXXX

- **ÍNDICE DO TOMO IV (1912)**

ARQUEOLOGÍA

Francisco del Paso y Troncoso	Escritura Pictórica. El Códice Kingsborough. Algo de los que nos enseña	481
Dr. Alfonso Pruneda	Informe del Delegado de México en el XVIII Congreso de Americanistas	145
Srita. Isabel Ramírez Castañeda	Apuntes acerca de los monumentos de la Parroquia de Tlalnepantla	531
Varios Autores	Tamoanchan. Estudio arqueológico é histórico	41

BIBLIOGRAFÍA

Prof. Alberto M. Carreño	Documentos relacionados con la historia de México, existentes en la nueva Biblioteca Pública de Nueva York	489

BIOGRAFÍA

Elías Amador	Miguel López y José María Armenta, primeros mártires de la Independencia en Oaxaca	185
J. Ignacio Garibi	Apuntes biográficos del Exmo. É Ilmo. Sr. Dr. D. Juan Cruz Ruiz de Cabañas y Crespo, Obispo electo de la Sede de León de Nicaragua y Gobernador de la de Guadalajara en la Nueva Galicia	5
D. José María de la Fuente	Matamoros. Apuntes biográficos	275

COSMOGONÍA

Lic. Cecilio A. Robelo	Los cuatro soles. Poema sobre cosmogonía nahoa	63

ETNOLOGÍA

Anónimo	Cuadros de mestizos del Museo de México	237
Carlos Macías	Caracteres étnicos en general	169
Juan Suárez de Cepeda	Relación de los indios colimas de la Nueva Granada. 1581	505

GEOGRAFÍA

Francisco del Paso y Troncoso	División territorial de Nueva España en el año 1636	249

HISTORIA

Jesús M. Escudero	Guerra de Independencia en las Colinas Españolas de América	87
Manuel Romero de Terreros y Vinent	Las órdenes militares en México	197

LINGÜÍSTICA

Lic. Cecilio A. Robelo	Toponimia tarrasco-hispano-nahoa	443

- **ÍNDICE DO TOMO V (1913)**

(Índice por números)

NºI.

Advertencia por Genaro García	I
Exacta descripción de la magnifica Corte Mexicana, su autor Juan Manuel de San Vicente	5
Los prejuicios en Arqueología y Etnología, por Manuel Gamio	41
Traducciones y paráfrasis en la Literatura Mexicana de la época de la Independencia, por Pedro Henríquez Ureña	51

N°II.

Ex-libris de Bibliófilos Mexicanos. Colección formada por el Dr. Nicolás León y continuada e ilustrada con notas biográficas por Juan B. Iguíniz	65
Algunos documentos de la colección Cuevas	125
Escudo de armas de Francisco Rodríguez Magariño	152
Unidad cultural en Teotihuacán, por Manuel Gamio	153

NºIII.

La Casa Colonial, por Manuel Romero de Terreros (Marqués de San Francisco)	161
Exposición general sobre Arqueología Mexicana, por Jesús Galindo y Villa	183
Breves apuntes sobre iconografía de alguno Héroes de la Independencia, por Alfonso Toro	199

NºIV.

Viaje de la Marquesa de las Amarillas, por D. Antonio Joaquín de Rivadeneyra Barrientos, con notas de D. Manuel Romero de Terreros y Vinent (Marqués de San Francisco)	211
El fémur esgrafiado de Tláhuac, por P. Henning	261
Inscripciones colocadas durante el Gobierno de Exmo. Sr. Virrey Conde de Revilla Gigedo en esta Nueva España, año de 1794	279

NºV.

La Biblioteca Palafoxiana de Puebla, por Juan B. Iguíniz	289

Rincones de Historia Metropolitana. La Plaza Mayor de la Ciudad de México, por Jesús Galindo y Villa	301
Traducciones y Paráfrasis en la Literatura Mexicana de la época de la Independencia. (Notas adicionales), por Pedro Henríquez Ureña	377
El tomo V de los “Anales” y la Imprenta del Museo, por Jesús Galindo y Villa	383